

C. Soares

CURSO DE LITTERATURA

PORTUGUEZA E BRAZILEIRA.

MARANHÃO—Typ. do PAIZ, Largo de Palacio n. 47.
Impresso por M. F. Vianna Pires.

PORTUGUEZA E BRASILEIRA

CURSO DE LITTERATURA
PORTUGUEZA E BRAZILEIRA

PROFESSADO

POR

FRANCISCO SOTERO DOS REIS

NO

INSTITUTO DE HUMANIDADES

DA

PROVINCIA DO MARANHÃO.

DEDICADO PELO AUCTOR

AO DIRECTOR DO MESMO INSTITUTO

O DR. PEDRO NUNES LEAL.

TOMO QUINTO.

MDCCLXXIII.

9304

CURSO DE LITTERATURA

PORTUGUEZA E BRASILEIRA

EMPREZADO

FRANCISCO GOMES DOS REIS

10.698
83750
v. 5

Os herdeiros do Auctor reservão-se o privilegio
desta obra, que não poderá ser reimpressa, sem o
seu consentimento.

DEPOZITO LEGAL

EM VIRTUDE DO REQUZITO

O DR. JACQUES MULLER AVAL

YOUNG DINHO

REPROZITHI

INTRODUÇÃO.

Sendo entre nós ayultadas as despezas de impressão, e contando apenas com diminuto numero de assignantes desta obra, por terem muitos deixado de o ser, sem duvida por causa de ser ella longa e demorada, não foi possivel a meu querido pae publicar este 5.º e último volume do seu *Curso de Litteratura Portuguesa e Brasileira*, como fez aos outros quatro, em sua vida; tanto mais não tendo sido concedido auxilio algum pela assembléa provincial nas legislaturas de 1869—1870 e 1870—1871, como acontecêo para a publicação daquelles.

Cabe aqui tributar um voto de agradecimento aos legisladores do biennio que finda-se em Dezembro deste anno por haverem consignado um animador auxilio para a impressão deste volume, na sua ultima lei do orçamento.

Pelas razões adduzidas é que se nota a grande interrupção de cinco annos entre a publicação do 4.º volume, que teve logar em 1868, para a d'este, que ora é dado à luz.

Tencionava encarregar-se desta tarefa, como mais competente que era, meu extremoso irmão Francisco Sotero dos Reis, Junior. Sendo, porém, atacado

de cruel enfermidade que o obrigou a emprender uma mal aconselhada viagem á cidade de Lisbôa no reino de Portugal, foi alli roubado para sempre á nossa amisade, fallecendo, tres dias depois de haver chegado áquella capital, á 19 de Agosto de 1872.

Coube-nos, portanto, esta honrosa missão, e ainda que sejamos mui somenos, a vamos desempenhar com toda effusão d'alma.

Compõe-se este último volume de dois livros, o sétimo, que comprehende os prosadores brasileiros mais distinctos—Gonçalves Dias, Marquez de Maricá, Frei Francisco de Monte Alverne, o Sr. Antonio Henriques Leal e João Lisbôa; e o oitavo, que consta dos dois maiores vultos litterarios de Portugal, n'este seculo, o Visconde de Almeida Garrett e o Sr. Alexandre Herculano.

Tendo-se o auctor traçado, por considerações que são óbvias, o proposito de só tratar de auctores mortos, abriu, por mui justas razões, que apresenta em logar competente, duas excepções, uma em favor d'este último dos dois illustres litteratos portuguezes, e outra do insigne biographo de João Francisco Lisbôa.

Teria, de certo, aberto mais outra honrosa excepção, se tivesse vivido mais algum tempo, para o Sr. Araujo Porto Alegre, pois lhe ouvimos por muitas vezes que pretendia analysar o *Colombo* deste auctor, poema a que fazia grandes elogios.

Tambem manifestou-nos a intenção de apreciar as obras de Alvares de Azevedo.

Assim teria ficado este volume regular; pois para que o tirassemos com 52 folhas de impressão, ou com 400 paginas pouco mais ou menos, foi-nos preciso, entendendo não vir muito fóra de geito, addicionar-lhe seis prelecções sobre a *Litteratura Biblica*, que compoz o auctor, e que já foram, á excepção da primeira, impressas no jornal litterario—*Semanario Maranhense*, que publicou-se nesta capital durante o espaço de um anno, desde Setembro de 1867, até setembro de 1868.

Nestas prelecções, depois de tratar o auctor da *Litteratura Biblica* em geral, que comprehende o *Velho e Novo Testamento*, analysa os poetas que reputa mais distinctos:—Job, David, Isaías, Salomão, e Jeremias.

Pretendemos reunir em um volume os artigos publicados pelo auctor na imprensa periodica sobre assumptos litterarios ou não, trabalhos biographicos, e dos versos que compoz em sua mocidade, aquelles que pudermos obter. Isto já manifestamos ao nosso amigo o Sr. Dr. Antonio Henriques Leal, que o menciona em uma nota da biographia do auctor que vem no seu *Pantheon Maranhense*, obra do mais subido merito, cujas primeiras folhas, por obsequio de um amigo, a quem foram ellas remettidas, já tivemos a íntima satisfação de lér.

Deixou mais o autor 26 prelecções, sob o titulo—*Curso de Litteratura Romana*.

Neste trabalho, depois de tratar do progresso e decadencia por que passaram a lingua e litteratura lati-

nas, desde a fundação de Roma até a quêda do Imperio, analysa os principaes poétas e prosadores do seculo de Augusto:—Lucrecio, Virgilio, Horacio, Ovidio, Cicero.—Ia elle estender mais este seu trabalho, tratando não só de outros auctores latinos, como também das litteraturas grega, italiana e hespanhola, quando foi acommettido pela morte, no fatal dia 16 de janeiro de 1871, que o arrancou de nossos braços de uma vez para sempre.

Duas destas prelecções mencionadas, das que se referem a Cicero, acham-se completamente inutilisadas, por estarem todas roídas pelas traças.

Vamos tirar á limpo as outras, pois se acham mui cheias de emendas e entrelinhas, afim que possam ser publicadas, quando para isso se der ensêjo favoravel.

Neste volume do *Curso de Litteratura* que sae agora a lume tivemos muito em vista, como é de toda conveniencia, guardar o mais possivel a orthographia do auctor, e assim a de cada um dos auctores por elle analysados.

Tiramos deste trabalho tres, e ás vezes quatro provas, para que sahisse elle bem correcto, sendo uma destas vista por pessoa mui competente, a quem apresentamos aqui os nossos cordiaes agradecimentos pela bôa vontade com que a isso se prestou.

S. Luiz do Maranhão, 2 de setembro de 1873.

AMERICO VESPUCIO DOS REIS.

SECÇÃO PRIMEIRA.

Antonio Gonçalves Dias; seu drama Boabdil; sua obra—Brazil e Oceania—.

LICÇÃO LXXXV.

Não vos daria, Senhores, uma idéa completa do extraordinario talento do nosso eximio poeta Antonio Gonçalves Dias, apreciando-o unicamente nos generos lyrico e épico, ou em suas poesias impressas, sem avaliar-o tambem no genero dramatico, como vou hoje fazer, recorrendo ás suas obras ineditas, cuja leitura me foi, para semelhante fim, facultada pelo meu amigo o Sr. Dr. Antonio Henriques Leal, actual depositario das que se não perdêrão.

Dos dramas do poeta escolhi para objecto de minha analyse um dos ultimos que elle compoz, «Boabdil», e por conseguinte em idade já mais provectora. É escripto em prosa, mas pertence por seu objecto á poesia, porque é uma verdadeira tragedia em 3 actos, em que se guarda a regra das tres unidades contra o que se observa em muitos dramas modernos dos mais gabados, a que aliás não cede em merito.

Assim a transição que tenho de fazer da poesia para a prosa não podia ser mais natural, preferindo eu ape-

nas, para commodidade vossa e do leitor, com leve alteração chronologica, as obras em prosa do poeta ás de outros prosadores seus contemporaneos, que começãõ a florescer pouco antes d'elle. A minha justificação está no mesmo desejo que mostrais de ter um juizo completo das melhores obras do poeta, e sobretudo na occasião que hoje se me proporciona de apreciar as suas obras ineditas.

Eis o argumento collegido da leitura do drama:

Boabdil, ultimo rei de Granada, sobre quem pesava a prophecia, que sob o seu infeliz reinado seria destruido o poder dos Musulmanos na Hespanha, enamora-se de Zorayma que amava a Ibrahim, chefe dos Abencerrages, e era d'elle amada e pretendida para esposa. O pae porêõ de Zorayma, cego pela ambição, apunhala cobardemente a Ibrahim que encontra aos pés da filha, e a força a entrar no serralho d'Alhambra, dando-a contra a vontade della por esposa a Boabdil, ou ao sultão. Ibrahim não morrê das feridas; mas, mal se vê restabelecido dellas, não podendo supportar a perda do objecto amado, sahe de Granada, mudado de trajas e nome, e com o de Aben-Hamet vai como um simples aventureiro combater os christãos que fazião a guerra aos Musulmanos. Sob este supposto nome tem a fortuna de salvar em uma batalha a vida a Boabdil, que o não conhece, e dando-lhe toda a sua confiança em trôco de um tal beneficio, volta com elle para Granada. De volta á capital, não podendo resistir ao desejo de ver ainda uma vez a Zorayma, dirige-lhe o antigo

amante um desses ramilhetes, que no Oriente servem de cartas amorosas, pedindo-lhe uma entrevista, que lhe é concedida no proprio serralho. Mas o infiel portador do ramilhete o leva antes a Ayxa, mãe de Boabdil, mulher ambiciosa, que, sem se oppôr a entrevista dos dois amantes, serve-se pelo contrario desse fio de Ariadna, para acompanhar-os em todos os seus passos, tentar dominar Zorayma para por ella dominar o filho, e, não o conseguindo, perdê-la, procurando assim arrancar o filho a um amor funesto que o fazia abandonar os mais caros interesses do seu reino de todos os lados invadido pelos christãos. Boabdil porém logo que conhece a infidelidade de Zorayma, sem que saiba quem é o seu complice, senão que é um Abencerrage, porque Ibrahim havia tomado as insignias da sua tribu quando entrou no serralho, ardendo unicamente em desejos de vingança, manda assassinar todos os Abencerrages attrahidos, desarmados, ao pateo dos leões, sob o pretexto de assistir a um conselho, sacrificando assim á sua atroz sêde de sangue do rival os melhores defensores de sua vacillante corôa. Descobre-se então Ibrahim a si proprio para morrer com seus irmãos, que erão victimados pelos Zegrís e Gomeles seus adversarios, e é por Boabdil apunhalado com Zorayma. Mal terminava a terrivel execução escação os Hespanhóes os muros de Granada, e cahe Boabdil precipitado de seu throno, cumprindo-se a fatal prophécia a seu respeito.

É «Boabdil» um bello drama historico, de enre-

do intrincado no gosto moderno, situações verdadeiramente dramaticas, todas nascidas do assumpto, e caracteres mui bem sustentados, com especialidade os de Boabdil, Zorayma e Ayxa, que são soberbos e honrão o pincel do poeta. A acção é complexa, pois não termina com a morte dos dois amantes, mas verdadeiramente com a queda do throno de Boabdil, que sacrifica a sua corôa a uma louca paixão. O movel principal é não só a paixão levada a seu auge, como na mór parte dos dramas modernos, mas a paixão e a fatalidade, como tragedia antiga que tão profunda emoção nos causa. Assim, apesar da horrivel carnificina ordenada nos Abencerrages, não podemos deixar de lamentar esse rei mancebo, de sentimentos tão nobres, transviado por um amor levado á idolatria que o faz esquecer quanto o cerca, e precipitado no abysmo do desespero, quando se vê trahido pelo objecto de sua idolatria, porque sobre elle pesa a mão do destino que o impelle fatalmente a uma perda inevitavel. Aben-Hamet, ou Ibrahim, caracter singular, não menos entusiasta em seu amor que o rei Boabdil, é pelas aventuras romanescas, e grande coração, o typo do heroe arabe dos tempos cavalherescos.

A prosa em que se acha escripto o drama é mui expressiva e bella, mas dobrado seria o valor deste, si o poeta a reduzisse a bellos versos, como sabia fazer, porque então gozaria «Boabdil» de todos os foros de uma tragedia de primeira ordem.

Depois de vos haver dado esta idéa geral do drama

pässarei a ler-vos as scenas 5.^a e 6.^a do 4.^o acto e todo o 5.^o acto, para que possaes ajuisar do talento do poeta em tal genero de composiçõo.

.....

SCENA 5.^a

OS MESMOS (AYXA E BOABDIL) e ZORAYMA.

ZORAYMA.

Senhor!...

BOABDIL. *asperamente.*

Que viestes aqui fazer?

ZORAYMA.

Um recado que recebi de vossa parte...

BOABDIL.

Mudei de vontade!

ZORAYMA.

Retiro-me, senhor. (*Vai para sahir*).

BOABDIL.

Zorayma!... (*Ella volta-se*). Perdoai-me.

ZORAYMA.

O que, senhor?

BOABDIL.

Não era isso o que vos queria dizer! Não sei o que digo. Es-

cutai-me: não é o rei, é um amigo quem vos falla, respondei-me singelamente.

ZORAYMA.

Eu vos escuto.

BOABDIL.

Depois que Allah e vosso pae me deram possuir-vos, jurei a mim mesmo empregar todos os momentos da minha vida em cumprir os vossos desejos, em fazer-vos senão feliz, ao menos tão afortunada quanto uma mulher o podesse desejar.

ZORAYMA.

Porque me dizeis isso, Sr. ?

BOABDIL.

Porque ? ! . . . porque talvez não tenha feito quanto me tinha prometido, quanto vós mesma poderíeis ter esperado de mim. Por isso vos pergunto: Tendes encontrado no meu palacio o agasalho que esperaveis ? Faltei jamais com as atenções que devo ao lugar que junto a mim occupais, com os desvellos de um homem extremoso com a solicitude que merece o vosso amor ?

ZORAYMA.

Sempre vós houvestes como um rei.

AYXA, *com voz surda.*

Como um nazareno !

BOABDIL, *depois de ter fitado Ayxa por alguns momentos.*

Como um hazareno poderias dizer, Zorayma; porque foi entre elles que vi praticado aquelle trato gentil e honesto galanteio, que já o vosso amor me havia feito adivinhar. Não era muito tatar-vos como um rei, bem o vêdes. Contente de vos amar, de vos possuir,—feliz e venturoso de vos ter a meu lado, de vos ouvir sempre, facil me seria esquecer-vos, por cuidar somente da minha ventura,—de julgar-vos feliz e satisfeita só porque eu nada mais desejava!

ZORAYMA.

Acaso me queixei eu?

BOABDIL.

Não vos queixastes nunca: digo isto por dizer; sei que sois boa e generosa, mas já vol-o disse: Não é o rei, é um amigo quem vos falla, respondi-lhe francamente. Poderia alguma vez na nossa vida intima, sem querer, sem pensar, somente porque algum cuidado me preoccupasse a fantasia, porque algum pensamento me estivesse dilacerando o coração, ter-vos dito alguma palavra... talvez o não sabais?!... Ha palavras que se engastam n'alma como a ferrugem na lamina de uma espada: crescem, tomam corpo, avultam com o tempo, não se apagam, não se esquecem nunca. Acaso vos disse eu algumas destas palavras—poderia ser—lembrai-vos!

ZORAYMA.

Não: mas permiti...

BOABDIL.

Ainda uma pergunta: tendes confiança no meu amor?

ZORAYMA.

Senhor!...

BOABDIL.

Bem vejo, duvidais ! . . .

ZORAYMA.

Nunca me deixastes duvidar.

BOABDIL.

Bem. Assim que, Zorayma, se vos chegasseis a persuadir de que vos era impossível a felicidade passando a vida a meu lado . . . deixai-me concluir—se sentissemos brotar, enraizar-se em vossa alma um sentimento irresistível por alguém ou por alguma coisa, teríeis confiança em mim, não é verdade ? Bem sei que os affectos não se governam: não ha contra elles vontade, nem esforços que valham. Nós outros os musulmanos muitas vezes nos desquitamos das nossas esposas, o que outros fazem por mero capricho, porque não o f-ria eu por amor ? Sou bom, procuro ao menos ser bom para com todos,—e a vós, Zorayma, ainda que muito me custasse, ainda que me fosse de grande sacrificio, o que me pediríeis vós que eu houvesse de vos negar ?

ZORAYMA.

Perdoai-me, Sr., vejo que me tratais com a bondade que sempre usastes para commigo; mas ha nas vossas palavras alguma cousa que não comprehendo. Se vos dignasseis de explicar-vos melhor ! . . .

BOABDIL.

Digo-vos que se assim vos houvesseis portado, seria esse comportamento de uma alma grande e generosa, que não sabe trahir a confiança de ninguém, nem postergar os seus mais sagrados deveres !

ZORAYMA.

Rei, sou vossa escrava, porque insultaes-me, quando tão facilmente me podeis fazer morrer.

BOABDIL.

E ai de vós, Zorayma, ai de vós se vil e indignamente zombastes da minha credulidade. Ai de vós ! porque eu mesmo com estas mãos, que só me peza de as não poder despedaçar, porque tantas vezes vos apertaram contra o meu seio, convertido em odio o amor grande que outr'ora senti por vós—aqui neste momento, com a primeira arma que no meu furor encontrasse.
(*Arranca o punhal*).

ZORAYMA, *com terror*.

Boabdil !

BOABDIL, *deixa cahir a arma: para AYXA.*

Oh ! Ella é innocente ! vêde que ella é innocente ! Em vão mil sentimentos contrarios se debatem furiosos n'esta alma, que os ciumes, a cholera, a vingança tão cruamente despedaçam. Ainda retinem em meus ouvidos as vossas palavras, mas quando todo o mundo se alevantasse para me attestar a sua inconstancia, a sua infidelidade,—um poder occulto que tão alto a defende no meu coração, eternamente me estaria clamando aqui dentro com voz que não posso deixar de esutar: Ella é innocente.

AYXA.

Lembra-te do meu juramento.

BOABDIL.

Pobre Zorayma ! Sabes de que elles te accusam ? de mil cou-

sas monstruosas, nem eu mesmo sei dizer-te quaes sejam ! Defende-te ! dize que nada viste, que nada sabes, acreditarei o que disseres. Não, nada digas ! Como podia por tanto tempo viver tranquillo, se tu me fosses falsa ! Como tanto prazer sentia de achar-me a sós contigo, se me trahias ! Nada digas; em tempos mais felizes por ventura, que me agradeceras de haver eu sosinho acreditado na tua innocencia nesta dura provação porque passamos agora.

AYXA.

O Eunucho recebeu a grinalda, Muley Hassan os viu !

BOABDIL.

Pois vós, Muley Hassan e eunucho, todos !... (*mudando de tom*). Oh ! minha mãe, se soube seis como eu vivia tranquillo antes que me viesseis despertar do meu lethargo ! se soubesseis como venturosos me corriam todos os instantes da vida ! não me virieis roubar este alegre engano d'alma, em que eu vivia tão ditoso e ha tanto tempo ! Embora fosse falsa, eu era feliz, que me importava o resto ?

AYXA.

Rei fraco !

BOABDIL.

Chamai-me antes cruel, senhora; porque se não me poderdes convencer a ponto que eu não possa duvidar da minha deshonra, lembrar-me-hei que sou rei para punir-vos, como vos esqueestes que ereis minha mãe para me fazer soffrer tantos tormentos. Destes exemplos, e por motivos menos ponderosos, estão cheias as nossas historias. Fostes vós quem primeiro solicitastes a nossa justiça — ainda bem — que não tereis de queixar-vos se a torre

que minais com tanto custo, deslizar enfim sobre a vossa cabeça !

SCENA 6.^a

OS MESMOS E UM PAGEM.

O PAGEM.

Muley Hassan !

BOABDIL.

Que entre.

AYXA.

Em fim !

(O Pagem sahe).

BOABDIL.

Vou saber a verdade !

ZORAYMA.

Rei, fortes e poderosos são os meus inimigos e eu sou fraca e só...

BOABDIL.

O meu amor te defende.

ZORAYMA.

Embora ! Quando elles na vossa presença levantarem a voz para me accusarem, não serei eu quem lhes responda: não quero que diante de mim se acobardem, nem tomar-lhes o campo para as suas arguições.

AYXA.

Ficai, rainha !

ZORAYMA,

Vi-os muitas vezes afadigados armando laços a meus pés,—dispondo-os cautelosamente para que nelles me embaraçasse. Poderia frustrar as suas maquinações, fazendo reverter sobre elles os danos de que me ameaçavam. Era trabalho de mover o braço, ou quando muito de vos dizer uma palavra: nada fiz. Que me prestava isso? Esta vida minha tão cansada que vos pertence, se a não defendeis vós, senhor, deixai que tambem eu a não defenda.

BOABDIL.

Travo de lagrimas sinto eu nas palavras que me fallas; seja-me Allah testemunha de quanto ellas me pèzam, melhor testemunha ainda de que te não hão de affligir impunemente. (*Zorayma sahe*).

.....

ACTO 5.º

Sala do julgamento.

SCENA 1.ª

BOABDIL., MULEY HASSAN.

BOABDIL.

Dêste as tuas ordens?

MULEY.

Estão dadas, senhor.

BOABDIL.

Os Zegrís, os Gomeles já entraram?

MULEY.

Estão no pateo dos leões.

BOABDIL.

Armados ?

MULEY.

Estão promptos.

BOABDIL.

Crês tu que executeem cegamente as tuas ordens ?

MULEY.

Senhor, bem sabem elles que a obediencia é o seu primeiro, se-
náo unico dever.

BOABDIL.

E não se arrependirão de haverem nesta occasião obedecido.
(*Momento de silencio*). Que disse ella ?

MULEY.

A rainha ?

BOABDIL.

Zorayma—o que disse ella ?

MULEY.

O mesmo que sempre disse.

BOABDIL.

Teima então em asseverar acientemente que o seu cumplice é
esse infeliz manco.

MULEY.

Esse mesmo, senhor,—o filho de Mohamed—abencerrage morto, segundo è voz na sua tribu, ha já alguns annos.

BOABDIL.

Imprudente ! até aos mortos atraicõa !

SCENA 2.ª

OS MESMOS e AYXA.

AYXA.

Perdoai-me se vos interrompo.

BOABDIL, a *Muley Hassan*.

Cumpre as minhas ordens. (*Muley sahe*).

AYXA.

Senhor, será acaso verdade o boato que ouço na boca de todos ?

BOABDIL.

Que boato, senhora ?

AYXA.

Que havendo reunido os vossos guerreiros com a promessa de que vos ieis pôr á sua frente para marchar contra os hespanhões mandastes repentinamente e sem outro motivo mais que um capricho inexplicavel que se debandassem !

BOABDIL.

É certo.

AYXA.

E será também certo que na mesma occasião convocastes os Abencerrages para com elles vos aconselhardes sobre os negocios do estado!

BOABDIL.

Acreditai-o: ninguem vol-o prohibe!

AYXA.

Rei, não serei eu quem vos acoçoee a progredir na estrada, onde a passos desveltos ides caminhando para a vossa perdição. Não é esta occasião de se desperdiçar o tempo com palavras inuteis. O que premeditaeis fazer, senhor?—Derribar o vosso apoio mais forte, cercear ao throno de Granada os seus mais seguros deffensores? E o motivo qual é? Porque cego pelo amor de uma mulher, que vos foi traidora, tão irreflectido na escolha das pessoas em quem vos confiáis, como inconsiderado e injusto em punir todos os membros de uma familia pelo crime de um só?...

BOABDIL.

Basta: fostes vós quem, solicita pela minha honra, lançastes mão de tudo para me convencer da minha vergonha: fostes vós quem com os vossos desvellos pela minha felicidade não cessaveis de clamar a todo o momento nos meus ouvidos que eu era rei e trahido!—Acordastes o leão que dormia: eil-o agora de crinas irriçadas; tremei, mas não deveis queixar-vos.

AYXA.

Queixar-me-hei, não porque perdeis o throno que é vosso, mas porque vai com elle a santa religião de Mafoma,—não porque abandonais os vossos vassallos á furia castelhana, mas porque entregais manietados os crentes aos incredulos,—porque destruis as esperanças deste imperio arabe, que se havia de estender pelas Hespanhas e pelo mundo; porque sois o primeiro a cavar os alicerces, onde bem cedo se hade erguer o estandarte de Christo sobre o turbante do propheta. Se só vos contenta a matança dos Abencerrages nada vos será mais facil, mandai abrir as portas de Granada, mostrai-lhe onde estão os inimigos, e podereis depois subir a uma das mais elevadas torres de Granada para ver como elles acabam ás mãos dos infieis:—O sangue das suas feridas vos não hade então enferrujar a corda porque elles morrerão como guérreiros no campo da batalha.

BOABDIL.

Morrerão como traidores: não merecem outra morte.

AYXA.

Um só homem poderá talvez pôr as mãos no peito á fortuna contrária que nos ameaça. Rei, sabeis quem seja este homem? É um Abencerrage!

BOABDIL.

Morrerá tambem.

AYXA.

Longe da cõrte por muitos annos não pôde ter parte no crime de que á sua tribo accusais. Apareceo entre nós como um milagre da providencia e foi recebido com enthusiasmo pelo povo que

já tratava de resguardar os seis thesouros, e as pessoas que tinham mais caras. Rei, confiai o mando dos vossos exercitos ao Abencerrage Ibrahim.

BOADDIL, *vivamente*.

Ibrahim! dizeis que se chama Ibrahim?

AYXA.

É esse o seu nome.

BOADDIL.

O filho de Mohamed, o Abencerrage?

AYXA.

Esse é.

BOADDIL.

E sabeis que está em Granada: não vos enganaram?

AYXA.

Eu o vi!

BOADDIL.

Oh! Mafoma eu t'o agradeço! (*pausa*). Dizeis então?

AYXA.

Que é o unico homem capaz de vos salvar.

BOADDIL.

Não trato disso: como foi recebido?

AYXA.

O povo festeja-o como um amigo que volta de uma longa peregrinação,—querem-n'ó por chefe, aclamam-n'ó, e levam-n'ó em triumpho pelas ruas.

BOABDIL.

Então vale muito com o povo ?

AYXA.

Muito,—mais do que o podeis imaginar.

BOABDIL.

Tendes razão: mandai-o chamar.

AYXA.

E haveis de perdoar-lhe, haveis de pô-lo á frente do vosso exercito: não é assim, meu filho ?—É isto de bom conselho, alem de ser um acto de justiça.

BOABDIL.

É o homem de quem mais careço n'esta occasião, fazei-o vir á minha presença já.

AYXA.

Confio na vossa palavra.

BOABDIL.

Nada prometto ! *emendando-se*. Não vos posso dizer senão que o heide premiar segundo as suas obras.

AYXA.

Ainda melhor.

BOABDIL.

O tempo urge!

AYXA.

Allah vos abençõe, meu filho.

SCENA 3.^aBOABDIL (*sô*).

Ibrahim esta vivo! e heide perdoar-lhe! heide pol-o á frente dos meus exercitos para que vá combater os meus inimigos, e volte depois carregado de loiros afrontar-me com redobro d'insolencia! E eu de mãos atadas para o galardão como para o castigo heide agradecer-lhe a conservação de uma corôa já tingida em tanto sangue. E com a fronte baixa, heide ouvir a narração dos seus feitos julgando-me vil na minha consciencia! Não! pereça embora este thronó malfadado, onde jámais me tem corrido uma hora de ventura: pereça o meu nome e gloria e acabe a minha geração commigo: mas não se dirá nunca que deixei vivo o miseravel que me injuriou cobardemente,—nem que por amor de um premio vil, de uma corôa mal soffrida, consenti em lhe ser agradecido! Hassan! Hassan! Não houves, Hassan!

SCENA 4.^a

BOABDIL, MULEY HASSAN.

MULEY.

Aqui me tendes, senhor.

BOADDIL.

Faze conduzir Zorayma para o pateo dos leões—já, quanto antes.

MULEY.

Senhor, pois tambem ella ?

BOADDIL.

Quero que assista a execução.

MULEY.

Meditai, senhor . . .

BOADDIL.

Não ouviste ainda ? Quero-a no pateo dos leões.

SCENA 5.^a

OS MESMOS e um ABENCERRAGE.

BOADDIL *à Muley.*

O mais saberás depois. (*Muley sahe*).

ABENCERRAGE.

Senhor, perdoai-me se me demorei: os hespanhões começam a atacar-dos.

BOADDIL.

És o primeiro que chegas: não tens que pedir desculpas.

ABENCERRAGE.

Tanto peor, senhor, que se não empregardes toda a diligencia, com magoa o digo, Granada cahirá hoje mesmo em poder dos infleis.

BOABDIL.

Já deliberei tudo.

ABENCERRAGE.

E o que determinaes ?

BOABDIL.

Podes entrar.

ABENCERRAGE.

Pois quereis sempre renhir conselho ?

BOABDIL.

Entra. *O Abencerrage sahe.*

SCENA 6.ª

BOABDIL.—2.º ABENCERRAGE.

2.º ABENCERRAGE.

Começou o ataque da parte dos hespanhóes—alguns dos nossos bastiões já cahiram em seu poder.

BOABDIL.

Podes entrar. *(O Abencerrage sahe).*

SCENA 7.ª

BOADDIL.—3.º ABENCERRAGE.

3.º ABENCERRAGE.

Senhor, senhor, valei-nos!

BOADDIL.

Entra. *(Ouce-se um grito — o Abencerrage que vai para entrar recúa).*

3.º ABENCERRAGE.

Não ouvistes ?

BOADDIL.

O que ?

3.º ABENCERRAGE.

Um grito de arrepiar as carnes,—um rouqueijar de quem se debate entre as vascas da morte.

BOADDIL.

Vê o que é. *(O 3.º Abencerrage sahe. Entrão muitos outros: Boaddil com a mão lhes indica a porta por onde devem entrar.*

SCENA 8.ª

BOADDIL e ABEN-HAMET.

BOADDIL.

Tu, Aben-Hamet! que vieste aqui fazer ?

ABEN-HAMET.

Senhor, não me quereis fallar ?

BOABDIL.

Em verdade, és a pessoa que eu menos desejava ver neste lugar e neste momento.

ABEN-HAMET.

Se a minha presença vos é agora importuna...

BOABDIL.

Nunca ! nunca. Se te não desejava agora era só para que não fosses testemunha de um espectáculo bem triste.

ABEN-HAMET.

Para vós, senhor ?

BOABDIL.

Para todos.

ABEN-HAMET.

E não poderei saber qual a causa que tanto vos afflige ?

BOABDIL.

Podes, sim; mas antes de tudo: Quando outro dia rondavas os jardins do serralho, não viste nenhum vulto desconhecido ? não descobriste nenhum indício que podesse confirmar as minhas suspeitas ?

ABEN-HAMET.

Porque essa pergunta, senhor ?

BOADDIL.

Não duvido da tua diligencia, não te crimino: és leal, és meu amigo. Mas sabe: desde aquella noite adquiri a fatal certeza de que Zorayma...

ABEN-HAMET.

Acabai !...

BOADDIL.

Basta: hem me entendes.

ABEN-HAMET.

E o que pretendeis fazer ?

BOADDIL.

Vingar-me !

ABEN-HAMET.

De quem ? conheceis acaso o criminoso ?

BOADDIL.

Pouco importa ! Quando em uma casa se commette um grande delicto, arrasam-se-lhe as paredes com o solo, e no lugar que ella deixou vasio planta-se canhamo e linho para que de todo se apague a lembrança do attentado commettido.

ABEN-HAMET.

E se o criminoso se viesse offerecer á vossa vingança pedindo-vos que vos compadecesseis daquella pobre e desgraçada creatura e que sobre elle somente cahisse todo o peso da vossa colera ?

BOABDIL.

Não, nunca!

ABEN-HAMET.

Ponderai, senhor, quam grande é a fraqueza de uma mulher—quam facilmente se pode deixar arrastar pelos protestos talvez lisongeiros, talvez fingidos de uma lingua mentirosa. Facilmente seduzidas pela lisonja, mal podendo resistir á paixão que se lhe revela entre lagrimas... a natureza as eriou fracas, mas são os homens que as fazem trahidoras.

BOABDIL.

Fraqueza de vibora que assassina mordendo! Mede o crime não pelo que é em si, mas pela qualidade da pessoa offendida, e verás depois se sou rigoroso em demasia, ou se hasta o sangue dos Abencerrages para lavar a nodoa que a sua infamia lançou sobre o meu nome!

ABEN-HAMET.

Os Abencerrages!

BOABDIL.

Morrerão todos.

ABEN-HAMET.

E Alhamur, senhor! Alhamur! Também o condenastes?

BOABDIL.

Já morreu!

ABEN-HAMET.

Rei, pois que a tal ponto vos cega a paixão que sacrificaes sem motivo a flor dos vossos cavalleiros, pois que punis milhares de innocentes por um só criminoso, sem attenção ao bem do vosso

estado, á dedicação da vossa nobreza, que melhor acabaria n'um dia de batalha morrendo por amor do vosso throno, — pois que basta pertencer á mais nobre, á mais generosa, á mais guerreira tribo de Granada para incorrer no vosso desagrado, para merecer a morte por mão de um carrasco, — aqui me tendes: sou eu... *emendando-se.* Sou tambem Abencerrage!

BOADDIL.

Peza-me de os não poder odiar sem excepção de um só!

ABEN-HAMET.

Digo-vos que sou Abencerrage! A excepção que fazeis de mim, quando mandais trucidar os meus irmãos, os meus amigos, os meus companheiros d'armas — é uma vergonha — um insulto — ponderai bem que é um insulto: eu o regeito. — Mandai que vos tragam o cepo do padecente, o cutello do algez, os aprestos desta horrível carnificina, mandai que me decepem a cabeça na vossa presença, e não cubraes d'infamia o homem de quem, ao menos vós o dissestes, de quem já fostes amigo.

BOADDIL.

Tardias são as tuas palavras, Aben-Hamet. — A um delles não concederia eu a vida nem pela tua amisade nem por todos os thesouros do Kalifa. — Quanto ao mais, ainda que eu agora o quizesse, movido pelos teus rogos, já não é tempo de perdoar-lhes.

ABEN-HAMET.

É sempre tempo para a clemencia, senhor.

BOADDIL.

Não, já não é tempo. Vê tu mesmo. *Abre-se o reposteiro da*

fando—e vê-se entre sombras os Zegrís e os Gomeles; Zorayma entre os soldados—e os cadáveres dos Abencerrages.

ABEN-HAMET.

Horror ! Horror !

SCENA 9.^a

OS MESMOS e ZORAYMA *lançando-se ao meio da scena.*

ZORAYMA.

Foge, Ibrahim, foge. Não são homens os que vês, são feras carniceiras, que respiram soffregas o odor do sangue; a morte é para elles um banquete, e as agonias do passamento um concerto que os embriaga. Foge, eu t'o supplico:—foge, se ainda é tempo.

BOABDIL.

Tu chamas-te Ibrahim ? !

ABEN-HAMET.

Vêr-te assim entregue nas mãos dos teus algozes, e não ter forças, não ter posses para te arrancar do abysmo onde eu te precipitei com a minha imprudencia ! Oh ! Zorayma, sômente agora é que posso ler na sorte que te espera quam grande foi o meu delicto ! mas por grande e horrendo que seja, basta, é de sobra este momento para apagar a sua lembrança na memoria do meu mais encarniçado inimigo !

BOABDIL.

Tu és Ibrahim ?

ABEN-HAMET.

Eu sou: se a mais tempo vol-o não confessei não foi por dis-

putar esta vida que de bom grado vos cedo: mas ia com ella a sorte de outra creatura !...

BOABDIL.

Tambem és Abencerrage: agora o creio !

ABEN-HAMET.

Rei, dá um só momento aquelle que para todo o sempre vai comparecer perante a justiça do eterno. Não vos peço mercê...

BOABDIL.

Ibrahim !—Aben-Hamet !—o nome do homem que me era mais caro—o nome da creatura que mais aborrecia—um traidor—um amigo—e são ambos uma só creatura: era isto. E que outra cousa poderia ser senão um monstro para resumir em si as mais violentas, as mais disparatadas afeições da minha alma.

ZORAYMA.

E eu sou que te denuncio !—Quando julgava ter a ira de Deos accumulado sobre a minha cabeça todas quantas miserias podem sobrevir a uma triste creatura, por cumulo de infortunio sou eu quem te condemna á morte ! sou eu quem te mata ! eu, cuja unica consolação nos meus derradeiros instantes seria saber que ficavas em vida guardando a memoria daquelle nosso amor da infancia, lembras-te ? Oh ! tão puro ! e tão desgraçado tambem !

ABEN-HAMET.

Anjo do céu ! bem vinda me seria a morte que eu recebesse das tuas mãos : mas a folha da minha vida rompeu-se á primeira

gota de sangue abencerrage, que por meu respeito se derramou! Nobres e desgraçados irmãos! Como poderia eu viver depois delles, e depois de ti, Zorayma? —Morrerei, sim, morrerei, sem queixar-me, e mil vezes bem dito seja Allah, que na sua bondade me permite esta derradeira, esta grande consolação, que não mereço — a de morrer contigo!

BOABDIL.

Oh! quando o homem na vida passa por uma destas terríveis provanças que apraz a Allah mandar aos seus filhos miseráveis como um raio de maldição implacável, deserdá da sua justiça, e da humanidade, e consigo mesmo se envergonha de pertencer á indigna especie que produz tão negros fructos!

SCENA 10.^a

OS MESMOS e AYXA.

AYXA.

Senhor, os hespanhões penetraram na cidade: ja correm pelas ruas, incendiam as casas e os templos, os nossos soldados sem chefes — um punhado apenas pelejam descoroçados, disputando a subida de Vivarambla que dá entrada para o castello. *Boabdil conserva-se pensativo e silencioso.* Por Deos, senhor, que silencio é este? Vosso throno se espedça como uma arvore tocada pelo raio: vossos soldados carecem de chefe: um ultimo esforço pode ainda salvar-vos, e reunis no palacio os Zegrís, os Gomeles, mandais assassinar os Abencerrages, e vos conservais tranquillo e sosegado como se isto fosse apenas um alevante da plebe! *Silencio.* Já que o terror vos tolhe a falla, tratarei de salvar-vos, não grado vosso — eu fraca mulher que não sei manejar o alfange, nem cavalgar um corcel de batalha, Venh conmigo, Ibrahim!

BOADDIL.

Ibrahim! Quem fallou em Ibrahim?

AYXA.

Eu! *Ouçam-se descargas.*

BOADDIL.

Que arruido é aquelle?

AYXA.

São os hespanhões que atacam o vosso palacio.

BOADDIL.

Guardas, guardas!—Zegris, Gomeles.

AYXA.

Enfim acordastes!

SCENA II.ª

OS MESMOS e GUARDAS.

BOADDIL.

Segurai-o.

AYXA.

A quem?

BOADDIL, *com força.*

Segurai-o!

ABEN-HAMET.

Rei, deixai-me primeiro correr ao encontro dos vossos inimi-

gos: eu vol-o peço de joelhos: vencedor ou vencido fica-vos a minha vida ou o meu cadaver para saciar a vossa vingança.

AYXA.

Não sabeis que esse é Ibrahim, senhor, que loucura é a vossa ?

BOADDIL.

Pelo inferno: matai-o, matai-o !

ZORAYMA.

Morreremos ambos, morreremos juntos, exalaremos juntos o ultimo suspiro.

ABEN-HAMET.

Vem, só a morte agora te poderá tirar daqui onde devêras ter vivido sempre !

BOADDIL.

Separai-os !

AYXA, *com desprezo.*

Insensatos !

ZORAYMA.

Quem de vós se atreverá a tocar-me ?

BOADDIL.

Separai-os !... Cobardes ! *Arranca-a dos braços de Aben-Hamet.*

ABEN-HAMET, *entre os soldados.*

Ai de ti, rei, se enquanto me resta um alento de vida te atre-

ves a levantar a mão contra Zorayma ! ai de ti, se insultas uma mulher que se não defende, que não tem forças para te resistir !

BOABDIL.

Matai-o ! matai-o ! *Cresce fóra o tumulto.*

ABEN-HAMET.

Ai de ti, porque despedaçando estas fracas prisões dos teus soldados—esta barreira desprezível que oppões á minha furia !...

ZORAYMA.

Ibrahim !

BOABDIL.

Calla-te.

ZORAYMA.

Em quanto a minha voz te puder chegar aos ouvidos escutame: Eu te amo !

BOABDIL.

Calla-te !

ZORAYMA.

Eu te amo.

BOABDIL.

Calla-te ! *Suffocando-a.*

ZORAYMA.

Eu te amo !

BOABDIL.

Calla-te ! *Apunhala-o.*

ABEN-HAMET.

Ah ! *Cabe apunhalado.* Perdoai-me, rei: tu, Zorayma, perdóame !

BOABDIL.

Eu te odeio !

ZORAYMA, cahindo.

Eu te perdóo !

(Cabe o pano.)

A scena 5.^a do 4.^o acto em que Boabdil já tem denúncia da infidelidade de Zorayma, mas vacilla ainda entre a duvida e a certeza, porque lhe não foi ainda apresentada por Muley-Hassan a prova material da culpa, que é o véo que ella deixou cahir quando desmaiou na entrevista ultima do jardim do serralho, é bellissima e admiravel pelo jogo dos affectos. Nada em tal situação escapa á habilissima penna do poeta, que parece haver calculado, uma por uma, todas as pulsações do coração de Boabdil em presença de Zorayma, ou innocente, ou criminosa, mas já sob o peso de accusação gravissima. Os discursos deste são todos eloquentes como os de um homem apaixonado, mas vários e cheios de reticencia: as respostas della todas evasivas, como as de uma mulher que tem a consciencia da culpa, mas cheias de destreza e dignidade.

Nesta scena em que Boabdil dirigindo-se a Zorayma começa pelo bello exordio insinuativo, «Depois que Al-

lah e vosso pae me derão possuir-vos» é admiravel o seguinte trecho:

«Bem. Assim que, Zorayma, si vos chegasseis a persuadir de que vos era impossivel a felicidade passando a vida a meu lado. . . . deixai-me concluir.—Si sentissemos brotar, enraizar-se em vossa alma um sentimento irresistivel por alguém ou por alguma cousa, terieis confiança em mim, não é verdade? Bem sei que os affectos não se governão: não ha contra elles vontade, nem esforços que valhão. Nós outros os Musulmanos muitas vezes nos desquitamos de nossas esposas: o que outros fazem por mero capricho, porque não o faria eu por amor? Sou bom, procuro ao menos ser bom para com todos,—e á vós, Zorayma, ainda que muito me custasse, ainda que me fosse de grande sacrificio o que me pedirieis vós que houvesse de vos negar.»

ZORAYMA.

«Perdoai-me, Senhor, vejo que me tratais com a bondade que sempre usastes para commigo; mas ha nas vossas palavras alguma cousa que não comprehendo. Si vos dignasseis de explicar-vos melhor! . . .»

BOABDIL.

«Digo-vos que si assim vos houvesseis portado, seria esse comportamento de uma alma grande e generosa.»

que não sabe trahir a confiança de ninguém. nem pos-
tergar os seus mais sagrados deveres.»

ZORAYMA.

«Rei, sou vossa escrava, porque insultar-me, quan-
do tão facilmente me podeis fazer morrer?»

BOABDIL.

«E ai de vós, Zorayma, ai de vós, si vil e indigna-
mente zombastes de minha credulidade! Ai de vós!
porque eu mesmo com estas mãos, que só me pèza de
as não poder espedaçar porque tantas vezes vos aper-
tárão contra o meu seio. convertido em odio o amor
grande que outr'ora senti por vós—aquí neste momen-
to com a primeira arma que meu furor encontrasse...
(Arranca o punhal.)»

ZORAYMA (*com terror*).

«Boabdil!»

BOABDIL (*deixa cair o punhal—para Ayxa*).

«Oh! Ella é innocente!»

Essa delicadeza com que Boabdil ainda incerto entre
a innocencia e culpabilidade de Zorayma lhe propõe
uma separação absoluta, si lhe não é possível a ella a

felicidade passando a vida ao lado delle, ou si ella o não ama, e experimenta um sentimento irresistível por alguém ou por alguma cousa, esse receio que elle mostra de offendê-la, declarando-lhe francamente o crime de que é accusada, e de que apenas ousa levantar a ponta do véo; essa rápida passagem do extremo amor ao extremo furor, que o leva a arrancar o punhal, que deixa depois cahir, quasi sem força para obrar; tudo isso é muito natural em tal situação, tudo isso é bello, tudo pathetico. Não são menos bellas as respostas artificiosas de Zorayma, ou da mulher que nunca confessa a culpa em quanto tem alguma probabilidade de salvar-se, enganando. Vêde ainda como é tão natural a satisfação com que Boabdil sob a impressão de taes respostas exclama completamente illudido ou fascinado. «Oh! Ella é innocente!...»

Tão admiravel é esta scena no jogo dos affectos, que bastava ella só para attestar o verdadeiro talento dramatico do poeta, demonstrando á toda a luz o profundo conhecimento, que elle tinha do coração humano, quando isso aliás se não colligisse de todo o contexto do drama.

Do 5.º acto só reproduzirei os seguintes trechos da scena 10.ª e 11.ª tão laconicos e simples nas palavras, quanto admiraveis no sentido, porque é a verdadeira linguagem da paixão.

AYXA.

..... Vem commigo, Ibrabim!

BOABDIL.

Ibrahim ! Quem fallou em Ibrahim ?

AYXA.

Eu ! *(Ouem-se descargas)*.

BOABDIL.

Que arruido é aquelle ?

AYXA.

São os Hespanhões que invadem o vosso palacio.

BOABDIL.

Guardas, guardas ! Zegrís, Gomeles.

AYXA.

Eufim acordastes !

(Acodem os guardas).

BOABDIL.

Segurai-o.

AYXA.

A quem ?

BOABDIL, *com força.*

Segurai-o !

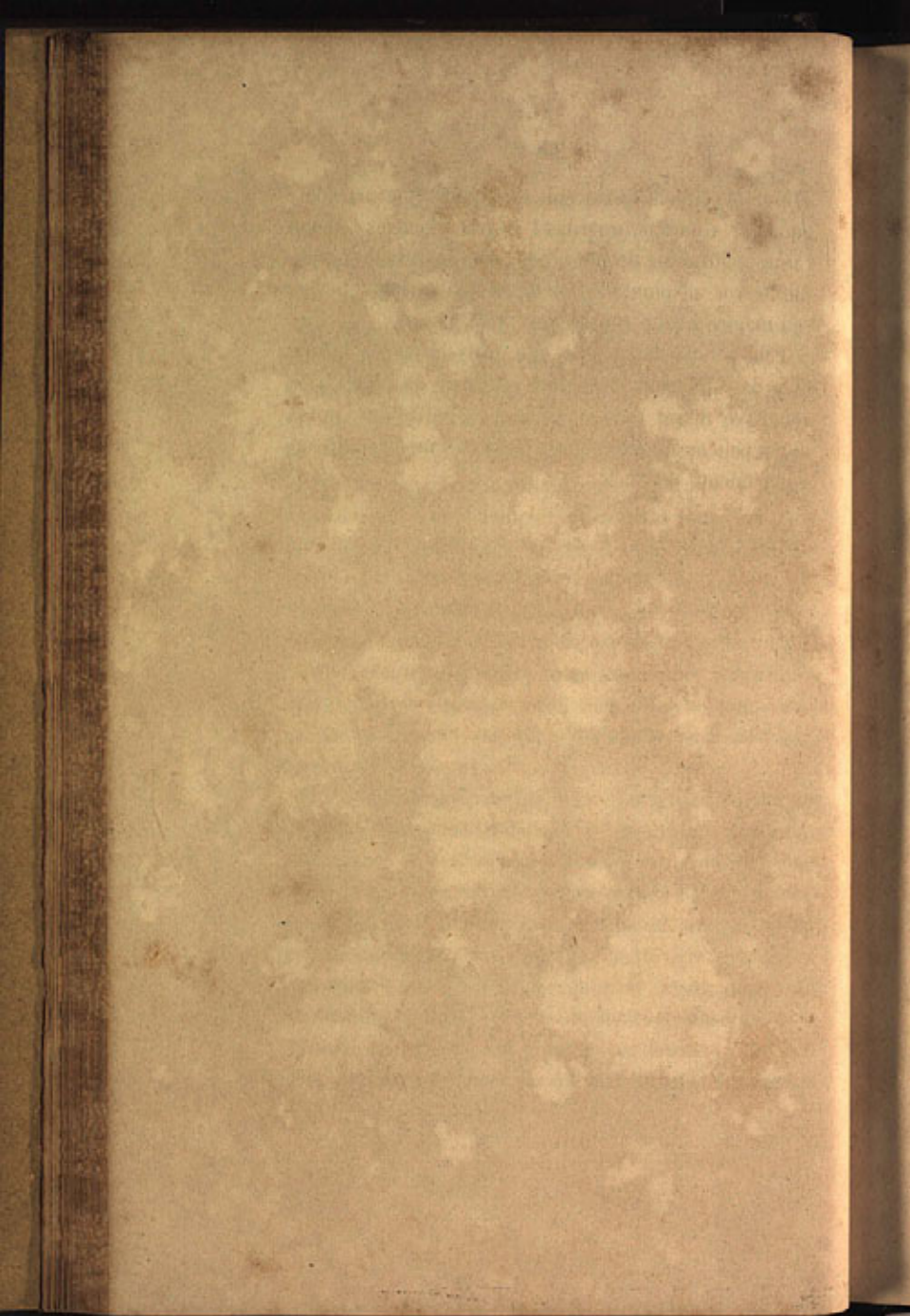
No momento em que Ibrahim se descobre o complice ou amante de Zorayma para morrer com os Abencerrages seus irmãos, vem Ayxa, que ainda o não sabe, procura-o para collocal-o á frente dos poucos defensores de Granada, invadida pelos Hespanhóes, que já correm as ruas, incendiando as casas e os templos. Boabdil, completamente estranho a tudo que não seja o sentimento de sua vingança, ao ouvir o nome do rival na boca de Ayxa, profere então como fóra de si as palavras: «Ibrahim ! quem fallou em Ibrahim ?» E ao som das descargas dos Hespanhóes, grita pelos guardas, Zegrís é Gomeles; julga a mãe que é para oppôr-se com elles aos invasores, mas é unicamente para mandar segurar o rival, que é por elle apunhalado com Zorayma.

Esta indiferença com que Boabdil assiste a ruina do seu poder, sem que dê o menor passo para evital-a, porque isso embaraçaria ou pelo menos retardaria a sua vingança, é o sublime da paixão levada ao seu auge, ou uma especie de loucura vertiginosa, que só pôde ser justificada pela fatalidade que sobre elle pesava, e o impellia á sua perda, fazendo-o ou assassinar, ou distrahir do combate os seus melhores defensores.

Assim si o drama fôr alguma vez levado á scena, essas expressões fataes do ultimo rei de Granada,

«Ibrahim! Quem fallou em Ibrahim? Que arruido é aquelle? Guardas, guardas! Zegrís, Gomeles! Segurai-o; segurai-o,» devem produzir no espectador o mesmo terror involuntario, ou o mesmo arripio que por seu magico effeito causão em quem as lê.

Pela belleza das scenas que analysei podeis formar idéa das situações dramaticas do resto da peça que é, como vos disse, uma verdadeira tragedia em prosa, digna pelo assumpto, e mestria do desempenho, do singular talento do auctor.



LICÇÃO LXXXVI.

Depois de haver apreciado o nosso illustre comprouviciano Antonio Gonçalves Dias, como poeta tanto nas suas obras em verso, como no seu drama «Boabdil», que é uma tragedia escripta em prosa, passarei hoje a aquilatal-o como prosador da lingua portugueza naquellas de suas obras que se devem reputar verdadeira prosa, quer na forma, quer na essencia.

Este singular engenho, o maior sem contradicção que produzio o Brasil em nossos dias, não se limitou unicamente a ser o primeiro de nossos poetas em mais de um genero, merecêo tambem lugar distincto entre nossos prosadores, reunindo assim duas qualidades que nem sempre andão a par uma da outra, porque os grandes poetas não são de ordinario grandes prosadores. Não admira porém que Gonçalves Dias se expresse tão bem na linguagem das Musas, como na dos

homens, porque sobre haver sido privilegiado pela natureza com aquillo que se chama genio, tinha feito um arduo e especial estudo da lingua portugueza, como o attestão as suas inimitaveis sextilhas de Frei Antão.

Dentre as suas obras em prosa, a mór parte ineditas, escolherei para objecto de minha analyse a que se intitula «O Brasil e a Oceania», que é incontestavelmente uma das melhores. O auctor em sua modestia dêo-lhe o simples nome de Memoria, mas merece certamente outro, porque é a obra mais completa que possuímos sobre os usos e costumes dos aborígenes do Brasil, sendo que comprehende tudo que se refere às suas tradições, migrações geraes de norte a sul, migrações parciaes de sul a norte, raças diversas e estado physico, moral e intellectual, quando os primeiros colonos portuguezes começaram a povoar o Brasil; e isto comparativamente com o estado physico, moral e intellectual dos aborígenes da Oceania. Quanto se pode desejar sobre a historia tradicional, constituição organica, modos de vida, habitos, indole, paixões, crenças religiosas, superstições, governo, milicia, e artes nascentes de nossos indigenas, achase com muito esmero consignado nesta obra, que é o fructo de um longo e indefesso estudo: O auctor consultou tudo, ou quasi tudo que se tem escripto sobre os Indios da America e da Oceania; mas não contente com isso, estudou cuidadosamente a lingua *Tupy*, e visitou diversos pontos do Brasil, em que se podia achar em contacto immediato com os nossos indigenas,

afim de tornar mais completa a primeira parte do seu trabalho que versa sobre estes.

A obra pois tem a nossos olhos o dobrado merito de resumir com escolha e criterio tudo quanto se tem escripto a tal respeito, e de conter, com especialidade na primeira parte, as mais judiciosas observações, filhas da experiencia e estudo especial do auctor feito sobre os proprios logares, em que se derão e dão os factos que menciona. Eis o programma dado para ella pelo Instituto Historico e Geographico do Brasil, colligido da propria introdução do auctor: «Descrever o estado physico, moral e intellectual dos indigenas do Brasil, no tempo em que pela primeira vez se achãrão em contacto com os seus descobridores; e ver que probabilidade ou facilidade offerecião nessa época á empreza da catechese ou da colonisação, — eis a primeira parte do problema que devo desenvolver.» O que admira porém é que tendo sido este trabalho tão completo lido no Instituto em presença de S. M. Imperial, e seguramente com o applauso que merece, o não mandasse o Instituto imprimir como importava á propalação dos conhecimentos sobre nossas cousas, sendo que o duplo interesse que inspira a quem deseja instruir-se, compensaria em aproveitamento scientifico toda e qualque despeza que com isso se fizesse.

«O Brasil e a Oceania» é uma obra no genero historico, didatico e philosophico, que nada deixa sem solução e desempenho, nem na maneira porque o auctor encarou a questão, e a elucidou, nem na lingua-

gem em que é escripta, que é Portuguez castiço e de lei contra o que se observa em algumas de nossas obras modernas aliás não destituidas de merito. É um poderoso auxiliar para diffusão das luzes já sobre o estado da raça primitiva da America, quando começou a ser povoada pelos Europeos, já sobre o progresso da sciencia em geral, porque alem da justa apreciação dos factos que contêm, dá-nos a explicação de muitos termos indigenas, sem cujo perfeito conhecimento não é possível saber bem nem a geographia, nem a historia do paiz. Trabalhos taes são uma verdadeira riqueza para a nossa litteratura, que não possui outros da mesma natureza nem tão completos, nem tão bem escriptos.

Constando a obra de um volume infolio e comprehendendo duas partes ou dois tomos, não cabe no tempo ler-vos della mais que um capitulo destacado. Assim passarei a ler-vos o capitulo 5.^o da primeira parte, ou um dos menores, e por elle ajuizareis do merito do auctor como prosador da lingua portugueza.

.....

CAPITULO V.

Tratando dos caracteres phísicos genericos dos *Tupys*, não nos occuparemos do que diz respeito á phisiologia geral do homem americano: não entraremos n'uma discussão que seria sem duvida interessante para a sciencia, mas para a qual não estamos preparados, e que de mais não se prende senão muito remotamente ao

nosso programma. Contentando-nos pois de descrever os caracteres, não entraremos na explicação dos factos: deixamos isso aos mestres das sciencias, e aquelles que por seus estudos especiaes e por observações proprias poderem esclarecer a questão.

Acreditou-se por muito tempo que a côr da pelle americana era uma e uniforme em todas as tribus de todas as partes da America,—quaesquer que fossem as influencias da latitude, da elevação e da natureza dos lugares que habitassem.

Esta côr dizia-se ser tirante a cobre, até que Humboldt asseverou que semelhante designação de côr vermelha, côr de cobre, applicada aos indigenas da America não poderia ter tido principio na America equinoxial.

D'Orbigny, regeitando igualmente tal qualificação para os homens da America meridional, nem admite a uniformidade neste caracter, nem a côr de cobre que Uilôa foi o primeiro a qualificar tal; quer antes aquelle autor que em nenhuma outra parte do mundo varia tanto a côr do homem de intensidade.

Foi tambem opinião por muito tempo que a maior intensidade da côr da pelle dependia da maior força do calor solar; e, guiando-se por estes principios, Buffon pensava que os habitantes do valle dos Andés erão os mais alvos, quando de todas as tribus que se grupão sob a raça—*and-peruana*—é exactamente alli que se nota a côr mais carregada. Sem querer negar o effeito do sol sobre a côr, effeito que não é senão temporario, dever-se-hia attribuir antes, como pretende d'Orbigny, a sua mais ou menos intensidade a maior ou menor humidade a que se achassem expostos, á demora mais ou menos dilatada em paizes regados por chuvas abundantes e onde vastas florestas interceptem os raios do sol.

As tribus *Tupys* estavam collocadas como no centro das duas raças dos *Pampas* e *Peruanos*—ambas da america meridional. A sua côr era baça—com um-longo-de-vermelho. Os *Tapuyas* que, quanto á nós, descendem dos *Goyatakases*, ou ao menos provém da mesma origem, tinhão com pouca differença á mesma côr, exceptuando os *Aymorés* e restos seus que para o norte encontramos, al-

guns dos quaes, segundo os primeiros viajantes, erão quasi tão brancos como os portuguezes. Tanto n'uns como nos outros observa-se a manifestação de sensações vivas na coloração instantanea do systema dermoideal, mas por effeito da cor mais carregada da pelle, o phenomeno era nelles menos ostensivel do que nos homens da raça branca.

A pelle longe de ter a aspereza que Ullôa lhe quiz attribuir é muito mais macia que a dos europeos e homens do antigo mundo: é lisa, polida, brilhante e macia como setim, sem offerecer por tanto desigualdade alguma, qualidade que em seu maximo grão se apresenta nas tribus que habitão a zona torrida.

Quanto á estatura dá-se o mesmo facto que se observa nas dimensões dos mamíferos, quando não sujeitos ao estado de domesticidade, isto é, a differença é tão exigua entre os extremos que o maximo e o minimo muito pouco discrepão do medio, assim entre os homens da mesma tribu é muito pouco sensivel a desigualdade do tamanho. Os *Tupys*, na estatura como na cor, erão o ponto intermedio entre as duas outras raças, inferiores aos *Pampas* e superiores aos *Peruanos*, fazendo-se ainda distincção dos *Aymorés*, que assim como erão os mais claros, erão tambem os mais altos entre os *Brasilio-Guaranienses*, e semelhantes aos *Pampas*. É certo que d'Orbigny dá tanto para os *Tupys* como para os *Tapugas* a mesma estatura: mas este escriptor não teve occasião de observar senão um individuo desta ultima familia, e só falla por esta observação isolada. O facto no entanto é confirmado por todos os que tem tratado dos indigenas do Brasil, e foi por isso um dos caracteres que procurei estabelecer como differentes entre os *Tupys* e *Tapugas*.

Quanto ás formas geraes, longe de haverem degenerado como pretende Paw, apresentam todos os caracteres que attribuímos a força. Cabeça antes grande que pequena comparada ao resto do corpo, tronco largo e robusto, peito arqueado, espaduas largas, quadris pouco salientes. Ainda que os seus membros sejão algumas vezes curtos, comparados ao resto do corpo, são sempre re-

pletos, arredondados e musculosos: as extremidades superiores nunca magras, bem desenhados os braços artisticamente fallando, ainda que algumas vezes grossos de mais, e as mãos pequenas em relação a elles. As extremidades inferiores são bem proporcionadas, e nas bellas formas, raras vezes magras, e os pés pequenos, posto que largos. São por tanto as suas formas menos bellas do que hereuleas. Assim tambem nas mulheres, acostumadas a uma vida livre, exercendo as forças desde a infancia, sem nenhum obstaculo ao desenvolvimento de suas forças e de seus membros, tem tudo quanto poderião desejar para o genero de vida a que são destinadas: assim bem que sejão raras vezes esbeltas e graciosas, porque são muito robustas para serem bem feitas, são proprias para o trabalho, e sadias: tem partos faceis, filhos vigorosos desde a infancia, e nunca defeituosos. Entre homens e mulheres, ainda na velhice, raros são os factos de obesidade.

A classificação que se quizesse fazer dos americanos em relação aos outros povos, deduzida da consideração da forma que os seus craneos apresentam, não nos poderia levar a nenhum resultado seguro; porque mesmo entre as raças do antigo mundo, talvez menos confundidas, e com certeza melhor estudadas que esta, tomando-se de qualquer dellas, excepto a negra, um milheiro de craneos, achão-se alguns que pelos seus caracteres se assemelhão a todas as outras.

Ora, entre os americanos as formas da cabeça varião por tal modo que Prichard regeita a designação de *forma americana*, que alguns anatomicos quizerão achar, observando os craneos das diferentes raças, distincção inadmissivel, diz elle, porque não é senão uma generalisação erronea, a qual chegarão, considerando como universaes os caracteres fortemente pronunciados que lhes apresentam algumas tribus particulares.

Lawrence considera o craneo americano como analogo pela sua forma ao do Mongol, posto que seja menor que o deste (Orbigny pag. 118). Admittida a differença de tamanho que este phisio- logo quer estabelecer, conviria ter-se em vista as curiosas obser-

vações de Parchappe sobre a relação que ha entre o volume do craneo e o desenvolvimento das faculdades: dellas se collige que não só a forma do craneo é pouco importante para as faculdades, como tambem que o seu volume nada influe sobre ellas. Não obstante, tendo elle medido alguns craneos, achou que o volume da cabeça americana, pelo contrario do que diz Lawrence, é superior ao das cabeças da raça malaia.

Eis como d'Orbigny descreve os caracteres geraes da raça *brasilio guaraniense*, ou *tupy*. «Cór amarellada com mistura de vermelho muito desbotado, estatura um metro 620 milímetros, formas massiças, frente não inclinada, rosto cheio e circular, nariz estreito e curto, ventas estreitas. Boca mediana e pouco saliente, labios delgados, olhos obliquos e sempre repuchados para o angulo exterior como os dos *Mongôes*, ossos da face pouco salientes, feições de mulher, phisionomia doce.» A isto accrescentamos pois que os procuramos comparar com os indigenas da Oceania, cabellos negros, corredios e consistentes, barba tardia, não frizada, e pouca, apenas na extremidade do labio superior e no queixo, dentes bellos, regulares, quasi verticaes, persistentes, e em que difficilmente dá a caria.

Sendo muito vigorosa a sua compleição, resistem tanto aos mais duros trabalhos, que Ullóg os chama *insensíveis* pela coragem com que supportão os soffrimentos, em outra parte os denomina *animaes*, porque são robustos e não os encommoão muito as fadigas e as intemperies. Soffrem por muito tempo, sem o demonstrarem, a sede e a fome, e raras vezes adoecem, hem que affrontem a humidade, o calor e o frio, sem tomarem precauções contra molestias. A prova mais concludente da sua optima constituição é o costume que tem as mulheres indigenas de, paridas, lavarem-se logo em agua corrente, continuando no mesmo dia no seu trabalho como se nada lhes houvesse acontecido.

Os velhos ignorão os males da decrepitude, possuem o goso dos sentidos, como na mocidade, conservão os dentes intactos e os cabellos que não cahem nem alveião nunca, tem a vista, o ou-

viado e o olfato finíssimos, os movimentos desembaraçados, e o rosto pouco enrugado. Quanto á longevidade, d'Orbigny, conhecendo a difficuldade de a determinar, dá-lhes o maximo de 100 annos, observando porém que poucos passam além dos 80. Dizem Lery e outros que chegam aos 120 e mais annos.

Com a sua educação alcançavão no geral um alto grão de agi- lidade e de força, Newied tendo mandado os seus caçadores com alguns *Botocudos*, estes pela ligeireza e rapidez da marcha, fati- gados de os acompanhar, ficáão atrás, deixando aquelles continua- rem sós a caçada. Lery diz que os arcos dos do littoral erão tão compridos e fortes, que não tinhão comparação com os que n'a- quelle tempo erão usados na Europa. Um europeu, longe de os poder vergar e pôr a tiro, devêra dar-se por contente, vergando o arco de um rapaz de 9 a 10 annos. E não é só que erão mui for- tes os seus arcos: além da força que sem duvida era precisa para os manejar, despedião delles setas com tanta facilidade que, segun- do o mesmo autor, os inglezes, os melhores archeiros da Europa no seculo 16, não atirarião seis enquanto os *Tapinambás* terião expedido o dobro ou mais.

Em todos estes e nos demais exercicios corporaes primavão os indigenas. Daríamos para exemplos, se fossem precisos, aquelle indio que depois de encorrentado salvou-se á nado na habia de Nitheroy; e Sepé que, com as mãos atadas nas costas, fugio den- tre uma partida de cavalleiros hespanhóes, que o escoltavão. Á vista destes factos poderá ser judiciousa a opinião dos que, como Virey, sustentão que aos povos meridionaes não convem outro região senão o vegetal: negamos porém que desta ideia se deva logicamente concluir que a um selvagem não era possível com- bater corpo á corpo com um europeu. Não obstante não lhes se- rem favoraveis as experiencias do *dynamometro* sobre a sua força muscular, alguns se tem visto lasear com a mão leques de palmei- ras, mergulhar por largo espaço, nadar dias inteiros, e cançar os mais infatigaveis andarilhos.

Além do genio bellicoso que os levava a tornarem-se dextros

nestas artes, as suas festas tomavão as vezes, não o caracter do pugilato, mas o de exercicios gymnasticos, que nem sempre deixavão de ser rudes. Tal é o jogo do tiro do barrigudo, no qual enfião um páo, que tomavão, correndo e continuando a carreira até chegarem á extremidade marcada para limite, embora tivessem de atravessar com elle algum regato que desse nado. Em algumas tribus do sertão conserva-se ainda hoje este jogo; mas reservão-n'o para as celebrações de matrimonio. Neste caso dá-se ao vencedor a moça que chegou a ser nubil, reputando-se como o mais capaz de a salvar em occasião de perigo.

Concluiremos este capitulo com algumas observações.

Se quizermos por um momento considerar qual era o viver do *Tupy*, os seus trabalhos, a sua organização em republica, conjecturemos aproximadamente o grão de bem estar e de energia que elles deverião desfructar, e teremos ao mesmo tempo a explicação desse estado de perfeição organica, que apenas se conhece na vida civilisada.

Nascidos de pais robustos e sadios, nunca ou rarrissimas vezes affectados de enfermidades excepto no extremo quartel da vida, participavão em grande parte da organização de seus ascendentes. Em quanto no ventre materno, as mães os não comprimião nunca, como desgraçadamente usão em muitas partes as mulheres para occultar ou disfarçar a gravidez: os trabalhos e occupações diarias a que se davão, não obstante o seu estado, nem só lhes facilitavão os partos, como era tambem motivo para que os filhos não sahisses aleijados nem defeituosos, nem com esses vicios de organisação, que nas cidades populosas tornão a infancia doentia e miseravel. Nasção robustos e conservavão por toda a vida a robustez; em quanto por outro lado os seus trabalhos os impedião de cahir em obesidade. Deste modo a fôrça e saúde de uma geração era garantia da saúde e da fôrça das que se lhe seguião.

Abrindo os olhos á luz, e vendo a seu lado um arco e flechas, o menino comprehendia que a sua existencia dependia da destreza, agilidade, e coragem, que soubesse desenvolver; e que só por

esse meio se podia tornar celebre e respeitado mesmo pelos seus. Começavam desde logo a exercer as suas forças, pouco e pouco até a ponto de chegarem a manejar um daquelles grandes arcos, que erão a inveja dos archeiros europeos, e dos quaes se servião com maravilhosa destreza. Esta experiencia lhes vi eu fazer. Firmando-se no pé esquerdo, avançavão o direito, e com o dedo grande imprimião um leve signal na areia, recuando depois esse pé, mas conservando sempre o outro na mesma posição, atiravão ao ar, e a frecha vinha enterrar-se no rasto que lhes servia de alvo.—Emfim uma especie de gymnastica natural—a subida de arvores, a carreira—, a caça, a natção, e manejo dos remos,—a confecção das armas, davão-lhes aos membros incrível elasticidade.

Descendentes de homens incomparavelmente mais guerreiros do que agricolas, a sua educação era inteiramente militar; a guerra era a sua vida—, e só os feitos de armas e os actos de coragem os podiam ennobrecer; só por elles podião ter entrada no *Ibake*, e assentar-se entre os guerreiros das florestas eternas.

Devião saber vencer, mas como nem sempre a victoria é companhia da coragem, era-lhes necessario tambem que soubessem padecer, affrontar os soffrimentos e mostrar-se tão impávidos no terreiro do inimigo, como destemidos no campo da batalha. Seus ornatos, suas pinturas, suas armas, tinhão por fim chamar sobre elles as vistas de todos. A compostura do guerreiro, que attrahia as atenções, era tambem um incentivo para que as procurassem merecer, e não praticassem nunca um acto de fraqueza. Durante a mocidade estavão sujeitos a terriveis provações para serem admittidos no logar de combatentes, e poderem aspirar ao mando: estava aberto o campo para todos, e era legitima a ambição do esforçado e corajoso. Convinha que o guerreiro soubesse supportar a dor com calma e sem demudar o semblante. D'aqui provinhão os tormentos da iniciação. Da relação de Hans Stadt se deprehende que entre os *Tupys* requerião-se igualmente as provas que dos seus guerreiros exigião os *Caruibas*. Conta elle ter, durante o seu captiveiro, visto um indio que de noite percorria as cabanas com

um dente de peixe aguçado com que rasgava as carnes das pernas dos mancebos, para que assim aprendessem a soffrer sem se queixar. Era isto o indício seguro de sua valentia, e a sua patente de guerreiro, que depois precisavão illustrar com a morte dos inimigos. Os trophéos que assim conseguião, que trazião pendentes do pescoço, ou arrumavão á entrada de suas cabanas, servião-lhes de glorioso ornato.

Educados nas florestas com um tacto de observação extremamente delicado; adquerião invejavel perfeição de sentidos. No borborinho confuso das florestas, distinguem sons quasi imperceptíveis, que lhes revelão a passagem de um animal, quebrando os ramos, ou a marcha cautelosa do guerreiro que os evita. Pelas pégadas que vião impressas no chão, distinguão a tribu que alli passára, e pelo olfato a direcção que levava. Olhos de lynce, descobrião nas sombras das florestas o inimigo ou a presa, e com o arco despedião por entre as folhas a morte rapida e silenciosamente.

Em resumo, alem dos caracteres phísicos, que servião para os differenciar dos selvagens da Oceania, o *Tapy* era sadio, robusto, habil no fabrico de suas armas, dextro em manejar-as, e com sentidos de extrema delicadeza. A sua vida toda guerreira, e de guerra selvatica começava pelo exercicio de todos os sentidos, e rematava com o desenvolvimento de todas as qualidades que era mister ao guerreiro. Acostumados aos trabalhos, privações e soffrimentos de dôr phísica, á luta e ardis de guerra incessante e impiedosa, por meio d'elles chegavão á nomeada de guerreiros atrevidos e chefes ardilosos.

Fortes e duros como os seus arcs, a lórça européa, impolente sobre elles, carecia para os curvar de geitos e hão vontade, e sobretudo de esperar com paciencia que a experiencia e bons officios os tornassem facéis de manejar e tratar, antes de rompel-os brutalmente como arma inutil, e sem prestimo. Era preciso reformar os seus costumes, começando pela educação, unil-os em vez de os separar, acostumar-os a uma vida pacifica, agricola ou industrial,

em vez de os corroborar nos sentimentos e propensões guerreiras, oppondo-os, para defeza propria, uns aos outros, e por esta forma aniquilando-os reciprocamente.

Qualquer, porém, que fosse o systema que para com elles se adoptasse, era de indeclinavel necessidade que fosse baseado sobre o principio de bem entendida liberdade. Só dessa forma se poderia carear a vontade desses homens acostumados a uma vida liberrima, e cujo character, como delles acho escripto e elles o confirmão todos os dias, era em ultimo grão insoffrido da escravidão. *Neutiquam jugum servitutis tolerant.*

Neste capitulo, em que são descriptos os caracteres physicos do Indio americano, nada escapa á justa apreciação do auctor, que ajuiza com muito criterio das opiniões alheias que cita, escreve com perfeito conhecimento dos factos que tão diligentemente estudou, e dá ás suas judiciosas observações o completo desenvolvimento de quem se acha senhor do assumpto. O estylo é facil e corrente, como convem ao genero didatico e philosophico, mas castigado e nobre: a prosa harmoniosa e cheia, como a de um escriptor classico. Eis aqui, para demonstração do que digo, reproduzido um trecho da mesma:

«Em todos estes e nos demais exercicios corporaes primavão os Indigenas. Daríamos para exemplos, si fossem precisos, aquelle indio que depois de encorrentado salvou-se á nado na bahia de Nitheroy; e Sepé que com as mãos atadas nas costas fugio dentre uma partida de cavalleiros hespanhões, que o escoltavão.— Á vista destes factos, poderá ser judiciosa a opinião dos que, como Virey, sustentão que aos povos meri-

dionaes não convem outro regimen, senão o vegetal: negamos porém que desta idéa se deva logicamente concluir que a um selvagem não era possível combater corpo á corpo com um Europeo. Não obstante não lhe serem favoraveis as experiencias do dynamometro sobre a sua força muscular, alguns se tem visto lascar com a mão leques de palmeiras, mergulhar por largo espaço, nadar dias inteiros, e cançar os mais infatigaveis andarilhos.»

Neste trecho com ser tão curto, e tomado quasi ao acaso, conhece-se nada obstante tanto a mestria do escriptor habituado a manejar a penna, como a sciencia do profundo conhecedor da indole da lingua. Não só as palavras se achão collocadas com tal arte, mas ainda as proposições dispostas em ordem tal, que da collocação de umas e da disposição de outras, resulta a maior harmonia que se podia dar á phrase para lisongear o ouvido, e fazer por este meio calar melhor o sentido em nosso espirito. Os dois primeiros periodos sobre tudo são admiraveis no effeito de sua estrutura harmonica e expressiva. Pela disposição na ordem inversa das proposições que o comportão e collocação das palavras em logar proprio, denuncia-se logo o escriptor versado na leitura dos classicos, e iniciado nos segredos da composição numerosa. A prosa tem o seu numero, assim como a poesia tem o seu metro.

Basta deslocar algumas dessas palavras, ou collocar na ordem directa alguma das proposições, que se achão

na inversa, para que desapareça logo todo o effeito harmonico da phrase. Façamos a experiencia com a primeira proposição, collocando-a na ordem directa: «Os indigenas primavão em todos estes e nos demais exercicios corporaes.» A graça desaparece toda com o numero que lhe soube dar o auctor e fica unicamente prosa ensossa. O numero é a primeira qualidade pela qual se distingue o bom do máo prosador.

Assim, si os versos não attestassem o profundo estudo que Gonçalves Dias tinha feito da lingua portugueza, bastaria a sua prosa evidentemente superior á da môr parte dos escriptores contemporaneos, seja no numero da phrase, seja na pureza da dicção, para demonstral-o a todas as luzes. É pois o grande poeta, auctor dos primeiros, segundos e ultimos cantos, um prosador tambem mui distincto, como o attestão os seus dramas, em prosa, e sobre tudo esta sua obra com que hoje me occupo, trabalho de mais vulto, e digno de figurar entre o que ha de mais bem escripto a tal respeito.

Passando, porém, da forma que reveste a obra ao que constitue a sua essencia, chamarei a vossa attenção para as judiciosas reflexões, com que o auctor termina este capitulo, que são como a consequencia necessaria dos factos mencionados, para a naturalidade e graça com que narra, para a verdade do colorido com que faz sobresahir as suas descrições, para a comparação dos factos da ordem physica e moral com outros analogos observados entre os mais povos, dan-

do assim vigor, attractivo, nobreza e auctoridade ao dizer, o qual é ponto essencial em toda e qualquer obra; pois pela mestria do estylo que deve adaptar-se completamente ao assumpto, se conhece logo a cathedra do escriptor. Sirva de exemplo disto toda a bella passagem que começa «—Si quizermos por um momento considerar qual era o viver do Tupy, os seus trabalhos, a sua organisação em republica, conjecturemos etc.», e que não reproduzo por demasiadamente extensa.

Por este capitulo podeis ajuizar do merito dos outros, porque o auctor guarda em todos a mesma maneira de escrever sem desigualdade notavel, e por conseguinte do merito de toda a obra, o qual é incontestavel, ou se attenda ao seu alcance intellectual, ou á simples execução.

Tendo aquilatado o nosso eximio poeta Gonçalves Dias tambem como prosador, e dos mais distinctos, passarei no seguinte discurso a apreciar outro notavel prosador brasileiro, o marquez de Maricá. Por hoje aqui faço ponto.

Ma

Vo
philo
o La
supe
na ar
cripto
justa
Euro
tugu
zes c
ener
Ha
mani
mava
raçõe
que

SECÇÃO SEGUNDA.

Marquez de Maricá; sua Biographia; seu livro de Maximas.

LICÇÃO LXXXVII.

Vou, Senhores, apreciar hoje um sabio e profundo philosopho moralista, o marquez de Maricá, chamado o *La Rochefoucauld* brasileiro, mas indubitavelmente superior ao moralista francez, quer na escolha, quer na amplitão applicavel de suas maximas. É um escriptor que muito honra o Brasil com seus escriptos justamente apreciados, não só entre nós, mas em toda Europa, e não tem no seu genero rival na lingua portugueza que enriquecêo com um sem numero de phrazes concisas e sentenciosas, que dão muita graça e energia ao dizer.

Ha homens que se encarregão de pensar pela humanidade, e em beneficio della: a antiguidade os chamava *sabios*, e os cercava de toda a sorte de considerações; os modernos mais apreciadores dos inventos que concorrem para a perfeição das sciencias phisicas,

não lhes teem até hoje dado um nome especial, designando-os genericamente sob o de philosophos moralistas. O marquez de Maricá pertence a esta classe respeitavel de homens superiores que pensão pelos outros homens; é um *sabio*, na acceção em que a antiguidade tomava esta palavra, e dos mais distinctos com que se honra a nossa especie.

Antes porém de apreciar a colleção de suas maximas, devo dar-vos succinta noticia de sua vida, gasta quasi toda em proveito da humanidade.

Marianno José Pereira da Fonseca, porque tal era o seu nome de baptismo, nascêo no Rio de Janeiro a 18 de Maio de 1773, e alli morrêo a 16 de Setembro de 1848, na avançada idade de 75 para 76 annos.

Foi bacharel em mathematicas e philosophia pela Universidade de Coimbra, marquez de Maricá, grã-cruz da ordem do Cruzeiro, conselheiro de estado, ministro e secretario de estado dos negocios da fazenda, senador do imperio, e um dos signatarios e redactores de nossa constituição politica.

Era filho legitimo do negociante Domingos Pereira da Fonseca, natural de Portugal, e de D. Thereza Maria de Jesus, natural do Rio de Janeiro.

A educação que recebêo foi das mais esmeradas, como o está mostrando a sua muita proficiencia nas letras, attestada pelos preciosos escriptos que nos deixou.

Mandado por seu pae para Portugal na idade de onze para doze annos, entrou em 1785 collegial no

real collegio de Mafra, onde durante tres annos estudou Latim, Rhetorica, Logica, Francez, e Grego.

O pouco tempo em que estudou tantas materias, dá testemunho do seu extraordinario talento e applicação.

Concluidos os seus estudos em Mafra, entrou em 1788 na universidade de Coimbra, onde fez exames de preparatorios para o curso juridico, mas não tendo dezeseis annos completos para matricular-se nelle, como exigião os estatutos, matriculou-se no primeiro anno da faculdade de mathematicas e philosophia, na qual tomou simplesmente o grão de bacharel, por se ver forçado a regressar ao Brasil para arrecadar a herança de seu pae, que fallecêo em 1792.

De volta ao Rio de Janeiro em principios de 1794, abriu casa de negocio deliberado a seguir a vida commercial de seu pae; mas foi prêso a 4 de Dezembro do mesmo anno, quando menos o esperava, e retido incommunicavel dous annos e sete mezes e meio; isto quando ainda se fazião prisões por occasião da projectada e extincta revolução de Minas Geraes. Ao cabo deste tempo foi sôlto por effeito de um aviso que extranhou ao conde de Rezende, que então governava o Rio de Janeiro, o havel-o por tanto tempo conservado prêso sem sentença conjunctamente com outros companheiros de infortunio. O processo nunca apparecêo; é fama que o conde de Rezende o levou consigo para Portugal, quando foi rendido.

Restituído á liberdade, e continuando em sua vida

commercial, casou em 1800 com D. Maria Rosa Barbosa do Sacramento, senhora mui distincta por suas virtudes e prendas, da qual teve um filho e quatro filhas.

O seu saber e talentos dando-o a conhecer, não só o elevárão em breve aos primeiros cargos, honras e dignidades que podem caber a um cidadão n'um paiz constitucional, mas lhe assignárão tambem um logar distincto entre os nossos melhores estadistas.

De 1802 por diante começou a sua vida pública que terminou com a existencia em 1848.

No tempo do governo portuguez exercêo diversos logares importantes, como deputado de agricultura da meza da inspecção do Rio de Janeiro, deputado da junta do commercio na sua criação pela extincção da meza da inspecção, director thesoureiro da real imprensa, sem ordenado, administrador thesoureiro da fabrica de polvora, deputado thesoureiro do tribunal do arsenal do exercito, ficando abolido o logar de thesoureiro da fabrica de polvora, censor regio por provisão do desembargo do paço. Foi no reinado de D. João VI ouvido em diversas conferencias com a assistencia dos ministros de estado, porque já então era notoria a sua capacidade como estadista.

Depois de proclamada a independencia do Brasil, foi nomeado ministro da fazenda em 13 de novembro de 1823, cargo a que o chamavão as suas incontestaveis habilitações, e de que obteve demissão em 23 de novembro de 1825. Foi durante o seu ministerio, ou

em 1824, que o Sr. D. Pedro I deo ao Brasil a liber-
rima constituição por que se rege.

Eleito senador do imperio pelo Rio de Janeiro, sua
provincia natal, começou a exercer este cargo em
1826.

Foi um dos primeiros conselheiros de estado segun-
do a constituição; e deixou de servir este emprego
pela extincção do conselho de estado em 1834, ficando
com as honras e ordenados.

Não sabemos ao certo a época em que foi nomea-
do marquez de Maricá, mas foi no primeiro reinado,
pois em 1837, quando imprimio a primeira collecção de
suas maximas, já tinha este titulo; e na nota que dei-
xou a respeito de sua vida, diz que quando lhe mor-
rêo a espôsa em 1840, morrêo dama da imperatriz e
marqueza de Maricá.

Na mesma nota diz que a fortuna que possuio,
era trigo sem joio do diabo, producto da pingue
legitima de seu pae, do seu commercio por perto de
vinte annos, como negociante, do favor divino, da sua
economia, ordem, trabalho, intelligencia; que na sua
vida pública não teve outro rendimento que o de seus
ordenados; que a sua integridade podia ser prover-
bial.

Assim este insigne varão era ornado de todas as
virtudes que devem constituir o bom cidadão, e o
verdadeiro sabio.

Os seus longos serviços ao paiz são attestados pe-
los mesmos importantes e elevados cargos que exer-

céo, tanto de nomeação do imperante, como de eleição popular, e ainda pelas honras e título com que foi remunerado por bem haver servido.

A sua reputação de estadista acha-se comprovada pela parte activa que tomou na confecção do bello código fundamental, que possuímos, um dos mais perfectos que se conhecem, e dos que tem tido mais longa duração.

Não é porém como estadista que tenho de aquilatar-o, e sim como litterato, e dos mais distinctos.

Compoz elle na sua mocidade algumas poesias soltas, que julgo nunca chegarão a ser impressas; mas o monũmento indelevel de sua gloria litteraria é o seu precioso livro de maximas, pensamentos e reflexões, trabalho de treze annos consecutivos, com que enriquecêo a nossa litteratura, tornando-a neste ponto sem rival entre todas as litteraturas modernas, porque nenhuma possui uma collecção de bellos pensamentos moraes, tão superiormente concebidos e elaborados.

Começou, como elle proprio diz, a escrever as suas maximas na idade de 60 annos, e, quando chegou aos 70, havia publicado e feito distribuir gratis quatro volumes dellas com 3169 artigos: tamanho era o desejo que nutria de que o seu trabalho fosse util á humanidade em cujo unico proveito o emprendêra! Não contente ainda com isto á todos facultou a reimpressão de sua obra.

Em consequencia desta ampla faculdade foi publicado em 1850, com a rubrica «Rio de Janeiro», mas

evidentemente impresso em Paris, um bello e grosso volume em 8.º francez que tem por titulo—*Collecção completa das maximas, pensamentos, e reflexões do marquez de Maricá*, etc. etc., e termina pelo seguinte epithaphio que para si deixou o auctor:

«Aqui jaz o corpo apenas
Do marquez de Maricá;
Quem quizer saber-lhe d'alma
Nos seus livros a achará.»

Rematarei a noticia biographica que tenho a dar-vos sobre este illustre sabio, reproduzindo o seu retrato traçado pela penna de auctor e poeta distincto, que o conheço de perto e tratou por diversas vezes.

«O marquez de Maricá (diz o Sr. Porto Alegre), era homem de estatura mediana, de modesta apparencia, de uma phisionomia grave, e de um character austero; a natureza e a sociedade havião estampado no seu aspecto phisionomico os traços caracteristicos do pensador e do magistrado, do philosopho e do diplomata, do tribuno e do burguez. Amava a conversação, a musica, e a leitura; e era difficil acompanhal-o todas as vezes que se entranhava nas grandes abstracções philosophicas: a volubildade de suas palavras, a agudeza de seu espirito e o seu genio um tanto sarcastico, o tornavão extremamente agradavel. Era apaixonado pela poesia italiana, e havia decorado os melhores pedaços do immortal Torquato.»

Ha a admirar nas maximas deste homem sapientissimo não só o vigor e a sublimidade do pensamento, que reduz a instrucção moral á sua essencia, envolvendo-a em conceitos brevissimos e aguçosos, que penetrão em nosso espirito como um raio de luz, e fazem calar nelle verdades de todo o genero, como tambem a belleza da forma com que as revestio, ou a perfeição de seu estylo conciso, energico, nobre, e sem palavra alguma inutil, ou redundante. O seu livro de maximas é um thesouro inestimavel que contém preceitos para todos os estados da vida; e devia de ser de tempos a tempos mandado reimprimir pelo governo para ser distribuido gratis pelos alumnos mais proVectos das escolas publicas, que por elle devião ler. Tal é a santidade e pureza de sua doutrina.

Tendo vos dado uma idéa succinta da vida e subido merito do auctor, passarei em outro discurso a apreciar o seu livro de maximas, que por sua importancia e perfeição merece uma analyse especial. Por hoje aqui faço ponto.

que
me
red
sua
ene
raie
atte
do
N
list:
sub
nen
exp
gos

LICÇÃO LXXXVIII.

Disse-vos eu, senhores, no meu precedente discurso que o livro de maximas do marquez de Maricá, que me proponho apreciar, era um livro precioso, porque reduzia com talento e criterio a instrucção moral á sua essencia, envolvendo-a em conceitos brevissimos e energicos que penetrão no nosso espirito como um raio de luz vivificante; e com effeito assim é, quer se attenda á substancia, quer á forma dos pensamentos do auctor.

Nenhum dos antigos e modernos philosophos moralistas se pode antepôr em realidade a este, nem em sublimidade de pensamento e santidade de doutrina, nem sobretudo em concisão de phrase e belleza de expressão. Ha contudo esta differença: entre os antigos que se davão com especialidade a este genero de

estudos, encontra elle rivaes, que se o não excedem, o igualão certamente no primeiro ponto: entre os modernos porém, cujo pendor é para as sciencias physicas, nenhum ha que se lhe equipare nem no primeiro, nem no segundo ponto.

Invenção engenhosa, elevação e fecundidade de pensamento, criterio na escolha dos preceitos, cabedal de instrucção moral e philosophica, pureza de linguagem, propriedade de dicção, belleza de forma, tudo se encontra em grão subido no livro do marquez de Maricá, que é a nossos olhos de um preço inestimavel para bem dirigir o homem em qualquer dos estados da vida. Assim grande foi o serviço, que com elle prestou á humanidade o auctor, que corre parelhas em sabedoria com os mais sublimes philosophos moralistas da antiguidade.

Ha sobretudo um ponto essencial em que o marquez de Maricá leva decidida vantagem a todos os outros moralistas, é a amplidão applicavel de suas maximas, cuja esphera nelle se dilata mais que em nenhum outro sabio antigo ou moderno. O seu livro é como um manancial inexgotavel de preceitos formulados para todos os estados e condições sociaes; nada do que pode interessar o homem escapa á fecunda perspicacia do auctor, cujo vasto espirito parece dominar o mundo moral.

Abra-se o livro ao acaso e deparar-se-ha um sem numero de verdades de todo o genero nelle consignadas pela forma a mais apropriada e bella.

Antes porém de o fazer, devo dar-vos acerca d'elle a opinião de um nosso illustrado critico.

Eil-a:

«A maxima moral (diz o Sr. Porto Alegre), aquella que é filha da verdade eterna, é um monumento que pede outro monumento em recompensa. Entre as 3169 maximas que o nosso socio honorario tirou á luz da imprensa, se encontrão algumas cujos pensamentos estão elaborados por formas differentes, e que só pedem um coordenador: mas entre ellas se acha uma grande quantidade de verdades formuladas por uma maneira original, e que encerrão, alem do seu merito intrinseco, aquellas virtudes de um estylo admiravel, cuja ordem e movimento nas idéas é tecida por uma cadêa magica, que as torna pequenos monumentos de belleza e concisão.»

Este juizo é tanto mais auctorizado e competente, por isso mesmo que, a par das bellezas, aponta os descuidos, declarando que entre as maximas do auctor se encontrão algumas, cujos pensamentos estão elaborados por formas differentes, e que só pedem um coordenador. E com effeito não é para admirar que no avultadissimo numero de 3169 apparecessem algumas repetições de pensamentos, si é que o auctor não teve em vista vestir algumas vezes o mesmo pensamento por forma differente como parece mais natural, e se inclina a crêr o mencionado critico, fazendo ver a necessidade de um coordenador para taes pensamentos.

Passarei agora a lêr-vos algumas maximas do precioso livro, para que por ellas possaes formar juizo do merito do auctor como moralista e como escriptor.

Uns homens sobem por leves como os vapores e gases, outros como os projectis pela força do engenho e dos talentos.

O interesse explica os phenomenos mais difficeis e complicados da vida social.

Não he menos funesto aos homens um superlativo engenho, do que ás mulheres huma extraordinaria belleza: a mediocridade em tudo he uña garantia e penhor de segurança e tranquillidade.

Sem as illusões da nossa imaginação, o capital da felicidade humana seria muito diminuto e limitado.

O remorso he no moral o que a dôr he no physico da nossa individualidade: advertencia de desordens que se devem reparar.

O direito mais legitimo para governar os homens he o de ser mais intelligente que os governados.

A mocidade viciosa faz provisão de achaques para a velhice.

Esperdiçamos o tempo, queixando-nos sempre de que a vida he breve.

As desgraças, que vigorão os homens probos e virtuosos, enervão e desalentão os máos e viciosos.

Um seculo censura outro seculo, como em nossa vida huma idade condemna a outra idade.

Os tufões levantão aos ares os corpos leves e insignificantes, e prostão em terra os graves e volumosos: as revoluções politicas produzem algumas vezes os mesmos effeitos.

Doe mais ao nosso amor proprio sermos desprezados, que aborrecidos.

Os homens mais respeitados não são sempre os mais respeitaveis.

Os velhos ruminão o preterito, os moços antecipão e devorão o futuro.

Na fermentação dos povos, como na dos líquidos, as escumas e impurezas sobrenadão e ficam de cima, por mais ou menos tempo, até que descem ou se evaporão.

A morte que desordena muitas cousas, coordena muitas outras.

Os homens não sabem avaliar-se exactamente: cada hum he melhor ou peor do que os outros o considerão.

As nossas necessidades nos unem, mas as nossas opiniões nos separão.

A virtude resistindo se refôrça.

No trato da vida humana he mais importante a parcimonia nas palavras que no dinheiro.

Os bens que a virtude não dá ou não preserva são de pouca duração.

A virtude he communicavel, mas o vicio contagioso.

Não podemos fitar os olhos no sol, nem o pensamento em Deus, sem que fiquem deslumbrados.

Devemos tratar os homens com a mesma cautela, resguardo e desconfiança, de que usamos em colher as rosas.

A nossa vida é quasi toda um sonho, e sonhamos acordados mais vezes do que dormindo.

Dão-se os conselhos com melhor vontade do que geralmente se accéitão.

Confiar desconfiando he uma regra muito salutar da prudencia humana.

Os arrufos entre amantes podem ser renovações de amor, mas entre os amigos são deteriorações da amizade.

Ninguém é mais adulado que os tyrannos: o medo faz mais li-songeiros que o amor.

A vaidade de muita sciencia he prova de pouco saber.

A companhia dos livros dispensa com grande vantagem a dos homens.

Os erros circulão entre os homens como as moedas de cobre, as verdades como os dobrões de ouro.

A prudencia he uma arma defensivã que supre ou desarma todas as outras.

A Religião é necessaria ao homem feliz para não abusar, e ao infeliz para não desesperar.

O orgulho pôde parecer algumas vezes nobre e respeitavel, a vaidade he sempre vulgar e desprezível.

A modestia he a moldura do merecimento que o guarnece e realça.

He necessario que nos habilitemos, para ser felizes; a felicidade sensual exige poucas habilitações; mas a moral, intellectual e religiosa reclamão um prolongado tyrocínio de saber, experiencia e virtudes.

Falsas doutrinas e máos exemplos depravão os homens e as nações.

Quando a colera ou o amor nos visita, a razão se despede.

O nascimento desigual, mas a morte iguala a todos.

Ninguém nos aconselha tão mal como o nosso amor proprio, nem tão bem como a nossa consciencia.

O invejoso é tyranno e verdugo de si proprio: elle soffre porque os outros gosão.

Sabei excusar o superfluo, e não vos faltará o necessario.

As virtudes se harmonisão, os vicios discordão sempre entre si.

Com trabalho, intelligencia e economia, só he pobre quem não quer ser rico.

Ha um mundo intellectual que não occupa lugar no espaço e comprehende o infinito.

Deixamos de subir alto quando queremos subir de um salto.

A variedade he o distinctivo da sabedoria, como a uniformidade e monotonia o da ignorancia. A infinita sabedoria de Deos se revela pela infinita variedade das suas obras e maravilhas.

Ninguem nos lisongea tanto como o nosso amor proprio, nem nos argue com mais perseverança do que a propria consciencia.

Ha muitos homens que, assim como o sol, parecem maiores no horizonte que no seu zenith ou meridiano.

O medo faz mais tyrannos que a ambição.

Em pontos de civilidade, o soberbo não paga o que deve, e exige sempre mais do que lhe he devido.

Os abusos e prejuizos nos povos são como as verrugas e lobinhos no corpo humano, ainda que feios conservão-se por ser a sua extracção dolorosa e muitas vezes arriscada.

A impaciencia, quando não remedea os nossos males, os agrava.

O arrependimento he inefficaz quando as reincidencias são consecutivas.

A philosophia desagrada, porque abstrah e espiritalisa; a poesia deleita, porque materialisa e figura todos os seus objectos. Quereis persuadir e dominar os homems, fallai á sua imaginação, e confiai pouco na sua razão.

O espirito vive de figões, como o corpo se nutre de alimentos.

A na educação consiste especialmente nos máos exemplos.

He judiciosa a economia de palavras, tempo e dinheiro.

O muito juízo he hum grande tyranno pessoal.

Trabalho honesto produz riqueza honrada.

Formão-se mais tempestades em nós mesmos que no ar, na terra e nos mares.

Os bons exemplos dos pais são as melhores lições e a melhor herança para os filhos.

Os bons presumem sempre bem dos outros: os máos, pelo contrario, sempre mal: huns e outros dão o que tem.

A moda determina as opiniões de muita gente.

O arrependimento, se não repara o feito, previne a reincidência.

Os homens sem merito algum, brochados de insignias e de ouro, são comparaveis aos máos livros ricamente encadernados.

Sciencia he poder, força e riqueza; a nação mais intelligente e sabia será consequentemente a mais rica, forte e poderosa.

Os nossos maiores inimigos existem dentro de nós mesmos: são os nossos erros, vicios e paixões.

Nada incommoda tanto aos homens máos como a luz, a consciencia e a razão.

Deos se revela em tudo e por todos. As obras de um agente são as suas revelações.

Que juizo não é necessario que tenhamos para conhecer toda a extensão da nossa loucura !

A riqueza doura a sabedoria e os talentos, mas não os constitue.

Succede aos homens como ás substancias materiaes, as mais leves e menos densas occupão sempre os lugares superiores.

Trabalhai, poupai, accumulai, sabereis quanto podeis.

O meio mais efficaz de vingar nos de nossos inimigos, he fazen-
do-nos mais justos e virtuosos do que elles.

He feliz e illustrada a velhice que chegou a conhecer e avaliar os prestigios e illuzões da vida humana, a descortinar as harmonias do universo, e a admirar em plenissima convicção a infinita sabedoria e bondade de Deos que se revela em todos os pontos do espaço e em todos os instantes do tempo, com prodigios e assombros da sua omnipotencia.

Ser religioso he o attributo mais honroso e sublime do homem sobre a terra: he por este predicado especialmente que elle se distingue de todos os outros viventes: erigindo templos e altares a Deos, tambem de algum modo se divinisa.

Dentre as maximas quevos li citar-vos-hei as seguintes que mais impressão fizerão no meu espirito seja pelo conceito, seja pela forma que o reveste, e julgo produzirão no vosso o mesmo effeito:

«Uns homens sobem por leves como os vapôres e gazes, outros como os projectis pela força do engenho e dos talentos.»

«O interesse explica os fenomenos mais complicados da vida social.»

«Não é menos funesto aos homens um superlativo engenho, do que às mulheres uma extraordinaria belleza: a mediocridade em tudo é uma garantia e penhor de segurança e tranquillidade.»

«Sem as illusões da nossa imaginação, o capital da felicidade humana seria muito diminuto e limitado.»

«O remorso é no moral o que a dor é no physico da nossa individualidade: advertencia de desordens que se devem reparar.»

«O direito mais legitimo para governar os homens é o de ser mais intelligente que os governados.»

«Um seculo censura o outro seculo, como em nossa vida uma idade condemna a outra idade.»

«Os tufoes levantão aos ares os corpos leves e insignificantes, e prostrão em terra os graves e volumosos: as revoluções politicas produzem algumas vezes os mesmos effeitos.»

«Os velhos ruminão o preterito, os moços anticipão e devorão o futuro.»

«Na fermentação dos povos, como na dos liquidos, as esumas e impurezas sobrenadão e ficão de cima, por mais ou menos tempo, até que descem e se evaporão.»

«Não podemos fitar os olhos no sol, nem o pensamento em Deus, sem que fiquem deslumbrados.»

«Devemos tratar os homens com a mesma cautela, resguardo e desconfiança, de que usamos em colher as rosas.»

«A nossa vida é quasi toda um sonho, e sonhamos acordados mais vezes do que dormindo.»

«A variedade é o distinctivo da sabedoria, como a uniformidade e monotonia o da ignorancia. A infinita sabedoria de Deus se revela pela infinita variedade das suas obras e maravilhas.»

«Ha muitos homens que, assim como o sol, parecem maiores no horisonte, que no seu zenith ou meridiano.»

«O medo faz mais tyrannos que a ambição.»

«A philosophia desagrada, porque abstrah e espi-
ritualisa; a poesia deleita porque materialisa e figura
todos os seus objectos. Quereis persuadir e dominar
os homens, fallai á sua imaginação, e confiai pouco na
sua razão.»

«Formão-se mais tempestades em nós mesmos, que
no ar, na terra, e nos mares.»

Em todas estas maximas que ficão citadas as ver-
dades são as mais incontestaveis, e, seja qual fór a sua
natureza, achão-se expressas por uma maneira origi-
nal tão concisa como brilhante, de modo que formão
sempre conceitos breves e sentenciosos, que facilmen-
te se gravão na memoria, illuminando, para assim di-
zer, o espirito.

Umás sobresaem pela belleza da comparação e dos
contrastes, como, «Uns homens sobem por leves como
os vapôres e gases outros como os projectis pela fôr-
ça do engenho e talentos», «Devemos tratar os homens
com a mesma cautela, resguardo e desconfiança, de
que usamos em colher as rosas»: outras penetrão no
espirito qual seta acerada, como, «O interesse explica
os phenomenos mais complicados da vida social», «O
medo faz mais tyrannos que a ambição»: outras bri-
lham pela comparação apropriada e collocação harmo-
niosa das palavras, como, «Não é menos funesto aos

homens um superlativo engenho do que ás mulheres uma extraordinaria belleza: a mediocridade em tudo é uma garantia e penhor de segurança e tranquillidade»: outras pelo arrojado das figuras e tropos, como, «Os velhos ruminão o preterito, os moços anticipão e devorão o futuro», «Não podemos fitar os olhos no sol, nem o pensamento em Deus, sem que fiquem deslumbrados», «Ha muitos homens que, assim como o sol, parecem maiores no horisonte, que no seu zenith ou meridiano», «Formão-se mais tempestades em nós mesmos, que no ar, na terra e nos mares: outras pela belleza da comparação e figuras de palavras, como, «Na fermentação dos povos, como na dos liquidos, as escumas e impurezas sobrenadão e ficão de cima, por mais ou menos tempo, até que descem e se evaporão»: outras pela simples verdade, e belleza do conceito, como, «Sem as illusões da nossa imaginação, o capital da felicidade humana seria muito diminuto e limitado», «A nossa vida é quasi toda um sonho, e sonhamos mais vezes acordados, do que dormindo», «A variedade é o distinctivo da sabedoria, como a uniformidade e monotonia o da ignorancia. A infinita sabedoria de Deus se revela pela infinita variedade de suas obras e maravilhas», «Um seculo censura o outro seculo, como em nossa vida uma idade condemna a outra idade», etc. etc.

Nestes pensamentos resumidos e para assim dizer apurados, é que se pode conhecer bem qual é o poder e magia do estylo sobre nós pois a originalidade e bel-

leza
lha
e c
xim
rar
ach
é o
pers
gan
moc
que
cêo
sua
E
losop
riqu
ro, e
igua
dade
subli
sim,
turez
dos
aliás
Te
quez
discu
sagra
aqui

leza da fórma com que os revestio o auctor, dando-lhes dobrado valor, faz com que melhor se insinuem e caem no nosso espirito. Ha muitos livros de maximas, mas rarissimo será o que se possa equiparar a este em merito, porque rarissimo será o que se ache escripto em estylo tão admiravel. E si o estylo é o homem, qual não seria a nobreza de character e perspicuidade de intelligencia do auctor que com elegancia e delicadeza tal se soube exprimir? De todos os modernos prosadores da lingua portugueza o Marquez de Maricá é sem duvida o que mais a enriqueção de formas concisas, como originaes e bellas em sua mesma concisão.

E se da forma elegante passarmos á substancia philosophica, que sabio profundo e ao mesmo tempo que riquissimo engenho não é o illustre moralista brasileiro, que nenhum se avantaja, e que bem poucos igualão? Qual outro prestou mais serviços á humanidade com a sua penna, pondo com tanta arte as mais sublimes verdades moraes ao alcance de todos? Assim, quer si attenda aos dotes do estylo, quer á natureza e valor dos productos do engenho, é este um dos mais distinctos escriptores do seculo XIX, que aliás tantos conta de subido merito.

Tendo apreciado o nosso profundo moralista, Marquez de Maricá, em seus escriptos, passarei em outro discurso a avaliar nos seus o nosso distincto orador sagrado, Frei Francisco de Monte Alverne. Por hoje aqui faço ponto.

Pro

do
ciso
San
E
ven
mor
mo
de c
Ant
sua
a-gi
e do
circu
mais
Os s

SECÇÃO TERCEIRA.

Frei Francisco de Monte Alverne; sua Biographia; seu Sernonario.

LICÇÃO LXXXIX.

Tenho, senhores, de apreciar hoje um orador sagrado dos mais distinctos por sua eloquencia, Frei Francisco de Monte Alverne, franciscano da provincia de Santo Antonio do Rio de Janeiro.

É um vulto grandioso de cenobita que vive ainda venerado e estimado pelas suas virtudes e talento na memoria de quantos o virão e ouvirão; é um solitario da moderna Thebaida, que pelo ascetico da vida e pureza de costumes nos desperta a idéa dos da antiga—Bazilios, Antões e Pacomios; é um ministro do pulpito que por sua palavra irresistivel e rasgos sublimes nos retraca a gigantesca imagem dos Chrisostomos, dos Bossuets, e dos Vieiras; é o genio da oratoria involto no burel e circumscripto ás quatro paredes de uma cella, por elle mais illustrados que a purpura e os palacios dos reis. Os seus discursos sagrados, que parecem de um verda-

deiro inspirado, pela fecundidade engenhosa, enthusiasmo, e unction, que os caracteriza, são mananciaes inexgotaveis em que se pode beber a eloquencia, que manava á jorros de seus labios, e outros tantos modelos de estudo para os que se propõe o ministerio do pulpito, seja pela substancia succulenta e argumentação vigorosa, seja pelo movimento e lampejos oratorios, seja pela cópia da dicção e bellezas de estylo.

Vou dar-vos, em phrase succinta, o que mais vos pode interessar de sua vida toda monastica, e consagrada ao estudo e solidão.

Nascôo frei Francisco de Monte Alverne, cujo nome de baptismo era Francisco José de Carvalho, na cidade do Rio de Janeiro a 9 de Agosto de 1784, e morrêo na de Nitheroy a 2 de Dezembro de 1838, com 74 annos de idade, dos quaes vivêo 57 no claustro.

Era filho legitimo de João Antonio da Silveira, natural da Ilha do Pico, e sua mulher D. Anna Francisca da Conceição, natural do Rio de Janeiro. O appellido de Carvalho que lhe puzerão seus paes, ou elle tomou para si, e que pela ventura era o de algum de seus ascendentes, faz suppôr ao Sr. Antonio Feliciano de Castilho, amigo e biographo do auctor, que a sua linbagem não era das mais esclarecidas. Seja como fôr, o que é certo é que assás a illustrou elle com seu nome, um dos mais distinctos da república das letras.

De sua educação na casa paterna, ou de seus primeiros estudos, nada consta, mas é evidente terem

sid
ex
nas
to
acr
e a
mã
ção
Alv
N
ser
pou
sua
noti
Sr.
«
Jane
a co
Frei
dens
desp
S. Pa
legic
1818
theo
guar
em
lente
dian

sião aproveitados, pois forão os antecedentes de uma existencia tão nobre como scientifica.

Possuido da mais ardente vocação para a vida monastica, entrou aos 17 annos de idade para o convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro, então mui acreditado pelas letras de alguns de seus membros; e ali a 28 de Junho de 1801 recebeu o habito das mãos do provincial. Frei Francisco de Santa Berna Monção, e adoptou o nome de Frei Francisco de Monte Alverne, que tanto devia illustrar depois.

No claastro completou os estudos que começara no seculo, e por maneira tão distincta, que dentro em poucos annos vio-se elevado aos principaes cargos de sua ordem, de que foi o principal ornamento. Eis a noticia que a tal respeito se encontra na apologia do Sr. Castilho:

« Collegial no convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro em 1804, parte Monte Alverne para São Paulo, a continuar os seus estudos com o famigerado theologo Frei Ignacio de Santa Justina; em 1807 inicia-se nas ordens sacras; em 1808 recebe o sacerdocio; em 1810 é despachado prégador e lente substituto no collegio de S. Paulo; em 1815, lente de philosophia no mesmo collegio; em 1816, prégador regio e lente de prima; em 1818, examinador da meza da consciencia e ordens, e theologo da Nunciatura Apostolica; em 1819 é eleito guardião do convento da Penha no Espirito Santo; em 1821 confirma-lhe a ordem todos os privilegios de lente de prima, acrescentando-lhe os de uma nova guardiania; em 1824 é elevado unanimemente á secreta-

rio da provincia franciscana; em 1825, a custodio; em 1829 é nomeado por uma honrosa provisão do bispo do Rio de Janeiro mestre de Rhetorica e supplente de todas as mais cadeiras do seminario de S. José, e depois examinador synodal; em 1836 cêga de amaurose, em consequencia da excessiva leitura; em 1841 é jubulado no logar de lente. À estas nomeações acrescêrão as de socio de diversas sociedades litterarias nacionaes e estrangeiras. «

Foi não só um dos mestres mais abalisados, mas um dos prégadores mais eloquentes, que teve a sua ordem, aliás tão fecunda n'aquella quadra em bons theologos, e oradores. Quando em 1816 foi nomeado prégador regio brilhavão com bem merecida reputação na tribuna sagrada do Rio de Janeiro, S. Carlos, Frei Francisco de Sampayo, monsenhor Netto, e o conego Januario; com todos esses gigantes da oratoria, como elle lhes chama, teve de lutar; e a todos eclipsou por sua eloquencia, que logo o assignalou como o primeiro entre oradores tão distinctos.

Não será fóra de proposito ouvir da propria boca d'elle qual era o estado de esplendor a que se achava a eloquencia do pulpito no Rio de Janeiro, quando a familia real portugueza veio residir no Brazil, ou em 1808.

«A fundação da capella real do Rio de Janeiro (diz no discurso preliminar ao seu sermonario), monumento immortal da piedade do Senhor D. João VI, foi a arena onde se mostrou em toda a sua pompa o genio brasileiro. Oradores acostumados aos triumphos do

pulp
ani
ganh
acor
dent
eloq
do o
atlan
da d
argu
a do
encar
pensa
Camã
todos
O Se
no R
não l
Quan
factos
poder
dio d
nado
do R
co de
Tal
lhanti
prime
escrip

pulpito erão rivalisados por jovens prégadores, que, animados com as suas primeiras victorias, ardião por ganhar novas corôas. Era então a época dos grandes acontecimentos; e os successos, que se reproduzião dentro, e fóra do paiz, offerecião amplos materiaes á eloquencia do pulpito. Nós podemos affirmar com todo o orgulho da verdade, que nenhum prégador transatlantico excedêo os oradores brasileiros. A riqueza da dicção reunia-se á pureza do estylo, e á fôrça da argumentação; e, para que não faltasse uma só belleza, a doçura, e amenidade da expressão augmentava os encantos, e a magia da acção. Assim verificou-se este pensamento de um escriptor francez: Que a lingua de Camões, pronunciada por um brasileiro, devia realisar todos os prodigios, e todas as seducções da harmonia. O Senhor D. João VI costumava dizer, que elle possuia no Rio de Janeiro uma selecção de prégadores, que não lhe permittia lembrar os que deixára em Portugal. Quando algum escriptor quizer um dia descrever os factos mais notaveis, que assignalárão aquella época, poderá dizer com o velho Chactas, no sublime episodio do Atalá, fallando de sua viagem á França no reinado de Luiz XIV, que elle assistio ás festas da côrte do Rio de Janeiro, e ás orações funebres de Frei Franco de Sampayo.»

Tal é a verdade historica no que se refere ao brilhantismo litterario desta época, attestada não só pelo primeiro atleta das lides oratorias, como por todos os escriptores contemporaneos.

Mas privado da vista, e por consequente do meio de continuar os seus estudos habituaes e exercícios oratorios, recolhêo-se inteiramente ao silencio de sua cella o illustre cenobita, que havia admirado o mundo com a torrente de sua caudal eloquencia, e desde então não encontrou mais na solidão do claustro, e nas tribulações de espirito, outra consolação senão a que offerece a religião ás almas elevadas e resignadas. Deixo á vossa consideração avaliar qual não seria para um homem acostumado aos triumphos do pulpito, e amante da gloria, como todos os talentos superiores, a dor de ver-se em todo o vigor da sua intelligencia privado da possibilidade de alcançar novas corôas por meio da palavra que lhe assignalava um logar eminente entre seus émulos. Si o orgulho era o defeito deste grande homem, como querem alguns de seus biographos, assás longa e cruel foi a expiação que por elle soffrêo com tão funesto accidente.

Depois da perda da vista que o sequestrára do pulpito, dezoito annos vivêo Monte Alverne unicamente das recordações do seu passado glorioso, mettido no recanto de sua cella, e completamente ignorado do mundo que o admirára e então o esquecia, até que em 1854, quando prefazia 70 annos de idade, por convite de S. M. Imperial, o Senhor D. Pedro II, se reerguêo do tumulo em que jazia em vida, para prêgar na festa de S. Pedro de Alcantara, celebrada na capella imperial. Eis como o Sr. Porto Alegre descreve esta scena tão patetica como grandiosa.

«Um numeroso e intelligente auditorio (diz este) se premava em todo o âmbito da capella imperial; uma côrte luzida pautava as alas do templo; os corredores, as escadas, e todo o adro externo se povoava de espectadores desensofridos, de homens, de mulheres, que vinhão assistir a essa resurreição, a essa nova vida da palavra sagrada! Os velhos choravão, e como que remocavão aos assaltos de suas reminiscencias, e os moços tambem choravão á vista d'aquelle sublime representante de tantas glórias, daquelle antigo proprietario de tantas ovações e do apparecimento de um homem, cujo nome vagava entre nós como a sombra de um gigante.»

.....

«Pulpito, templo e elle formavão uma só massa, uma só figura, um gigante, que elevado a uma esphera superior, dominando todas as intelligencias que o escutavão, parecia desprender de seus labios uma aurora de harmonias, um lume ainda não admirado. A geração, que o escutava, na immobildade de sua admiração como que se achava anniquilada diante d'aquellas proporções gigantescas, d'aquelle voz radiante, exhumada da obscuridade do claustro, e offerecida ao sol da intelligencia, como um primor de Phidias recuperado, como outr'ora Laocoon diante do qual a multidão de artistas do seculo de Leão X parecia desanimada!»

.....

«O seu gesto era a estatura do pensamento que o

animava, as suas mãos fallavão e escrevião, a sua voz repercutia em todos os corações!»

Um anno depois, por occasião da festa de S. Francisco de Assis, fundador da ordem seraphica, o soberano visitava em sua cella o illustre solitario, e o brindava com a cadeira do grande Anchieta, reliquia preciosa, e dadiua digna de quem a fazia, e de quem a recebia.

Nos ultimos annos de sua attribulada vida tornou-se este insigne varão, alem de cego, surdo, e ia morrendo como aos poucos, quando no ultimo de Novembro de 1858, achando-se em Nitheroy a tomar ares foi acommettido de uma apoplexia fulminante, de que fallecêo ao cabo de dous dias. Já anteriormente no convento de S. Antonio tinha soffrido um ataque de paralytia ao recolher-se de um passeio: era como o prenúncio do seu proximo fim.

Fizerão-se-lhe, por ordem do Senhor D. Pedro II, honras funebres como a um príncipe. O seu corpo foi embalsamado, transportado para o Rio de Janeiro em uma das galeótas imperiaes, e recebido ao desembarcar por quanto havia de mais distincto na côrte; a chave do seu caixão foi entregue, para Sua Magestade, ao mordomo da casa imperial; a sua cella foi fechada com a sua cadeira vasia ao lado da de Anchieta, e assim permanecerá.

Eis o seu retrato traçado pela habil penna do Sr. Porto Alegre:

«Era de estatura alta, fronte espaçosa, olhos gran-

des, magro e de movimentos rapidos: seu aspecto venerando; seu ar inspirado; assemelhava-se ao infeliz Savonarole, em quem, diz Michet, residia o espirito dos prophetas. Affavel e cortez em seu trato familiar, discutia raras vezes com calma, e frequentemente com paixão.»

«Segundo o Sr. Castilho, tres affectos mundanos conviverão sempre em Monte Alverne com os da piedade, e até por elle se acrysolárão: o amor da familia, o amor da patria, o amor da humanidade. Foi frade sem deixar de ser filho; foi frade sem deixar de ser cidadão; foi frade em deixar de ser homem. Antes o filho, o cidadão, e o homem ficarão resplandecendo mais, transfigurados mysticamente no cenobita.»

As suas obras oratorias imprimio-as elle já no tempo de sua cegueira, servindo-se para a correcção de mão estranha, mas amiga, que o fazia sob sua direcção e dictado. Constão ellas de quatro volumes em oitavo francez publicados no Rio de Janeiro em 1853, sendo o primeiro precedido de um bello discurso preliminar.

Tendo-vos traçado a grandiosa figura do orador sagrado Monte Alverne tanto nas principaes circumstancias de sua vida, que deixo especificadas, como na idéa geral, que vos dou do seu prodigioso talento, passarei em outro discurso a apreciar-o analyticamente em um dos seus melhoes sermões, fazendo por hoje aqui ponto.

A
os
era
thn
tura
fab
pre
que
esta
eloc
esp
llie

LICÇÃO XC.

A eloquencia sagrada ou do pulpito, que versa sobre os assumptos mais augustos e sublimes da religião, era completamente desconhecida pela antiguidade ethnica ou pagã, que deificava tudo quanto existe na natureza, ou tudo quanto é obra do Creator, e cujos fabulados numes com seus suppostos attributos se não prestavão a concepções oratorias de ordem elevada, quer no pensamento, quer nos affectos. Bem longe estavão Cicero, Demosthenes, e Eschines, modelos da eloquencia da tribuna profana, de suspeitar esta nova especie de eloquencia, cuja creação e existencia futuras não podião passar então pelo espirito, porque fo-

rão o resultado de uma grande revolução no mundo moral operada por Christo ou pelo proprio Deus.

A eloquencia dos oradores sagrados só começou a florescer com o apparecimento e propagação do christianismo, cujas sublimes verdades, pathetico grandioso, pureza e santidade, ministrão materia á toda sorte de concepções oratorias da ordem a mais elevada. Antes disso a eloquencia só tinha por objecto assumptos puramente humanos, sem elevar o nosso espirito a Deus.

Nos primeiros tempos do christianismo muitos forão os padres da igreja que brillarão por sua eloquencia; e entre os mais distinctos contão-se os Agostinhos, os Ambrosios, os Gregorios Naziazenos, e os Chrisostomos. Nos tempos modernos forão verdadeiros lumes de eloquencia entre os Francezes—Bossuet, Massilon, e Bourdaloue; entre os Portuguezes—o Padre Antonio Vieira; e entre nós, depois de nossa existencia politica como nação, Frei Francisco de Monte Alverne, com quem me vou hoje occupar, apreciando-o em um dos seus melhores discursos sagrados.

Antes porém de o fazer devo reproduzir o que diz com justiça deste nosso eloquente orador e seus sermões a *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil* nos seguintes termos:

«O mestre de tantos mestres está acima dos elogios que poderíamos fazer á sua obra: a impressão que ella produzio no espirito público já assellou o seu merito: ninguem houve que não admirasse a phrase castigada, o estylo correcto, a inspiração nunca amortecida, a illus-

tracã
das
gad
pre
infla
lho r
em r
guen
de F
ao m
losop
Es
ctor,
granc
nas i
thusia
estyl
sua e
que t
me, a
mais
ra, qu
magnã
mirava
se enc
dem s
Den
minha

tração sempre abundante, a propriedade e brilhantismo das imagens, a argumentação energica do grande prégador brasileiro: ninguem houve que não se deixasse prender á sua eloquencia arrebatadora, que ás vezes inflamma como o raio, ás vezes suavisa como o orvalho matutino, e acaba sempre por accender a esperanza em nossa alma, e entornar a fê em nosso coração: ninguem houve finalmente, que ao ler as obras oratorias de Frei Francisco de Monte Alverne não conversasse ao mesmo tempo com um padre sabio, com um philosopho profundo, e com um poeta inspirado.»

Este juizo em nada desdiz do merito real do actor, que possúe todas as qualidades que constituem o grande orador, como riqueza de engenho, elevação nas idéas, vigor de raciocinio, facundia natural, enthusiasmo nunca desmentido, propriedade de dicção, estylo fluente, imaginoso, e cheio de magestade. A sua eloquencia é verdadeiramente arrebatadora, porque tem origem nas duas principaes fontes do sublime, a elevação do pensamento, e o pathetico, bem que mais domine nelles o sublime proveniente da primeira, que da segunda. Verdadeira inspiração, rasgos magnificos, movimento oratorio, energia, pinturas admiraveis, arrôjo de figuras, nobreza, elegancia, tudo se encontra nos seus discursos, muitos dos quaes podem servir de modelo no seu genero.

Dentre os seus sermões escolherei para objecto de minha analyse um dos mais notaveis, o que fez sobre

a incredulidade, e que passarei a ler-vos para que possaes ajuizar de sua eloquencia.

Hæc cogitaverunt, et erraverunt; excœcavit enim illos malitia eorum.

Os peccadores formáram estes pensamentos, e enganárão-se; porque sua malícia os cegou.

Sabedoria, C. 2, V. 21.

Não era preciso ir mais longe, para revelar os mysterios tenebrosos desta philosophia impia, que tinha achado o segredo de corromper o coração, e o espirito, para levantar uma barreira contra os progressos do Christianismo. Seria haldado todo o empenho das paixões para apagar a letra immortal gravada em nosso rosto; a mão do homem não ousará jámais abalar a pedra, sobre que descança a obra dos seculos; mas o genio da revolta subtrahio á Fé milhares de seus filhos, lisongeando seus sentidos, e oppondo á regidez da moral o encanto, o attractivo, e as seducções do prazer. *Hæc cogitaverunt, etc.*

Esta árvore funesta, cujos fructos envenenados fizerão morrer a geração, que a vio nascer, reverdece a despeito dos esforços reiterados, e victoriosos da Religião, que a desganhára, que a cortára mesmo. Novos filhos da orgulhosa Babilonia reproduzem seus combates, e ameação depois de tantas derrotas quebrar as columnas, que sustentão o edificio eterno. A bêsta de dez pontas se levanta sobre as ruinas da Revelação, e da moral universal; e marcha á testa de suas cohortes para esmagar a Esposa de J. C. — Eu von fallar sem figuras. Uma soita funesta, depois de suffocar todos os principios da Revelação, assoalha maximas subversivas da sã doutrina. Rebelde ás leis, que contrarião seus desejos, e envenenão sua alegria, corrompe uma mocidade ignorante, e sem educação: e forte em seu numero, e ainda mais forte em sua audacia, ameaça os restos da sociedade christã; eobre de vilipendio os ministros da Religião; zomba de nossos mais altos mysterios;

insulta a magestade do culto; despreza nossos Sacramentos; e procreve a existencia de Deos, e a vida futura. *Hoc cogitaverunt, etc.*

À vista d'uma desordem, que torna-se cada vez mais contagiosa, poderíamos guardar um silencio criminoso? E quando o inimigo está às portas, e ousa invadir a cidade Santa; quando a impiedade canta ufana seus triumphos sobre as ruinas da Religião, deixaremos de levantar nossa voz com medo de suas blasphemias, e suas ameaças? Seguro da verdade d'uma Religião divina, eu me apresento hoje no meio de vós, para rasgar a venda fatal, que cega o impio, e o incredulo; e fazê-lo córar de pejo, e de vergonha, manifestando a fraqueza de seus principios, e humilhando sua arrogancia, e seu orgulho. Não me condemneis, ó meus irmãos, porque pareço offender a vossa piedade, procurando sustentar a Fé no meio d'um auditorio christão. Avaliai-me como eu mereço: não penseis, que eu julgo a todos, infieis às promessas do baptismo, que vos alistou na santa Familia de J. C.; mas ha por ventura entre vós um só, que não seja testemunha dos ataques dirigidos todos os dias contra a Religião? Ha entre vós um só, que não ouça nos lugares publicos, nos jantares, nas mais pequenas reuniões, difficuldades, e objecções, que tem por fim abalar os mais solidos fundamentos, em que está firmado o Evangelho? Se felizmente não tendes cedido às seducções d'esses infelizes, que procurão sacudir o jngo da Religião para viver entregues às suas paixões, e que, não contentes de provocar a vingança divina, calcando os elementos da moral observada por os mesmos Pagãos, procurão arrastar-vos na sua prevaricação para lisongear sua vaidade: vós encontrareis no meu discurso não só luzes has'tantes, que illustrem a vossa Fé, mas ainda razões, que vos habilitem a repellir as maximas execraveis, com que esses homens do peccado procurão roubar o dom mais caro, e mais precioso, que possuis sobre a terra, a vossa crença. Mas, se alguns desses impios existe no meio de nós, reconhecerá qual é a verdadeira causa desta incredulidade, a que desgraçadamente se tem abandonado. Quem quer

porém, que vós sejaes, reflecti na vossa vida. Ha no crime uma circumstancia bem terrivel, e bem assustadora, e vem a ser, que depois de nos ter deixado arrastar de toda a sorte de excessos, e de nos engolfar nos prazeres, quasi sempre cahimos nesta incredulidade positiva, o ultimo dos flagellos do Senhor, que fatigado do abuso, que fazemos de suas graças, arranca de nosso coração por um segredo de sua justiça o derradeiro sentimento de nossa Fé, da qual só pendem os meios de nos reconciliar com Elle. Impios, vós sereis expostos á luz fulminante da Revelação, e da razão pública, e forçados a vergar diante do tribunal inflexivel da Religião! Peccadores, vós temereis á vista do abysmo, que vossas desordens cavão debaixo de vossos pés, fechando todos os caminhos da conversão! Ó Deos! os gritos da Religião opprimida, e enxovalhada, chegam ao vosso Throno! Dai á minha voz o ruído espantoso do trovão, e penetrai os corações dos que me ouvem do terror de vossos juizos.

É sem duvida um dos mais bellos caracteres da Divindade da Religião submetter-se ás mais fortes discussões, e não temer as provas mais difficéis e as mais sublimes indagações. Filha da Luz increada, a Religião de J. C. desceu do seio do Eterno com todo o brilho, e toda a magnificença da Sabedoria Divina; producção immortal do Todo Poderoso, ella não temeu as investigações da sabedoria humana, e as conjurações da impiedade. Serião ainda hoje um mysterio incomprehensivel á razão, e ao bom senso, os systemas tenebrosos desta intelligencia tão gabada do homem, empenhada em arruinar a obra mais bella, mais sublime, e mais primorosa do Omnipotente, que, na profundidade dos seus conselhos, traçara o código mais bem organizado, e mais harmonioso de que todos os systemas do mundo; se as empresas sediciosas do crime não trabissem ellas mesmas sua causa, e seus proprios interesses.

Cercada da magestade de seus mysterios, precedida por pompa

dos Patriarchas, e dos chefes das familias mais respeitaveis do Universo, annunciada por os oráculos mais famosos, a Igreja de J. C. se levantou sobre as ruinas dos imperios, segundo a predicção de seus Prophetas; apagou o brilho do Lyceão, do Portico, e da Academia; zombou da politica dos Romanos; fez emmudecer os philosophos; resolveu os problemas mais difficeis da natureza, e dos destinos do homem; e á testa de milhões de martyres proseguio sua marcha triumphante desde as planicies da Syria além das ilhas do Atlantico, e das cataratas do Nilo, até os mares gelados do polo.

Porque motivo, pois, apparecem hoje estas novas cohortes armadas com as armas da impiedade, para promover a ruina d'uma Religião, vencedora da philosophia, e da prepotencia dos principes da terra? Como e crível, que o homem tenha podido encontrar nòdoas nas roupas sumptuosas da augusta filha do principe, que foram purificadas no sangue do Cordeiro, e sahirão mais brilhantes do que a prata, levada ao cadinho sete vezes? Chegou o tempo desgraçado, em que se devia levantar do seio mesmo da Igreja, segundo a predicção do Apostolo, uma sociedade de falsos prophetas, que seduzirão os povos, e estenderão um véo sobre seus olhos para não verem a verdade. Novos discipulos de Epicuro invectivão os ministros da Religião, porque envenenão com os tristes pensamentos da vida futura prazeres, de que gozão nesta vida. *Qui dicunt videntibus nolite videre.* Inimigos irreconciliaveis da verdade, elles nos instigão para que atraicemos o nosso ministerio, occultando a seus olhos os preceitos sevcros da moral christã, e os castigos eternos, que aguardão seus infractores. *Loquimini nobis placentia: videte nobis errores.* Elles pretendem, que roubemos de sua lembrança a idéa de um Deos vingador dos crimes do homem; e que deixemos de propugnar por os interesses da Fé. *Auferite à me viam, declinate à me semitam.* Pouco importa, que sejamos complices de suas prevaricações, contanto que encantemos sua imaginação com os quadros risonhos de um Deos, indifferente para as acções do homem, cheio de condescendencia

com as suas paixões, e tão dissoluto, como os Deoses do paganismo: *Cesset à facie nostra Sanctus Israel.*

Uma liberdade desenfreada insulta nossas maximas as mais veneráveis; nossos mais respeitáveis Mystérios são o objecto das conversações ordinarias, e o motivo das zombarias de moços libertinos, a quem as desordens de sua vida aparta dos mais pequenos empregos. A incredulidade contamina todos os estados: seus escriptos soprão o contagio de todas as partes: os pais abandonão a educação de seus filhos; e dão o exemplo funesto de sua indiferença para a Religião. A esposa persuade-se, que seu gosto é a regra de seus deveres; a virtude é desprezada, e o vicio recebe as homenagens, e a consideração da virtude; a Fè enfraquece todos os dias; e no fim de alguns annos veremos uma mocidade, que nem conhecerá o primeiro Autor, e Conservador de sua existencia; perguntaremos a um menino, que Religião professa, e elle responderá que não sabe: a herva crescerá nas portas dos nossos templos, e os animaes immundos virão pastar nos mesmos lugares em que os Fieis recebem hoje o pão da vida.

Quaes poderão ser as causas, que forcem o impio a abjurar sua crença antiga; menos apreciar a religião em que foi educado; alterar as primeiras lições de sua mocidade; e proserver a convicção de todos os sabios do Universo? Essas miseraveis compilações, que formão todos os seus conhecimentos; esses dictionarios, em que está impresso o cunho da má fé, da ignorancia, serão capazes de vos deixar indecisos sobre a verdade d'uma religião, e d'uma religião tão bem fundada, como o christianismo; poderão contrariar tantas provas, tantos exemplos, e tantas auctoridades; e desmentir uma tradição de dezoito seculos? Todas essas difficuldades, que alegão, não poderão suspender o estabelecimento da fé em todo o mundo; e terão força para destrui-la em o vosso coração? Este Evangelho, victorioso de todos os antigos philosophos, será abolido entre vós por os delirios desses apostolos da impiedade, que nada dogmatisão, que não tenha sido confutado?

Eu quero suppôr com vosco, que tudo acaba na morte; que não

existe um Deos, e uma eternidade, como os impios affirmão todos os dias; por ventura a idéa de um Ser-Supremo não é uma origem de consolação, que falta áquelle, que, julgando-se só neste mundo, não encontra algum confidente de suas penas? Não é um orgulho, verdadeiramente digno da virtude, poder dizer a Deos: Ó Vós, que lêdes no meu coração, Vós vêdes, que eu uso, como alma forte, e como homem justo, da liberdade, que me destes? Quero ainda admitir, que todos os princípios da Fé apparecerão um dia despojados de todos os seus prestígios; que todo o apparato da Religião se dissipará na morte, como um sonho; mas perdeis alguma cousa na vida respeitando esses princípios? Não adquiris ao contrario o respeito, e o louvor, que a virtude obtem, a despeito mesmo do mundo? Privando-vos desses gozos desordenados, a que a Religião se oppõe com toda a sua inflexibilidade, não vos livraes dos trabalhos, das miserias, da deshonra, e dos cuidados, que as paixões arrastão apòs si?

Qual será porém vosso destino, quando vossos olhos abertos a luz, que então fugirá de vós, descobrirem em toda a sua pompa esta Religião, que julgaveis uma fabula? Qual será a vossa sorte, quando todas estas verdades, que o vosso coração abandona agora, se levantarem de repente diante de vós, para vos julgar? Que horror, quando desenganados de vossas vaidades, fórdes obrigados a exclamar: *Ergo erravimus à via veritatis!* Desgraçados de nós! estavamos na estrada segura da virtude, e a abandonámos para nossa perda!... Tinhamos em nossas mãos o archote, que nos devia illuminar, e conduzir; e apesar de termos os olhos abertos, nos desviámos do caminho, e nos precipitámos no abysmo!...

Mas, que necessidade tenho eu de empregar os recursos da argumentação, quando nossa propria consciencia advoga a causa da Religião, e da moral, apesar de todo o orgulho da philosophia, e todo o furor das paixões? Para que procurar convencer a razão, quando a crença do genero humano, quando o sentimento interior de cada um homem reclama irrefragavelmente a existencia d'uma

eternidade, e uma justiça imparcial, que sabe recompensar os esforços da virtude, e castigar as transgressões da lei? Nós podemos dar á aquelles, que todos os dias assoalhão duvidas contra a Religião, e ousão aclar contradicções no systema sublime da Fé, esta mesma resposta de Tertuliano aos pagãos, que sem cessar offerecião objecções contra os nossos veneraveis Mystérios: Elles combatem o que não entendem, atacaõ o que não examinarão jámais, e só conhecem por um — ouvi dizer —. Elles maldizem o que ignorão, e o ignorão, porque seu odio lhes impede conhecer, e profundar. Rai-vos por não poderem quebrar o freio, que os subjuga, elles vomitão blasphemias contra uma Religião, que combate o vicio, e aterra o impio com a lembrança d'uma vida futura: *Mallant necesse, quia jam oderunt.*

Mostrai-me, dizia Santo Agostinho, e eu vos faço hoje o mesmo desafio, mostrai me um homem perfeitamente sabio e virtuoso, que seja casto, sóbrio, desinteressado, ou, para fallar mais coherentemente, um homem, que tenha sempre reunido estas qualidades, e recuse acreditar a Religião; e então confessarei, que as desordens de sua vida não influirão na sua incredulidade.

Mas debalde vos fatigareis em procurar uma prova tão decisiva, continúa Santo Agostinho, porque é incompativel com a virtude o desprezo d'uma Religião, que é o penhor mais seguro da pureza dos costumes. Não, não o duvideis, não é a força do espirito, não é a razão, e ainda menos a convicção, que vos arrasta á incredulidade; é a cobardia d'um coração corrompido, que não, ousando vencer suas vergonhosas inclinações, nem podendo supportar a vista de seus crimes, nem encarar as ameaças terriveis da eternidade, cuja certeza não pôde anniquilar, foreja por distrahir-se de seus terrores, repetindo sem cessar: que não ha inferno, que tudo acaba na morte. São como estes viandantes, que, tendo medo da noite, caminhão cantando, para animar sua coragem, e enganar o pavor, que os domina. E quando não, dizei-me com ingenuidade, e com franqueza: Se esta Religião, que provoca vossos rancores, pudesse adoçar a severidade de suas maximas; se, por

exemplo, não fosse necessario para ser Christão, nem penitencia nem mortificação dos sentidos; se por ventura não fosse preciso, para merecer os osculos da Fé, dissolver o commercio illicito, que vos seduz; acabar com os excessos vergonhosos, que absorvem vosso tempo, vossos bens, e põem á risco vossa honra, e vossa saúde; proscreever as sociedades perigosas, em que viveis, e abraçar um genero de vida, que contraria vossas inclinações, se o Evangelho não condemnasse o mundo, e não houvesse inferno, e penas eternas; deixariéis de abraçar a Religião christãa com todo o transporte, e toda a devoção? Estes mysterios, a quem imputaes vossa incredulidade, serião um obstaculo para reunir-vos em seu seio? Duvidariéis reconhecer a divindade d'uma Religião tão antiga, tão respeitavel, tão bem provada, que não ataca as paixões, que não vos dizia algum medo, e vos nutria das mais li-songeiras esperanças? Sem duvida que não: eu ouso prevenir vossa resposta. Não é pois a obscuridade, ou a sublimidade dos mysterios da Religião, que vos escandalisa; é a santidade, é a severidade de sua moral, que vos revólta: vós sois descontentes de suas provas, porque sois espantados de seus dogmas: vós sois incredulos, porque sois viciosos.

Ô transtórno da razão do peccador! É preciso que um Deos seja excluido do numero dos Seres, porque se existe um Deos, o peccador é desgraçado!... É forçoso que a redempção do genero humano, a Incarnação do Verbo Divino, sua Cruz, sua morte, e sua resurreição sejam fabulas, porque, se tudo isto é verdade, o peccador é um ingrato!... Convem que o Evangelho, e suas maximas, o jejum, a abstinencia, a confissão, e os outros Sacramentos sejam partos da imaginação e da impostura, porque sendo obra de um Deos, e deveres impostos ao homem, o peccador é um insensato, é um rebelde!... É mister que o inferno, e seus fogos sejam vãs puerilidades, porque tendo uma existencia, serão a partilha do peccador!...

Triumphai, impios; cerrai vossos olhos á luz, que não cessa de illuminar-vos. Zombai dos principios mais sublimes da Fé, no

meio das delicias da mesa, entre os companheiros de vossas dissoluções; insultai a Divindade, quando a saúde vos anima, e o sangue escaldado por o vinho borbulha, e ferve nas vossas veias. Eis—aqui o Senhor, que bate com força á vossa porta de barro. Chegou o fim, diz o Senhor por Ezequiel, o fim chegou, agora o fim está sobre ti: *Finis venit, venit finis, nunc finis super te. A* justiça, que julgavas adormecida, acordou contra ti: ella está á tua porta: *Erigilavit adversum te: ecce venit.* Todos os horrores da eternidade te pareião sonhos vãos; tu dizias, que minhas ameaças se guardavão para muito tarde; eu agora te ferirei de perto; amontoarei todos os teus delictos sobre a tua cabeça; e tu saberás, que eu sou o Senhor que te firo: *Et imponam tibi omnia scelerata tua, et scietis quia ego sum Dominus percutiens.*

Correi ao leito de suas dores; véde com que humildade protesta sua convicção este Espirito forte, que nos circulos mais brilhantes menosprezava o Deos de seus pais! Ministros do Senhor, não temais apparecer diante deste frenetico, que ainda hontem nos tratava com tanta ignominia, e proclauava, que nós eramos inúteis, e pesados á sociedade. Não é já o pretendido philosopho, que nos chamava fanaticos, e tinha jurado romper todas as relações com as pessoas de nossa classe; é um homem convencido de suas iniquidades, certo destas mesmas verdades, de que escarnecia na effervescencia das paixões. Véde como está carregado de reliquias dos Santos!... Elle, que desdenhava destes amigos de Deos, que negava a existencia da outra vida, quer entrar agora no seu nada com estes testemunhos d'uma vida futura!...

Era nesta occasião, que eu quizera dirigir-me a este peccador, a ponto de entrar no seio da eternidade, e obriga-lo a fallar em meu lugar contra a incredulidade. Era neste momento que eu quizera reunir todos os incredulos em torno do seu leito; e para confundi-los com uma prova irrefragavel, dizer com Tertulliano: «Ó homem, antes que vossa alma se retire da casa de barro, a que está unida, soffrei, que vos chame á testemunho: *Consiste in medio, anima.* Fallai neste derradeiro momento, em que só a verda-

de tem imperio sobre vós; dizei-nos: Este Deos, entre as mãos de quem ides cabir, será um Ser chimerico, com que se procura aterrar os espiritos fracos, e credulos? Quando tudo desaparece aos vossos olhos; quando tudo cessa de existir para vós; Deos só não vos parece immortal, immutavel, o Ser dos seres; e que enche os ceos, e a terra? Nós, a quem reputaveis idiotas, e supersticiosos, consentimos agora, que sejaes o juiz da nossa fé, e da incredulidade, a que vos entregastes com tanta pertinacia: *A te testimonium flagitant christiani ab extranea adversus tuos.* Ainda hontem chamaveis a morte o fim de todos os males, a solução de todas as duvidas, um doce somno depois de longas fadigas, e um porto depois da tempestade. Quando pois tudo morre convosco, porque a morte vos parece tão temivel? *Cur in totum timens mortem, si nihil est tibi timendum post mortem?* Se acreditaes que o nada termina vossa existencia, porque tremeis deste nada, e receiaes as consequencias de vosso destino? *Si nihil est ipsa, cur mentiris in te?* Porque manifestaes nestes derradeiros instantes um tão novo sentimento de temor, e respeito para o Ser Supremo? Não é porque não o tinheis podido aniquillar em o vosso coração, apesar de todos os furores da impiedade; e que a morte não fez mais do que desenvolver as sementes da Fé e da Religião, que tinheis sempre conservado?

E de que serviria ao impio neste momento solemne chamar em seu soccorro as maximas horrendas d'uma philosophia insensata? De que serviria procurar em sua alma opprimida de crueis remorsos os vãos sophismas, de que se tinha fortificado em sua vida?

Nestes ultimos instantes o impio verá só a Deos; o invisivel será visivel a seus olhos; suas sensações não serão já despertadas por os objectos sensiveis; tudo desaparecerá em tórno d'elle; e Deos irá sentar-se no lugar de todos estes encantos, que o lisongearão, e constantemente o enganarão. As recordações do passado só encontrarão pezaes, que o abatem; o que se deixa ver a seus olhos só apresenta imagens, que o affligem; o pensamento do futuro derrá-

nia em sua alma terrores, que o assombrão. Abandonado das creaturas, que lhe escapão; deste mundo, que desaparece; dos homens, que não lhe podem valer; de Deos, a quem considera seu inimigo; elle se revolve na sua afflicção, atormenta-se, agita-se, para fugir da morte, que lança mão d'elle, ou ao menos para fugir de si mesmo. Elle articula palavras entrecortadas de gemidos, formadas por a desesperação, e que apenas são entendidas; lança em tórno de si vistas ferozes, filhas do medo, e da raiva; suspira profundamente no meio das convulsões horriveis, que annuncião a chegada de seu juiz. No meio desta luta seus olhos ficão immoveis; suas feições se alterão; seu rosto se decompõe; sua bocca livida se entreabre por si mesma; todo o seu corpo treme; e por este ultimo esforço sua alma desgraçada arranca-se de sua prisão de todo, e cabe entre as mãos de um Deos terrivel!... Ó Religião, eis-aqui teu triumpho, e tua apologia mais completa.

E não temeis, ó meus irmãos, ser abandonados a depravação de vosso coração, e arrastados á esta incredulidade, que vossos crimes provocão sem cessar? Habitantes de Jeruzalem, homens de Judá, dizia o Senhor por o seu propheta, sede arbitros entre mim, e a vinha, que eu plantei com todo o meu cuidado. Que beneficios devia eu prestar-lhe, e não os tenho feito? Não devia pois esperar uma vindima, que correspondesse aos meus esforços? Mas vós vereis o procedimento, que hei de ter para com ella. *Et nunc ostendam vobis, quid faciam vine mee.* Arrancarei a sebe, que a conserva; destruirei os muros, que a defendem; ella será calcada, e aberta de todos os lados; os cardos, e os espinhos a cobrirão; e eu mandarei, que as nuvens não chovão sobre ella. *Et nubilus mandabo, ne pluciant super eam imbrem.*

Que cousa mais justa, diz S. Jeronymo, do que retirar Deos suas graças daquelles, que se tem feito indignos, afim de que, não querendo reconhecer o excesso de suas bondades, experimentem os rigores de sua justiça? O Senhor, conforme a expressão do Evangelho, tratará os máos com toda a dureza, de que é capaz; e arrendará sua vinha a outros vinheiros, que realizem as condições do

seu arrendamento. Desgraçados de nós! O Senhor cumprirá bem depressa, em prejuizo nosso, esta horrivel ameaça. Deos já abandonou uma parte de nossos irmãos. Quantos possuem os mesmos Sacramentos, e não fazem delles o uso, que devião fazer? Quantos respirão o mesmo ar, e não conservão a mesma fé? Quando uma parte do corpo é cortada, não devem as outras temer, que lhes aconteça o mesmo damno? Quando um edificio é incendiado, podem os que o avizinhão ser estranhos ao perigo? Porque, ó meus irmãos, porque não poreis um termo ás vossas desordens? Quando Deos entorna seus benefícios com tanta profusão; quando não cessa de chamar-vos por suas inspirações santas, e as exhortações de seus ministros; não achaes ainda o momento de vos subtrahirdes aos vossos desvarios?

Vinde, ó Deos, vinde mostrar a este povo ingrato os esméros de vossa beneficencia! Vinde acabar de confundil-o com o espectáculo do vosso amor. Vêde, ó meus irmãos, o Reparador, que foi ferido por as iniquidades de seu povo! E com que eloquencia reprehende vossa ingratidão, e vossa insensibilidade! Como é sublime a linguagem, que escapa das feridas abertas, por nossos crimes, no corpo de Jesus Christo! Quando elle mesmo caminha diante de nós, enchendo com seus soffrimentos toda a letra da lei; quando elle nos penhora a salvação, e a misericordia nos transportes de sua ternura ousaremos ainda oppôr obstaculos á nossa conversão? *Ecce Homo!* Eis-aqui, nos diz elle, eis-aqui o Medianeiro, de quem tinheis necessidade, para sêrdes reconciliados com Deos! Eis-aqui o Salvador, que só podia curar vossas enfermidades, e livrar-vos do castigo, que tinheis merecido! Vinde a mim, ó meus filios; vinde esconder-vos nas minhas chagas; vinde banhar-vos no sangue, que se derrama do meu coração! Vossas forças não bastão para combater as vossas paixões? Eu combatarei com vosco, eu vos communicarei a minha força, e triumphareis dos vossos inimigos. Christãos, o tempo foge, e desaparece; não percaes o momento de vos reconciliardes com o vosso Deos. E quem ousará separar-vos mais d'elle?

Quea suffoca em vosso peito a linguagem do arrependimento? Porque tardaes em implorar a misericordia de nosso Deos? Dizei com a mais viva contricção: «Meu De s, meu Jesus, meu Salvador, não merecemos tanto amor, não merecemos tantos sacrificios: temos insultado vosso nome, temos profanado vosso Sacramento. Somos réos de vossa justiça:—merecemos vossos flagellos. Mas quem nos livrará de tantas desgraças? Quem nos defendêr de vossa ira, quando se accender contra nós o vosso furor? Deos de bondade, compadecei-vos de nossa miseria! Deos de misericordia, tende piedade de nossa desgraça. Peza-nos, Senhor, de tantas iniquidades: peza-nos, ó Deos, de tanta ingratição! Arrancaí, Senhor, este coração, que só serve para offender-vos; dai-nos um coração, que seja digno de vós, Meu Pai, meu Creator, meu Redemptor, vêde nossas lagrimas; ouvi os nossos gemidos. Perdoai-nos, Senhor, por vosso sangue, por vossas chagas, e por vossa misericordia.»

Começa por ser exordio do sermão, que vos li, uma peça magnifica em tudo, pois nos dá logo testemunho da eloquencia caudal, fôrça de argumentação, e nobreza de estylo do auctor. Delle só vos reproduzirei o final, notavel pelas figuras:—

«Impios, vós sereis expostos á luz fulminante da revelação, e da razão publica, e forçados a vergar diante do tribunal inflexivel da religião! Peccadores, vós tremereis á vista do abysmo, que vossas desordens cayão debaixo de vossos pés, fechando todos os caminhos da conversão! Ó Deos! os gritos da religião opprimida e enxovalhada chegão ao vosso throno! Dai á minha voz o ruído espantoso do trovão, e penetrai os corações dos que me ouvem do terror dos vossos juizos.»

Vêde que vehemencia nas apostrophes, que viveza nas imagens, que arrôjo nas figuras, em que se nota a valente prosopopeia da Religião personalisada; e como é bella a apostrophe última, que termina em súpplia: «Ó Deos!... dai á minha voz o ruído espantoso do trovão, e penetrai os corações dos que me ouvem do terror de vossos juizos» — Não era de certo possível terminar melhor este soberbo exordio em que o orador por um modo inesperado chama a attenção para o elevado assumpto, de que pretende tratar. Outro qualquer pediria a attenção do auditorio em termos obsequiosos; elle não, arrebata-a e prende-a pela força de sua eloquencia a que nada resiste.

Da pintura do impio á hora da morte reprodurei o seguinte trecho:—

«Abandonado das creaturas, que lhe escapão; deste mundo, que desaparece; dos homens, que lhe não podem valer; de Deus, a quem considera seu inimigo; elle se revolve em sua afflicção, atormenta-se, agita-se, para fugir da morte, que lança mão delle, ou ao menos para fugir de si mesmo. Elle articula palavras entrecortadas de gemidos, formadas por a desesperação, e que apenas são entendidas; lança em tórno de si vistas ferozes, filhas do medo, e da raiva; suspira profundamente no meio das convulsões horribéis, que annuncião a chegada do seu juiz. No meio desta luta seus olhos ficão immoveis; suas feições se alterão; seu rosto se decompõe; sua boca livida se entreabre por si mesma; todo o seu corpo treme, e por este ultimo es-

forço sua alma desgraçada arranca-se da sua prisão de lodo, e cabe entre as mãos de um Deus terrivel! . . . Ó Religião, eis aqui o teu triumpho, e tua apologia a mais completa.»

Este quadro em que o orador descreve o impio, que insultava ainda ha pouco a divindade no meio das devassidões e orgias, transido de susto á hora da morte por ter de comparecer em breve diante do seu juiz cujo poder menosprezára em vida, e morrendo entre todas as torturas de espirito, desespera no leito de dór, é soberbo desde principio a fim, e pesar tenho de o não poder reproduzir todo por ser extenso. Vêde no em tanto como nada falta a essa admiravel descripção da agonia extrema do réprobo, abandonado dos homens e de Deus, tão cheia de terrores indiziveis, e tão palpitante de verdade. A sua impressão é como a do raio, que cahindo junto a nós nos deixa espavoridos e assombrados. As imagens as mais vivas e carregadas, o colorido o mais energico e real, o jôgo de affectos o mais atroz e natural, o susto e o desespero pintados nas feições decompostas do moribundo, a sua alma desgraçada arrancando-se da sua prisão de lodo e cahindo nas mãos de um Deus terrivel, tudo concorre para elevar neste quadro o terror ao seu auge e produzir uma das mais espantosas scenas com todôs os caracteres de verdadeira. Uma pintura destas traçada por mão de mestre, e animada pela voz e pelo gesto, devia de ser de grande effeito sobre o auditorio para corrigil-o de impiedade, e inspirar-lhe o santo temor de Deus.

Da peroração que é tambem mui bella só reproduzirei as seguintes admiraveis palavras:

«Vinde a mim, ó meus filhos; vinde esconder-vos nas minhas chagas; vinde banhar-vos no sangue, que se derrama do meu coração!»

Que arrôjo, esplendor e felicidade de figuras, «vinde esconder-vos nas minhas chagas, vinde banhar-vos no sangue, que se derrama do meu coração.» Nunca a hypérbole foi mais bem empregada, porque uma tão estupenda maravilha só pode attribuir-se com propriedade ao homem Deus, a quem nada é impossivel. Esta magnifica passagem deve dar-vos a medida da belleza do estylo figurado deste grande orador, que é tão eloquente na substancia, como na forma de seus discursos.

A eloquencia manava a jórros dos labios de Monte Alverne, como dos de Demosthenes, e Bossuet, ao primeiro dos quaes se assemelhava na força da argumentação, e ao segundo na elevação do pensamento, sem que lhe passasse pela idéa imital-os, ou os tomasse por modelo. Pelo contrário nada tem o grande prégador brasileiro que invejar a esses reis da tribuna, com os quaes corre parêlhas na eloquencia. São aproximações meras, feitas pela natureza. Assim é que Camões se parece com Homero, e Tasso com Camões.

Tendo apreciado o grande prégador brasileiro Monte Alverne em suas obras oratorias: passarei em outros discursos a avaliar o nosso illustre comprovinciano João Francisco Lisboa nas suas. Por hoje aqui faço ponto.

An

nl
lys
Jo
ge
be

ju
sol
em
mc
Sr
de

SECÇÃO QUARTA.

Antonio Henriques Leal: seu trabalho biographico sobre João Francisco Lisboa.

LICÇÃO XCI.

No decurso de minhas prelecções de litteratura, tenho, senhores, chegado ao periodo, em que devo analysar os escriptos do nosso illustre comprovinciano, João Francisco Lisboa, uma das mais vastas intelligencias que conheci, e á cujo desenvolvimento, para bem dizer, assisti, quando lhe dei licções de Latim.

Antes porém deprehender esta analyse, pede a justiça que emitta um juizo circumstanciado e critico sobre o magnifico trabalho biographico, com que foi enriquecida a edição, das obras do auctor, que actualmente se está fazendo na provincia sob a direcção dos Srs. Dr. Antonio Henriques Leal e Luiz Carlos Pereira de Castro, amigos do mesmo, e encarregados por sua

viuva de rever-lhe os escriptos, tanto impressos, como por imprimir.

Passo pois a fazêl-o neste discurso.

O trabalho a que me retiro, é da penna do primeiro dos dois Srs. nomeados, e tão completo e bem escripto, sob o modesto titulo de—Noticia acerca da vida e obras de João Francisco Lisbôa—, que nada deixa a desejar ainda ao mais exigente, causa summo prazer a todos os que conhecêrão de perto o auctor, por que descrevendo-o desde o berço até ao tumulo, nada omitta da sua vida particular, que possa interessar o leitor, e põe no mais esplendido relêvo tudo o que se refere á sua vida de cidadão, de jornalista, de advogado e escriptor de vulto, quer como critico, quer como publicista, quer como historiador, apreciando pela manceira a mais justa seu patriotismo, sua nobreza de character e merito litterario. Comprehende este trabalho 195 paginas das 203 que, com números romanos, precedem o primeiro volume das obras do auctor, e constitúe um livro de tamanho regular: é portanto um livro que tenho de apreciar.

O Sr. Dr. Antonio Henriques Leal, comprovinciano igualmente nosso, e litterato distincto, já era conhecido entre nós pelos diversos jornaes politicos ou não que tem redigido com habilidade e criterio insignes, mas esta soberba estrêa que fez de seu talento como auctor, o torna impreterivelmente conhecido não só dentro como fóra do paiz, porque trabalho tão bem desempenhado não pode deixar de adquirir-lhe nome

onde quer que se falle a lingua portugueza. E é de notar que não presta elle unicamente serviço ás letras patrias com o seu incontestavel talento de escriptor, mas tambem colleccionando, e revendo os escriptos de nossas principaes celebridades litterarias, que o honrarão com sua amisade, como Gonçalves Dias e João Lisbôa, muitos dos quaes se terião irremissivelmente perdido sem a sua diligencia e zelo em procural-os, e coordenal-os.

Não sou para comparar-me com taes escriptores, mas de mim confesso que lhe devo o obsequio de muitos esclarecimentos e livros no desempenho deste meu curso de litteratura, que ficaria incompleto, principalmente no que respeita aos auctores sobreditos senão fosse o seu auxilio em prestar-me não só os manuscriptos dos mesmos, como ainda copiosas noticias sobre sua vida. Assim duplo é a nossos olhos o merito litterario do Sr. Dr. Leal já como auctor, já como infatigavel prescrutador de preciosos escriptos de outros.

Voltando porém ao seu trabalho biographico direi que é uma obra com todas as dimensões de historia politica e litteraria, uma completa apreciação philosophica e critica, digna em tudo do talento que descreve, e do talento que a comprehendéo. A forma elegante que lhe soube dar seu auctor, em nada desdiz do merito de invenção, com que é tratado o assumpto, como se vê logo deste comêço:

«Nascem muitas vezes os engenhos privilegiados

como a Pallas da fabula, já revestidos com todas as peças da armadura. Para essas intelligencias sobre quem Deos bafejou o sôpro do genio não ha disciplinas escoliares, nem tempo, não são precisos estudos regulares nem esclarecidos para que se fórmem, desenvolvão e robusteção: dispensão não raro as doutas academias e volumosas bibliothecas, e o trato e a convivencia dos sabios; e longe dos grandes fôcos de luz e civilisação, adstrictos por necessidade ao acanhado torrão onde lhes foi o berço, ahí, na solidão do gabinete, bastão-lhe os esforços do raciocinio, allumiados pelas penosas locubrações que lhes fornecem os fracos meios de que dispõem, para refulgirem com a corôa resplendente, e a magestade de reis do pensamento, e como taes serem applaudidos e admirados.»

A analyse deste interessante escripto, que nada tem que invejar ás melhores biographias modernas, muitas das quaes ao contrario lhe são de certo inferiores em ajustada apreciação, ou critica, ou philosophica, ou litteraria, hade ser necessariamente dupla; a primeira com que me vou occupar hoje, versará unicamente sobre o merito intrinseco do escripto, como é de razão; a segunda, consistirá no resumo do mesmo para servir-me de noticia biographica, quando tiver de apreciar a João Francisco Lisboa, pois seria em mim extrema vaidade, tendo á mão trabalho tão bem feito, emprehender outro inferior sob novas bases.

Passarei agora a ler-vos algumas passagens notaveis da biographia para que por vós mesmos formeis idéa

do merito de seu auctor, e vejaes que não exagero, quando vos affirmo que é subido.

III.

.....
 A vindicta particular, semelhante de todo o ponto a *rendetta corsega*, com seus assaltos, combates, incendios e exterminio de familias inteiras, fulgurava em todo o seu esplendor sinistro nos sertões de mais de uma provincia, temerosos pelos potentados que n'elles se celebrisaram por crimes, originados de offensas particulares ou paixões politicas.

Agora que imperam em toda sua força de acção o regimen constitucional e as leis, e vae o Brasil medando em prosperidade e civilisação, posso dizê-lo sem côrar—que muitos d'esses criminosos eram protegidos pelas auctoridades, senão revestidos d'ellas!

No Maranhão, como em todo o resto do imperio, apontavam-se alguns, vivendo em verdadeiras praças d'armas, rodeados de não menos ferozes e brutaes mandatarios, conhecidos com o nome popular de *capangas*, promptos a obedecer, ousados e petulantes na aggressão, como os *brari*, e como elles covardes na defesa ou sob o poder da justiça, que quasi nunca então acercava-se de seus covis, deffendidos, como já o disse, pelas florestas e distancias, que os separavam dos povoados. Entre esses potentados um havia que sobresahindo aos mais em crimes, não andava, contudo, erradio e embrenhado, vivia antes na populosa e commercial cidade de Caxias, horrorisando e maculando o herço do mavioso poeta dos *Cantos* e dos *Tymbiras*, estimado e protegido por um dos partidos politicos que o havia erigido alli em chefe. Sua hedionda passagem sobre a terra foi marcada por um longo rastro de sangue, que enche ainda de pavor os caxienses, tornando lhe o nome, que escuso aqui lembrar, conhecido por toda a parte e celebrado nas ruas toadas dos remeiros que navegam o Itapecurú.

Quando Feijó no seu patriotismo, que teve só equal nos tempos do heroísmo da antiga Roma, entendeu que devia resignar o poder nas mãos dos adversarios, veio com a mudança de politica no imperio o dominio dos conservadores ou partido do regresso, como era então chamado, correspondendo-lhe n'esta provincia os *cabanos*. Pelo numero e successivos triumphos eleitoraes, campeava em Caxias o partido liberal, tendo na direcção suprema, entre outros characteres honestos, Raimundo Teixeira Mendes, que gosava a justo titulo de preponderancia e popularidade. Aos primeiros sopros da reacção concertou com os seus sequazes aquelle façanhudo potentado, a quem talvez o ódre de Thomyris não bastasse para saciar a sêde de sangue, desfazer-se d'este e de outros populares e poderosos adversarios para mais desafogada e facilmente poder firmar seu dominio de terror na comarea.

Depois de ter ao cahir da noite de 25 de novembro de 1837, alvorotado e alegre, discreateado em uma casa de bilhar com os amigos as boas novas que recebera da capital, voltava o infeliz Teixeira Mendes para casa, inerte e acompanhado apenas por um joven, quando ao passar pelo largo da Matriz, foi ás nove horas e meia accommettido por dous assassiños, que o mataram após desesperada e corajosa lucha.

VI.

São communmente os escriptos espelho polido, que reflecte as paixões, os sentimentos intimos e as virtudes de quem os concebe. Essa verdade resumida já por Buffon na mais elegante e concisa phrase, confirma-a vantajosamente João Francisco Lisboa. Percorrei-lhe os jornaes, folheae-lhe os livros, attentae em seus discursos, lêde as cartas que escreveu com a franca singeleza da amizade, que n'elles achareis patente e sem refollo a alma generosa e de forte tèmpera d'este escriptor brasileiro. Vêde-me aquelle ardor e enthusiasmo com que desde os annos juvenis se dedicou com a mais completa dedicação e desambiciosamente á causa po-

lítica que abraçara e que lhe resumia a patria—a patria que foi o culto por toda a vida das suas adorações mais puras, o estímulo de suas mais sérias locubrações, o espirito que o excitara nos verdos das crenças e esperanças, como o alentava ainda nos aborridos e ultimos dias da existencia. E os sacrificios da fazenda, da saude, e da vida mesmo, que não deixou de estar exposta ao ferro dos sicarios nos tempos mais atribulados e tempestuosos das luctas politicas, como os elle aceitou com varonil intrepidez, e mais ainda do que os sacrificios a ingratição com que lh'os pagaram os proprios correligionarios, no dia do triumpho! Vêde-me tambem aquella nobre e rara acção de resignar o cargo, embora o acobertasse da miseria, só porque a delicadeza do sentimento, e o dever lhe impunham não continuasse a exercê-lo. Não menos para admirar é o desinteresse, o denodo e a isenção com que sempre fallou da tribuna, estimando mais quebrar relações, e alienar sympathias, do que cortejar vicios e preconceitos com remordimentos da consciencia e esquecimento do seu mandato; e que gladiador houve hi mais hardido e experimentado nas luctas temerosas e travadas do jornalismo, quando acinte e sem descanso o assestavam com repetidos e alentados golpes adversarios, nem todos generosos, e muitos ferozes e audacissimos? Vêde-me o advogado consciencioso, que nunca mercadejou os dotes com que Deus fôra tam prodigo para com elle, e que bem de vezes ergueu a voz eloquente em prol do infortunio perseguido que só tinha para remunerar-lo do trabalho as lagrimas da gratidão. Mas para que ir mais longe quando nestes quatro volumes de suas obras podeis de animo fórro apreciar por vós o historiador imparcial, o philosopho de vistas largas e profundas, o publicista de subidos quilates, o moralista severo, que para ahi derramou de grado e com franquesa os seus pensamentos e idéas, elevando-se no conceito de cidadão e escriptor que tinha por pharol—a patria, por divisa—a verdade, por fim—moralisar seus conterraneos, instruindo-os e admoestando-os como lieção, e apregoando e exalçando as grandes virtudes e altos feitos como exemplo a seguir. E' bello ver como jun-

placável e irritado fulmina o crime com os raios do seu estylo, e esnaga o vicio com o sarcasmo eloquente da indignação, que exacerba as iras e provôca as censuras do homem honesto.

.....

O seguinte trecho da primeira passagem que reproduzo é digno da penna de um Tacito, ou de um Salustio:

.... «Entre esses potentados um havia que sobresahindo aos mais em crimes, não andava, com tudo, erradio e embrenhado, vivia antes na populosa e commercial cidade de Caxias, horrorisando e maculando o berço do mavioso poeta dos *Cantos* e dos *Tymbiras*, estimado e protegido por um dos partidos politicos que o havia erigido alli em chefe. Sua hedionda passagem sobre a terra foi marcada por um longo rastro de sangue, que enche ainda de pavor os caxienses, tornando-lhe o nome, que escuso aqui lembrar, conhecido por toda parte e celebrado nas rudes toadas dos remeiros que navegão o Itapecurú.»

.....

.... «Pelo numero e successivos triumphos eleitoraes, campeava em Caxias o partido liberal, tendo na direcção suprema, entre outros caracteres honestos, Raimundo Teixeira Mendes, que gosava á justo titulo de preponderancia e popularidade. Aos primeiros sôpros da reacção concertou com os seus sequazes aquelle façanhudo potentado, a quem talvez o ôdre de Thomyris não bastasse para saciar a sêde de sangue, desfazer-se deste e de outros popula res e pode-

rosos adversarios para mais desafogada e facilmente poder firmar seu dominio de terror na comarca-»

«Depois de ter ao cahir da noite de 23 de novembro de 1837, alvorotado e alegre, discreteado em uma casa de bilhar com os amigos as boas novas que recebera da capital, voltava o infeliz Teixeira Mendes para casa, inerte e acompanhado apenas por um joven, quando ao passar pelo largo da Matriz, foi ás 9 horas e meia acomettido por dous assassinos, que o matarão após desesperada e corajosa lucta.»

A passagem, a que pertence o trecho reproduzido, é um quadro historico muí bem acabado da triste época em que foi assassinado o infeliz Teixeira Mendes, quando a justiça pública não tinha força para reprimir o crime, e a politica servia não poucas vezes de salvaguarda á impunidade. As causas que concorrião para um tal estado de cousas, ali são profundamente discutidas, e assignaladas com a maior lucidez e criterio, sem nada escapar á habil penna do escriptor que possa pô-las em relêvo. A descripção do assassinato daquelle cidadão, digno de melhor fim, é traçada com o mais rigoroso e animado pincel, sem que a verdade historica seja em cousa alguma prejudicada. O principal assassino é pintado com côres taes, que, sem que se profira seu nome, se torna logo conhecido para quem têm noticia das cousas de Caxias naquelle desgraçado tempo: «Sua hedionda passagem sobre a terra foi marcada por um longo rastro de sangue, que enche ainda de pavor os caxienses»; e mais abaixo, «aquelle

façanhudo potentado, a quem talvez o ódre de Thomyris não bastasse para saciar a sêde de sangue.» As imagens e figuras empregadas são as mais vivas e apropriadas, pois nada se podia dizer de mais de um homem que havia feito derramar tanto sangue e era por seus crimes o terror de uma comarca inteira.

O ultimo paragrapho que começa, «Depois de ter ao cabir da noite», é um modelo de narração precisa e ao mesmo tempo animada pelo contraste de espirito que offerece a victima com o seu lamentavel fim, *discreteando pouco antes com os amigos, alvorotado e alegre, as boas novas que recebera da capital*. Nada em uma palavra falta á perfeição deste lúgubre quadro, que se prende naturalmente á biographia pela parte activa que tomou na reprovação do delicto, e accusação do assassino o redactor da *Chronica*, ou João Francisco Lisboa.

Assim é que os homens de talento sabem ligar a historia do paiz aos grandes caracteres que descrevem, e nella figurarão por qualquer maneira; porque neste caso o interesse torna-se duplo para o leitor. A circumstancia de ser João Francisco Lisboa chefe de um partido e redigir uma folha em sentido liberal servio de elo de cadêa a seu habilissimo biographo para reproduzir em quadro fiel e resumido a historia politica de então. Um escriptor menos amestrado ter-se-hia limitado a narrar a parte activa que o redactor da *Chronica* tomou na reprovação do assassinato e accusação do assassino, sem descrever o estado do paiz

naquelle época e daria a seu quadro um interesse puramente individual, ao passo que o Sr. Dr. Leal soube pela ligação sobredita dar ao seu um interesse todo colectivo, sem todavia deixar de pôr em relêvo o grandioso vulto que pinta.

Só reproduzirei da segunda passagem em que se descreve a nobreza de character de João Francisco Lisboa, o trecho seguinte porque começa:—

«São commumente os escriptos espêlho polido, que reflecte as paixões, os sentimentos intimos, e as virtudes de quem os concebe. Essa verdade resumida já por Buffon na mais elegante e concisa phrase, confirma-a vantajosamente João Francisco Lisboa. Percorrei-lhe os jornaes, folheae-lhe os livros, attentae em seus discursos, lêde as cartas que escreveu com a franca singeleza da amisade, que nelles achareis patente e sem refólho a alma generosa e de forte tèmpera deste escriptor brasileiro.»

Toda a passagem a que pertence este trecho, é eloquentissima, e escripta no estylo o mais nobre, elegante, e animado. O biographo, descrevendo o grande typo moral de João Francisco Lisboa, como escriptor, como cidadão, e como homem particular, não descura os affectos, que tanto realce dão ao magnifico e bellissimo quadro, que traçou, communicando-lhe movimento e vida. Vê se que falla *ex abundancia cordis*, e compenetrado do que diz, não só porque as expressões lhe acodem naturalmente ao bico da penna, sem o menor esforço, mas até porque, commovido, nos com-

move tambem. O original, que se adornava de tantas virtudes, era em verdade bello e admiravel: assim o transumpto que nol-o reproduzio com côres tão apropriadas e fieis, sahio tambem bello e admiravel. Tudo quanto o biographo disse anteriormente do seu auctor se acha compendiado nesta pintura, e com habilidade tal que nada deixa a desejar; porque, conceito elevado, pathetico, deduzido do assumpto, e viveza de imagens e colorido, tudo nella brilha, e sem a menor affectação que a deslustre. Resumirei todo o elogio que merece esta soberba passagem, dizendo que João Francisco Lisbôa encontrou no Sr. Dr. Antonio Henriques Leal um escriptor digno de descrevê-lo.

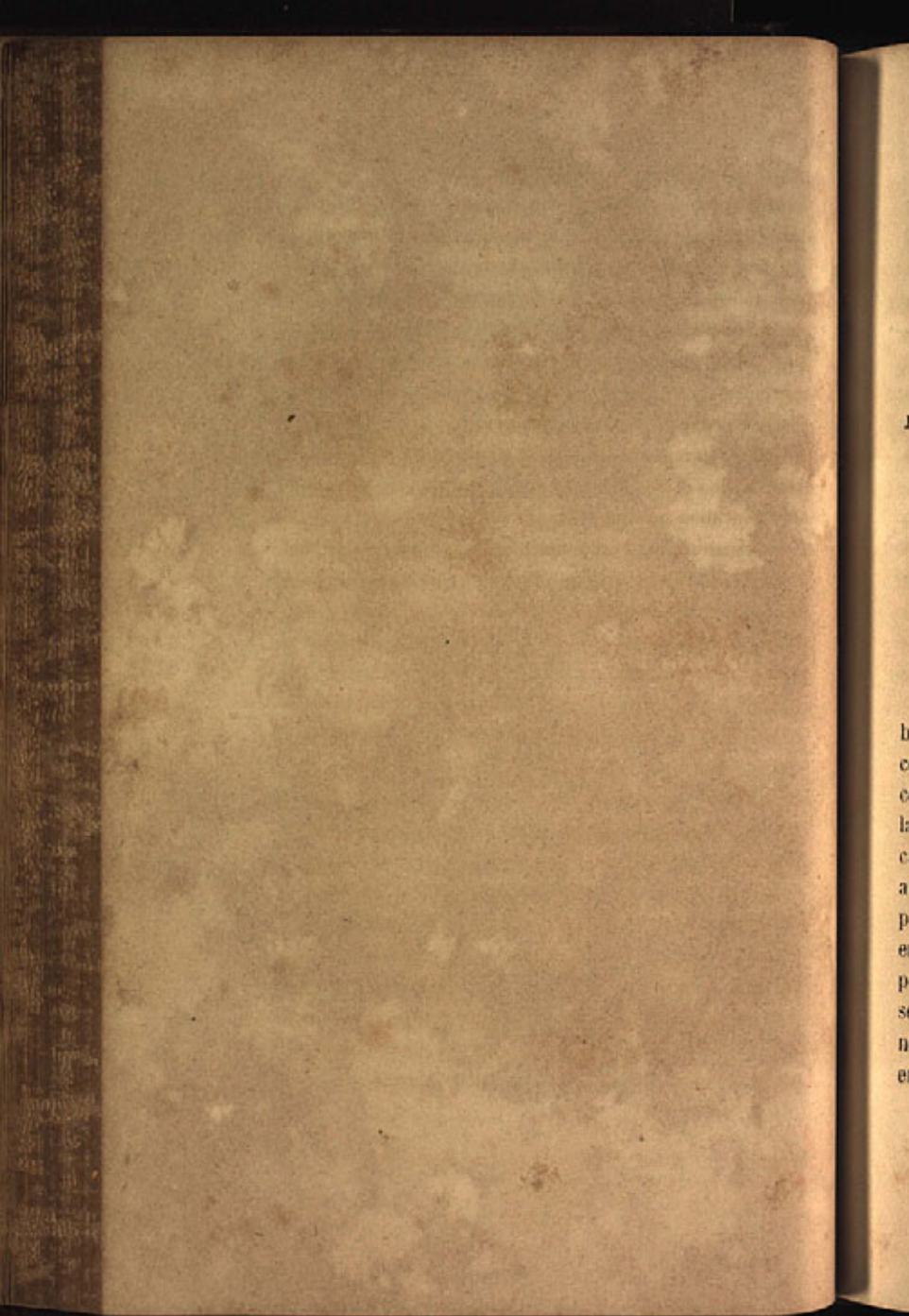
Para dar-vos idéa do estylo pithoresco e animado de toda a passagem basta citar-vos as seguintes linhas della:—«É bello vêr como implacavel e irritado fulmina o crime com os raios do seu estylo, e esmaga o vicio com o sarcasmo eloquente da indignação, que exacerba as iras e provoca as censuras do homem honesto.»

Escrever por esta forma, não é simplesmente escrever, é pôr-nos os objectos diante dos olhos com todás as suas côres, ou por outra é ser mestre na arte de escrever.

Por esta eminente qualidade de pintar escrevendo é que os bons e felizes engenhos se distinguem da turba dos escriptores sem talento notavel. Por ella brilharão os Souzas, Freires e Vieiras, e levarão incontéstavel vantagem a todos os escriptores portuguezes do seu seculo.

À vista destas duas passagens podeis ajuizar de toda a obra que é geralmente tão bem escripta, como o que fica analysado. O merito deste escripto, por qualquer lado que se encare é tal em minha opinião, que eleva seu auctor, não á cathegoria de simples biógrafo, mas a de um historiador profundo e eloquente, sobre conhecedor das bellezas de estylo, e dos recursos da lingua. Por elle adquirio certamente o Sr. Dr. Henriques Leal um logar distincto na republica das letras, estréando a carreira de auctor por onde outros acabão a sua.

No seguinte discurso darei o resumo da biographia de João Francisco Lisboa para servir de introdução á analyse de suas obras.



SECCÃO QUINTA.

João Francisco Lisboa; sua Biographia; seu Jornal de Timon em tres volumes, apreciados cada um de per si; sua obra sobre a vida do Padre Antonio Vieira.

LICÇÃO XCII.

Tenho, senhores, de apreciar hoje um prosador brasileiro dos mais distinctos, João Francisco Lisboa, comprovinciano nosso, insigne na arte de escrever como o podem ser os mais abalisados mestres do falar sôlto em qualquer lingua, profundo, eloquente, e cabal em todo genero de assumptos, que tratou. O auctor que me proponho analysar, meu antigo discipulo de Latim, e conhecido de muitos de vós, é um engenho extraordinario, filho de suas mesmas obras, porque os conhecimentos superiores que brilhão nos seus escriptos, são unicamente devidos a estudo feito no remanso do gabinete, e não a licções que bebesse em academias nacionaes ou estrangeiras, que não cur-

sou. Os seus escriptos notaveis na substancia como os de um crítico, jurisconsulto, orador, publicista e historiador eminente, não o são menos na elegancia e correccão da forma, nas quaes leva pela ventura a palma a todos os escriptores brasileiros contemporaneos.

Por isso ha muito que aprender neste auctor em tudo o que se refere ás bellezas da elocução, e á cópia e pureza da linguagem, qualidades, em que prima como qualquer escriptor classico. Antes porém de entrar na analyse das producções de seu engenho, devo dar-vos succinta noticia de sua vida, resumindo, na parte historica, o excellento trabalho biographico, que apreciei no meu precedente discurso.

Nascéo João Francisco Lisboa no lugar denominado Pyrapemas da freguezia de N. S. das Dores do Itapecurú da provincia do Maranhão, a 22 de Março de 1812, e fallecêo em Lisboa, a 26 de Abril de 1863, na idade de 51 annos, quando o seu singular talento promettia ainda muito, pois a morte veio surprehender-o no meio de trabalhos importantes, taes como a composiçõ da historia do Maranhão, para a qual havia collegido materiaes.

Foi commendador da Imperial Ordem da Rosa, membro do Instituto Historico e Geographico do Brasil, e socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Era oriundo de uma das principaes familias da provincia, e filho legitimo do lavrador João Francisco de

Mello Lisboa, e de D. Gertrudes Rita Gonçalves Nina, que ainda vive.

Orphão de pae em mui tenra idade devéo a sua primeira educação unicamente aos desvellos maternas. Na idade de 11 annos já sabia tudo o que então se podia aprender nas escolas de primeiras letras. Depois de haver recebido a instrucção primaria nesta cidade, para onde viera com sua mãe, voltou com ella a viver no interior, donde aos 15 annos feitos veio outra vez a esta cidade, e entrou em 1827 de caixeiro na casa commercial do negociante Francisco Marques Rodrigues, cuja estima em breve adquirio por sua intelligencia e dedicação ao trabalho.

Não se achando porém com disposição para seguir a vida do commercio, na qual não podia cultivar seu espirito como desejava, sahio da casa do referido negociante em principios de 1829, para dedicar-se inteiramente ao estudo das letras.

Foi por este tempo que entrou para a aula pública de Latim por mim dirigida, e tive occasião de apreciar, e ver desenvolver-se o riquissimo engenho, com que o dotára a natureza. Habilitado no conhecimento da lingua latina em pouco mais de dois annos, sabendo já o Francez, e com noções de litteratura, devidas á sua muita leitura, vinha para minha casa aos domingos; e ali, por mero gosto seu, tirava-me a limpo a traducção em verso da Phedra de Racine, que então emprehendi por instigação de meu amigo Manoel Odo-rico Mendes, fazendo-me já observações mui judiciosas

sobre algumas passagens della, muitas das quaes eu aceitava, sem que o mestre se envergonhasse de annuir ás correcções propostas pelo discipulo, com quem vivéo na mais perfeita intelligencia, até que a politica os separou, para reunil-os mais tarde, depois de muitas e amargas decepções.

Pouco depois de sahir prompto da aula de Latim, aos 19 annos de idade, impellido pelo ardor juvenil e espirito patriotico que o animava, lançou-se na carreira politica, que attrahia então todos os moços de talento, e alistou-se nas fileiras do partido exaltado.

Achavão-se então a provincia e o Brasil mui agitados pelas commoções que se succedêrão á revolução de 7 de abril de 1831, e os liberaes, que havião para ella concorrido, divididos em moderados e exaltados.

Dotado de habilidade summa, e já com sufficiente cabedal de luzes, começou a 23 de agosto de 1832 a redigir o *Brasileiro*, folha politica hebdomadaria, na qual sustentou as idéas dos exaltados. Tres mezes depois acabou com essa publicação para continuar a do *Pharol Maranhense*, cujo redactor José Candido de Moraes e Silva havia fallecido a 18 de novembro do mesmo anno. Ao cabo de dois annos de lides jornalisticas, finalizou a publicação desta última folha, e retirou-se para a fazenda de seus paes.

Tendo voltado para a capital no seguinte anno, e não lhe soffrendo o animo ardente e generoso viver longe da scena politica, começou a 3 de julho de 1834 a redigir o *Echo do Norte*, folha igualmente politica em

sentido liberal, cuja publicação terminou a 22 de novembro de 1836.

Dois annos depois voltou de novo á arena jornalística, e começou a 1 de janeiro de 1838 a redigir a *Chronica Maranhense*, folha politica liberal, cuja publicação terminou a 17 de dezembro de 1840, desgostoso da vida de escriptor público.

Ainda quasi dois annos depois, a 9 de julho de 1842 entrou para a redacção do *Publicador Maranhense*, ou folha official, na qual se conservou até retirar-se da provincia para o Rio de Janeiro.

No *Echo do Norte*, e com especialidade na *Chronica*, não era João Francisco Lisboa o joven inexperiente e fogoso que, no *Brasileiro* e *Pharol*, esposava as idéas dos exaltados; mas o homem amadurecido pela experiencia e formado em todo o genero de litteratura no estudo particular de seu gabinete, o politico profundo, o escriptor abalisado, e o adversario mais temivel pela insigne mestria com que manejava a penna, quer em assumptos sérios, quer no ridiculo em que ninguem podia competir com elle.

É opinião minha que até hoje ainda se não escreveu na provincia outra folha politica tão eloquente, como a *Chronica*; e não poderei avaliar melhor o merito de seu auctor, do que o fiz, quando redigi o *Publicador Maranhense*. Eis a passagem a que me refiro: «Entre todos esses vultos de talentos superiores que collocamos em logar proprio nesta especie de galeria jornalística, o Sr. João Francisco Lisboa, que á força e lu-

cidez de pensamento reúne em subido grão o vigor, a magestade e o colorido da expressão, incarnando as suas concepções sob as formas as mais apropriadas, vestindo-as dos trajés os mais adequados, ornando-as com os matizes os mais delicados, imprimindo-lhes os ademanos os mais expressivos, e animando-as para assim dizer com os traços da sua penna, parece-nos ser o mais preeminente e grandioso vulto, que se apresenta aos olhos do observador.»

Este juizo não deve ser taxado de parcial, porque a politica fez infelizmente o mestre e o discípulo adversarios no jornalismo, sem que todavia deixassem de estimar-se quanto isso podia caber em antagonistas tão pronunciados.

Foi João Francisco Lisboa por diversas vezes membro da assembléa legislativa provincial, em cuja tribuna proferio alguns discursos mui eloquentes, que se perderam porque a assembléa não tinha tachygrapho que tomasse os discursos de seus membros, correndo apenas impresso o que proferio na sessão de 1849 sobre a conveniencia de se solicitar dos poderes do estado uma amnistia para os revoltosos praeiros de Pernambuco.

Exercêo por tres annos o logar de secretario do governo da provincia, para o qual foi nomeado a 9 de novembro de 1835 pelo presidente, Antonio Pedro da Costa Ferreira, depois senador do imperio e barão do Pindaré, e do qual pediu exoneração no tempo do successor deste, porque a politica do governo se achava em opposição com os principios que elle professava.

Até 1840 figura este homem extraordinario como jornalista eloquente, orgão e chefe de um partido, mas, tendo-se por esse tempo retirado da redacção dos jornaes e da scena politica por haver sido a sua candidatura de deputado á assembléa geral legislativa, rejeitada pelo mesmo partido, cuja causa defendêra com tanta habilidade e dedicação, dêo-se a novo genero de estudos, e poz banca de advogado, para poder subsistir com sua familia. O seu singular talento que já vimos brilhar na imprensa e na tribuna parlamentar da provincia, não brilhou menos na tribuna forense; e taes forão os creditos que logo adquirio nesta nóva carreira, que obteve por ella não só decente subsistencia, mas uma modica fortuna.

Assim este, prodigioso engenho foi unicamente filho de suas obras, tanto na cultura do espirito, como na aquisição dos bens da fortuna e posição social. Lisboa é o genio resplandecendo e dominando por sua mesma força, e só por ella, sem o auxilio das escolas para formal-o, e sem as recompensas populares, nem officiaes, para animal-o!

Em outro qualquer paiz, em que as letras fossem mais bem apreciadas, abrir-se-hião as portas do parlamento a um homem tão illustre por seu talento e habilitações, e teria elle chegado aos altos cargos do estado; no Brasil porém, onde a mediocridade occupa ainda muitas vezes o logar do verdadeiro merito, foi apenas aproveitado para commissões puramente scientificas, da mesma forma que o seu comprovinciano

não menos illustre, Antonio Gonçalves Dias, como si não fosse a intelligencia quem devesse governar o mundo!

Foi justamente quando exercia a profissão de advogado que compoz por mero desenfado esses inimitaveis retratos physicos e moraes, ou caricaturas politicas da época, e emprehendêo a sua obra de vulto, o *Jornal de Timon* em 3 volumes grossos, parte da qual foi composta e impressa na provincia, e parte em paiz estrangeiro; pois em 1855 partio do Maranhão para o Rio de Janeiro, onde residio algum tempo empregado na redacção de diversos jornaes, e de lá para Portugal encarregado de uma commissão litteraria e scientifica pelo nosso governo. Foi tambem em Portugal, d'onde fez excursões á Italia e á França, que compoz a Biographia de Manoel Odorico Mendes e a Vida inedita do Padre Antonio Vieira.

O *Jornal de Timon*, que comprehende os mais profundos estudos historicos sobre as cousas do Brasil, e com especialidade do Maranhão desde os mais remotos tempos coloniaes, precedidos de uma serie de quadros, em que o auctor, sob nomes suppostos, mette á ridiculo a mesquinha politica dos partidos e presidentes de provincia do seu tempo, acompanhados de estudos historicos igualmente profundos sobre o systema eleitoral dos antigos Gregos e Romanos, bem como dos povos modernos: é uma obra que tem merecido os maiores elogios aos mais abalisados criticos nacionaes, e estrangeiros, e sobre a qual me proponho emitir um juizo analytico em tres discursos consecuti-

vos, versando cada um sobre o melhor de cada volume.

N'este trabalho muito me tenho de soccorrer á soberba biographia que traçou ao auctor o Sr. Dr. Antonio Henriques Leal, mui rica em apreciações de todo o genero.

Foi João Francisco Lisbôa casado com D. Violante Luiza da Cunha, senhora que descende de uma das mais illustres familias do Maranhão, e com a qual vive sempre na mais perfeita harmonia, amando-se extremosamente um ao outro.

Não tendo tido filhos desta feliz união, adoptou em tenra idade a D. Maria José da Cunha Lisbôa, filha de um amigo e compadre seu, á qual dêo a mais desvelada educação, e que brilha hoje por mui aprimoradas prendas, mostrando-se em tudo digna de tal pae.

Havendo fallecido em 1863 em Lisbôa, forão seus restos mortaes transportados para o Maranhão em 1864 pelos extremosos cuidados de sua viúva, que só existe para choral-o, e sepultados na igreja do convento do Carmo desta cidade, assistindo ás exequias tudo quanto nella havia de mais nobre em cidadãos, auctoridades, corporações, e fazendo-se-lhe as honras funebres que competião a um dos reis do pensamento.

Esta intelligencia tão vasta como prompta, este bello typo moral que reünia todas as virtudes do homem e do cidadão, este homem verdadeiramente extraordinario e superior, que rivalisava na fecundidade do enge-

nho e dotes do espirito com as primeiras celebridades litterarias do seculo, em que vivemos, era sujeito a frequentes ataques de hypocondria, que o fazião passar por um misantropo, e até pôr orgulhoso para alguns que o não conhecião de perto, ou com quem não costumava expandir-se em sentimentos affectuosos e amena conversação. A natureza humana, ainda nas entidades as mais illustres, nunca é isenta de fraquezas que atestem a sua origem terrena.

Concluirei esta succinta noticia biographica sobre homem de tão subido merito, reproduzindo o retrato physionomico que delle traçou com bem aparada penna o Sr. Dr. Antonio Henriques Leal. — Eil-o:—

«Trazia na physionomia estampada a rigidez de seus principios e a austeridade de seus costumes. A vasta abobada cerebral, terminada por uma fronte altiva e cortada de sulcos denunciadores do precoce meditar, era terrestre involuero dessa intelligencia tão magnifica, quanto bem aquinhoada e illuminada pelas linguas de fogo do genio. Seus olhos brilhantes e penetrantes falseavão-lhe as sublimes idéas, antes que os labios as traduzissem em sons, ou a penna em caracteres. Para completar este esbôço physico, resumindo, direi apenas que era Lisboa grosso de corpo, cabellos negros e corridios, tez morena, barba espessa, rosto cheio e redondo, olhos pardos, senão grandes, vivos; labios espessos e rasgados, hombros largos, e estatura um pouco abaixo da meã.»

Em outro discurso occupar-me-hei com o primeiro volume do *Jornal de Timon*.

LICÇÃO XCIII.

O primeiro volume do *Jornal de Timon* de João Francisco Lisboa, que me propouho apreciar neste discurso no que contém de melhor, attesta, senhores, um grande e profundo estudo das instituições, usos e costumes, dos povos antigos e modernos, porque comprehende nada menos que a historia resumida dos diversos systemas de eleições em seu modo pratico desde os tempos da civilisação grega e romana até nossos dias. É um livro precioso para quem deseja instruir-se nesta parte curiosissima da historia politica, antiga e moderna, porque reúne com selecção e criterio magistral tudo quanto a tal respeito se acha espalhado em muitos e grossos volumes, escriptos em diversas linguas.

Si a isto juntarmos o juizo seguro e illustrado do critico, do philosopho, do jurisconsulto, do publicista, do historiador, porque todos estes caracteres assume

o auctor no seu trabalho, e ainda por cima a eloquencia natural e irresistivel, o estylo nobre, animado e terso, a phrase numerosa e cheia, a linguagem copiosa e pura do escriptor elegante, correcto e conhecedor das bellezas da lingua, convencer-nos-hemos, como vos disse, de que ha muito que aprender, seja quanto ao fundo, como dizem os Francezes, seja quanto á forma, tanto neste, como nos outros dois volumes do *Jornal de Timon*, que comprehendem estudos historicos de outro genero, mas não menos importantes.

Apreciando pelo estudo dos factos com summo criterio as eleições dos diversos povos, antigos e modernos, teve o auctor em vista comparal-as com as do Brasil, e muito principalmente com as da provincia, que havião chegado no seu tempo a extremo de degradação tal, que erão umas verdadeiras saturnaes, que elle descreve, e mette á ridiculo n'uma serie de quadros, nos quaes pinta sob nomes suppostos as principaes figuras que nellas representavão, quer como chefes de partido, quer como auctoridade. Da comparação feita pelo auctor resulta que nós só haviamos copiado das eleições dos outros povos o grotesco e a corrupção, sem adoptar o que nellas podia haver de bom; a pintura que elle faz de nossos costumes abastardados neste ponto, tinha por fim corrigir-nos, por que o seu livro, tanto é escripto para o cidadão da classe elevada ou média, que tomava parte nas eleições, como para o estadista a quem cumpria melhorar uma tão desagradavel ordem de cousas; e a arte com

que pinta é tal, que as mesmas figuras retratadas nos seus quadros, ainda que nelles se reconhecessem, não têm todo o interesse em não se dar por offendidas, porque tomando a si o barrêto, cobrir-se-hião de indelevel ridiculo.

Livros como o primeiro volume do *Jornal de Timon* são sempre bem aceitos, e lidos com avidéz, porque, apresentando a descripção dos costumes e achaques contemporaneos, traçada por mão de mestre, são a historia fiel e eloquente da sua época. Assim quem quizer saber o que era o Maranhão em 1840 e annos immediatamente posteriores, época que descreve o auctor em seus quadros, leia o volume sobredito, e ficará completamente inteirado, porque o livro nada deixa a desejar, nem quanto a costumes e caracteres, nem quanto á chamada politica de então. Será elle ainda de não pequeno soccorro a quem tiver de escrever a nossa historia, porque, supprimidos os nomes suppostos com que o auctor disfarçou as suas pinturas, ficarão nelles unicamente os traços característicos da verdadeira physionomia da época.

Tendo-vos dado idéa da materia deste primeiro volume, do principal fim com que foi escripto, e do seu merito, passarei a ler-vos o melhor de um dos mais bellos quadros historicos d'elle, o das eleições da antiga Roma.

Imagine o leitor duas multidões de adversarios rancorosos e

exasperados, reunidos em dous locaes vizinhos, como, por exemplo, em Sant'Anna e S. João *. Um dia que Tiberio Graccho assistia no capitolio á assemblea do povo, veio de repente um senador de sua amizade avisa-lo que o senado estava reunido, e os seus inimigos, não obstante a opposição do consul, resolutos a mata-lo, havendo para isso convocado grande copia de escravos e clientes. Derramada a noticia entre os que se achavam mais proximos, cada um se armou para a defeza, conforme permittiam as circumstancias, partindo-se até em pedaços para esse fim os chucos de que os lictores se serviam para arredar e conter a multidão. Surpresos e enleados os que ficavam á larga distancia pelo que viam fazer, pois não tinham ouvido o aviso, pediam em altos gritos a significação d'aquelle desusado movimento. Foi então que Tiberio Graccho lembrou-se de levar a mão á cabeça, buscando, por este signal, dar a conhecer aos que não podiam ouvi-lo, o perigo que o ameaçava.

Denunciado immediatamente este gesto no senado como prova manifesta e irrefragavel de que Tiberio aspirava á realza, isto é, a pôr o diadema na cabeça, os padres conscriptos, como cada um podê imaginar, fizeram uma admiravel explosão de patriotismo antimonarchico. Deuses immortaes! (exclamavam voz em grita). Que crime abominavel! Aspirar á realza! Attentar á magestade do povo romano! E sobressahia entre todos Scipião Nasica, a quem a perda de uma immensa quantidade de terras tornára furioso contra o tribuno **, e que nesta occasião, alludindo á opposição e libezia do consul, homem justo e moderado, ergueu-se, e exclamou: «Pois que o primeiro magistrado atraiaça a republica, sigam-me todos aquelles que quizerem acudir á liberdade, e ás leis em perigo!». Dito isto, guiou ao capitolio seguido de uma immensa tropa armada de punhaes, e pesadas massas e bastões, sen-

* Igrejas desta cidade onde, pelo tempo em que escreveu o auctor, reuniam-se os partidos politicos para tractar de questões electorales, e ás vezes sahiam em procissão a percorrer as ruas.

** Por causa das famosas leis sobre terras, propostas por Tiberio Graccho, conhecidas pelo nome de *leis agrarias*.

do que os veneráveis senadores, porque não foram prevenidos a tempo, viram-se obrigados a armar-se com os fragmentos de bancos e outros moveis da curia, que o tumultuoso arranco havia feito pedaços.

Desarmado pela maior parte, e assoberbado pela furia do inopinado acometimento, o povo reunido no Capitolio, não lhes pôde soster o impeto, e disparando em confusa e desordenada fuga, uns se precipitavam sobre os outros, embaraçando-se reciprocamente. Os aggressores, *vacitando*, á um e outro lado, com galhardia sem igual, e como quem não encontrava resistencia, mataram cerca de trezentos; e o proprio Tiberio Graccho, arrastado na fuga, resvalou, cahiu, e foi immediatamente morto. O primeiro que o feriu foi Publio Satureio, um de seus collegas, dando-lhe com uma perna de banco na cabeça; seguiu-se-lhe Lucio Rufo, e outros que o acabaram, vangloriando-se sempre dali por diante desta immortal proeza. Os cadaveres de Tiberio, e das demais victimas, depois de mil ultrages, foram arrastados e lançados no Tibre, recusados pela crueldade dos vencedores á piedade dos parentes e amigos que os solicitaram em vão para render-lhes as honras funebres.

Ignoro se a cidade illuminou-se depois desta esplendida victoria, que aliás foi festejada com o supplicio e desterro de muitos dos complices do odioso conspirador popular. Tudo isso entretanto encontra a sua natural explicação na embriaguez da mesma victoria. O que é porem mais para notar-se é que cerca de sessenta annos depois, Cicero, o grande orador, o virtuoso cidadão, espirito tam vasto e brilhante, como caracter fraco e vaidoso, para desterrar as irresoluções do senado, puxar-lhe pelos brios, e fazê-lo votar a morte dos complices de Catilina, citasse a acção de Nasicca como digna de imitação e de louvor, e exemplo de decidido e ardente patriotismo! Quanto a este pretendido vingador das leis, pouco se logrou do seu triumpho; preponderando algum tempo depois a facção popular, não podia elle sair á rua que se não visse assaltado das invectivas e clamores publicos; e obrigado a

deixar a Italia, errou sem destino certo por algum tempo, devorado de melancholia, e por ventura acoessado dos remorsos, até que em Pergamo deu fim sua triste existencia.

Morto Tiberio, Caio Graccho, seu irmão, determinou seguir o exemplo glorioso que lhe elle legára, renovar as suas leis, e vingar a sua morte. Na sua primeira eleição ao tribunado, concorreu uma tal multidão de toda a Italia, que em Roma não havia casas onde se agasalhassem, e sendo a praça insufficiente para conter o povo, no dia dos comicios, muitos votaram de cima dos tetos e muros. Impotente para resistir-lhe de outro modo, o partido dos nobres tentou primeiro superar a Caio nas liberalidades e favores concedidos ao povo, alliciando para esse fim, como no tempo de Tiberio, um dos tribunos, seus collegas. Machiavello observou depois, bem que a outro proposito, que o meio mais facil e seguro de contrastar a ambição, mormente nas republicas corrompidas, é anticipa-la em todos os caminhos por onde ella pode chegar a seus fins. Não surtindo porém estes expedientes todos os bons resultados que delles se promettiam os nobres, suscitaram uma sedição, na qual Caio Graccho assassinado, não já com trezentos dos seus concidadãos somente, senão com perto de tres mil, foi, como o irmão mais velho, arremessado ao Tibre, depois porém de previamente degollado, e pagando o consul Opimio, a quem lhe apresentou a cabeça decepada, o equivalente do seu peso em ouro de lei.

Um fragmento dos seus discursos, que nos foi conservado, dá a conhecer como teve a previsão de seu triste fim, e como salteado de um desses subitos esmorecimentos a que não são estranhas, ainda as almas de mais forte tempera, hesitou algum tempo se abandonaria a carreira tempestuosa dos negocios. «O' Romanos, dizia elle, Caio Graccho, descendente de tam nobres avós, perdido o irmão por vossa causa, unico resta, com um tenro filhinho, da casa illustre de Scipião Africano e Tiberio Graccho. Se eu vo-la pedisse, acaso me negarieis a graça de buscar no retiro, com o descanso, a salvação das ultimas reliquias desta raça, afim

«de que não pereça toda inteira a memoria do seu nome?». Palavras penetrantes e dolorosas, se as aproximamos do seu final destino!

Antes de encerrar a epocha dos Gracchos, referirei um caso que pela sua mesma singeleza serve de caracterisar a integridade e innocencia daquelles tempos, em que aliás os costumes começaram a declinar. Depois de concluidas umas eleições consulares, a que presidira Tiberio Graccho, recordou se elle de haver por inadvertencia preterido certa cerimonia augural, aliás de pouca importancia, pelo que participou incontinenti a omissão ao collegio dos augures, e por ordem deste, os dous consules, que haviam já partido, um para as Gallias Cisalpinas, e outro para a Corsega, regressaram á Roma, e depuzeram a auctoridade, procedendo-se a novas eleições.

Nos nossos tempos parece que não reinam os mesmos escrupulos e superstições; pelo menos os jornaes têm referido, sob impressões e tons diversos, que nas nossas eleições provinciaes de fevereiro, neste anno da graça de 1852, nem um só dos eleitores do collegio do Itapecurú-mirim acudiu a ouvir a missa do Espirito Santo; tendo acontecido a mesma cousa, no precedente janeiro, ao parlamento portuguez, que todavia sempre mandou dous dos seus membros á patriarchal da antiga Ulysséa, como para representa-lo em commissão perante o poder legal e constituido da Divindade.

.....

Da passagem que acabei de ler-vos, reproduzirei os seguintes trechos, em que o auctor descreve a morte de Tiberio Graccho, porque são digno objecto de estudo por sua incontestavel belleza e perfeição.

.... «Surpresos e enleados os que ficavão á larga distancia pelo que vião fazer, pois não tinham ouvido o aviso, pedião em altos gritos a significação daquelle

desusado movimento. Foi então que Tiberio Graccho lembrou-se de levar a mão á cabeça, buscando, por este signal, dar a conhecer aos que não podião ouvi-lo, o perigo que o ameaçava.»

«Denunciado immediatamente este gesto no senado como prova manifesta e irrefragavel de que Tiberio aspirava á realeza, isto é, a pôr o diadema na cabeça, os padres conscriptos, como cada um pôde imaginar, fizeram uma admiravel explosão de patriotismo anti-monarchico. «Deuzes immortaes! (exclamavão voz em grita). Que crime abominavel! Aspirar á realeza! Attentar a magestade do povo romano!» E sobresahia entre todos Scipião Nasica, a quem a perda de uma immensa quantidade de terras tornára furioso contra o tribuno, e que nesta occasião, alludindo á opposição e libieza do consul, homem justo e moderado, ergueo-se, e exclamou: «Pois que o primeiro magistra-do atraicção a republica, sigão-me todos aquelles que «quizerem acudir á liberdade, e ás leis em perigo!» Dito isto, guiou ao Capitolio seguido de uma immensa tropa armada de punhaes, e pesadas massas e bastões, sendo que os veneraveis senadores, porque não forão prevenidos a tempo, virão-se obrigados a armar-se com os fragmentos de bancos e outros moveis da curia, que o tumultuoso arranco havia feito pedaços.»

«Desarmado pela maior parte, e assoberbado pela furia do inopinado accommettimento, o povo reunido no Capitolio, não lhes ponde soste o impeto, e disparando em confusa e desordenada fuga, uns se preci-

pitavão sobre os outros, embaraçando-se reciprocamente. Os aggressores, *cacetando* a um e outro lado, com galhardia sem igual, e como quem não encontrava resistencia, matarão cerca de trezentos; e o proprio Tiberio Gracchio, arrastado na fuga, resvalou, cahio, e foi immediatamente morto. O primeiro que o ferio foi Publio Satureio, um de seus collegas, dando-lhe com uma perna de banco na cabeça; seguiu-se-lhe Lucio Rufo, e outros que o acabirão, vangloriando-se sempre dahi por diante desta immortal proeza. Os cadaveres de Tiberio, e das demais victimas, depois de mil ultrajes, forão arrastados e lançados no Tibre, recusados pela crueldade dos vencedores á piedade dos parentes e amigos que os solicitarão em vão para render-lhes as honras funebres.»

Nestes admiraveis trechos se pode bem avaliar o talento do auctor como historiador eloquente e como escriptor elegante. Tudo nelles é movimento, pintura, calor, e concisão, sem a menor circumstancia e palavra inutil que os enfraqueça. Um escriptor novel sobrecarregaria a narração de incidentes e promenores minuciosos e insignificantes, julgando embellesal-a; João Francisco Lisboa porém, mestre na arte de escrever, lança unicamente mão das circumstancias essenciaes, e pinta a largos traços, mas com todas as côres da verdade; por isso a sua narração, sem cousa alguma que a esfrie, avulta sempre em interesse, e produz um grande effeito.

Vêde como são naturaes a surpresa e o enleio dos

que ficavão á larga distancia, e ignoravão o aviso que recebêra Tiberio Graccho de que os senadores pretendião matal-o, vendo o movimento extraordinario que se operava em tórno delle; como é bem aproveitada a circumstancia de haver o mesmo levado a mão á cabeça, a qual servio de pretexto a seus inimigos para dizerem que elle pedira a corôa ao povo; como é soberbamente pintada a explosão de fingido patriotismo dos padres conscriptos que prorompêrão, voz em grita, nestas exclamações: «Deuzes immortaes! Que crime abominavel! Aspirar á realeza! Attentar á magestade do povo romano!»; e como termina bem este trecho pela pintura do ridiculo furor dos senadores, armando-se com os fragmentos de bancos e outros moveis da curia, que o tumultuoso arranco havia feito pedaços.

Notai agora a mestria com que é magistralmente descripta a final catastrophe. Começa o auctor por pintar o effeito que produzio o inopinado accommettimento no povo reunido no Capitolio, o qual, pela maior parte desarmado, não poude suster o impeto dos que vinhão armados, e disparando em confusa e desordenada fuga, uns se precipitárão sobre os outros, embaraçando-se reciprocamente; descreve depois o estrago que fizerão os aggressores em homens inertes, pondo em relêvo a morte de Tiberio Graccho, o qual arrastrado na fuga, resvalou, cahio, e foi immediatamente morto, sendo o primeiro a feril-o na cabeça com uma perna de banco Publio Satureio, seu col-

lega no tribunato, seguindo-se-lhe Lucio Rufo e outros que o acabarão; pinta por ultimo a crueldade dos vencedores que, depois de mil ultrajes, arrastarão e lançarão no Tibre os cadaveres de Tiberio, e das demais victimas, recusados á piedade dos parentes e amigos que os solicitarão em vão para render-lhes as honras funebres.

Nada em summa falta ao admiravel quadro traçado nestes trechos, nem quanto ao essencial da pintura, ou apanhamento das circumstancias principaes do facto, nem quanto aos ornatos da mesma, ou estylo cheio de movimento, imagens, e colorido apropriado.

Depois desses só reproduzirei mais o seguinte trecho que nos apresenta o auctor debaixo de novo ponto de vista:—

«Ignoro, se a cidade illuminou-se depois desta esplendida victoria, que aliás foi festejada com o supplicio e desterro de muitos dos complices do odioso conspirador popular. Tudo isso entretanto encontra a sua natural explicação na embriaguez da mesma victoria. O que é porém mais para notar-se é que cerca de sessenta annos depois, Cicero, o grande orador, o virtuoso cidadão, espirito tão vasto e brilhante, como character fraco e vaidoso, para desterrar as irresoluções do senado, puxar-lhe pelos brios, e fazel-o votar a morte dos complices de Catilina, citasse a acção de Nasica como digna de imitação e de louvor, e exemplo de decidido e ardente patriotismo!»

Si nos outros trechos citados apreciastes o auctor

como historiador eloquente e como escriptor elegante, podeis avalial-o neste como critico illustrado e austero. Vêde como depois de tantos seculos que tem elevado ás nuvens a eloquencia de Cicero, de quem diz Quintiliano, *Cicero non homines, sede eloquentiæ nomen habetur*, o historiador philosopho, tendo de avaliar este personagem á luz da critica severa e justa, não poupa no homem eloquentissimo a indesculpavel fraqueza que teve de elogiar, para servir ás paixões de momento, uma acção digna da reprovação do genero humano, e que elle proprio seguramente reprovava em sua consciencia, como qualquer outro. Esta illustrada imparcialidade, que não se deixa cegar pelo merito eminente do individuo apreciado, é que constitue a primeira qualidade dos grandes historiadores, ou antes dos grandes escriptores em mais de um genero, a cujo numero pertence incontestavelmente João Francisco Lisbôa e com os quaes hombraia, pois a nenhum delles cede a palma nos diversos assumptos que tratou.

Em outro discurso apreciarei o segundo volume do *Jornal de Timon*: por hoje aqui faço ponto.

LICÇÃO XCIV.

O segundo volume do *Jornal de Timon*, que me proponho apreciar hoje em um dos seus excerptos, consta de sete livros, e comprehende, sob o modesto titulo de *Apontamentos, Noticias e Observações para servirem á historia do Maranhão*, uma serie de estudos historicos importantes sobre as cousas do antigo Estado do Maranhão e Pará, desde os primeiros tempos coloniaes, até o estabelecimento das missões dos jesuitas nelle. É um trabalho mui judiciosamente feito á vista dos documentos impressos e manuscriptos que o auctor poude haver á mão, precedido de noticias e observações criticas acerca do descobrimento da America por Colombo, e do Brasil por Pedro Alvares Cabral, e enriquecido não só de esclarecimentos sobre a povoação de outros pontos do Brasil alem do Maranhão, como de apreciações as mais completas sobre o regimen colonial em todos os seus ramos, sobre os nossos abori-

genes, e as missões de diversas ordens religiosas estabelecidas para catechisar-os. E muito melhor se pode conhecer o verdadeiro estado do Maranhão naquelles tempos primitivos por estes conscienciosos estudos, que nada deixão a desejar quanto ao objecto historico, que nos Annaes de Berredo que só tratão de ordinario de insignificantes feitos militares escriptos em estylo túrgido e ás vezes inintelligivel.

O auctor não se limita a narrar os factos, acompanhando-os de reflexões mais ou menos triviaes, como quasi todos os que escrevêrão antes sobre nossas cousas; fez delles um estudo profundo, apreciando-os em sua origem, encadeamento e consequencias, como praticarão os grandes historiadores modernos, Cantu, Thierry, Guizot. Mas estes estudos aliás já de si tão apreciaveis ainda o não contentavão, porque na sua longa estada em Portugal tinha collegido materiaes para escrever uma historia do Maranhão, á cuja realisação a morte veio obstar, privando a nossa litteratura de uma obra, que, a julgar por taes preliminares, sobremodo a enriqueceria. Tendõ entretanto de avalial-o como historiador unicamente no que nos legou, direi que não houve questão alguma das que podem interessar á historia do Maranhão que deixasse de ser por elle ventilada e esclarecida, como colonisação, catechese, escravidão e liberdade dos indigenas, escravidão dos africanos, administração civil e politica da colonia, sua cultura e commercio nascentes, usos e costumes dos colonos, suas revoltas já contra os jesuitas, já contra os capitães môres e governadores. Disto dá-

nos amplo testemunho tanto este volume, como o terceiro, que brevemente apreciarei.

A forma que o auctor deo ao seu trabalho é a mais apropriada, porque o seu estylo nobre, flúido, correcto, e por vezes pittoresco, é justamente o que convem á historia philosophica e critica, e ás scenas da natureza e aos costumes singulares que descreve. Occasiões ha, em que levanta a voz, e é eloquente, antes eloquentissimo, como elle o sabe ser, quando o caso pede. A sua dicção sobre rica é toda de lei, como a de um escriptor que conhecia todos os recursos da lingua e a manejava superiormente. Assim os que se propõem o estudo das bellas letras, podem aprender no seu livro, não só a historia de nossas cousas, mas a escrever com correcção e elegancia. Nada vos digo entretanto de mais; porque nenhum dos nossos prosadores iguala certamente a este em gôsto e perfeição de estylo.

Podia ler-vos diversas passagens notaveis deste livro, como a fundação da Bahia, e o estabelecimento dos jezuitas no Maranhão, porém prefiro a todas, não porque seja a mais notavel, mas pelo interesse historico que deve ter, a da conquista do Maranhão sobre os Francezes. Por ella podeis ajuizar do mérito do auctor, que se mostra sempre digno do assumpto, seja elle qual fôr.

Eil-a:

Hoje em dia não se sabe ao certo o logar onde foi assentado o aquartelamento portuguez, pois que este nome de Guaxenduba

perdeu-se de todo. Da *Jornada* de Diogo de Campos collige-se apenas que ficava entre os rios Mamuna e Muni, quatro leguas para lá da embocadura deste, fronteiro e á vista da ilha de S. Luiz, em distancia de umas duas leguas e meia. Não ha que fiar porém na indicação destas distancias, porque eram seguramente esmiadas a olho, confundindo estes conquistadores a cada passo, em razão da absoluta falta de conhecimentos dos logares, qualquer estreito ou braço de mar com rios, a ponto de pôr Diogo de Campos a embocadura do Itapuecurú (Tapuecurú ou Maranhão lhe chama elle) juncto e quasi unida á do Munim!

O coronel Lago diz na sua *Estatística* que pelas combinações, que fez, julga que a enseada de Guaxenduba é a mesma que hoje se chama bahia de Anajatuba, quasi norte-sul com a ponta de S. José, porque acha-se perto dali uma ponta, juncto da qual corre o rio Tatuaba, onde appareceram vestigios de um forte.

Qualquer que fosse, porém, a verdadeira posição do presidio, Diogo de Campos o descreve como uma vasa de lama, com algumas pedras, e a partes aréa e todo esparcelado ao mar mais de meia legua, que de maré vasia ficava sem gota d'agua, e tam desabrigado, que refrescando a viração, não havia maneira de chegar os navios á terra, nem desembarcar cousa alguma. Era o sitio abundante de aguas, e sombreado de denso arvoredo; mas o sargento-mór o critica como pessima posição militar, pois que ficando a barra á mais de quatro leguas, era facilimo com quaesquer embarcações cortar-lhe toda communicação com a costa. Mas já descobertos, não havia remedio senão fortificarem-se ali a toda pressa.

Posta a gente em terra, abicados os navios á praia, e explorados os arredores, no que se despendeu um dia, logo se levantaram as costumadas disputas entre o sargento-mór e o engenheiro de um lado, e J ronymo de Albuquerque de outro, porque levado este da sua indole aventureira, e do seu conhecido systema, ora queria abalar dali para estabelecer-se mais avante, nas bocas do Munim ou do Itapuecurú, onde acharia indios em quantidade para

o contentar, ora em vez de fortaleza, queria uma simples casa no mato, como as fazem os mesmos indios, que é uma cerca de mato cortado, com as ramas e folhagens para fóra, á feição de um curral de gado; e dizia elle, que aquillo bastava, pois não estavam em Flandres, nem se haviam ali mister outras fortalezas mais que daquella especie. Venceu porém a opinião opposta, e feita a escolha do sitio, traçou logo o engenheiro um sexagono perfeito para a fortaleza, onde toda aquella gente se podesse alojar, e com pouca se defendesse. No dia seguinte (28) celebrou-se missa, e tirado á sorte o nome da fortaleza, que sahiu o da Natividade de Nossa Senhora, logo se deu comêço á obra.

Quando estavam todos mui embebidos no trabalho, apoutou uma embarcação de indios da ilha, os quaes saltando em terra, foram recebidos do capitão-mór com grande alegria e bom gasalhado; e por mais que elles na torvação e susto de que estavam tomados, dessem pouca apparencia de verdade ás vozes de paz com que vinham, e nas informações discordassem absolutamente, dizendo uns que a ilha estava cheia de francezes e outros que os francezes já eram idos, pelaqual razão vinham elles a saber quem eram os novos hospedes, pois os desejavam por seus compadres; o cap'tão-mór, levado sempre das suas imaginações, cuidou que já tinha feita a alliança, e os despediu a todos com muitos mimos, tomando só dous refens pelos cinco indios alliados que mandou com os outros a tomarem lingua, e um dos quaes era o principal Mueura-pirá, velusco mui auctorizado por sua experiencia e mais partes. Entretanto, como depois se soube, eram estes tapuyas espias dos francezes, e vinham ver e explorar o acampamento.

Dous dias depois (30 de Outubro), havendo-se derramado pelos arredores a mariscar alguns dos indios alliados com suas mulheres e meninos, foram salteados por uma partida dos da ilha, que captivaram uns, e mataram outros, mutilando os corpos com grande ferocidade, e fazendo pedaços as cabeças, o que entre estes indigenas era signal de declaração de guerra e odio irreconciliavel; mas acudindo um reforço de portuguezes, chegou ainda a tempo

não só de libertar os captivos, mas de matar alguns, e de colher vivo ás mãos o capitão dos contrarios.

Este successo, como era natural, confirmou os receios nos animos dos que já os alimentavam, despertando-os em todos os outros, menos no do capitão-mór, que com os olhos cravados de continuo no horisonte, esperava que a cada momento lhe chegassem da ilha os embaixadores tupinambás a ferir pazes, e todo embebido nesse conceito, não só não soffria a menor observação que puzesse em duvida o acerto das suas idéas, como não olhava de boa sombra para o trabalho das fortificações.

Nisto o indio prisioneiro, fosse inconstancia, ou desejo de agradecer o recente senhor, ou gratidão de lhe deixarem a vida salva, revelou detalhadamente assim a occupação estavel da ilha pelos francezes, e as suas grandes forças em navios, fortalezas, artilharia, senão que mal o permittisse o tempo, demandariam aquelle ponto, e deu por signal que no dia seguinte appareceriam duas embarcações pequenas a reconhecê-lo. E acrescentou que todos os portos estavam tomados, todas as canoás de indios á disposição dos francezes, e estes perfeitamente informados do estado do acampamento, pelos cinco indios mandados pelo capitão-mór, os quaes se achavam a bom recado na fortaleza de S. Luiz, e tudo haviam descoberto, obrigados das torturas.

E de feito no dia immediato (2 de novembro) appareceram as duas lanchas annunciadas, mas sendo perseguidas com força superior, recolheram-se immediatamente.

Parece incrível que ainda depois deste successo porfiasse o capitão-mór que os indios da ilha deviam de ser por elle, e que se já não tinham vindo a busca-lo, era porque os francezes os traziam como bloqueados; mas é de crêr que fallasse assim por compostura sômente, e em obsequio ao proprio orgulho, porque nas obras já ia desmentindo a confiança que respiravam as palavras. Propondo-lhe o sargento-mór que se mandassem avisos a Pernambuco, em ordem a virem soccorros, annuiu sim a que se expedissem dous caravelões por mar, mas oppoz-se vigorosamente a que

se mandassem indios por terra, confessando que já dos proprios alliados receava que, aberto o exemplo com a partida destes correios, todos os mais os seguissem, desamparando o forte.

Os caravelões partiram, e começou-se então a cuidar de veras nas fortificações. O caso era em verdade urgente e apertado; porque no meio de todas essas interminaveis delongas e miserias da expedição portugueza, o estabelecimento francez tinha medrado consideravelmente. As suas forças numericas haviam duplicado, com a chegada de novos soccorros, e só o capitão de Pratz, aquelle mesmo que de passagem tentára surprehender o presidio das Tartarugas, havia trazido trezentos homens em uma alterosa náu. Na ilha havia já quatro fortes, bem que só nos ficassem os nomes de dous, o de S. Luiz e o de S. Joseph do Itapary. Os indios, tanto da ilha, onde havia mais de vinte aldeas populosissimas, como do visinho continente de Tapuy-tapera e Cumã, estavam todos á sua devoção. E por fim senhoreavam completamente o mar pela superioridade da sua esquadra. Valeu aos portuguezes que a grande náu de de Pratz que se adiantara a busca-los soffreu tamanho temporal na costa do Araçagy (Arasanhug chama-lhe Diogo de Campos) que se viu necessitada a arribar a S. Luiz, e tiveram assim os portuguezes alguma folga para adiantar as suas obras, no que punham grande vigor e diligencia, como quem receava ser accommettido a cada instante.

*Trabalhava-se, escreve Diogo de Campos, de noite e de dia, coisa que se não pôde crêr de gente tam cansada, e tam mal provida, e que continuamente andava com as armas nas mãos, e atravessando matos, e rondando as praias, guardando portos, fazendo emboscadas, hatendo veredas, reconhecendo pistas, vigiando lanchas, e trabalhando nas obras, e na descarga dos navios, de sorte que não havia sahir de um trabalho, sem se deixar de entrar em outro; de todos a guarda no mar, e dos navios dava mais cuidado, porque por momentos as lanchas, canoas e patachos appareciam em diversas partes, e como nenhuma era segura aos novos hospedes, de todos se arreceavam, e convinha guardarem-se, de mo-

do que descalços, despídos, rotos do mato, transidos, pallidos, mas mui animosos, andavam todos os soldados, e officiaes com um conformidade grande.

Esta triste situação, tornava-a ainda mais afflictiva a falta de boa comida, pois como a terra nada podia fornecer pelo emquanto, continuavam todos reduzidos a farinha e agua. Nestes corpos assim extenuados, as molestias começaram de prompto os costumados estragos; alguns falleciam, muitos eram os prostrados, encommodados todos. As fileiras do pequeno exercito se desfalecavam a olhos vistos, pois além dos mortos e enfermos, outros se tinham ido nos dous caravelões.

Por este theor foram as cousas até o dia 7, em que os francezes arvoraram uma bandeira branca em uma corôa fronteira ao forte. Palpitou o coração a Jeronymo de Albuquerque, que logo em altas vozes manifestou que não deviam de ser senão os seus compadres tupinambás que fugindo á tyrannia dos francezes, ou a nado, ou por qualquer outra industria, vinham ali buscar a sua protecção. Neste presuppuesto mandou embarações que os conduzissem, mas estas acharam inimigos em vez de amigos, e á fuga deveram a salvação.

No dia 10 uma partida portugueza surprehendeu uma canôa, e a-prisionou todos os indios que vinham nella, á excepção de dous que, lançando-se ao mar, nadaram como golfinhos mais de duas leguas. Os prisioneiros, fazendo da necessidade virtude, e não tendo naquelle aperto outro remedio, asseguraram com intrepidez e descaramento que vinham de paz. Sahiu alegremente a recebe-los Jeronymo de Albuquerque, mas Diogo de Campos, a quem doñam estas cousas no coração, não se pôde ter que lhe não dissesse: «Senhor, não sejam estes como os outros, mandem-se por a recado, e saibamos o que se passa, que tanta gente, nem tam bem concertada, não vem senão a tomar lingua por parte dos francezes.» A isto lhe respondeu o capitão-mór publicamente: «Senhor, isto não é guerra de Frandes. Vmc. me deixe com os indios por me fazer mercê, que eu sei como me hei de haver com elles,

que sei que me vem buscar de paz. E dizendo isto, os despediu e deixou ir livremente, enchendo-os de afagos e mimos!

De maravilha um dos índios, que tinha a mãe em Pernambuco, deixou-se ficar no acampamento, e revelou ao padre fr. Manoel, que era mui versado nos seus dialectos, que a canôa não tinha ali vindo a outro fim senão a fazer um ultimo reconhecimento, sendo a tenção dos francezes assaltar os navios aquella mesma noite, e depois de os render e queimar, pôr cerco á fortaleza por mar e por terra.

Como isto viesse ao conhecimento de Diogo de Campos, á boca da noite, fez aviso ao capitão-mor para se preaver e puchou elle com parte da força a guarnecer os navios, entendendo talvez, como Themistocles, que a salvação desta singular Athenas estava toda naquellas muralhas de madeira; mas sabindo-lhe o capitão-mor por diante no acto mesmo do embarque, oppoz-se a este designio, dizendo que tinham vindo ali, não a defender meia duzia de taboas podres, senão a terra que pisavam, e haviam occupado em nome d'el-rei. Tornou-lhe Diogo de Campos que contas dariam ao mesmo rei da armada, se a perdessem, sendo ella o seu unico recurso e meio de salvação? E assim continuou a disputa, vencendo a final a auctoridade de Jeronymo de Albuquerque, que mandou abicar e atoar os navios á terra, quanto fosse possivel, e deixando-lhes alguma gente para sua guarda, dispoz tudo em terra para repellir o ataque.

Na madrugada de 11 de novembro, involtos n'uma densa escuridão chegaram os francezes silenciosamente; mas sendo em breve percebidos, travou-se a canhonada e fuzilaria de parte a parte. Entretanto a artilharia do forte jogava com pouco effeito; e os guardas postos nos navios os abandonaram depois de uma fraca resistencia. Tres dos navios cahiram em poder do inimigo, escapando os outros tres, ou por estarem já em secco mui proximo a terra, ou por mais abrigados pela artilharia do forte —.

Ficaram os francezes tam infunados com este successo, que dali por diante começaram a correr o mar livremente em face do aquar-

telamento portuguez, e armando as tres embarcações que haviam tomado, occupavam e enchiam o canal com as suas velas, vindo até a metter-se debaixo da artilharia do forte, e ás arcabuzadas molestavam a gente que andava pela praia; não lhes consentindo mais nem o repouso, nem o trabalho.

Nestas arriscadas conjuncturas, cortados os portuguezes por mar e por terra, por um inimigo poderoso em si mesmo, e ao demais assistido de innumeravel multidão de indios, com suas immensas canoas de sessenta e setenta palmos de comprido, já os valentões do Preá se arrependiam da sua temeridade, e estimariam muito ver-se de novo naquelle ponto. Os indios amigos, esses vendo que os francezes haviam tomado os navios tanto a mãos lavadas, andavam tam encolhidos e espantados, que já lançavam novas contas; e nem acudiam mais ao trabalho como dantes, nem o capitão-mór ousava de ordenar-lhes cousa alguma, quasi certificado do pouco que podia esperar delles.

Começou-se tambem a sentir a penuria, porque os indios amigos já não ousavam alongar-se do acampamento, para colher alguma cousa, temerosos com razão dos contrarios que, em numerosas emboscadas, infestavam todos os arredores. A consternação tornava-se geral, e suggeria alternativamente, em uns projectos criminosos, e em outros pouco cordatos, sendo evidente que ninguém quasi sabia já dar-se a conselho.

Um dia teve o sargento-mór denuncia de que estava urdida uma numerosa conjuração para pôr fogo á polvora, afim que, forçados os chefes pela falta de munições, abandonassem o acampamento, e retrocedessem, fosse para onde fosse. O unico embaraço, que detinha os conjurados, era o receio de que ardendo toda a polvora dos armazens, não lhes viesse depois faltar a indispensavel para se defenderem na retirada, e por isso andavam cogitando maneira de esquivar este inconveniente. Nas criticas circumstancias em que se achavam, viu-se o sargento-mór obrigado a dissimular, sem nada fazer ostensivamente para reprimir tamanho attentado; e despedindo o conjurado delator, com palavras ambigüas, e vagas promessas de libertar brevemente a todos dos grandes xave-

mes que estavam passando, proven immediatamente á segurança da pólvora, dobrando-lhe as guardas, escothendo-as de toda a sua confiança, e havendo-se em todo com tal disfarce, que ninguem suspeitasse o que elle só sabia.

Feito isto, determinaram os chefes de fazer uma exploração, a ver se por entre as illhas, e a coberto dos navios francezes, descobriam algum canal, pelo qual ou podessem retirar-se com segurança, ou pelo menos mandar estabelecer um presidio no Prea, onde fossem avisadas as embarcações que por ventura viessem de Pernambuco, não fossem ellas cahir nas mãos do inimigo, privando assim os portuguezes do unico soccorro de que já agora esperavam a salvação.

A este fim partiu Belchior Rangel no dia 17, caminhando pela praia, com sessenta arcabuzeiros, trinta indios e um excellente guia; mas posto fosse o caminho já d'antes frequentado, andaram elles todo aquelle dia e noite, e parte do seguinte, sem acertar por onde deveriam seguir, e depois de levar atolados algum tempo em um iguarapé, que tentaram atravessar, por estar a maré vasia, voltaram ao acampamento tam descompostos e sordidos da lama, e tam quebrantados de fadiga, como se tiveram andado na vasa um anno inteiro.

Este successo que acharia a sua explicação natural no desalento e má vontade dos exploradores, se capitulou pouco depois quasi como milagroso; porque se Belchior Rangel tivesse seguido por diante, o acampamento, desfalcado de uma parte tam consideravel das suas forças, mal poderia resistir no dia seguinte ao vigoroso assalto do inimigo. Mas o sargento-mór, que o não previa, tomou grave despeito daquelle mallogro, e determinou elle mesmo de resarci-lo, indo aquella noite, e mas o engenheiro Frias, a fazer a exploração, cada um em seu batel com dez homens. Quando porém pela madrugada do dia 19 estavam a ponto de embarcar, deram vista de uma immensa multidão de embarcações de remo que, cosidas com o mangue, se vinham em grande silencio aproximando do forte. Eram os francezes que vinham a toma-lo.

Ao amanhecer, nada fizeram os portuguezes por lhes defender a desembarcação, e elles a effectuaram com gentil despejo e galhardia, que na competencia de quem primeiro tocaria em terra, muitos se lançaram á agua, o que foi causa de molharem frascos e bandoleiras, e talvez de se lhes estragar parte da munição. Os indios fizeram o mesmo, e saltaram cada um com uma especie de fachina na mão, cobertos de pavezes e rodellas, tintos de variegadas côres, e arriados de pennas a seu modo, fazendo mil tregeitos e esgares medonhos, e arrancando tan temerosa grita, que parecia estar alli o inferno todo, diz Diogo de Campos.

A armada franceza era em verdade formidavel, se a compararmos com o extenuado e desprovido destacamento portuguez, pois compunha-se de sete navios de alto bordo, e de quarenta e seis grandes canoas, com quatrocentos soldados e para mais de dous mil indios.

Berredo e outros dizem quatro mil; mas além de que só fallam no desembarque da metade desta força, sem explicar o destino da outra, Diogo de Campos que menciona só dous mil, acrescenta que as canoas maiores tinham setenta e cinco palmos de comprimento, e eram guarnecidas com vinte cinco remos por banda, o que dá para as quarenta e seis, que vieram, justamente cousa de dous mil indios, numero sem duvida muito mais provavel.

O forte da Natividade ou de Sancta Maria estava situado sobre uma pequena eminencia, arvoredo frondoso derredor, e a praia immensa na frente; mas de lado lhe ficava a cavalleiro outra eminencia mais elevada, que o descuido ou impericia do engenheiro deixou vaga e accessivel ao inimigo. Junto a esta corria um ribeiro, donde o forte se provia d'agua.

Era tal a confiança dos francezes nas suas forças que só desembarcaram os indios, e duzentos soldados, ficando a bordo das grandes embarcações outra igual porção. A mesma força desembarcada se dividiu em duas; uma foi occupar a eminencia que dominava o forte portuguez, e com as varas e fachinas, que levava, em breve conseguiu levantar ali uma cerca a modo de fortificação; e ou-

tra ficou occupando a praia, onde ergueu alguns reductos que por meio de outra extensa cerca communicavam com a collina.

Diogo de Campos, antes que estas obras se fizessem e logo no acto do desembarque, veio com alguns arcabuzeiros apalpar o inimigo; mas depois de uma ligeira escaramuça, mortos dous francezes e um portuguez, acolheu-se ao forte, onde traçou rapidamente com o collega a ordenança que na defeza deviam guardar. As suas forças eram minguadas, e ainda assim commetteram o mesmo erro que o inimigo, dividindo-as. Jeronymo de Albuquerque devia acometer a collina com cerca de oitenta soldados, e um numero menor de indios, e marchou primeiro rebugado pelos matos. Diogo de Campos devia acometer os reductos da praia com um punhado de homens quasi igual. O capitão Fragoso ficou no forte com uma pequena companhia de reserva para acudir onde a urgencia do caso o pedisse. No mesmo forte ficaram tambem de guarda uns trinta homens, os mais delles enfermos e marinheiros desembarcados. Os tres navios restantes estavam varados na praia, desparelhados, e com muitas taboas arrancadas, em ordem a não se aproveitar delles o inimigo. E eis ali tudo.

Em quanto Jeronymo de Albuquerque mettido por uma estreita vereda procurava flanquear a collina sem ser sentido, Diogo de Campos guiava silenciosamente para a praia, mascarando-se tambem com os matos quanto podia, para que não dessem fé de sua marcha. Durante ella porém percebeu que os seus soldados o seguiam remissos e descoroados, e como pesarosos de abandonarem o abrigo do forte. Recendo elle então que a tibieza e frouxidão degenerasse bem depressa em cousa peor, arranco de uma pistola, e acceso em colera afeiou-lhes uma cobardia tam indigna, e mais em quem se havia amotinado no Preá para avistar-se com o inimigo; e accrescentando que ao primeiro que torresse o rosto f ria saltar os miólos com um tiro, concluiu animando-os a que fizessem o que lhe vissem fazer, e certificando-os da victoria, *se por um pouco tivessem a barba teza á primeira furia do inimigo.*

Chegado a este momento supremo, que para sempre decidiu dos

destinos da nossa patria, o escriptor destas memorias não pode passar adiante sem fazer algumas rapidas considerações sobre as circumstancias dos dous partidos, que promettiam resultados tão outros dos que a fortuna proporcionou. De que fios mysteriosos pende a sorte dos imperios e das nações? Os francezes senhoreavam o mar com uma possante armada; a sua superioridade em homens, armas e provimentos de todo genero era immensa, e para corôa de tudo, tinham por si o formidavel apoio de toda a população indigena. Inebados além disso com a recente victoria, e cheios, com razão, de confiança nas proprias forças, como não haviam de contar que a fortuna, que desde o principio lhes sorria, não coroasse todas as suas fadigas com o derradeiro triumpho?

É certo que os francezes accumularam faltas sobre faltas. Quando deviam atacar a expedição, antes que ella tomasse pé e creasse raizes, consumiram o tempo em repetidas explorações e reconhecimentos. Tendo depois tomado e destruido a flotilha portugueza, e senhoreando exclusivamente o mar, era-lhes bem facil interceptar todos os soccorros, e obrigar o pequeno presidio portuguez a render-se pela fome, ou a tentar uma retirada desastrosa por terra, muito antes mesmo que taes soccorros apparecessem. E preferindo por fim jogar a sorte da colonia n'uma batalha houveram-se com tam presumptuosa confiança que partiram as suas tropas, fazendo desembarcar metade dellas sómente, e esta mesma dividiram e encamiuharam a dous pontos diversos, como já se viu. Entretanto, em nenhuma destas situações, mesmo na mais desvantajosa, eram os francezes inferiores aos seus adversarios, e mais achando-se assistidos de tam crescida multidão de indios.

Da parte dos portuguezes porém que contraste! Uma pobre expedição, fructo mesquinho de um parto laborioso de uns poucos de annos de contradicções, embaraços e miserias de todo o genero, arrastando-se languidamente de estação em estação desde Pernambuco até Guaxenduba, e depondo em cada estação parte das mingoadas forças; minada e dizimada pela penuria, pelas molestias e pela insubordinação; desmoralisada e abatida pela perda da

armada, e por fim de tudo, no momento supremo e decisivo, entorpecida pelo medo e cobardia, a maior degradação e infamia, a que um soldado pôde chegar. E nada menos os portuguezes venceram! Mais tarde havemos de ver que a Providencia foi justa nos seus designios.

Diogo de Campos foi o primeiro que feriu a batalha, bradando —Sanct'Iago— e arremettendo denodado contra o inimigo. Não tardaram muito, primeiro a reserva do capitão Fragoso, e logo após o capitão-mór, que vendo a briga accessa, desistiu do primeiro intento de atacar a collina, e accudiu pressuroso onde o chamavam a honra e o perigo. Deste geito viu-se o inimigo acommettido inopinadamente por diversos lados. Foi curta a peleja, porém vigorosa e mortifera. Que decidiu do exito? Algum imprevisto e ligeiro accidente, algum brado de terror ou de coragem solto no meio do conflicto, e por ventura a morte do general francez Mr. de Pizieux, derribado logo as primeiras arcabuzadas. Foram os indios os primeiros a afrouxar, exemplo que não tardaram os francezes a seguir descoroçoados a um tempo, e baldos da principal direcção, com a morte de seu chefe. Bem depressa disparou tudo em desordenada fuga, ficando o campo do combate alastrado de cadaveres e despojos.

Durante a refrega, que se concluiu em menos de uma hora. Ravardière, que do mar contemplava a derrota dos seus, tentou com a esquadra prevenir as suas ultimas consequencias, divertindo com o fogo da sua artilharia a attenção dos vencedores; mas estando a maré baixa, os vasos maiores não poderam aproximar, e os que o conseguiram, foram de maneira servidos pelo fogo do forte, que sem poder obstar a cousa alguma, se tornaram a fazer ao largo.

Tomado um breve descanso, guiraram os vencedores á fortificação da eminencia, donde os vencidos não receberam soccorro algum durante o primeiro conflicto, porque Pizieux havia positivamente determinado á guarnição que por mais que visse ferida a peleja, por nenhum caso se movesse, antes se fortificasse cada

vez mais, entendendo achar ali um abrigo, se fosse mal succedido. Este ataque foi o mais perigoso e difficil; a guarnição se refreza com a turbamulta dos fugitivos, e resguardada pela cerca, fuzilava os portuguezes que marchavam descobertos a metter-se na boca dos seus arcabuzes. Não poucos destes cahiram junto a fortificação, mortos ou feridos, e entre elles um filho do capitão-mór, ferido, e Luiz de Guevara, sobrinho do sargento-mór, que, ainda depois de morto, tinha as mãos ambas seguras á cerca, em posição de quem procurava vence-la de salto. Nada porém foi capaz a sustentar o impeto dos assaltantes: nem podia ser muito longa a resistencia dos sitiados já quebrantados pela rota lastimosa que haviam testemunhado. Os indios, que ali estavam em numero maior de seiscentos homens, foram os primeiros que afrouxaram, e retrahindo-se á relaguarda, arrojaram-se com tal impeto pela collina abaixo que arrebataram consigo os matos da cerca, semelhando na violencia e estrepito da fuga a queda ruidosa de uma torrente caudal. Os francezes, a quem para cumulo de infortunio se acabou a polvora, sahiram tambem em debandada pela mesma aberta.

Neste segundo ataque, em que os francezes fizeram houradamente o seu dever até a ultima extremidade, estiveram os Portuguezes a sós, porque os seus indios se haviam desmandado pelo campo, e andavam encarniçados em despir os cadaveres dos francezes e em quebrar os craneos aos indios inimigos.

A jornada com todas as suas phases e accidentes durou desde as dez horas da manhã até quasi ao cabir da noite, em que todos se recolheram ao forte, sem mais perseguir o inimigo que fugia pelo bosque, *por lhe dar ponte de prata*, dizia Diogo de Campos. Este dia os dous velhos, sempre tam avessos em tudo, se mostraram perfeitamente semelhantes, no valor como na fortuna.

A perda dos francezes foi immensa, pois deixaram nove dos seus em poder do vencedor, e cento e quinze mortos no campo da batalha, entre os quaes se contavam, além do commandante em chefe Pizieux, muitos officiaes de distincção que todos combateram até

a morte, por mais que Diogo de Campos lhes bradasse em francez que se rendessem. Apenas o senhor de Pratz buscou a salvação na fuga, escapando á nado, e com a espada na boca. Entre os indios, que pereceram, ficou o denominado *Mingán*, grande inimigo dos portuguezes, a quem por quatorze vezes havia escapado desde as guerras do Rio Grande e Ybiapaba. Se a estes mortos juntarmos os que se afogaram no mar, e os que deviam de ir feridos, ver-se-ha que o desastre foi completo. E sobre isto, os portuguezes, logo depois da primeira victoria, pozeram fogo á armada das quarenta e seis canoas, que arderam todas até á ultima. A perda do vencedor foi comparativamente insignificante, pois não excedeu a dez mortos e dezoito feridos.

Ainda assim, como os francezes conservavam intactas as mais de suas forças, e esperavam para o dia seguinte um grande auxilio de refresco de indios do Cumã, com quem os dispersos, refazendo-se, se podiam juntar, e tentar de novo a fortuna das armas, Diogo de Campos nada quiz confiar ao acaso, antes teve toda a gente acutelada e recolhida durante a noite, de cançoando, enterrando os mortos, e curando os feridos. «A gente estava tal, diz elle, e havia tanto que entender com feridos e mortos, e com vivos mortos de fome, que bem o haviamos mister assim. No quartel, a Deus louvores! não havia cirurgiaão nem mezinha alguma, mais que um pobre moço, que ainda que soubesse atar uma ferida, não tinha coisa que lhe pôr, mais que azeite comum ou de copaiva, e panno d'agua com empsalmo, que para tam terriveis feridas, como alguns tinham, era coisa lastimosa. Somente entre os indios havia ao seu modo bailos e cantos toda a noite, e as mulheres apregoando pelo quartel, andavam cantando das proezas de seus maridos, e publicando os nomes dos homens de guerra que haviam tomado nos contrarios, quebrando-lhes as cabeças, cerimonia notavel e de muita graça, pelo fervor com que as mulheres indias de aquellas partes dão á execução deste rito.»

Ao amanhecer do dia 20 de novembro os do forte deram vista

da armada com as vergas e bandeiras abatidas, e desarvoradas, em profundo silencio, sem toque de alvorada, nem os tiros do costume, tudo em signal de dó, pela perda do general e de tantos bravos, senão é que a principal causa de afflicção estava na derrota, e mallogro de tantas esperanças. O certo é que Ravardiére, de anojado, esteve dous dias retrahido em sua camara sem fallar a ninguem, como depois se soube. Mas os vencedores nem por isso tinham grande motivo de contentamento, pois viam o mar tomado, achavam-se sem um unico hatel em que navegar, e começavam a ser apertados pela fome, accrescendo a tudo os receios de algum novo ataque.

E de feito, pelas sete horas da manhã, assomaram no horizonte as preconisadas canoas dos indios de Cumã, em numero de dezeses com seiscentos a setecentos homens, aoproando para a armada e forte de Guaxenduba, e enfileiradas umas trás das outras. Estes auxiliares tentaram fazer o seu desembarque para o lado do Munim; mas obstados por cem mosqueteiros portuguezes que lhes sahiram ao encontro, e informados um pouco além pelos extraviados, da grande rôta da vespera, se deram pressa em fugir para as suas aldêas, sem fazer nenhum cabedal dos repetidos signaes da capitânia franceza, tam infieis e esquivos na presente desgraça, como promptos e dedicados na boa fortuna.

Ravardiére, que sempre fôra tão mimoso della, não pôde soffrer de boa sombra este estrondoso revez que o tinha quasi derribado de suas mais charas esperanças; e elle que no momento do ataque escrevêra ao chefe portuguez uma carta arrogante e ameaçadora, a que se lhe respondera pela maneira que já fica referida, isto é, com a batalha e a victoria, exhalou agora o seu despeito e mau humor em outra não menos incongruente. Jeronymo de Albuquerque respondeu-lhe com dignidade e moderação; e dahi estabeleceu-se essa famosa correspondencia, que Diogo de Campos nos conservou, e é um curioso monumento da petulancia como da cortezia franceza, não menos que do estylo e dos costumes militares daquelles tempos e paragens, e das importantes negociações

diplomaticas, que deram em ultimo resultado a evacuação dos francezes e o estabelecimento permanente dos nossos maiores.

Da passagem que vos li reproduzirei os seguintes trechos relativos ao combate de Guaxenduba, o qual decidio da sorte do Maranhão.

.....
 «Quando porém pela madrugada do dia 19 estavam a ponto de embarcar, derão vista de uma immensa multidão de embarcações de remo que, cósidas com o mangue, se vinhão em grande silencio aproximando do forte. Erão os francezes que vinhão a tomal-o.»

«Ao amanhecer, nada fizerão os portuguezes por lhes defender a desembarcação, e elles a effectuárão com tão gentil despejo e galhardia, que na competencia de quem primeiro tocaria a terra muitos se lançárão á agua, o que foi causa de molharem frascos e bando-leiras, e talvez de se lhes estragar parte da munición. Os indios fizerão o mesmo, e saltárão cada um com uma especie de fachina na mão cobertos de pavezes e rodellas, tinctos de variegadas côres, e arreiados de pennas a seu modo, fazendo mil tregeiños e esgares medonhos, e arrancando tão temerosa grita, que parecia estar alli o inferno todo, diz Diogo de Campos.»

«A armada franceza era em verdade formidavel, se a compararmos com o extenuado e desprovido destacamento portuguez, pois compunha-se de sete navios de alto bordo, e de quarenta e seis grandes canoas,

com quatrocentos soldados e para mais de dois mil indios.»

«O forte da Natividade ou de Santa Maria estava situado sobre uma pequena eminencia, arvoredo frondoso derredor, e a praia immensa na frente; mas de lado lhe ficava a cavalleiro outra eminencia mais elevada, que o descuido ou impericia do engenheiro deixou vaga e accessivel ao inimigo. Junto á esta corria um ribeiro, donde o forte se provia d'agua.»

«Era tal a confiança dos francezes nas suas forças que só desembarcãrão os indios, e duzentos soldaos, ficando á bordo das grandes embarcações outra igual porção. A mesma força desembarcada se dividio em duas; uma foi occupar a eminencia que dominava o forte portuguez, e com as varas e fachinas que levava, em breve conseguiu levantar alli uma cerca a modo de fortificação; e outra ficou occupando a praia, onde erguêo alguns reductos que por meio de outra extensa cerca communicavão com a collina.»

«Diogo de Campos, antes que estas obras se fizessem e logo no acto do desembarque, veio com alguns arcabuzeiros apalpar o inimigo; mas depois de uma ligeira escaramuça, mortos dous francezes e um portuguez, acolheo-se ao forte, onde traçou rapidamente com o collega a ordenança que na defeza devião guardar. As suas forças erão mingoadas, e ainda assim commettêrão o mesmo erro que o inimigo, dividindo-as. Jeronymo de Albuquerque devia acometer a

collina com cerca de oitenta soldados, e um numero menor de indios, e marchou primeiro rebuçado pelos matos. Diogo de Campos devia accometter os reductos da praia com um punhado de homens quasi igual. O capitão Fragoso ficou no forte com uma pequena companhia de reserva para acudir onde a urgencia do caso o pedisse.»

.....

«Diogo de Campos foi o primeiro que ferio a batalha, bradando—Santiago—e arremettendo denodado contra o inimigo. Não tardarão muito, primeiro a reserva do capitão Fragoso, e logo após o capitão-mór, que, vendo a briga accesa, desistio do primeiro intento de atacar a collina, e acudio pressuroso onde o chamavão a honra e o perigo. Deste geito vio-se o inimigo accomettido inopinadamente por diversos lados. Foi curta a peléja, porém vigorosa e mortifera. Que decidio do exito? Algum imprevisto e ligeiro accidente, algum brado de terror ou de coragem sôlto no meio do conflicto, e por ventura a morte do general francez, Mr. de Pizieux, derribado logo ás primeiras arcabuzadas. Forão os indios os primeiros a afrourar, exemplo que não tardarão os francezes a seguir, descorçoados a um tempo, e baldos da principal direcção, com a morte de seu chefe. Bem depressa disparou tudo em desordenada fuga, ficando o campo do combate alastrado de cadaveres e despojos.»

Não irei por diante na reproducção da descripção do combate, ou antes do seguimento da victoria; pois é

sabido que a derrota dos francezes foi completa, sendo desalojados, mortos, ou aprisionados, os que occupavão a collina, sem que a esquadra de La Ravardière, ou os navios mais possantes della, pudessem aproximar-se de terra para valer aos seus, em razão do inconveniente da marê baixa. Bastão os trechos citados para dar-nos idéa da belleza da narração, que é um verdadeiro modêlo no seu genero, porque o auctor soube lançar mão de tudo quanto podia realçal-a, como circumstancias de maior vulto e interesse, e colorido convenientemente adaptado para descrevel-a.

Já não é a primeira vez que tenho de render homenagem ao talento descriptivo do auctor, que pinta sempre com pincel de mestre, sem desfigurar os seus quadros com accidentes e ornatos inuteis ou prejudiciaes. Leia-se, ainda que seja rapidamente, esta descripção, e logo conhecer-se-ha o seu merito, seja no essencial, seja nos accessorios, pela impressão que nos causa o conjuncto apropriado de uma e outra cousa: e que não experimentamos, lendo algum outro escriptor que tratasse da materia.

Podem objectar-nos que o auctor tirou de fontes conhecidas os factos que constituem a sua descripção, assim é; mas o que o torna incontestavelmente superior a quantos o precederão na narração do successo, é justamente o apanhamento magistral que fez dos mesmos factos, adoptando só os que tinham interesse real, expondo-os com ordem, clareza, e lucidez admiraveis, e revestindo-os do colorido proprio, e tal como

elle sabia dar a tudo que sabia de sua penna. Este supremo discernimento, tacto, e gôsto, por elle empregados para fazer sobresahir o que nos apresenta aos olhos do entendimento, são qualidades que só pertencem ao grande escriptor, ou, para melhor dizer, ao genio que por ellas brilha.

Nesta magistral descripção que nos dá do combate que naquelles tempos decidio da sorte do Maranhão vem-nos logo impressionar agradavelmente a belleza de sua dicção pittoresca, e toda portugueza de lei, como se nota nas seguintes frases:—*Derão vista* de uma immensa multidão de embarcações que, *cosidas com o mangue*, se vinhão em grande silencio aproximando do forte;—mas de lado lhe *ficava a cavalleiro* outra eminencia mais elevada;—veio com alguns arcabuzeiros *apalpar o inimigo*;—Diogo de Campos foi *o primeiro que ferio a batalha*;—e logo após o capitão-mór que *veudo a briga accesa* desistio do primeiro intento de atacar a collina, e acudio pressuroso onde o chamavão a honra e o perigo. Escusado é dizer que os tropos que contribuem para este bello estylo pittoresco são todos mui expressivos, porque tanto tem de arrojados, como de felizes.

Era pois João Francisco Lisbôa um escriptor que sabia tratar superiormente qualquer assumpto que se propunha, seja no que se refere á invenção e distribuição, seja no que é propriamente elocução, em que hombrea com os Freires, Souzas, e Vieiras. Quem, ao ler esta e outras passagens do *Jornal de Timon*, não dirá

que está fazendo a leitura de um auctor classico? Porém o que é ainda mais digno de louvor, é que Lisboa nos reproduz nos seus escriptos a belleza de dicção dos classicos, não os defeitos de alguns delles: pois nem é declamador como Jacintho Freire, nem cheio de antitheses e trocadilhos de palavras como Vieira. Por isso não hesitarei em propôr este escriptor á nossa mocidade como verdadeiro modêlo na arte de escrever.

Em outro discurso apreciarei o terceiro volume do *Jornal de Timon*; por hoje aqui faço ponto.

LICÇÃO XCV.

O terceiro volume do *Jornal de Timon*, que me proponho apreciar neste discurso, não se acha dividido em livros como o precedente, mas forma como um só corpo de livro dividido em simples secções ou grandes capitulos. É pela ventura o mais importante dos tres no que se refere a estudos feitos em vista de documentos manuscriptos, que o auctor teve occasião de consultar durante a sua longa residencia em Portugal, onde lhe forão franqueados os da torre do tombo. Comprehende este volume a narração das scenas animadas e dramaticas que commovêrão profundamente a nascente cidade de S. Luiz nos annos de 1684 e 1685, como diz o proprio auctor, com summaria indicação prévia dos successos anteriores mais notaveis desde a fundação da colonia, e estudos mui profundos sobre a administração colonial feitos na respectiva legislação em todas as suas relações. É um trabalho completo.

As scenas animadas e dramaticas a que se refere o auctor são as da revolução operada no Maranhão a 23 de Fevereiro de 1684 pelos colonos, que, dirigidos por Manoel Bequimão, Jorge de Sampaio e outros chefes, prendêrão o capitão mór Balthazar Fernandes, depuzerão o governador Francisco de Sá e Menezes, ausente no Pará, abolirão o estanco, ou monopolio da venda das fazendas, e expulsarão os jesuitas, fazendo-os embarcar violentamente para Portugal em Março do mesmo anno. Esta revolução chamada a do Bequimão, ou Beckman, seu chefe mais notavel, que foi depois enforcado no anno seguinte juntamente com Jorge de Sampaio, governando já o Maranhão Gomes Freire de Andrade, que viera da metrópole com uma companhia de soldados substituir á Sá e Menezes, é em todas as suas causas e promeñores magistralmente apreciada, e descripta pelo auctor que, estudando os factos com esmero, os expõe com ordem e criterio admiraveis sobre revesti-los com a magia do seu estylo que lhes dá um interesse quasi contemporaneo.

Não se poupa elle a trabalho, e vai nos defeitos da propria legislação e vicios da administração colonial buscar as causas da revolta, que não era senão o effeito dessas causas agglomeradas, e que um ou outro incidente, como a introducção do estanco, fez rebentar.

Nada escapa á sua judiciosa penna, nem a sordida ganancia dos colonos em manter em sua plenitude a escravidão dos indios, a cuja cabal realisacção se oppunhão as missões dos jesuitas; nem a protecção interes-

seira que estes padres davão aos indigenas, mais com vistas no engrandecimento de sua ordem, que na prosperidade da colonia; nem o exclusivo de comprar e vender aos colonos que a metrópole concedia a alguns tratantes; nem a prevaricação dos governadores e capitães môres que, com poucas e honrosas excepções, só tratavão de locupletar-se nestes estabelecimentos longinquos; nem finalmente a negligencia ou falta de tino da metrópole em promover-lhes o engrandecimento, como cumpria. Verdade é que já o Padre Antonio Vieira, que visitou por duas vezes o Maranhão, como se sabe, tinha já assinalado algumas das causas do atraso da nascente colonia, mas não com tanta amplidão e profundez, nem sobre tudo com tanta imparcialidade, por que na sua qualidade de jezuita advogava os interesses da ordem.

Deste excellento excerpto historico, com que o auctor enriquecêo a nossa litteratura, escolherei para lervos duas passagens das mais notaveis, como a partida dos jezuitas, e a execução do Bequimão. Por ellas ajuizareis do merito do auctor naquellas narrações historicas que pelo jogo dos affectos tanto se aproximão do drama, e tanto nos captivão.

Eil-as:

Chegadas as cousas a este extremo, aprazaram os chefes a ultima conferencia para a noite de 23 de fevereiro, vespera de sexta-feira de passos. Nessa mesma tarde a Imagem do Senhor tinha de ser transferida da igreja do Carmo para a da Misericordia afim de solhir no dia seguinte em solemne procissão, segundo o costume.

O grande concurso de povo naquelle acto religioso, determinou sem d'úvida a escolha da occasião. Os convites fizeram-se com tanta publicidade como audacia durante o curto transitio.

A reunião, que foi das mais numerosas, effeituou-se alta noite, no logar costumado, isto é, na cerca dos capuchos, sitio ainda então ermo, e apartado do coração da cidade. Como mais auctorisado ou mais eloquente, o Bequimão tomou um logar conveniente, e expoz em um conciso discurso as causas e os fins daquelle ajuntamento, e da revolução que delle devia sahir. A expulsão dos assentistas e do estanco, nunca contestada, sempre se teve por cousa simples e decidida; mas a dos padres, e sobretudo, a deposição do capitão-mór e do governador, posto que desejadas por uns, e previstas e subentendidas por outros, propostas então formalmente pela primeira vez, foram acolhidas com certa estranheza e sobresalto. Aventuraram-se algumas objecções sobre os graves compromettimentos que resultariam destes ousados alvitres. Assomado e impetuoso de seu natural e como sorprendido por uma opposição intempestiva, o Bequimão as rebateu cheio de sobranceira e de despeito. Responderam-lhe no mesmo tom, e dentro em pouco estava travada uma confusa e renhida disputa. Debalde acudiu Thomaz Bequimão a compôr os animos com palavras brandas e conciliadoras; a reunião ia dissolver-se sem haver resolvido cousa alguma, quando um iltéu, de nome Manoel Serrão de Castro, homem brutal e de pouca supposição, arrancando e brandindo a espada exclamou furioso—que pois haviam chegado até ali, já agora não havia recuar do proposito começado com tanto perigo, e que o traidor que o contrario sustentasse, ali mesmo acabaria ás suas mãos.— A este gesto e grito igualmente energicos, todos tiveram mão em si, e a turba guiou immediatamente ao seu destino, apoz dos chefes, que sem má's disputar, deixaram ao curso dos acontecimentos, e ao compromettimento que delles necessariamente resultaria, o supprir o que havia de incompleto na deliberação interrompida.

.....

Era preciso completar e legalisar estas medidas, e a esse intento convocou-se immediatamente para a casa da camara uma junta geral do clero, nobreza e povo. O Bequimão inaugurou as deliberações com um discurso em que referiu largamente as causas, a marcha e o exito da revolução. Foi calorosamente applaudido e victoriado. Depois votáram-se por aclamação a approvação das medidas já tomadas, a expulsão definitiva dos padres, a abolição do estanco, a deposição do governador ausente no Pará, e a criação de um novo governo, composto da camara e de tres adjuntos que se lhe nomearam, todos elles postos sob a suprema inspecção de dous procuradores do povo. O Bequimão foi o primeiro nomeado para um destes dous logares, dando-se-lhe por collega Eugenio Ribeiro Maranhão; e seu irmão Thomaz ficou pertencendo ao numero dos adjuntos.

.....

Durante a sua ausencia os padres reclusos no collegio, mais frouxamente vigiados, não se deixaram ficar ociosos; e dando mais um exemplo daquella tenaz perseverança, que era o característico da ordem, e com ajuda da qual dominavam as situações que pareciam mais desesperadas, souberam tirar partido daquillo mesmo que do primeiro lanço se afiguraria uma insupportavel vexação a vistas menos perspicazes. Os grupos populares tinham de uso, nas suas divagações quotidianas, invadir o pateo do collegio, afim de verificar se os padres continuavam a bom recado, e os acolhiam com voserias e baldões, se alguns acaso se mostravam nas janelas ou corredores. Mas elles affrontando com apparente humildade aquelle molesto tratamento, dirigiam-se ao povo, justificavam-se das arguições de que eram objecto, e inculcando um desinteresse a toda prova, declaravam-se promptos a resignar toda a jurisdicção temporal que se lhes contestava, uma vez que os deixassem exercer em paz e liberdade o seu officio de simples mis-

• Bequimão tinha ido a villa de Tapuytpera em missão especial.

sionarios e pregadores evangelicos, unica coisa a que aspiravam, segundo diziam. Procedendo por este teor, calculavam habitualmente que os sentimentos religiosos arreigados no povo, não deixariam por fim de produzir o seu costumado effeito; e bem que não fosse esta a primeira vez que com semelhante artificio procurassem rebucar tenções bem oppostas, já a distincção começava a parecer rasoavel a não poucos, e fallava-se pela cidade em aceitar o compromisso proposto, quando Bequimão, de volta da sua breve excursão, informado do que se passava, atalhou promptamente as negociações, fazendo saber aos padres *que o povo não podia recuar do começado sem desdouro da sua recente resolução, cuja mudança seria sem dúvida attribuida a alguma indecorosa incostancia do juizo.*

Receioso ainda de novos manejos, cuidou de apressar a sua partida, e para melhor assegura-la, marcou o dia della por um bando, e mandou intimar aos padres o seguinte protesto, mixto singular de temor e de precaução dos habitantes contra as suas astucias costumadas, e do odio implacavel que lhes consagravam em quanto homens dados e sujeitos a todas as fraquezas e interesses profanos; não menos que de veneração profunda para com o caracter sagrado de que se achavam revestidos.

.....

Domingo de ramos, dia aprazado para o embarque, os padres, em numero de vinte sete, depois de ouvirem missa, e de se despedirem um por um de Nossa Senhora da Luz, padroeira do seu collegio, sahiram pela porta chamada do carro, fronteira ao mar, conduzido em rede um delles, que de velho e achacado não podia caminhar, e os mais a dous e dous, com as palmas bentas inclinadas sobre os hombros, reportados e tranquillos no porte e nos gestos, os semblantes graves e tristes, os olhos baixos e lacrymosos, indicando tudo mansidão e resignação, e por nenhum caso á colera ou á impaciencia.

A multidão prevenida e curiosa, entre a qual avultavam innumerous indios armados de arco e flechas, apinhava-se nas duas colli-

nas que ficam fronteiras, uma do lado da sê, e outra de Santo Antonio; o cortejo desfilava pelo centro entre ambas ao som dos sinos que tocavam como a rebate, e encaminhava-se lentamente ao logar da partida, que era onde hoje se chama a Praia-Pequena. A este espectáculo, desusado e triste, o povo mostrou uma consternação profunda; e conta-se que o proprio Bequimão, tão commovido como os mais, e sem poder conter as lagrimas, adiantou-se para abraçar publicamente um dos padres de quem era particular amigo. Mas este passageiro accesso de ternura e compaixão não podia de modo algum obstar á execução de uma medida dictada por interesses profundos e arreigados, e por paixões tam implacaveis como antigas. O embarque verificou-se sem mais incidente. Deixemos pelo enquanto estes proscriptos de um dia seguirem a sua viagem, e volvamos outra vez ao centro do pequeno povo, onde novas e variadas scenas estão chamando a nossa attenção.

Já referimos como o governador promettêra largas recompensas a quem prendesse o Bequimão, e era uma dellas a amnistia completa para o crime daquella mesma rebellião. Lazaro de Mello, mancêbo pertencente á nobreza da terra, donde era natural—afilhado e pupillo do proscripto, segundo uns, compadre, segundo outros, mas sem a menor dúbida, pois que todos nisso são conllestes, seu intimo amigo e obrigado, sendo que desde pequeno lhe frequentava a casa, onde era recebido quasi como pessoa da familia—levado menos do temor do castigo, que lhe não tocava, por se não contar no numero dos cabeças, que da vil ambição do premio, foi quem concebeu e poz por obra de um modo odioso e infame o plano da sua prisão.

Acompanhado de uma boa escolla de escravos e famulos, encaminhou-se o miseravel ao derradeiro asylo do seu antigo hemfeitor. Prevenido o Bequimão pela vigilancia dos seus de que uma canôa bem equipada aportava ao sitio—acolheu-se ao mato; mas

sabendo logo que era o amigo, sahi a encontra-lo, levado a um tempo da confiança da amizade antiga, e da curiosidade e ansia de saber noticias, tão natural na sua triste situação. Lazaro dirigiu-lhe algumas palavras proprias a adormecer quaesquer suspeitas que tivesse, e em quanto procurava entrete-lo, um dos seus mais robustos sequazes lança-se a elle de improviso, cinge-o fortemente nos braços, e procura subjuga-lo ajudado pelos demais. Ao ruído desta acção, os escravos do engenho acodem em defeza do senhor, e uma lucta renhida ia travar-se, quando a voz d'el-rei, proferida em altos brados pelo traidor, todas as frentes se curvaram, e ninguem mais ousou mover-se. A victima ignominiosamente amarrada, foi arrastada até a canoa, e ali carregada de grilhões.

Nos primeiros momentos, entre colerico e consternado, o Bequimão exproboou ao seu algoz a negra ingratição e infame aleivosia com que o levava a uma morte certa; mas dentro em pouco, abafando váos queixumes, pediu-lhe sómente que o alliviasse das cordas e dos ferros, pois lhe dava a sua palavra de que se não aproveitaria daquella liberdade para fugir. E tal era o respeito e confiança que inspirava o character deste homem raro, que o mesmo miseravel que naquelle instante acabava de atraçoal-o, não duvidou annuir ao seu pedido, não podendo aliás, nem devendo esperar que em circumstancia alguma se julgasse alguem obrigado a guardar as leis da honra a quem tão indignamente as violava.

Fiel ao seu empenho o Bequimão não fez sequer a menor tentativa de evasão, que n'uma viagem de sessenta leguas, que durou alguns dias, dormindo sempre em terra, e mal vigiado, lhe não seria difficil effectuar, principalmente quando ao desembarear na ilha, atravessou para chegar á cidade um longo espaço solitario e coberto de matos, acompanhado somente pelo traidor. Dir-se-hia que a ruina de todas as suas esperanças, a fraqueza e esquivança dos amigos, e sobretudo a última e abominavel traição, ferindo-o cruel e successivamente, o haviam tornado indifferente á conservação de uma existencia, que agora se lhe afigurava inutil para o bem a que sempre aspirára.

Nestas circumstancias, ao governo já não restava mais do que consummar o sacrificio, d'antemão resolvido, e a que a propria victima parecia offerecer-se quasi voluntaria. Os povos civilizados têm isto de commum com os selvagens anthropophagos; matam os seus prisioneiros em publico terreiro, com grandes apparatus e ceremonias, equivalendo as fórmulas judicias, vão simulachro de accusação e de defeza, ás injurias acerbas e aos canticos funéreos que entre os canibae precedem o golpe supremo. «Fulminou-se o processo (diz nuamente Teixeira de Moraes) mais que summario, evitando-se alguns termos dilatorios e superfluos.» As testemunhas chamadas a depor, increparam-se umas ás outras de um modo vergonhoso, mas a principal culpa, como era de esperar, lançaram sobre os presos. Fr. Domingos Teixeira de Moraes, que o refere, acrescenta que Gomes Freire assignou a sentença tão cheio de magoa e de piedade, e com o braço tão trémulo, que a firma, examinada depois, pareceu de alheia mão. Mas na participação que dirigiu ao governo o proprio general diz seccamente que apressára o negocio, porque havendo-se-lhe repetido os antigos achaques, receava que se aggravassem de modo que depois o impossibilitassem de concluir aquella diligencia com a pontualidade e exacção que S. M. confiára do seu zelo, sendo que por outra parte já os soldados não podiam aturar o continuo trabalho da guarda da cadêa; que Manoel Bequimão, e Jorge de S. Payo haviam sido condemnados á morte, e na perda dos bens para a corda, porque para o castigo eram os mais culpados, e para o exemplo os mais poderosos .

Levantou-se a força na praia chamada do armazem, hoje da Trindade, dando-se execução á sentença no dia 2 de novembro ..

• Officio de 15 de novembro de 1685, e consulta de 12 de fevereiro de 1686.

• • Quando imprimir as *Obras* do Lisbôa, escreveu-nos de Paris Odorico Mendes, não se esqueça de pôr em nota o seguinte:

• Gomes Freire de Andrade mandou *injustamente* decapitar • Manoel Beckman como *inconfidente*; e passado seculo e meio, a

Jorge de S. Payo era um ancião maior de setenta annos, casada e carregado de filhos. O veterano dos motins não podia acabar de crer que era chegada a sua hora, e foi mister, por assim dizer, a vista do cadafalso, para desengañal-o daquella triste illusão, sem dúvida filha do medo, e do afêro a uma vida aliás tão cansada, e já tão proxima ao seu termo natural

O Bequimão, deposta aquella coragem activa, que brilha principalmente na luta e na resistencia, conservava todavia a da firmeza e da resignação, que só uma fé viva e pura na bondade da sua causa pode dar ao homem trahido pelo destino. No momento supremo cumpriu intrepidamente a promessa que havia feito em dias menos aziagos; e na mesma occasião, em que, como verdadeiro christão, pedia do alto do patibulo o perdão de todas as offensas feitas ao proximo, declarou que pelo povo do Maranhão morria contente! Grito sublime e derradeiro de um coração altivo e generoso, admiravel sobretudo naquelles tempos, em que as revoluções, simples factos material, não constituíam doutrina nem direito, e em que os condemnados, ordinariamente humilhados diante da justiça, morriam protestando o seu arrependimento, e beijando a mão que os punia ...

Assim terminaram, feridas do mesmo golpe, esta singular revo-

«18 de outubro de 1817, um descendente do governador e do mesmo nome, isto é o general Gomes Freire de Andrade, foi fuzilado na esplanada da torre de S. Julião, em Lisboa, como *inconfidente*, e também *injustamente*».

... A coragem com que Manoel Bequimão recebeu a morte é attestada tanto pelo P. Bettendorf, jesuita expulso, e seu adversario, como por Teixeira de Moraes, seu encarniçado detractor. E' o proprio Teixeira de Moraes que, para ultrajal-o, nos refere, sem as comprehender, as suas ultimas palavras. Eis como elle se exprime: «O Bequimão recebeu a morte catholicamente animoso, supposto se scandalisasse os entendidos e timoratos de elle dizer «do alto do patibulo, pouco antes de precipitado, que morria satisfeito de dar pelo povo do Maranhão a vida. Não faltaram muitos que sentiram a sua tragedia, uns de pios e compassivos, os mais de ignorantes e interessados, os quaes somente á conveniencia propria os demove de qualquer tyranno lastimar-se.» *Rel. Hist. P. 2.ª C. 13.ª*

lução, e a nobre existencia que fôra ao mesmo tempo a sua força e o seu lustre. A historia, imparcial e severa, mas não dura e insensível, aprez-se em recordar tantos actos de desintêresse, lealdade e abnegação, a sua eloquencia persuasiva e forte, e aquella coragem serena e firme que, sem nunca abandoná-lo durante a vida, brilhou com mais vivo fulgor em face da morte; raro conjuncto de grandes qualidades que, acareando e subjugando o amor e o odio dos contemporaneos imprimiu á revolução um caracter de honestidade e moderação, que faria a gloria dos melhores tempos, e que mesmo então lhe permittiu atravessar as suas phases mais perigosas tão pacificamente como pôde só-lo uma commoção popular—pura e extreme de quaesquer excessos, e tão respeitadora da vida e da fazenda, como de todos os outros interesses e direitos dos seus adversarios. Mas o coração não pôde deixar de contristar-se quando vemos este homem notavel dissipar em vão esforços todo aquelle thesouro de virtudes e altas facultades, n'uma época de ignorancia, egoismo e corrupção, que não era a sua, e abysmar-se por fim n'uma empreza temeraria e insensata, sem êxito provavel, iniqua em alguns dos seus fundamentos, e tão ephemera, que da sua passagem nem deixaria vestigios, se infelizmente não houvera servido a consolidar a mesma influencia que se propunha a destruir.

Mas pois, na noite dos tempos, brilham tão raros os caracteres desta témpora, condemnando os erros, e lastimando o extemporaneo e inutil do sacrificio, a historia não deve recusar-lhes, quando acaso os encontra, a expressão ardente das suas sympathias, e o tributo de admiração e de piedade, que sobre tudo lhes é devido, se um grande infortunio vem no fim coroar e consagrar um grande merecimento.

Da primeira passagem que vos li, reproduzirei os seguintes trechos que são mui primorosos.

«Domingo de ramos, dia aprezado para o embarque,

os padres, em numero de vinte sete, depois de ouvirem missa, e de se despedirem um por um de Nossa Senhora da Luz, padroeira do seu collegio, sahirão pela porta chamada do carro, fronteira ao mar, conduzido em rede um delles, que de velho e achacado não podia caminhar, e os mais a dois e dois, com as palmas bentas inclinadas sobre os hombros, reportados e tranquilllos no porte e nos gestos, os semblantes graves e tristes, os olhos baixos e lacrimosos, indicando tudo mansidão e resignação, e por nenhum caso á colera ou á impaciencia.»

«A multidão prevenida e curiosa, entre a qual avultavão innumerous indios armados de arco e flechas, apinhava-se nas duas collinas que ficão fronteiras, uma do lado da Sé, e outra de Santo Antonio; o cortêjo desfilava pelo centro entre ambas, ao som dos sinos que tocavão como a rebate, e encaminhava-se lentamente ao logar da partida, que era onde hoje se chama Praia Pequena. A este espectaculo, desusado e triste, o povo mostrou uma consternação profunda; e conta-se que o proprio Bequimão, tão commovido como os mais, e sem poder conter as lagrimas, adiantou-se para abraçar publicamente um dos padres de quem era particular amigo. Mas este passageiro accesso de ternura e compaixão não podia de modo algum obstar á execução de uma medida dictada por interesses profundos e arreigados, e por paixões tão implacaveis como antigas. O embarque verificou-se sem mais incidente.»

São verdadeiramente admiráveis estes trechos, já pela cabal enumeração das circumstancias que concorrem para a belleza da pintura, já pelo natural movimento de affectos que nella sobresahe, já pela propria contextura do discurso que é em tudo perfeita.

Nada esquece ao auctor que possa tornar o acto solenne, extraordinario, compungente e enternecedor. Os padres só deixão a sua igreja depois de ouvirem a missa de ramos, e de se despedirem um por um da padroeira do collegio, ou depois de preenchidas todas as cerimoniaes religiosas. Excepto um que de velho e achacado é conduzido em rede, todos os mais vão á dois e dois com as palmas bentas inclinadas sobre os hombros, reportados e tranquilllos no porte e nos gestos, os semblantes graves e tristes, e os olhos baixos e lacrimosos, indicando tudo mansidão e resignação. O povo que se apinhára nas duas collinas fronteiras, do lado da Sè e de Santo Antonio, para vel-os passar quando se dirigião á Praia Pequena, logar do embarque, mostrou a este desusado e triste espectaculo uma consternação profunda. O proprio Bequimão tão commovido como os mais, e sem poder conter as lagrimas, adiantou-se para abraçar publicamente um dos padres de quem era particular amigo.

Ninguem ao lêr esta narração de um facto que se dêo ha quasi dous seculos, lhe recusará o cunho de verdadeira; porque o facto se acha descripto com todas as circumstancias que fazem ao proposito, ou justamente como passoa, ou devêra ter passado. Descre-

ver por esta forma é pintar as cousas com todas as côres da verdade, e tornal-as visiveis aos olhos do entendimento; o que só é proprio de um grande engenho como era o auctor. Não é menos admiravel em tal situação o jôgo de affectos que tanto aproxima este sublime quadro do drama, dando-lhe um interesse que captiva o leitor.

Pelo que respeita á forma, admire-se na estrutura do primeiro periodo a rara habilidade com que o auctor liga ao sujeito e ao attributo de uma só proposição um sem numero de circumstancias que todas servem a dar realce ao quadro, sem que o sentido seja de leve offendido, nem o estylo se torne pesado ou arrastrado. Para fazer isto impunemente ou jogar assim com a lingua e a grammatica, é necessario ser grande mestre na arte de escrever; pois outro que o não fosse naufragaria certamente na empreza.

Da segunda passagem reproduzirei unicamente os seguintes trechos que relatão a final catástrophe.

«Levantou-se a fôrca na praia chamada do Armazem, hoje da Trindade, dando-se execução á sentença no dia 2 de Novembro.»

«Jorge de Sampaio era um ancião maior de setenta annos, casado e carregado de filhos. O veterano dos motins não podia acabar de crêr que era chegada a sua hora, e foi mister, por assim dizer, a vista do cadafalso, para desenganal-o daquella triste illusão, sem dúvida filha do medo, e do afêrro a uma vida aliás tão cansada, e já tão proxima ao seu termo natural.»

«O Bequimão, deposta aquella coragem activa, que brilha principalmente na luta e na resistencia, conservava todavia a da firmeza e da resignação, que só uma fé viva e pura na bondade da sua causa pôde dar ao homem trahido pelo destino. No momento supremo cumprio intrepidamente a promessa que havia feito em dias menos aziagos; e na mesma occasião, em que, como verdadeiro christão, pedia do alto do patíbulo o perdão de todas as offensas feitas ao proximo, declarou que pelo povo do Maranhão morria contente! Grito sublime e derradeiro de um coração altivo e generoso, admiravel sobre tudo naquelles tempos, em que as revoluções, simples factos material, não constituíam doutrina nem direito, e em que os condemnados, ordinariamente humilhados diante da justiça, morrião protestando o seu arrependimento, e beijando a mão que os punia.»

Lúgubre é, senhores, o quadro que vos ponho diante dos olhos, mas é justamente o desfêcho do terrivel drama historiado pelo auctor, cujo protagonista, o homem mais popular do Maranhão naquelles tempos por sua coragem civica, depois de haver figurado na scena como chefe do maior movimento politico, que vio a colonia no seculo XVII, trahido na desgraça por um miseravel que lhe devia tudo, terminou seus dias n'um patíbulo juntamente com outro companheiro de infortunio. Com ser porém lúgubre não deixa elle de ser perfeito, como ides vêr.

Começa o auctor por estabelecer o contraste no passo

extremo entre a pusilanimidade de Jorge de Sampaio, o veterano dos molins, que não podia acabar de crer que era chegada a sua hora, e a coragem da firmeza e da resignação, apresentada pelo Bequimão, o homem trahido pelo destino nas suas mallogradas esperanças de regeneração da colonia. Resulta do contraste sobredito que o primeiro era apenas um triste objecto de lástima aos olhos dos homens, mas o segundo, um verdadeiro martyr da liberdade, ou melhor daquillo que então era reputado causa de sua nova patria pelos colonos.

Onde porém o auctor se eleva a toda a altura do sublime é na expressão do último grito soltado pelo Bequimão que ia morrer mais como victima expiatoria dos erros de um govêrno fraco, que dos proprios, «... e na mesma occasião, em que, como verdadeiro christão, pedia do alto do patibulo perdão de todas as offensas feitas ao proximo, declarou que pelo povo do Maranhão morria contente! Grito sublime e derradeiro de um coração altivo e generoso, admiravel sobretudo n'aquelles tempos, em que as revoluções, simples facto material, não constituíão doutrina nem direito, e em que os condemnados, ordinariamente humilhados diante da justiça, morrião protestando o seu arrependimento, e beijando a mão que os punia.

Em verdade! Qual será a tragedia que produzirá sobre nós o mesmo effeito que a realidade dos grandes dramas da historia, quando são escriptos por penas tão bem aparadas como a de João Francisco Lis-

bôa? Nenhuma certamente. Para se conhecer a sua rara habilidade no precioso excerpto historico que nos dêo, basta considerar o excellente partido que elle soube tirar de um facto que jazia inteiramente sepultado no esquecimento, ou quando muito desfigurado e adulterado nas parciaes e incompletas memorias da época. Não contente com esses juizos apaixonados e superficiaes, Lisbôa compulsou os documentos manuscriptos, sem se poupar a fadigas, desenterrou, por assim dizer, e tirou á luz do dia, com todos os seus incidentes notaveis e peripécias, o grande e interessantissimo drama politico que abalou o Maranhão em 1684 e 1685, e consternou por seu sanguinolento desfêcho toda a população da então pequena cidade de S. Luiz, que delle sem dúvida se recordava com commoção profunda ainda annos depois em presença dos descendentes dos suppliciados.

Escrever a historia com imparcialidade, criterio, e talento, dignos della, eis a nobre missão do verdadeiro historiador, ou a que desempenhou o auctor no seu excerpto.

Em outro discurso passarei a apreciar a Vida do Padre Antonio Vieira, do mesmo auctor: por hoje aqui termino.



LICÇÃO XCVI.

Vou hoje, senhores, apreciar á João Francisco Lisboa, como biographo propriamente dito, na sua *vida do Padre Antonio Vieira*, obra que deixou manuscrita, e que se está actualmente imprimindo na provincia sob a direcção dos Srs. Dr. Antonio Henriques Leal e Luiz Carlos Pereira de Castro, a cujo obsequio devo as respectivas folhas impressas em quasi sua totalidade. O auctor que, escrevendo excerptos da historia collectiva do Maranhão, se ostentou historiador profundo e eloquente no seu *Jornal de Timon*, já nos tinha tambem dado uma amostra de rara aptidão para este genero de historia individual na excellente biographia que traçou á Manoel Odorico Mendes, e que sahio estampada na Revista Contemporanea de Portugal e Brasil, e em um folheto avulso. O ensaio que então nos dêo, era como o prelúdio da sua *Vida do*

Padre Antonio Vieira, trabalho de muito mais vulto, e muito mais completo em todas as suas partes, porque é feito não só sobre todas as noticias e documentos que se tem até hoje publicado, relativos ao celebre jezuita, como, e mui principalmente, sobre os seus proprios escriptos analysados, commentados, e decifrados com um tacto e criterio verdadeiramente superiores.

Na ordem das modernas biographias é esta do Padre Antonio Vieira sem contradicção uma das melhores de que tenho noticia, porque dá-nos o fiel e cabal transumpto do original, copiado com esmero do grande quadro que esse singular engenho nos deixou traçado da propria vida em seus numerosos escriptos sobre tantos e tão diversos assumptos, religiosos, moraes, philosophicos, politicos, administrativos, e até cabalisticos. O Padre Vieira do auctor é, para dizer tudo, o Padre Vieira retratado e caracterizado segundo os productos do seu engenho, que são mui variados e desiguaes; pois o auctor não faz como certos biógraphos que atenuão as fraquezas d'aquelles cuja vida escrevem, como se estivessem compondo um poema ou um romance, mas apresenta-nos o seu personagem, como cumpre, com todos os defeitos e virtudes, ou tal qual o revellão as suas obras. Por isso a sua biographia traz o cunho da verdadeira historia do individuo, que descreve, bem ao revêz de tantas outras.

Tem ainda ella a vantagem de descrever com todas

as suas feições características a época em que viveo Vieira, o valido, o conselheiro d'el-rei D. João IV, que o empregava em commissões importantes estranhas ao seu ministerio dentro e fóra do reino, e quasi nada fazia sem o seu parecer, ou de dar-nos um apanhado da história politica de Portugal d'aquelle tempo em todos os negocios em que interveio o mencionado jezuita, que forão muitos, bem como amplas noticias do pé em que se achava então a colonia do Brasil, em que elle igualmente tanto figurou. Assim Vieira não só nos é debuxado tal qual foi, mas demais a mais em toda a sua esphera de acção. É uma grande figura collocada sobre o seu verdadeiro pedestal, porque nos é representada com todos os ademanos do seu seculo.

Apesar de ter ficado este importante trabalho biographico com muitas entrelinhas e raspagens, ou sem a última demão que lhe daria o auctor quando o imprimisse, é a sua fôrma tão bella como a dos demais escriptos que sahirão de sua penna; pois não se descobre differença notavel na perfeição de estylo de um e outros. Neste ponto porém é de justiça que se tribute o merecido louvor ao Sr. Luiz Carlos Pereira de Castro, que, encarregado da correcção das provas e de restabelecer alguns logares do manuscripto quasi inintelligiveis pelas muitas emendas, lhe tem prestado o mesmo serviço que o auctor, si fosse vivo.

Passarei agora a ler-vos duas passagens notaveis da biographia para que faças idéa do merito do auctor neste genero de historia individual, a que deo um

desenvolvimento e amplidão, como poucos costumão fazê-lo.

Eil-as:

.....

Fez mais ainda. Subindo ao pulpito para sustentar as suas ideias (instituição das companhias com a isenção do fisco) os argumentos de que se serviu, para desarmar o odio da multidão, não podiam ser mais contradictorios com as suas proprias doutrinas. A nossa terra, disse elle, affronta justamente com o nome de cães os convencidos do crimê contra a fé, á quem aborrece; e dahi vem que este remedio, não só approved, mas admirado das nações mais cultas da Europa, só na portugueza é reprovado, porque a experiencia de serem mal reputados na fé alguns dos seus commerciantes, torna suspeitosa e até perigosa a união e mistura do dinheiro menos christão com o catholico. Mas que politica sublime e christã não é servir a fé, e alcançar-lhe victorias, com as proprias armas da infidelidade, pagando ella em cima os soldados! E qual a razão? é porque a bondade das obras está nos fins, e não nos instrumentos; as obras de Deus, todas são boas; os instrumentos de que se serve, esses sim, podem ser bons e maus.

Em apoio destas estranhas doutrinas, d'uma moralidade equívoca, vinham os costumados exemplos das escripturas, e outros a seu modo—os trinta dinheiros porque Judas vendeu a Christo applicado á compra de um terreno para a sepultura dos peregrinos; o ouro de um idolo tomado por David aos inimigos, servindo a fabricar-lhe uma corôa. A Elias no deserto sustentavam-n'o umas vêzes os anjos, outras os corvos. E S. Roque, o herôe, antes pretexto do sermão, alimentava-se com o pão tirado da boca de um cão.

A todas estas attenuações á ousadia dos seus projectos ajuntou finalmente o P. Vieira uma, com a qual sem d'úvida entendeu que os patrocinava a elles, resguardava-se a si próprio, e desfazia todos os escrupulos, sinceros, ou apparentes, dos que lhes faziam opposição; e vinha a ser que na materia não podia haver funda-

mento para o menor receio, uma vez que a resolução della ficava ao juizo e disposição do summo pontifice, a quem como vigario de Christo, e regra unica da fé competia ordenar, variar e dispôr o que, segundo os tempos, e estado da igreja, parecesse mais conveniente com proveito das armas, e gloria de Deus.

Exprimindo-se por este modo contava evidentemente o P. Vieira, pelo que via praticar em Roma, senão com uma approvação explicita, ao menos com a indiferença ou tolerancia do papa para com iguaes práticas introduzidas em Portugal.

Mas o papa, sollicitado pela inquisição de Lisbôa, illudiu as suas esperanças (o mesmo Padre no-lo vai dizer porque motivos), fulminando por um breve penas e censuras contra o alvará de 6 de Fevereiro de 1649, pelo qual D. João IV havia instituido a chamada companhia occidental com differentes privilegios entre os quaes figurava a isenção do fisco.

O P. Antonio Vieira que, enquanto estas cousas se passavam, percorria a Europa, e ia mesmo a Roma, por mandado do rei, a differentes missões, não se deixou vencer pela contrariedade, como o prova primeiro a luta que por esta questão se travou entre o rei e o seu governo de uma parte, e a inquisição apoiada pelo papa, da outra; e em segundo logar a sua propria e directa intervenção no debate, escrevendo um novo opusculo para que se negasse o beneplacito ao breve do papa, e sustentando a todo o trance o real decreto.

O que prova quão pouco este homem ardente e apaixonado attendia aos conselhos da prudencia, e olhava pela propria segurança, é a epocha mesma em que escreveu o seu novo opusculo. Corre este sem data quer nas cópias manuscriptas que temos examinado nas diversas bibliothecas do reino, quer na recente edição geral das suas obras, em que pela primeira vez vio a luz; mas como o seu auctor, para encarecer as vantagens da companhia occidental, lhe attribue em boa parte a restauração de Pernambuco, acontecida nos primeiros dias do anno de 1654, não nos fica a menor dúvida de que o escreveu durante a residencia que fez em Lisboa, entre 1654 e 1655, á sua primeira volta do Mara-

nhão, para onde tinha partido em 1653, porque, na segunda, em 1661, já o decreto estava revogado na parte essencial.

O P. Vieira fizera esta viagem do Maranhão á corte como simples missionario que não vinha a outro fim mais que a pedir providencias a bem da liberdade e conversão dos indios, suas desamparadas ovelhas, conseguido o que, muito a seu contento tornou a voltar á longiqua missão, onde ainda se deteve para mais de seis longos annos.

Nada pois o obrigava, ao menos aparentemente, a involucrer-se com estrondo nesta ardua e melindrosa contenda, em que se achava empenhado um inimigo tão poderoso e tanto para temer como era o sancto-officio. Porque motivo pois se lançou de novo tão fóra de proposito na luta e no perigo? Acaso opprimido neste conflicto, invocaria o rei, ou exigiria mesmo o auxilio das suas luzes? ou o seu amor proprio de auctor o impelliria a sahir em defesa da propria obra? ou finalmente levava-o a sua conhecida inclinação á controversia e á disputa, e a vaidade que o impellia a ostentar-se nas grandes scenas? O mais provavel é que todos estes motivos actuassem mais ou menos no seu animo.

O papel em questão é uma especie de dissertação juridica repleta de citações, distincções subtis, e de argucias forenses de todo o genero, em que o seu talento mais de uma vez mostrou comprazer-se. O breve pontificio não devia ser recebido, por haver sido alcançado com obrepeção e subrepeção. O papa o não expedira de *motu proprio*, senão pela narração pouco verdadeira do bispo inquisidor geral, que desnaturou o decreto, asseverando que se isentavam do fisco os bens dos condemnados pelos crimes de heresia e judaismo, quando o que se concedera fóra a remissão antecipada dos mesmos bens adquiridos á coroa pelas condemnações, o que era coisa mui outra, e não menos por haver occultado o fim com que se fazia, a remissão, qual era a criação das armadas a bem da fé na recuperação de Pernambuco e mais conquistas do poder dos hereges, circumstancia que dava á mesma remissão o character de um contracto oneroso, muito diverso da simples graça, e de que

já houvera exemplos nos reinados de D. Manoel e de D. João III.

O papa como é sabido não havia reconhecido a nova ordem de cousas em Portugal, e por isso o breve vinha concebido em termos vagos, sem nem sequer citar o data do decreto, ou nomear o rei, quer pelo seu nome, quer pela sua dignidade real—destas reticencias tomava occasião o Padre para declarar o breve nullo, segundo o direito, por falta de menção especificada de clausulas essenciaes. El-rei fóra tão pouco ouvido pelo papa—outra causa de insanavel nullidade, pela regra de direito natural de que ninguém pôde ser condemnado sem ser préviamente ouvido.

Ora aos reis assiste incontestavel direito de impedir a execução dos breves, sem embargo da bulla da cêa e outras, que o prohibem com penas e censuras, uma vez que taes breves sejam contrarios e prejudiciaes ao bem temporal do Estado, e ás regalias do poder real. A bulla da cêa, e outras iguaes se deviam entender em termos habeis, e S. M. devia escrever ao papa para mostrar-lhe as razões do impedimento posto, e a verdade inteira do decreto aleivosamente denunciado.

Finalmente não se ignorava que o breve houvera sido alcançado em Roma por negociação de Castella contra um decreto por nenhum modo contrario aos canones, á conservação da fé, e exercicio da inquisição, que em nada era impedido, pois podia ella proferir as suas sentenças, que seriam executadas, salvo a remissão estipulada, e compensada com os onus impostos aos condemnados; logo os que se lhe oppunham, e queriam executar o breve, procuravam a ruina da companhia, mostrando-se nisso pouco zelosos da conservação do reino e pessoa de S. M., e parciaes de Castella, tão interessada por sua parte na ruina da companhia que promulgára graves penas contra todos os seus subditos que nella mettessem cabedaes.

A accusação de traição não podia ser mais clara, e ia direita á inquisição. Mais tarde veremos a maneira cruel por que ella replicou a tanta audacia e imprudencia.

Quanto á companhia, é sabida a sua triste historia, que de res-

to não é para este logar. Pelo alvara de 6 de fevereiro de 1649, e estatutos de 8 de março seguinte D. João IV decretou a sua instituição com duração de vinte annos, e de mais dez eventualmente, isenção do fisco para os capitães nella empregados, e diversos outros favores, e obrigações correspondentes — medida em verdade muito mais restricta que a imaginada pelo P. Vieira que queria a isenção do fisco ampliada a todo o commercio em geral, como já vimos. A inquisição impugnou-o, e o papa fez outro tanto, instigado por ella, e por outras influencias. Oito annos depois, a rainha viuva D. Luiza, na qualidade de regente, sob a pressão da inquisição, e quiçá de escrúpulos de uma consciencia timorata, deu-lhe o primeiro mortal golpe, revogando o privilegio do fisco, pelo decreto de 2 de fevereiro de 1657, no qual contesta além disso as vantagens que o P. Vieira continuou a attribuir-lhe durante toda a sua vida. Outros decretos vieram depois, que a foram successivamente desnaturando, ora restringindo os seus outros privilegios, e a esphera da sua acção, ora espoliando-a arbitrariamente dos seus capitães, até ao ponto de transformarem em uma inutil junta e tribunal regio, sob cuja forma finalmente se extinguiu de todo em 1720.

Seja como for, e qualquer que tenha sido a extensão dos seus beneficios nos destinos de Portugal e do Brasil, durante a primeira phase da sua existencia, o que está demonstrado pelo testemunho irrefragavel de todos os factos que ficam expostos, é que o Padre Antonio Vieira, um dos primeiros, senão o primeiro iniciador da idéa da sua criação, foi o seu principal futor nos escriptos politicos, e na correspondencia privada, por toda a parte, e por todos os meios enfim, em que se lhe deparava occasião de defender uma causa, pela qual foi o unico que veio a padecer os trabalhos e affrontas que veremos, ao passo que os simples cooperadores não soffreram o mais leve incommodo, ou porque souberam retrahir-se a tempo, curvando-se ante as influencias contrarias victoriosas, ou porque renegaram abertamente, convertendo-se em perseguidores, como o secretario de Estado Pedro

Vieira, depois bispo de Leiria, que não só referendou o decreto de revogação, como mais tarde escreveu violentas consultas contra os desgraçados christãos-novos.

São passados mais de dous seculos depois destes graves debates em que correu tanto risco a integridade do futuro imperio de Sancta Cruz; os actores que figuraram nessas scenas, os interesses e paixões que os moviam, tudo desapareceu; e a justiça da historia pode já agora proferir desassombrada a sua sentença. Se nos é permitido ser o seu organ, o nosso juizo não será duvidoso em só instante: a razão estava toda da parte dos antagonistas do astuto jesuita, senão em todos os promenores, ao menos no essencial da questão, que é o que importa. Nunca em verdade se vira polinodia mais solemne, nem a falsa politica accumulou jámais tantas contradicções e incoherencias, tantos sophismas e tantas maximas immorales para desfigurar a verdade, e justificar o erro e a iniquidade. Dir-se-hia que o auctor do parecer, como esses advogados resolvidos d'antemão a sustentar indifferentemente o pro e o contra, fazia valer como podia todos os argumentos, bons e maus, para sustentar a these preferida, sem se lhe embaraçar absolutamente com a realidade dos factos, a natureza das cousas, e a justiça da causa, sem hesitar um momento diante das contradicções e incoherencias mais flagrantes.

O paralelo da superioridade, força e grandeza da Hollanda com a pequenez e fraquesa de Portugal, tão brilhantemente traçado, foi o que por ventura fascinou o espirito do rei, já favoravelmente desperto. Mas a sua exaggeração é evidente, e não resiste a um exame serio, sobretudo feito a luz da apparencia dos successos posteriores, que os seus antagonistas, posto que menos habéis e eloquentes, anteviram comtudo claramente em grande parte.

No ponto de vista do P. Vieira não havia nesta questão da guerra outro direito senão o da força, que é quem dá e tira os reinos; e pois que a força estava da parte da Hollanda, cumpria ceder ás suas exigencias.

A victória estava enfendada ás suas armas. Se algumas tinham alcançado os insurgentes, bem averiguadas, eram verdadeiros desastres, ou milagres com cuja repetição se não podia contar sem tentar a Deus, *que sempre se punha da parte dos mais mosqueteiros*, maxima que elle tantas vezes qualificára de heretica.

A instituição das companhias, por elle mesmo anteriormente aconselhada com tanta sabedoria e penetração, e de que se prometia tão grandiosos resultados, agora que a crise apertava, de nada serviria, era um meio dilatado e moroso. Alem de que, as esquadras, que se organisassem, seriam infallivelmente derrotadas. Muito melhor accordo era atar os braços, e ceder, deixando isso para melhor occasião.

Allega-se que a paz não era segura, e que o inimigo uma vez de assento, e refeitas as forças em Pernambuco, as empregaria para empolgar o resto do Brasil. Como ? respondia elle, é absolutamente impossivel. A Hollanda está fatigada de uma guerra de mais de meio seculo, e suspira pela paz, que sobretudo comnosco lhe é indispensavel, pelas dependencias do seu commercio, que em outras partes se não póde prover de sal, pau-brazil, e escravos africanos.

Allegava-se então que ainda sem a restituição de Pernambuco seria ella obrigada á paz, não só por aquelles motivos, mas por outros muitos, como a diversão de outras guerras na Europa, e a sua forma de governo, sem um poder central forte, dependendo as resoluções do voto de provincias diversas, a possibilidade de discordias civis no seio da republica, o antagonismo dos interesses das duas companhias rivaes, a occidental e a oriental, pelo que não poucas vezes se paralyzavam mutuamente. Attendendo tudo isso, cumpria reiterar a proposta da compra, sem olhar a preço, que a companhia, cujo unico movel era o interesse, se da-

ria pressa a aceitar tanto mais que o via quasi perdido com a sublevação e por causa desta, em vez de lucro, só lhe acareava enormes despesas.

Como aceitar? replicava elle. A Hollanda não olhava a utilidade neste caso, senão a reputação e a honra. Ao demais, nós discursamos com o nosso entendimento, e os holandezes com o seu. Quem nos diz a nós que elles não tenham no pensamento não só conservar Pernambuco, mas ainda apoderar-se do resto do Brazil, como pois hão de dar ouvidos à idéa da compra, só admissivel em caso desesperado?

Elle esquecia neste ponto que pouco antes havia afiançado a candura da Hollanda, e a sua fidelidade à paz jurada, quando se lhe fez sentir que talvez se aproveitasse della para se apoderar do resto do Brazil; e pouco depois esqueceu-se do seu desinteresse, pundonor e reputação, quando para fazer tragar o tractado prometteu modificações, que se alcançariam com dinheiro, porque a Hollanda, como tantas vezes escreveu em diferentes circumstancias, era o paiz da mercancia e da venalidade, e com ouro tudo nelle se comprava.

Invocando tantas vezes a da Hollanda, o que elle esquecia de todo era a reputação de Portugal, muito mais empenhada que aquella na conservação de uma colonia que fundára, e cuja população fazia parte da sua pela raça, costumes, leis, linguagem e religião, entretanto que o dominio hollandez só era mantido pela violencia. Em vez destas considerações, o P. Antonio Vieira calcula e balança a receita e despesa, os cargos da sustentação da guerra, mais de cinco milhões perdidos só no espaço de um anno, e conclue pela entrega, porque Pernambuco dava antes prejuizo que lucro, e por causa d'elle era insensato arriscar outros interesses, como a conservação da India, a respeito da qual já aliás havia dito a mesma cousa, quando em uma de suas propostas acerca da instituição das companhias dava preferencia á salvação do Brazil.

Os pernambucanos se haviam levantado em nome, e com ap-

provação secreta do rei, e com applauso unanime de toda a nação. O facto da approvação e das ordens régias com que foram animados a perseverar, hoje irrecusavel, o jesuita já desde então melhor que ninguém a conhecia. Mas que importava? os sublevados não apresentavam prova judicial e documento authenticico que podesse obrigar a palavra real. E que apresentassem, el-rei não estava adstricto a cumpri-la contra o interesse geral da monarchia, tanto mais que se iria aggravar a dôr e a desesperação daquelles affligidos e benemeritos vassallos da India, que se com tanto gosto haviam applaudido a aclamação de S. M., fóra com a esperanza na paz, com que agora, por causa dos pernambucanos, se lhes faltava! De resto tal palavra se é que fóra dada, fundava-se sem duvida em falsas promessas e esperanças de victoria, que os sublevados não tinham realisado. Era um contracto bilateral, em que a falta de uma das partes desobrigava completamente a outra!

Sem discutir as causas que levaram a Hollanda á uma invasão armada contra o Brazil, então, como Portugal, sujeito ao jugo hespanhol, o facto é que a conquista verificou-se, e a conquista é occupação violenta. A' prepotencia militar, aos desmandos sem conta de bandos de soldados mercenarios (agregados de todas as nações) se ajuntavam a avidéz mercantil que caracterisava o povo conquistador, a sua administração civil e judiciaria parcial, venal, e oppressiva, as suas herdades destruidas, o seu commercio arruinado pela concorrência, e pelos monopolios, e todos os crues antagonismos de côstumes, linguagem, leis, e religião, entre oppressores e opprimidos. Todas essas vexações miligadas algum tanto durante o governo do príncipe Mauricio de Nassau (triste beneficio, e para os corações nobres e briosos mais pesado que a oppressão descarada, quando recebida da mão do inimigo), redobram de força depois da sua ausencia. Exasperados no ultimo grao, e demais secretamente animados pelo governador da Bahia, e depois das primeiras victorias pelo proprio rei, os colonos tentaram sacudir o jugo, e tomando as armas, praticaram um acto perfeita-

mente legitimo. Combatiam pela liberdade e independencia, pelos campos cultivados com as suas mãos, pelo lar domestico, pelo berço dos filhos, pelas sepulturas dos avós, pelos templos em que adoravam a Deus, por tudo quanto em uma palavra constitue a patria.

.....

Da primeira passagem que vos li, só reproduzirei a conclusão, que nos dá idéa do mais.

«Seja como fôr, e qualquer que tenha sido a extensão dos seus beneficios nos destinos de Portugal e do Brasil, durante a primeira phase da sua existencia, o que está demonstrado pelo testemunho irrefragavel de todos os factos que ficão expostos, é que o P. Antonio Vieira, um dos primeiros, senão o primeiro iniciador da idéa da sua criação, foi o seu principal factor nos conselhos do monarcha, nos pulpitos, nos escriptos politicos, e na correspondencia privada, por toda a parte, e por todos os meios enfim, em que se lhe deparava occasião de defender uma causa, pela qual foi o unico que veio a padecer os trabalhos e affrontas que veremos ao passo que os simples cooperadores não soffrêrão o mais leve incommodo, ou porque souberão retrahir-se a tempo, curvando-se ante ás influencias contrárias victoriosas, ou porque renegarão abertamente, convertendo-se em perseguidores, como o secretario de estado Pedro Vieira, depois bispo de Leiria, que não só referendou o decreto de revogação, como mais tarde escreveu violentas consultas contra os desgraçados christãos-novos.»

Refere-se o auctor á companhia occidental que se estabelecêo em tempo d'el-rei D. João IV com certos privilegios, como a isenção do fisco extensiva aos christãos-novos, ou judeos convertidos, embarcados na empresa, e foi depois dissolvida por opposição da inquisição, que alcançou do papa um breve contra este privilegio. A idéa da criação desta companhia partira de Vieira, que a aconselhou ao rei, e sempre a sustentou ainda depois da morte deste, e a despeito do breve do papa. D'ahi a origem de sua desavença com a inquisição que perseguia os christãos-novos, e lhes confiscava os bens. Á inabalavel firmeza de Vieira que não duvidou, para sustentar a sua idéa, indispor-se com o terrivel tribunal que o perseguio depois, é que o auctor faz justiça neste trecho, pondo-a em todo relêvo pelo contraste da nobreza do seu procedimento com a baixeza do de outros que renegãrão abertamente, convertendo-se em perseguidores, como o secretario de estado Pedro Vieira, depois bispo de Leiria, que não só referendou o decreto de revogação, como mais tarde escreveu violentas consultas contra os desgraçados christãos-novos.

O luminoso juizo critico do auctor sobresahe em toda a passagem, de que este trecho é conclusão, mostrando quão pouco o ardente jezuita attendia aos conselhos da prudencia, e olhava pela propria segurança, escrevendo e publicando o opusculo em que aconselhava se negasse o beneplacito ao sobredito breve do papa em uma época em que triumphavão as idéas

reaccionarias da inquisição contra a companhia, e já não podia contar com o apoio da cõrte.

No que respeita á belleza da forma, attenda-se a que todo o trecho consta de um só e mui extenso periodo sem que se dê confusão no sentido que é mui claro, nem empêço no estylo que é nobre, vigoroso e flúido. É que o auctor, amestrado na arte de escrever, em que era insigne, e senhor de todos os segredos da harmonia no manejo da lingua, sabia dar aos seus periodos a estructura conveniente, fazendo-os longos ou breves, segundo o requeria a magestade ou o movimento do estylo, sem arrastamento, nem saltos, que os deturpassem.

Da segunda passagem reproduzirei o seguinte trecho, que pode passar por modelo no seu genero:

«São passados mais de dois seculos depois destes graves debates em que corrêo tanto risco a integridade do futuro império de Santa Cruz; os actores que figurarão nessas scenas, os interesses e paixões que os movião, tudo desapparecêo; e a justiça da historia pode já agora proferir desassombrada a sua sentença. Se nos é permittido ser o seu orgão, o nosso juizo não será duvidoso um só instante: a razão estava toda da parte dos antagonistas do astuto jezuita, senão em todos os promenceres, ao menos no essencial da questão, que é o que importa. Nunca em verdade se vira palinodia mais solemne, nem a falsa politica accumulou jamais tantas contradicções e incoherencias, tantos sophismas e tantas maximas immoraes para desfigurar

a verdade, e justificar o erro e a iniquidade. Dir-se-hia que o auctor do parecer, como esses advogados resolvidos d'antemão a sustentar indifferentemente o pró e o contra, fazia valer como podia todos os argumentos, bons e máos, para sustentar a these preferida, sem se lhe embaraçar absolutamente com a realidade dos factos, a natureza das cousas, e a justiça da causa, sem hesitar um momento diante das contradicções e incoherencias mais flagrantes.»

Si no primeiro trecho o auctor louva a Vieira pela nobreza do seu procedimento, censura-o com toda a razão neste pelo celebre parecer que deo de se ceder Pernambuco á Hollanda para se alcançar a paz da então poderosa republica, que ameaçava declarar a guerra a Portugal, si lhe não fosse entregue a colonia, d'onde acabavão de ser expulsos os Hollandezes mais pelos esforços dos proprios colonos, que pelos soccorros da mãe patria, que a braços com o poder de Hespanha, não os podia dispensar de valia.

Depois de haver mostrado em toda a passagem, para a qual serve de transição o trecho reproduzido, as contradicções e incoherencias em que cahia a cada passo o astuto jezuita, sustentando uma opinião contrária á de toda a nação portugueza, aos interesses e á dignidade de Portugal, acrescenta o auctor as seguintes bellissimas palavras: «Que os colonos pernambucanos, tomando as armas para sacudir o jugo dos invasores hollandezes, praticavão um acto perfeitamente legitimo, porque combatião pela liberdade e

independencia, pelos campos cultivados com as suas mãos, pelo lar domestico, pelo berço de seus filhos, pelas sepulturas dos avós, pelos templos em que adoravão a Deus, por tudo em uma palavra que constitue a patria.» Este rasgo é verdadeiramente sublime; e não é raro encontrar nas obras do auctor, que é um homem muito eloquente, rasgos iguaes que o elevão acima de todos os prosadores contemporaneos.

Cito-vos esta passagem depois da primeira com preferencia a outras da biographia, não porque o sophistico parecer de Vieira por ella refutado tenha hoje pêsso algum, mas pela propria belleza que nella se nota desde principio a fim, e muito principalmente para mostrar-vos a imparcialidade com que procede o auctor, louvando o bom e vituperando o máo, no trabalho que comprehendéo de escrever a vida do maior vulto litterario, e pela ventura politico, do reino de Portugal no seculo XVII.

Voltando porém ao trecho reproduzido, direi que é bello como transição natural para tão notavel passagem, e bello sobretudo pela perfeição do estylo historico que nelle brilha. O auctor não concentra ahí as suas idéas em um só extenso, arredondado, e magestoso periodo como no precedente trecho, mas emite-as em quatro periodos distinctos, porque neste caso a divisão que contribue para a clareza, servia ao seu proposito de insinuar-se no ánimo do leitor, tendo de refutar as argúcias e subtilezas de um escriptor distincto, que é tão conhecido na republica das letras. O

primeiro periodo principalmente é um verdadeiro modelo de perfeita transição: «São passados mais de dois seculos depois destes graves debates em que corrêo tanto risco a integridade do futuro imperio de Santa Cruz; os actores que figurarão nessas scenas, os interesses e paixões que os movião, tudo desapparecêo, e a justiça da historia pode já agora proferir a sua sentença».

Pelas passagens analysadas podeis, senhores, ajuizar do gôsto e criterio com que é escripta toda a biographia, porque o resto da obra em nada desdiz do que fica exposto.

Tendo concluido a apreciação dos auctores brasileiros, passarei nos seguintes discursos a analysar os principaes auctores portuguezes contemporaneos, começando por Garrett. Por hoje aqui termino.

mo-
dois
orréo
Santa
inte-
cção, e
a sen-

ajui-
a bio-
liz do

asilei-
ar os
s, co-

LIVRO VIII.



LITTERATURA PORTUGUEZA.

PARTE SEGUNDA.



SECCÃO PRIMEIRA.

Visconde de Almeida Garrett; sua Biographia; seus poemas—Camões, e D. Branca; seus dramas—Um Auto de Gil Vicente, e Frei Luiz de Souza; seu Bosquejo da Historia da Poesia e Lingua Portugueza.

LICÇÃO XCVII.

Vou, senhores, apreciar hoje o maior poeta portuguez depois de Camões, e ao mesmo tempo um dos maiores vultos litterarios do seculo XIX, João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, auctor de reputação verdadeiramente europêa, como o pode ser Byron, ou Chateaubriand, porque operou como elles uma completa regeneração na litteratura, sobre tudo na poesia. Florecêo este auctor no segundo quarto deste seculo e no principio do actual, pois que vivêo até 1854; e foi por consequente contemporaneo dos Srs. A. Feliciano de Castilho, A. Herculano, e L. A. Rebello da Silva, bem como dos escriptores brasileiros que tenho analysado.

Foi poeta e prosador de primeira ordem, dualismo que rarissimamente se verifica em um só e o mesmo individuo, porque requer qualidades tão eminentes

e tão distinctas, que parecem excluir-se por sua propria excellencia; e tão profundo conhecedor de nosso idioma, que ainda nenhum dos grandes escriptores modernos dos dois paizes de lingua portugueza soube tão bem como elle imitar os auctores classicos na pureza, propriedade e belleza da dicção. Assim, é este riquissimo engenho um perfeito modêlo, quer em verso, quer em prosa, em cuja leitura muito pode aproveitar a nossa mocidade estudiosa.

Eis a succinta e escassa noticia que vos posso dar da vida de tão eminente escriptor, a qual ainda não foi especialmente escripta, como o exige a glória da nação portugueza, e o proprio interesse das letras, as quaes tanto enriquecêo com seus escriptos, mas achase como compendiada ou antes esparsa em diversos artigos de Revistas e Jornaes, dos quaes nenhum constitúe uma biographia completa.

Foi Almeida Garrett, visconde do seu appellido, par do reino, ministro de estado, ministro plenipotenciario em disponibilidade, deputado ás côrtes, juiz superior do tribunal do commercio, e vogal do conselho ultramarino, commendador da ordem de Christo de Portugal, grã cruz da ordem da Rosa do Brasil, e condecorado com distincções de outras ordens nacionaes e estrangeiras, membro da Academia Real das Sciencias de Lisbôa, do Instituto Historico e Geographico do Brasil, de outras associações scientificas e litterarias, nacionaes e estrangeiras. Vê-se que o maior poeta portuguez depois de Camões foi merecidamente elevado

no seculo XIX aos maiores cargos, e honras, a que pode aspirar um homem verdadeiramente notavel por seu talento, ao passo que o primeiro grande poeta portuguez, Camões, que vivêo no seculo XVI, acabou seus tristes e cançados dias n'um hospital de caridade, segundo a fama mais constante. Que immenso, prodigioso e estupendo progresso não tem feito a civilisação do mundo em cerca de trezentos annos! Para comprehendê-lo, antes palpal-o, basta comparar os destinos tão diversos dos dous maiores poétas da nação portugueza nas duas differentes épocas.

Nascêo Almeida Garrett na cidade do Porto a 4 de fevereiro de 1799, como se verifica de sua certidão de baptismo, e morréo na de Lisboa a 10 de dezembro de 1854 com 55 annos de idade ainda incompletos. Jazem seus restos mortaes no cemiterio dos Prazeres.

Forão seus paes, Antonio Bernardo da Silva Garrett, fidalgo da casa real, e guarda mór da alfandega do Porto, e D. Anna Augusta de Almeida Leitão, filha do brasileiro José Bento Leitão.

Educado com esméro por seu tio o bispo D. Frei Alexandre da Sagrada Familia, e dotado pela natureza das mais felizes disposições para instruir-se, concluiu os seus estudos preparatorios aos 13 annos de idade, e matriculou-se aos 15 na Universidade de Coimbra, onde com geral applauso dos mestres e collegas se formou em leis em 1822, sendo no mesmo anno nomeado official da secretaria do reino, e chefe da secção da instrucção pública.

Foi justamente durante os seus estudos universitários que começou a desenvolver-se nelle esse admiravel talento poético que havia mais tarde collocar-o entre os mais distinctos poetas do seculo XIX.

Revelou-se este logo por algumas composições de longo alento para os annos juvenis, como as tragedias, *Xerxes*, *Merope*, e *Lucrécia*, que o auctor votou depois ao esquecimento pelos muitos defeitos que continhão. Mas em 1821 escreveu o *Retrato de Venus*, poema que já não deixa de ter merito, e pelo qual foi abraçado pelo distincto litterato, o abbade *Corrêa da Serra*, que o animou a emprehender novas composições.

Em 1822 compoz a tragedia, *Catão*, que contém lindas scenas e é escripta em bellos versos, que revellão o seu incontestavel talento dramatico.

Em 1823 emigrou para Inglaterra, onde escreveu o *Tratado de Educação*, e o poema, *Magriço*, que se perdêo em um naufragio.

Em 1824 passou de Inglaterra para França, onde entrou de caixeiro, para a casa *Laffite*; e ali no Havre de Grace compoz os seus immortaes poemas *Camões* e *D. Branca*, e a tragedia, *o Infante Santo*, que igualmente se perdêo.

Em Paris para onde se transportára concebêo a idéa da publicação do *Parnaso Luzitano*, e escreveu a bella introdução sobre a lingua e poesia portugueza, que se lê no primeiro volume desta collecção de poesias selectas.

Em 1826 a 1827 escreveu opusculos e jornaes politicos.

Em 1828 tornou a emigrar, e escreveu no seu novo exílio a *Adozinda*, e a *Lyrical de João Minimo*.

Foi soldado do exercito libertador que entrou no Porto, e logo que se dissolvêo o seu batalhão, passou para o batalhão academico. Durante o cêrco desta cidade organisou e dirigio a nova secretaria do reino com muito agrado do principe libertador.

Acompanhou depois Palmella e Mousinho a Londres na qualidade de secretario, e esteve em Paris em 1833, onde escreveu cartas á imitação das de Demoustier.

Voltando á patria em 1834 foi nomeado vogal e secretario da commissão reformadora dos estudos. No mesmo anno foi encarregado de negocios em Bruxellas, donde passou a ministro residente na Belgica.

Depois de 1836, época em que redigio o *Portuguez Constitucional* que terminou com a revolução de setembro, recusando ser ministro de estado, foi nomeado juiz de direito do commercio, e eleito deputado pelo Minho e pelos Açores ao congresso constituinte, no qual, optando pelo último circulo, passou sempre pelo orador mais eloquente entre os que o erão mais.

Nomeado inspector dos theatros e do conservatorio dramatico emprehendêo a reforma do theatro nacional, e compoz neste intuito o *Auto de Gil Vicente*, um de seus melhores dramas.

Em 1838 escreveu as *Viagens á Minha Terra*, e sendo nomeado chronista mór do reino, abriu um curso de historia portugueza, em que muito aproveitou a mocidade.

Eleito novamente deputado teve de optar entre os circulos de Lisbôa, Açôres e Viana.

Em quanto negociava com os Estados-Unidos, escreveu para o conservatorio dramatico portuguez o drama, *D. Felippa de Vilhena*. Compoz depois disso o *Alfagême de Santarem*, o *Elogio Historico de Vieira de Castro*, *Fr. Luiz de Souza*, o melhor sem contradicção de todos os seus dramas, e a *Historia das Revoluções de Portugal desde 1820*.

Em 1843 concluiu o trabalho ou colleção e refusão do seu Romanceiro, obra de grande merito e interesse litterario.

Em 1851 foi nomeado visconde do seu appellido e depois par do reino por D. Maria II, e sendo encarregado da pasta dos negocios estrangeiros houve-se na direcção dos negocios publicos como um perfeito estadista, contra a expectativa de muitos dos que não reputão os poétas habeis politicos.

Escrevêo pouco depois a segunda parte do Romance Historico, *Arco de Sant'Anna*, último producto de sua penna magistral, e fallecêo na era acima mencionada, deixando um grande vácuo na republica das letras.

Eis o seu retrato em poucas palavras traçado pelo Sr. Araujo Porto Alegre, que o conheceo, e tratou cordialmente.

«Era um homem de estatura mediana, de apparencia grave e sympathica, e de uma physionomia expressiva. A parte superior da sua cabeça era sublime, mas

a inferior humanamente sensual, mormente a bocca; Platão e Anacreonte se poderião encontrar nos seus traços physionomicos. Tinha a voz sonora, forte e flexível em todas as modulações; a sua conversação era um teclado extensissimo, que percorria desde as abstracções philosophicas até o brilho do lyrismo, assim como passava d'este aos motêjos graciosos, áquelles epigrammas que sabe manejar todo o homem altamente educado.»

«A sua palavra era animada por um nobre gesto, e seu trato o do homem social; llano e simples com os amigos, cortez e áulico com os grandes, reservado e artificioso com os desconhecidos, e jovial e engraçado quando abria o coração. Nos seus variadissimos escriptos se lê a flexibilidade de sua alma, mormente no que elle intitulou *Viagem á minha terra*».

Sendo neto de um brasileiro por sua mãe, e havendo convivido em Coimbra com muitos brasileiros, de alguns dos quaes era amigo, sempre nutrio ardentes desejos de visitar o Brasil, o que nunca pôde realizar em razão da parte activa que constantemente tomou nos negocios politicos de sua patria, e dos cargos que exercêo. Eis como a tal respeito se exprime o mesmo Sr. Araujo Porto Alegre citado:

«O visconde de Almeida Garrett o que mais ambicionou em sua vida foi o logar de representante de Portugal no imperiô do Brasil, e tal era a vontade que tinha de ver esta bella natureza, e de abraçar os seus mais intimos amigos do tempo da universidade, que

me mostrou o comêço de um romance brasileiro, no qual descrevia muitas de nossas plantas pelo que havia observado na Madeira à luz do sol, e em outros logares nas estufas dos jardins botânicos.

Foi incontestavelmente Almeida Garrett não só o segundo grande poeta portuguez, mas tambem um dos maiores poetas do seu seculo, como o attestão os seus dois admiraveis poemas, *Camões*, e *D. Branca*, o primeiro dos quaes, verdadeiro monumento erigido à gloria de Camões e ao patriotismo portuguez, não tem rival na litteratura contemporanea, e o segundo é uma das melhores composições modernas no gôsto romantico, que conhêço. Tudo quanto o sentimento christão, e o espirito cavalheiresco, tem introduzido na litteratura moderna de bello, grande, pathetico, sublime, cavalheresco, aventuroso, nobre, e maravilhoso, se acha como compendiado nestes dois poemas môdelos nos seus respectivos generos, que tecem como os dois mais radiantes florões da immortal corôa do poeta. Os seus dramas em prosa, *Gil Vicente*, e *Frei Luiz de Souza*, dos quaes o último sobretudo é tambem uma das melhores produções no seu genero, vem logo após, e tecem-lhe como o terceiro brilhante florão dessa mesma corôa. Todas essas obras n'uma palavra trazem estampado o cunho do genio, que tanto resplandece no auctor.

Dentre as suas numerosas obras em prosa, sem falar nos dois dramas que tanto o honrão, mas que pertencem pelo seu assumpto à poesia, considerarei sem-

pre como uma das primeiras pelo bom gosto e atticismo do estylo o seu bello ensaio de historia litteraria da lingua e poesia Portugueza, que é um verdadeiro modêlo na especialidade, e lhe tece como o primeiro florão de sua corôa de prosador, si me é licito expressar assim.

Este poëta e prosador de primeira ordem, este genio propriamente dito, no qual se realisa o dualismo do escriptor eminente em verso e prosa, era grande apreciador de Francisco Manoel, ou Filinto Elysio, que estudava como modêlo de estylo poëtico, o que fez certamente com que o Sr. Mendes Leal cahisse no erro apontado pelo Sr. Innocencio Francisco da Silva, de dizer que elle tinha conhecido em Paris a Francisco Manoel, que fallecêo em 1819, ou 5 annos antes da sua primeira viagem áquella capital.

Tendo-vos dado succinta noticia da vida e merito de Garrett, passarei em outro discurso a analysar o seu poëma Camões. Por hoje aqui faço ponto.



LICÇÃO XCVIII.

De todas as obras primas do visconde de Almeida Garrett, senhores, a que deve ter a prioridade na analyse, é certamente o seu poema *Camões*, não só por que foi a primeira na ordem da composição pôsto que interrompida por outra, mas principalmente porque, pelo seu objecto novo na poesia, foi a primeira que nos dêo a medida do riquissimo engenho do auctor, e ô revelou ao mundo litterario como um grande pôeta. Por ella pois começarei a minha analyse.

Disse-vos eu no meu precedente discurso que o referido poema era um verdadeiro monumento erigido á gloria de Camões e ao patriotismo portuguez; e com effeito assim é, ou se attenda ao assumpto grandioso, novo, e ao mesmo tempo pathetico, que concebêo o pôeta, qual foi contar a composição dos *Luziadas*, ou ao desenvolvimento fantastico e imaginado que lhe soube dar, ornando-o de variados e interessantissimos

episodios, ou á forma poética de que o revestio, notavel por seu bom gôsto, belleza e perfeição. Camões nos seus *Luziadas*, admiravel compendio de tudo o que operou de grande nas diversas partes do mundo a monarchia fundada por Affonso Henriques no extremo occidente da Europa, erigio um monumento imperecedouro á gloria dos Portuguezes; Garrett no seu *Camões*, admiravel resumo do patriotismo nacional na pessoa de um só homem, erigio outro monumento não menos imperecedouro á gloria do Homero portuguez. Ambos esses monumentos são mais perduraveis que o bronze, porque ambos se compõem de versos immortaes, como os da *Iliada*, da *Eneida*, e da *Divina Comedia*.

Compoz o auctor quasi todo o seu poëma, como elle proprio diz, no verão de 1824 em Ingouville ao pé do Havre de Grace, para onde se havia transportado de Inglaterra no seu primeiro exilio; e, depois de o haver interrompido com a composição da *D. Branca* que fez em 3 ou 4 mezes, o concluiu em Paris no inverno de 1824 a 1825, dando-o pela primeira vez á imprensa neste último anno. A acção do poëma, que consta de dez cantos, é a composição e publicação dos *Luziadas*, uma, unica e grandiosa em seu objecto, como pôde ser a mais gabada acção épica: o heróe é Luiz de Camões, poëta e soldado portuguez, igual em patriotismo aos mais illustres heróes dos melhores poëmas. e superior a todos elles pelo prodigioso engenho com que o dotou a natureza: os episodios que todos se ba-

são em factos conhecidos da vida do poeta, são bem ligados á acção principal: o interesse desta é sempre crescente de principio a fim, como convem em composições taes. Mas, para melhor intelligencia do assumpto e urdidura do poëma, reproduzirei a tal respeito as modestas palavras do auctor, que valem mais que as minhas:—

«A índole deste poëma (diz elle) é absolutamente nova, e assim não tive eu exemplar a que me arri-
masse, nem norte que seguisse *Por mares nunca dan-
tes navegados*. Conhêço que elle está fóra das regras;
e que, se pelos principios classicos o quizerem julgar,
não encontrarão ahi senão irregularidades e defeitos.
Porém declaro desde já... que não consultei Horacio,
nem Aristóteles: mas fui insensivelmente de após o co-
ração e os sentimentos da natureza, que não pelos
calculos da arte e operações combinadas do espirito».

«A acção do poëma é a composição e publicação dos
Luziadas; os outros successos que occorrem são de fa-
cto episodicos, mas fiz por os ligar com a principal acção.
Tão sabida é a fábula ou enredo dos Luziadas e a vida
de seu auctor, que nem tenho mais explicações que fa-
zer a este respeito, nem será difficil ao leitor distin-
guir no meu opusculo o historico do imaginado: mas
não separará de certo muita cousa, porque das mes-
mas ficções que introduzi, teem sua base verdadeira
as mais dellas.»

Apesar do que diz o auctor, o seu poëma não é

destituído de regras, nem de arte, pois o conjuncto de umas e outra resulta da mesma unidade da acção, do seu interesse sempre crescente, e da perfeita ligação dos episodios com ella. Por tanto as suas palavras querem dizer unicamente que o poëma que compoz, não é sujeito ás regras do poëma classico, como tambem o não são a *Divina Comedia*, e *Orlando Furioso*, que não deixão por isso de ser bellos, mas não que não seja sujeito á regras de qualidade alguma, o que seria absurdo. Em verdade a nova indole do poëma não podia de certo accommodar-se ás regras da *Iliada*, e da *Eneida*, que são os poëmas classicos por excellencia, mas devia tê-las suas proprias, si bem que subordinadas ás regras geraes da epopéa, que se achão nelle bem desempenhadas, como se vê.

Diz mais o auctor que não é nem classico, nem romantico, ou que não tem seita em poesia; mas é evidente que o seu *Camões* é escripto, e admiravelmente no gôsto romantico, do qual elle foi o primeiro introductor em Portugal, onde até então inda se ornavão as composições poéticas com os numes e fábulas da Grecia. O bello pathetico, as sublimes verdades moraes, e a verdade da natureza physica e da còr local que o sentimento christão introduzio na poesia moderna, bem como o vago scismar, e a doce melancolia, para que propende o gôsto romantico, tudo nelle se encontra reproduzido com selecção e criterio, a par da inspiração e enthusiasmo poético que animão os seus formosos quadros, nos quaes sobresahe em todo relêvo

o extremo patriotismo do cantor dos Luziadas, tão bem expresso nestes admiráveis versos do mesmo poema: «Vereis amor da patria não movido de premio vil, mas alto e quasi eterno.»

Tendo-vos dado uma idéa geral da indole e natureza do poema, passarei agora a ler-vos duas passagens das mais bellas delle, uma do canto III, outra do X, para que possais ajuizar do subido merito do auctor, tanto no tratar o assumpto, como em revestil-o da forma apropriada.

Eil-as:

CANTO III.

.....

Nada na côrte obtive contrastado
 Per tam forte inimigo e poderoso .
 Sem arrimo, sem pae—(como eu, perdido
 Entre o obscuro tropel dos desvalidos,
 Que o sangue pela patria hão barateado
 Para perder á mingoa o resto delle,
 Meu pae de pura mágoa, e de despeito
 Fenecêra em meus braços) só no mundo
 Que me restava ? Perecer como elle,
 Ou per um nobre feito despiciar-me,
 Vingiar a affronta d'uma patria ingrata.

De taes ideias combatido o ânimo,

· O 1.º conde de castanheira, D. Antonio de Atayde, grande valido d'el-rei D. João III.

Um dia ás margens do formoso Tejo,
 Curtindo acerbas dores, passeiava,
 E os olhos desvairados estendia
 Per essa magestade de suas aguas
 Coalhadas de baixéis, que as ricas pareas
 Que os tributos do Oriente vêem trazer-lhe.
 Andando, meu espirito agitado
 Se enlevava nas glórias, nos prodigios
 Que a tão pequeno canto do universo
 A metade da terra avassallaram.
 Transportava-me o ardente pensamento
 Aos palmares do Ganges envergados
 De tropheos portuguezes; via o naufr.
 Que ousou galgar o tormentorío cabo.
 E nos balcões da descoberta aurora
 Hasteou as Quinas sanctas. Betiniam-me
 Nos tremulos ouvidos os trabucos,
 Que a golpes crebos as muralhas prostram
 Do rico Ormuz, da próspera Malaca.
 E da soberba Goa, imporio novo
 Do novo imperio immenso. Via acurvados
 Reis de Siam, Camboje, de Narzinga
 Aos pés do vencedor depór os sceptros,
 E render, supplicantes, vassallagem
 Ao ferro lusitano. Os nobres muros
 Vi de Diu estalar, saltar aos ares
 Per infernal ardil; e entre as ruinas
 Dos inflammados hastiões,—dispersos
 Os palpitantes membros desse filho ..
 Por quem não correm lagrimas paternas;
 Não, que martyr da patria è morto o filho.

• Vasco da Gama.

.. D. Fernando de Castro, filho de D. João de Castro.

Desse pae venerando,—esse Fabricio
 Da lusitania historia, renovando
 Sob os arcos triumphaes da inclita Goa
 Altas pompas de Roma, e altas virtudes
 Que só geraram Luzitania e Roma,—
 De Vasco, de Pacheco, de Albuquerque
 Inflammavam n'um extasi de rapto
 Meu peito portuguez memorias grandes.
 Quem taes milagres d'heroismo, e d'honra.
 Quem tanta glória a tam pequeno berço
 Foi tam longe ganhar? Quem a um punhado
 D'homens, á mais pequena nação do orbe
 Deu mares a transpôr, veredas novas
 A descobrir na face do universo;
 Povos a subjugar, reis a humilhá-los,
 Ignotos mundos a ajunctar ao velho,
 E, a dilatar-lhe a superficie, a terra?
 Elles.—E a patria, por quem tanto hão feito,
 Que digno premio lhes ha dado?—A fome
 N'um hospital galardou Pacheco;
 Albuquerque a deshonra ao pé da campá;
 Castro a pobreza, que os soccorros ultimos
 Sobre o leito da morte mandigava ..

Ingrata, ingrata patria · Fugado
 Como de tanta glória, e tal vergonha,
 Parei. Juncto me achava então do templo ..

· Peço-vos (dizia esse governador aos assistentes) que em quanto durar esta doença, me ordeneis da fazenda-real uma honesta despeza e pessoa por vós determinada, que com modesta taxa me alimente.

Freire—*Vida de D. João de Castro.*

.. Igreja do convento de Belem.

Que a piedade e fortunas apregoam
 De Manuel o feliz: padrão sagrado
 De glória e religião; esmero d'artes
 Protegidos d'um rei, que soube o preço
 —Alguna vez ao menos —ao talento,
 À lealdade, ao valor, ao patriotismo.
 —Nem sempre; mas tam pouco de virtude
 Basta n'um rei para esquecer-lhe os crimes!

Aberta em par do templo estava a porta;
 Entrei. Nas vivas telas animadas
 Dos pinceis de Campello * se pasciam
 Meus olhos admirados. Dei c'o tumulo,
 De custoso lavor, que ahí resguarda
 As cinzas do monarcha afortunado:
 Afortunado em vida;—a morte, fecha-lhe
 Séllo do Eterno os labios descarnados:
 São segredos de Deus os do sepulcro.
 Mais cansado, que pio, ajoelhei-me
 Sôbre os degraus do tumulo; insensível,
 No recostado braço a frente inclino,
 E descahi n'um languido deliquio,
 Que nem morte, nem somno, mas olvido
 Suavissimo é da vida. Somno embora
 Lhe chamaria, se as visões tão claras
 Mais raptó d'alma em extasi sublime,
 Que imagem van de sonhos, as não visse.
 Talvez sería natural effeito
 De agitados sentidos; por ventura

* Manuel Campello estudou em Italia a pintura na eschola de Miguel Angelo, e de volta á patria, foi nomeado pintor d'el-rei D. João III.—

Mui credulo serei: mas alta causa
Do phenomeno estranho então a tive.

Oh ! sonho não foi esse.—Afigurou-se-me
Ver do moimento erguer-se um vapor leve,
Raro, como de nuvem transparente,
Que mal embaça o lume das estrellas
No puro azul dos céos:—foi pouco a pouco
Condensando-se espesso, e longes dava
De humana forma irregular,—qual sohem
Ao pôr do sol phantasticas figuras
As nuvens debuxar pelo horisonte.—
Logo mais certas, mais distinctas formas,
Qual molle cera em mãos de habil artifice,
Tomando foi. Já claro ante mim era.
Roupas trajava alvissimas e longas:
Seus braços de extensão desmesurada,
Um sobre o peito c'o indice apontava
Ao coração, que as vestes resplendentes
Transparecer deixavam. Viva chamava,
Como luz de carbunculo, brilhava
Na viscera patente; e em radiosas
Lettras lhe soletrei—*Amor da Patria.*

Da maravilha como por encanto,
Sem receio, ou terror a contemplava,
Quasi de tal prodigio infeitiçado;
Quando estes sons, entre aspero e suave,
Mas solemnes ouvi:—«Joven ousado,
Grande empreza te coube»,—acerba glória,
De que não gozarás. Desgraças cruas
Fadam teus dias... Mas a glória ao cabo,

• Compôr o poema dos Luziadas.

A patria, que foi minha, que amei sempre,
 Que amo inda agora, gran'serviço aguarda
 De ti. Um monumento mais duravel
 Do que as moles do Egypto, erguer-lha deves.
 Pyramide será, per onde os seculos
 Hão de passar de longe, e respeitosos.
 Galardão, não o esperes.—Eganado
 Por tredo aconselhar, ingrato hei sido,
 E a quem !—Maiores de meu sangue ainda
 Ingratos nascerão. Tu serve a patria:
 É teu destino celebrar seu nome,
 Os homens não são dignos nem das queixas
 Escutar do infeliz. Segue ao Oriente,
 Salva do esquecimento essas ruinas,
 Que já meus netos de amontoar começam
 Nos campos, nos alcaçares de glória,
 Preço de tanto sangue e mais virtudes.
 Um dia. . . —Em vão perante o excelso throno
 Do Eterno me hei prostrado; irrevogavel
 A sentença fatal tem de cumprir-se.—
 Um dia inda virá que envilecido,
 Esquecido na terra, envergonhado
 O nome portuguez. . . —Opprobrio, mágoa,
 Dura pena de crimes !—táboa unica
 Lhe darás tu para salvar-lhe a fama
 Do naufragio. Tú só dirás aos seculos,
 Aos povos, ás nações: *Alli foi Lysia.*
 Como o encerado rôlo sôbre as aguas
 Unico leva a praia o nome e a fama
 Do perdido baixel.—Parte. Salva-lo !
 Salva-lo, em quanto é tempo!—Extincto. . . Infamia !
 Extincto Portugal. . . Oh dor !. . . —Rompeu-lhe
 O derradeiro accento d'estas vozes
 Em som de pena tal, e tam tremendo,

De tam profunda mágoa, que inda agora
 Nos cortados ouvidos me rimbomba.
 Estremeci, olhei; já nada vejo:
 Ou acordei, ou a visão se fôra.

Dir-vos-ei que serena a mente e placida,
 Que as ideias distinctas conservava.
 Não como é d'uso ao despertar d'um sonho?
 Fê me não prestarci: mas em minha alma
 Tam claramente li como um reflexo
 De inspiração maior que humana cousa,
 Que sem hesitar mais, sem um momento
 De incerto duvidar, assentei firme
 No presupposto de seguir meu fado,
 E ás descubertas plagas do Oriente
 Ir demandar essa escondida sorte,
 Esse feito, essa glória promettida
 De engrandecer o ninho meu paterno.
 Uma só cousa.—Confessá-lo é força,
 Mas que dizê-lo peje—acobardava
 A tenção resoluta. Ir mar em fóra
 A terras lá tam longes, e deixá-la,
 Deixá-la... e sem esp'ranças, nem ao menos
 De inda a tornar a ver!... Sabeis quem digo;
 Poupae-me a dor de proferir seu nome.
 Dura, e ferida n'alma se travavam
 Batalha amor, e patria. Amor vencía
 Quasi...—Não triumphou...

.....

CANTO X.

.....

.....Emtanto as velas

Já pelo Tejo undivago branqueiam;
 As phalanges de intrepidos guerreiros
 Cobrem suas longas praias. Lamentando
 Estão d'entorno as mães, ternas esposas,
 Os filhinhos nos braços amostrando
 Aos paes, que o gesto angustiado voltam
 Para os não ver, que se lhes parte a alma.
 Mas quem são esses dous, que ahí sobre a praia
 Tam estreitos se abraçam? Correm lagrimas
 Per olhos, que a vertê-las não costumam;
 Em peitos se reprime o adeus sentido;
 Peitos, que o não contém.

—•Adeus!... A vida

É mais difficil, filho, do que a morte.
 Supportae-a; mostrae-lhes que sois homem,
 Que sois christão: perdoae...•

—•Perdoar eu!... Nunca.

Malvados, que me roubam tal amigo!
 Unico amparo só que me restava;
 Que d'envolta co'a patria, co'as esp'ranças
 D'um povo inteiro, a vil sepulero o levam!
 Oh! perdoar-lhes, nunca: o derradeiro
 Accento de meus labios moribundos
 Será de maldicção sobre essas frentes
 Carregadas de crimes.•

—•Perdoae-lhe

•Perdoae-lhe: a affronta propria é juiz suspeito.•

—•A minha affronta, oh! essa, eu lh'a perdoe.
 Mas a da patria...•

—•Adeus, adeus!•

Chegava

El-rei então; signal de partir sóa:
 Já se movem as naus; e as altas pontes
 Se eriçam de belligeras phalanges.

Redobra o pranto.—Anchora sobe; antenas
Se expandem... Lá te vas, e para sempre!
Nas pandas azas dos traidores ventos,
Independencia, liberdade e gloria.

—Que me resta j'agora? os olhos longos
Para a frota, que perde no horizonte,
Comsigo o vate diz:—O que me resta
Sôbre a terra dos vivos? Um amigo,
Um amigo, n'este arido deserto
Da vida, me fallece. Um bordão unico,
A que me arrime na escabrosa senda,
Me não ficou. O numero esta cheio
De meus dias contados por desgraças,
Marcados, um por um, na pedra negra
Do fado negro e mau. Posso eu acaso
Nos corações contar dos homens todos
Uma só pulsação, que por mim seja?
Posso dizer...—Gemido, que ouve perto,
O interrompeu. Era o seu Jão, que afflicto
O escutava. Do humilde e pobre escravo
O coração fiel se retalhava
De ouvi-lo assim queixar. «Ah! se eu não fóra
(Com os olhos, e as lagrimas dizia;
Com os olhos, que labios os não ousam)
«Ah! se eu não fóra um desgraçado escravo,
Que coração que eu tinha para dar-lhe!»
Tu, generoso amo, lhe intendeste
Seu fallar mudo, seu dizer de lagrimas.
—«Tens razão; injustiça é grande a minha:
Inda tenho um amigo.»

Pausa longa

Seguiu estas palavras, que no peito
Ao generoso Antonio desafogam

O coração, que lhe apertava a magoa;
 Nos olhos, rasos do chorar ainda,
 A alegria lhe ri per entre o pranto.
 E o amo, a quem signaes de tanto affecto
 Movem no intimo d'alma, sente um golpe
 De balsamo cair-lhe sôbre as chagas
 Do coração lançado: a dextra languida
 Poisa no hombro fiel, o peito encosta
 Sôbre o peito leal do amigo. . . — Amigo
 Direi; amigo sim: peja-te o nome,
 Orgulho do homem vão, por dado a escravos ?
 E que és tu mais ? — Era de ver, e digno
 Espectaculo, aonde se cravassem
 Os olhos todos d'essa raça abjecta,
 Que se diz de homens a figura nobre
 Do guerreiro, onde toda se debuxa
 A altivez, a grandeza, a fôrça d'ânimo.
 C'um andrajoso humilde e pobre escravo
 Em attitude tal. Rira-se o mundo;
 O homem de bem, de coração, chorara.

— Oh, meu amigo, oh, meu Antonio—disse,
 No remendado seio a face altiva
 Escondendo o guerreiro—Oh! esta noute
 Aonde, em que poisada a passaremos ?

— Meu bom senhor, um gasalhado tenho
 Achado já; que bem vi eu não ieis
 Nunca mais ao mosteiro. Digno, certo,
 De vós não é; mas sabeis. . . —

— Sei, amigo.

Que só tu n'este misero universo,
 — E o sepulcro tambem—alfim me restas.

Juntos á margem vão do Tejo andando

A lento passo. A noute era formosa,
 Clara e brilhante a lua. Oh! que memorias
 N'alma do vate, esse astro, a hora, o sítio
 Não suscitam amargas! Perto passa
 Daquella gelosia, aquella mesma,
 D'onde os doces penhóres, d'onde a carta
 Recêbera fatal. Quam demudada,
 Quam diferente está, do que a já vira,
 Essa praia tam placida e saudosa.
 Um plátano frondoso, que hi crescia,
 Em cujo liso tronco tantas vezes
 Se encostou, aguardando a hora tardia,
 (Praso dado d'amor, que é tardo sempre)
 Cuja sombra em luar, pouco propicio
 A amantes, o occultou de agudas vistas
 De curiosos— profanos, e inimigos;
 Ai! sêcca jaz em terra, e despojada
 De viço e folhas a árvore querida.
 Tudo, tudo acabou, menos a mágoa,
 Menos a saudade que o consume.

Sua pobre habitação os dons entráram;
 E tristes horas, dias, mezes passam
 Arrastados e longos,—qual o tempo
 Para infelizes anda,—sem que a sorte
 Mais ditosos os visse, ou a amizade
 Menos unidos.—Mas a mão tremente
 Encarquilhada e sêcca já sobre elles
 Ia estendendo a pallida indigeneia;
 E a fome... a fome alfim.—Clamor pequeno,
 Que de minhas endeixas tenue soa,
 Se juncte aos brados das canções eternas,
 Com que o teu nome, generoso Antonio,
 Já pelo mundo engrandecido echoa.

Vêde-o, vai pelas sombras caridosas
 Da noite, de vergonhas coitadora,
 De porta em porta tímido esmolando
 Os chorados seitis, com que o mesquinho,
 Escasso pão comprar. *Dae, Portuguezes,*
Dae esmola a Camões. Eternas fiquem
 Estas do estranho bardo - memorandas,
 Injuriosas palavras, para sempre
 Em castigo, e escarmento, conservadas
 Nos fastos das vergonhas portuguezas.

Não pode mais o coração co'a vida;
 E lenta a morte c'o infezado sangue
 Caminho vem do peito. O espaço mede,
 Que lhe resta na arena da existencia;
 Perto a barreira viu... Ah! jaz o tumulto.
 Chegado é pois o dia do descanso.
 Bem vinda sejam, hora do repouso.
 Com a trémula mão tenteia as cordas
 Daquella lyra, onde troou a glória,
 Onde gemeu amor carpiu saudade,
 E a patria...—Oh! e que patria os ceos lhe deram!
 Offrendas recebeu de hymnos celestes;
 Pela última vez as cordas fere,
 E este adeus derradeiro á patria disse,
 Cortando-lhe o alento enfraquecido
 Agora os sons, agora a voz quebrada:
 —Terra da minha patria! abre-me o seio
 Na morte ao menos. Breve espaço occupa
 O cadaver de um filho. E eu fui teu filho...

• M. Raynouard, na sua ode a Camões. Esta ode traduzida por tres Portuguezes em Paris, e modernamente anotada, foi impressa na regia officina typographica de Lisboa.—

Em que te hei desmerecido, ó patria minha ?
 Não foi meu braço ao campo das batalhas
 Segar-te louros ? Meus sonoros hymnos
 Não voaram por ti á eternidade ?
 E tu, mãe descaravel, me engeitaste.
 Ingrata. . . Oh ! não te chamarei ingrata,
 Sou filho teu: meus ossos cobre ao menos;
 Terra da minha patria, abre-me o seio.

—Vivi: que me ficou da vida, agora
 Que haixo á sepultura ? Não remorsos,
 Vergonhas não. Para a corrida senda
 Sem pejo os olhos da volver me é dado.
 E tranquillo direi: *vici*;—tranquillo
 Direi: *morro*. Não dormem no jazigo
 Os ossos do malvado ! Não: continuo,
 Na inquieta campa estão rangendo
 Ao som das maldicções, deixa de crimes,
 Legado impio dos maus. Eu socegado
 Na terra de meus paes hei de encostar-me . . .
 Já me sinto ao lumar da eternidade:
 Veo, que ennubla, na vida, os olhos do homem.
 Se adelgaça: rasgado, os seios me abre
 Do escondido porvir. . . —Oh ! qual te has feito.
 Misero Portugal.—Oh ! qual te vejo.
 Infeliz patria ! Serves tu, princeza,
 Tu, senhora dos mares ! . . . Que tyrannos
 As aguas passam do Guadiana ? A morte,
 A escravidão lhes tras ferros e sangue . . .
 Para quem ? Para ti, mesquinha Lysia.
 Que naus são essas, que ufanasos surcam
 Pelo esteiro do Gama ? Pendões barbaros

• Os Hespanhóes.

Varrem o Oceano, que pasmado busca.
 Em vão! nas poppas descubrir as Quinas.
 Em vão; da hastea da lança escalavrada
 Roto o estandarte cai dos Portuguezes.

—Cinza, esfriada cinza é todo o alcaçar
 Da gloria luzitana... Uma faisca,
 Esquecida a tyrannos, la scintilla
 Mas quam debil que vens, sópro de vida.
 Um só momento com vigor no peito
 O coração te pulsa. Exangue, enferma
 So te ergues d'esse leito de miseria
 Para cahir, desfallecer de novo.

— Onde levas tuas aguas, Tejo aurifero ?
 Onde, a que máres ? Já teu nome ignora
 Neptuno, que tremeu de outrora ouvil-o.
 Suberbo Tejo, nem padrão ao menos
 Ficará de tua gloria ? Nem herdeiro
 De teu renome ?... Sim: recebe-o, guarda-o,
 Generoso Amazonas, o legado
 De honra, de fama, e brio: não se acabe
 A lingua, o nome portuguez na terra.
 Prole de Lusos, peja-vos o nome
 De Lusitanos ? Que fazeis ? Se extincto
 O paterno casal cahir de todo,
 Ingratos filhos, a memoria antiga
 Não guardareis do patrio honrado nome ?

—Oh patria, oh minha patria !... —

A voz, que afrouxa,
 Interromperam sons desconhecidos

• As naus hollandezas.

De voz de estranho, que na estancia humilde
 Entra do vate. — Perdoae, se ousado
 Entrei, senhor; mas...

— Quem sois vós? Ha inda
 Homem no mundo, que a poisada obscura
 D'um moribundo saiba?

— Cavalleiro,
 Desde o alvor da manhã que vos procuro:
 De Africa hoje cheguei...

Ah! perdoae-me.
 Sois vós, conde? Voltastes? E que novas
 Me trazeis?

— Tristes novas, cavalleiro.
 Ai! tristes. D'esta carta que vos trago
 Sabereis tudo. —

Ao vate a carta entrega:
 Do missionario — era, que dos carcerees
 De Fez a escreve. Saudoso e triste,
 Mas resignado e placido lhe manda
 Consolações, palavras de brandura,
 De alivio e de esperanza: — Extincto é tudo
 N'esta mansão de lagrimas e dores;
 (As letras dizem) tudo; mas a patria
 Da eternidade, só a perde o impio.
 Deus, e a virtude restam: consolae-vos...

Oh! consolar-me... (exclama, e das mãos trémulas
 A epistola fatal lhe cá) Perdido
 É tudo pois!... — No peito a voz lhe fica;
 E de tamanho golpe amortecido
 Inclina a frente, e como se passára,
 Fecha languidamente os olhos tristes.

• Frei Josepe Indio.

Anciado o nobre conde se aproxima
 Do leito... Ai! tarde vens, auxilio do homem.
 Os olhos turvos para o ceo levanta;
 E já no arranco extremo:—*Patria, ao menos*
Junctos morremos... E expirou co'a patria.—

Da passagem do canto III que vos li, citar-vos-hei como bellissimo o seguinte trecho em que o auctor descreve a appareção da sombra d'el-rei D. Manoel á Camões no templo de Belem.

«Oh! sonho não foi esse.—Affigurou-se-me
 Ver do moimento erguer-se um vapór leve,
 Raro, como de nuvem trasparente
 Que mal embaça o lume das estrellas
 No puro azul dos ceos:—foi pouco a pouco
 Condensando-se espesso, e longes dava
 De humana forma irregular,—qual sóhem
 Ao pôr do sol phantasticas figuras
 As nuvens debuxar pelo horizonte.
 Logo mais certas, mais distinctas formas,
 Qual molle cêra em mãos d'habil artifice
 Tomando foi. Já claro ante mim era.
 Roupas trajava alvissimas e longas:
 Seus braços de extensão desmesurada,
 Um sobre o peito co'indice apontava
 Ao coração, que as vestes resplendentes
 Transparecer deixavão. Viva chamma.
 Como luz de carbunculo, brilhava
 Na viscera patente; e em radiosas
 Lettras lhe soletrei—*Amor da Patria.*»

«Da maravilha como por encanto,
Sem receio, ou terror a contemplava,
Quasi de tal prodigio enfeitado;
Quando estes sons, entre aspero e suave,
Mas solemnes ouvi.....

Segue-se o eloquente discurso em que a sombra prediz a Camões que elle erguerá á patria um monumento mais perduravel, que as moſtes do Egypto.

Tenho lido muitas descripções de aparições de sombras, phantasmas e espectros, mas nenhuma me parece superior em belleza a esta de um rei, que elevou Portugal ao auge da grandeza, annunciando ao futuro cantor dos *Luziadas* a empreza, que lhe cahia sorte, de eternizar o nome portuguez, salvando-o com o seu immortal poëma do esquecimento em que ameaçava sepultal-o a decadencia da glória nacional. As descripções da apparição da sombra de Heitor a Eneas, na *Eneida*, e da de Jezabel á Athalia, na tragedia deste nome, são de certo bellissimas, mas de outro genero, já porque Heitor e Jezabel apparecem desfigurados em razão da morte violenta que soffrêrão, e terem servido seus cadaveres de ludibrio ao vencedor, ou de pasto aos animaes, já porque só annunciação calamidades ás pessoas a quem se dirigem, e mui diversas por conseguinte da de um rei glorioso que prediz á Camões uma immortal producção do genio nos seus *Luziadas*.

A riqueza das imagens, a belleza do colorido, e a perfeição da poesia imitativa, brilhão em todo o con-

texto da descripção citada a começar logo pelos primeiros versos, que são mui pittorescos... «Affigurou-se-me Ver erguer do moimento um vapôr leve, Raro, como de nuvem transparente, que mal embaça o lume das estrellas No puro azul dos ceos:—foi pouco a pouco Condensando-se espesso, e longes dava De humana forma irregular» —... São sobretudo magnificos e admiraveis os seguintes, que retratão a figura e a indole do rei patriota: «Seus braços de extensão desmesurada Um sôbre o peito co'indice apontava Ao coração, que as vestes resplendentes Transparecer deixavão. Viva chamma, Como luz de carbunculo, brilhava Na viscera patente; e em radiosas Lettras lhe soletrei —*Amor da Patria.*» O sublime quer do pensamento, quer dos affectos, brilha a toda luz nestes inimitaveis versos, que não teem iguaes no seu genero.

Tão bella é esta descripção, que me não posso furtar ao prazer de reproduzir o seu final depois do discurso:

.....Rompêo-lhe
 O derradeiro accento destas vozes
 Em som de pena tal e tão tremendo,
 De tão profunda mágoa, que inda agora
 Nos cortados ouvidos me rimbomba.
 Extremeci, olhei; já nada vejo:
 Ou acordei, ou a visão se fôra.»

Ainda aqui temos o sublime do pathetico expresso nos mais bellos versos imitativos que jamais sahirão da penna de poeta.

Depois dessa magnifica onomatopéa... «Que inda agora Nos cortados ouvidos me rimbomba», notarei como mui bello este verso que pinta com tanta propriedade o despertar sobresaltado de Camões: «Extremeci, olhei; já nada vejo.» Tudo neste admiravel quadro é bello, poético, sublime!

Da passagem do X canto citar-vos-hei unicamente o seguinte trecho final em que o auctor descreve Camões expirando ao receber a fatal nova do immenso desastre de Alcacer Quebir, em que perece o joven rei D. Sebastião com a flôr da nobreza do reino.

«Oh! consolar-me...(exclama, e das mãos tremulas

A epistola fatal lhe cái)—Perdido

É tudo pois!... No peito a voz lhe fica;

E de tamanbo golpe amortecido

Inclina a frente, como se passára,

Fecha languidamente os olhos tristes.

Anciado o nobre conde se aproxima

Do leito... Ai! tarde vens auxilio do homem.

Os olhos turvos para o ceo levanta;

E já no arranco extremo: *Patria, ao menos*

Junctos morremos... E expirou co'a patria.»

Este admiravel trecho com que o auctor termina o seu poëma, e em que nos pinta Camões ao receber a fatal nova sobredita, expirando com a patria no seu modo de encarar as cousas, é todo eminentemente pathetico, e sublime, verdadeiramente sublime, o dicto que elle põe na bôca do poëta moribundo: «Os olhos turvos para o céo levanta; E já no arranco ex-

tremo:—*Patria, ao menos junctos morremos...* E expirou co'a patria.» Não era em verdade possível terminar mais nobremente um poema feito *àquella cuja lyra sonora fôra mais afamada que ditosa*, do que fechando-o com esse rasgo de sublime, que tanto excita a nossa admiração, como nos commove o coração. De mim confesso que não conheço algum outro poema épico, ou heróico, que finalise, deixando-nos uma impressão tão profunda, como este que pode passar por modelo no seu genero até agora unico.

A especie de imprecação que serve como de epilogo ao mesmo poema, e em que o auctor solta um longo brado de indignação contra a ingratição dos portuguezes para com o immortal cantor dos *Luziadas*, o maior poeta dos tempos modernos, e o melhor cidadão portuguez do seu tempo, é tambem bellissima, e faz lembrar o soberbo verso de Virgilio:—*Exoriare aliquis nostris ex ossibus ultor*. São igualmente sublimes os versos, porque termina, «Nem o humilde logar onde repoisão As cinzas de Camões conhece o Luso.» Assim é que um grande poeta vinga outro grande poeta da ingratição dos homens.

Pelas duas passagens analysadas podeis formar idea do todo deste sublime poema, que em nada dellas desdiz, nem na substancia, nem na forma.

Em outro discurso passarei a apreciar a *D. Branca* do mesmo auctor. Por hoje aqui termino.

LICÇÃO XCIX.

Vou hoje, senhores, occupar-me com a *D. Branca* do visconde de Almeida Garrett, poema romantico, que no seu genero é sem contradicção um dos melhores do seculo XIX, e que alguns á cuja opinião não me inclino preferem ao *Camões* do mesmo auctor, que analizei no meu precedente discurso. É escripto no gôsto do *Oberon* de Wieland que tantos gabos tem merecido, si bem que mui diverso no assumpto, episodios e urdidura, e em nada inferior ao seu modêlo, ao qual leva pelo contrário a palma em delicadeza.

O estylo, pôsto que nobre e cheio de todos os donaires da poesia, apresenta nada obstante graciosa facilidade, segundo o requer o assumpto; o que é para admirar, si se attender ao curto espaço de tres para quatro mezes em que o auctor compoz este poema, porque denuncia uma veia riquissima e inesgotavel. A

linguagem é copiosa, pittoresca, e pura, antes classica, como o pode ser a de um dos poetas que melhor teem maneado a lingua portugueza, ou de um dos mais profundos conhecedores della.

O maravilhoso do poema não é tirado da religião christã, mas das fábulas populares, crenças e preconceitos nacionaes, como declara o proprio auctor. Assim os agentes sobrenaturaes são fadas, bruxos ou feiticeiros e o diabo que ora se introduz no papo de um falcão, ora no corpo de um frade, o que, nos tempos em que se representa a acção, ou no reinado d'el rei D. Affonso III de Portugal, não só não desdiz das crenças e superstições vulgares, mas era tinha de que se achavão eivados os mesmos grandes senhores. Nisto seguiu ainda o auctor Wieland, por entender que a religião christã é muito sublime para entrar em poema, cujo assumpto não seja ella mesma, ou um de seus dogmas, como no *Paraizo Perdido* de Milton, no poema didactico de L. Racine.

A fábula do mesmo é complicada como a de quasi todos os poemas romanticos, porque ao roubo da infante de Portugal D. Branca, filha de D. Affonso III, e abbadessa de Holgas, feito por Aben-Afan, último rei mouro do Algarve, e ao desencantamento desta princeza, se prende a conquista do Algarve, ou perda do reino do roubador, que é o verdadeiro heroe do poema, e não o mestre de Santiago D. Paio Correia, ou D. Affonso III. Os episodios achão-se ligados á acção principal quanto é possivel sê-lo em uma fábula com-

plicada. O interesse desta ou do rapto da princeza e seu desfêcho é sempre crescente.

Antes porém de ir por diante devo reproduzir o notavel juizo do Sr. Araujo Porto Alegre sobre o merito deste poëma.

«Os homens que querem na poesia uma arte como Platão estabeleceu, diz elle, aclamão *Camões* como a obra prima de Garrett, porém os poëtas considerão *D. Branca* em primeiro logar: tanto uma como outra tem seu merito especial.»

«Na primeira ressumbra o patriotismo, a missão do poëta elevado e generoso para com sua nação; a livre mas sensata inspiração, guiando a sociedade, e com ella a religião severa, santa e desinteressada.»

«Em *D. Branca* a arte apparece debaixo de uma forma mais ampla, mais variada e graciosa; o poëta deleitou-se em animar, em colorir antigas lendas e tradições, e ao mesmo tempo em infundir pelos exemplos e virtudes de outras éras aquellas idéas que regenerão um povo. Estes dois poëmas, filhos da escola byronniana abaterão a poesia idólatra, a musa plastica e anachronica do paganismo, e abrirão á juventude portugueza essa nova época litteraria que tanta honra lhe faz.»

O illustre critico, que é poëta, parece preferir a *D. Branca* ao *Camões*, obra incontestavelmente mais castigada, ou de forma mais perfeita, e que custou muito mais a produzir, que a primeira, segundo o proprio testemunho do auctor. Prescindindo da for-

ma em que o *Camões* é indubitavelmente superior a *D. Branca*, a differença que se nota entre os dois poemas nasce principalmente: 1.º—da novidade do assumpto n'um, porque ninguem se havia ainda lembrado de pôr em verso a composição de um poema épico como objecto de outro poema, e muitos tinham verificado lendas e tradições populares com mais ou menos successo; 2.º—do mesmo assumpto, que é verdadeiro e histórico no *Camões*, e evidentemente fabuloso na *D. Branca*; 3.º—da diversidade dos tempos, porque a acção do *Camões* passou-se no seculo XVI, ou dois seculos antes da composição do poema, e a *D. Branca* no seculo XIII, ou cinco seculos antes da composição do poema.

Si a *D. Branca* pelo fabuloso do assumpto e antiguidade que se lhe suppõe, abre campo mais vasto à ficção, o *Camões* que menos a ella se presta, por considerações que são óbvias, sobresahe pela elevação do pensamento, na verdade do enthusiasmo, e força do pathetico que nascem do assumpto prendendo-se em ambos a acção principal mui bellos episodios.

A primeira pois é certamente um bello poema, uma obra prima no seu genero, mas composição evidentemente mais ligeira que a segunda, que não só é uma obra prima, mas uma obra verdadeiramente monumental.

Passarei agora a lêr-vos duas passagens da primeira, uma do canto IV, outra do VII, notaveis entre

outras por sua belleza, para que ajuizeis do singular talento do poëta neste novo genero de composição inteiramente romantico.

Eil-as:

CANTO IV.

Forravam ricas sedas o apposento;
 No avelludado, persico tapete
 Brando deslisa o pé; cassoulas de oiro
 Exhallam os arabicos perfumes;
 Em vasos transparentes d'alabastro
Vecejam raras, matizadas flores.
 — Tibia luz, temperada para amantes
 Frouxa allumia, e dá realce ao incanto
 De tam mago deleite que hi respira.
 Como um throno d'amor jazia ao lado
 Fofa sophá, que a placido repouso
 (Se não a doce agitação) convida.
 Entrava n'esta estancia o cavalleiro
 Com a formosa dama: elle inflamado
 De quanto amor, quanto desejo accende,
 O deus dos corações em jovens peito;
 Ella — como levada de um feitiço,
 A que não pôde resistir, não sabe.

II.

Convidava o sophá, insta a fadiga,
 E a bella reclinou-se; — não deitada,
 Não assentada, mas n'essa indizível
 E dubia posição que toda é graças,
 Desalinho, requêbro, enlêvo d'olhos,

E talismã de lubricos suspiros,
 Oh! suspirar, suspira o cavalleiro;
 Que a seus pés jaz, que as niveas mãos lhe aperta,
 E que lh'as beja com ardentes labios,
 Por onde alma em delirio se evapora.
 Ella tambem — ella tambem suspira,
 E nos olhos azues alveja a lagryma
 Precursora do languido deliquio,
 Em que adormece a virgindade, — e expira,
 Como expira innocente passarinho
 N'aza escondendo a languida cabeça.
 Dos olhos do mancebo fuzilava
 O raio do prazer; — vivas faiscas
 Saltavam a atear a chamma ardente
 No altar, que ao sacrificio se prepara.

III.

Os vestidos da bella são grosseira
 Estamenha, e o toucado um so yeo liso:
 Mas que diamantes, mas que telas d'ouro,
 Tranças tam lindas, corpo tam formoso
 Encubriram jamais? — Uma cruz pende-lhe
 Entre o seio, que trémulo palpita. . .
 Uma cruz! — oh, sacrilega heldade,
 Não vejo eu reluzir mourisca tua
 No turbante que envolve a bôça frente
 De teu cego amador? — Mas, ai fraqueza
 Fatal de nossos miseros sentidos,
 Que não vê mais que amor quem amor sente!

IV.

Não fallavam os dous, não; as palavras

Das linguagens dos homens são mesquinhas,
São pobres de expressões, quando alma inteira
Rompe do coração e accode aos labios.
Não fallavam, mas diz tudo o silencio,
Diz mais que as fallas; mudos se percebem,
Mudos se intendem, mudos se respondem,
Nem tem mor eloquencia a natureza,
Que a mudez, que o silencio dos amantes.

V.

Porém rompeu-se alfin: uma voz doce,
Languida como a frente da papoula
Que pende o ardor do sol, meiga e suave
Como o sussurro da aura matutina
Entre as flores do orvalho rociadas,
Uma voz disse: — «Oh! tem de mim piedade,
Oh! não abuses da fraqueza minha,
Sei que te amo, conheço que impossivel
Me é não te amar; mas meu amor é crime,
Mas esta cruz. . . » — E a cruz chegou aos labios,
E os labios não ousaram a bejá-la.
«Oh! se ao menos sequer tu adoráras,
Se convertido á fé, comigo eterna
Penitencia fizesses d'este crime,
Que ambos, ai de mim! — ambos commettemos;
Oh! não poderá ser crime tamanho
O que ganhasse uma alma como a tua
Para a fé verdadeira.»

Um ai profundo

Do mais intimo peito lhe responde,
E estas vozes o seguem:

«Que disseste,

Oh! filha dos christãos, que me has proposto!

Eu que tudo perdi para alcançar-te,
 Que abandonei por ti quanto homens prezam,
 Quanto por valioso tem o mundo !
 Inda exiges de mim mais sacrificios !
 Desertar do meu culto e meus altares,
 Renegar do meu Deus !»

— «Teu Deus é falso.»

— «Falso o meu Deus ! . . . E o teu é verdadeiro !
 Quantos deuses ha pois na natureza ?
 Eu adoro o que fez este universo,
 O que nos ares suspendeu magnifico
 Esses orbes de luz que nos acclaram,
 Que prové nas areias do deserto
 De orvalho ao sequioso viandante,
 Que tanto accende o sol, derrama a chuva
 Para os cedros que se erguem sôbre o Libano,
 Como para a rasteira, humilde grama
 Que vejeta nos plainos arenosos;
 O Deus que me creou, que no teu rosto
 Poz o traslado da belleza etherea,
 Este,—este é o meu Deus; e falso é elle?»

VI.

Os theologos sabem mil respostas,
 Para sophismas taes; porém aos olhos
 Do ignorante são verdades puras
 Que sua pobre fé debil não ousa,
 Nem sabe combater: callou-se a bella,
 Mas suspirou, e com profunda mágoa
 Lhe pende o gesto sôbre o niveo seio,
 E nas formosas mãos formoso o esconde.
 As lagrimas, que os olhos lhe arrasavam,
 Per entre os roscos dedos deslizando,

A gotta e gotta cabem no regaço;
 E debulhada em pranto assim parece
 Alvo lirio do prado, em cujo calix
 Chorou a aurora ao despontar do dia.

VII.

— Oh ! como te amei eu ? Como ha nascido
 Este amor no meu seio ? Separados
 Por um abysmo, que entre nós cavaram
 Todas do ceo e terra as potestades,
 Quem nos uniu assim, que fôrça ?

— « A minha. »

Disse uma voz solemne e retumbante,
 Que estremeceu nos timidos ouvidos
 Da donzella christan, como estremece
 O som do bronze conductor da morte
 Na orelha do pastor que o seu rebanho
 Pasce longe do campo das batalhas,
 E acorda ao estampido inesperado,
 Que os echos das montanhas lhe repetem.

— « Uniu-vos meu poder; » — a voz dizia:

« A quem submissos os destinos cedem;
 E obedece a propria natureza. »

CANTO VII.

X.

Do Algarve ao rei, de longe em longe, a glória
 Esquecida telli lhe dá lampejos

Na phantasia: acodem, pouco e pouco,
 À memoria que surge do lethargo
 Em que o deleite a jouve,—ora do sceptro
 O brilho, o resplendor do diadema,—
 Ora a patria em perigo, ora a victoria
 Cingindo-lhe na frente outro diadema
 Mais refulgente c'os ganhados louros.
Louros!—•Ramo fatal do meu destino.»
 Exclama o joven rei—•emmurcheceste
 Seccaste para sempre! Não ha glória
 Mais para mim! a inutil existencia
 Arrastarei aqui nestes dourados
 Salões em ocio vil e afeminado!
 Ramo fatal! se á custa do meu sangue
 Reverdecer podesses!—Desgraçado,
 Que proferi!—E amor, e Branca?—oh sorte!»

XI.

Mal os extremos sons dos labios rompem,
 O sol se obscureceu; medonha noite
 Cai sôbre o ceo, como um funereo manto
 Sôbre a cinerea urna: estala um raio,
 Com vivo lampejo fende as nuvens,
 E horrisono trovão nos ares brama,
 •Voto fatal!—estremecendo disse
 O mancebo: seus ramos incantados
 Observa: sêcco o myrtho, verde o louro...
 Oh vista!—esmoreceu. Sem voz, sem ânimo,
 Entre a morte e a existencia suspendido
 Desfallece, cahiu.—Sophá ditoso,
 Que outros desmaios ha tam pouco viste,
 Thalamo de prazer, de dor és hoje.

XII.

Branca era longe; triste e solitaria
 Pelos vergéis sosinha passciava,
 E pelo mais umbroso da espessura
 Suas mágoas entre as flores escondia.
 Do escurecer do sol, do trovão subito
 Aterrada a fugir aos passos vinha,
 Vinha esconder as delicadas faces,
 Que o susto descorou, no seio amado.
 O coração batia-lhe no peito;
 O respirar violento e apressado
 A suffocava. Uma lembrança acode:
 — «Noite de san'João é ésta noite!»
 Noite de san'João! — E a prophacia
 Da fada lhe soou no intimo d'alma,
 Como o funebre som descompassado
 De sino, ao longe, que por mortos dobra.

XIII.

Noite de san'João! — Já, mais de meio
 Seu gyro o sol correu. Prazo terrivel,
 Quam perto estás! Affrouxa o passo, teme
 De o ver, de lhe fallar, de recordar-lhe
 Os pr'igos d'essa noite que avizinha.
 Mas que perigos são? Não disse a fada
 Que enquanto o ramo florecer da murta,
 Seguro é seu amor, sua ventura?
 Ânimo cobra, novo alento, e voa
 Nas azas da esperanza ao doce amado.

XIV.

Triste! mal sabes que fatal desejo
 No coração entrou d'esse que adoras!

Mal sabes, infeliz, que agouros negros
 Esse ramo de esp'rança te hão murchado.
 —Suas penas c'os sentidos recobrára
 O mancebo real, chegar a sente,
 E á pressa os ramos escondeu no peito;
 O semblante compõe, serena os olhos,
 E da illudida virgem ao encontro
 Vem com tranquillo, socegado gesto.

XV.

Estreitou-os amor em doce abraço:
 Doce direi?—As lagrymas soffria
 A linda infante;—elle os tormentos todos
 Do inferno padecia.

BRANCA.

•Ó doce amado,

Ésta noite!

ABEN-APAN

Ésta noite! . . .

BRANCA.

•Tu receias!

O quê? oh, não! não m'o encubras; falla.
 Communicuemos nossas mútuas penas,
 Nossos temores.

ABEN-APAN.

•Pois tu temes, Branca?•

BRANCA.

«Ai ! d'êsta fatal noite não recordas
O que nos disse a fada ?»

ABEN-APAN.

«Mas promessas
Tam seguras nos fez !»

BRANCA.

«Se os teus desejos
O sêcco ramo . . . »

ABEN-APAN.

«Branca ! . . . — oh ! não profiras
A sentença fatal.»

BRANCA.

«De quê ?»

ABEN-APAN.

«Perguntas ?
Queres sabê-lo ?— Misera . . . não queiras.»

BRANCA.

«Ramos fataes !— Não ouso perguntar-te
Se . . . — Mas tu, doce amor, não desejava ? . . . »

ABEN-APAN.

«Eu ? desejei— desejo só a morte.»

No chão os olhos d'ambos se cravaram;
 E, de todos os males do universo,
 Incerteza, o mais cru, co'as azas fuscas
 Lh'esvoaça dentro dos afflictos peitos.
 Quanto o extremo prazer ou dor extrema
 É maior que a expressão! Silencio, a funebre
 Eloquencia da mágoa—com teu sello
 Os descorados labios lhe cerraste.
 —Em tanto o dia se perdeu nas trevas;
 E a receada noite, dobra a dobra,
 Estende sobre a terra o veo de lucto.

.....

Da primeira passagem que vos li, reproduzirei os seguintes trechos, que são tão bellos, como eloquentes:

«Convidava o sophá, insta a fadiga
 E a bella reclinou-se;—não deitada,
 Não assentada, mas nessa indizível
 E dubia posição que toda é graças,
 Desalinho, requêbro, enlêvo d'olhos,
 E talisman de lubricos suspiros.
 Oh! suspirar, suspira o cavalleiro,
 Que a seus pés jaz, que as niveas mãos lhe aperta,
 E que lh'as beija com ardentes labios,
 Por onde alma em delirio se evapóra.

.....

Não fallavão os dois, não; as palavras
 Das linguagens dos homens são mesquinhas,
 São pobres de expressões, quando alma inteira
 Rompe do coração e accede aos labios.

Não fallavão, mas diz tudo o silencio,
 Diz mais que as fallas, mudos se percebem,
 Mudos se entendem, mudos se respondem,
 Nem tem mór eloquencia a natureza,
 Que a mudez, que o silencio dos amantes.»

São admiraveis estes trechos que pintão a situação dos dois amantes, Branca e Aben-Afan, quando chegaram ao palacio encantado, que para elles dispuzera a fada Alida que os protege. Ahi a expressão corresponde em tudo ao conceito que não pôde ser mais delicado. A posição de Branca recostada negligentemente no soprá é descripta com pincel de mestre, ou antes pincel divino: «E a bella reclinou-se;—não deitada, Não assentada, mas nessa indizível E dubia posição que toda é graças, Desalinho, requêbro, enlêvo d'olhos.» Não era possível fazer d'essa indecisa posição uma pintura mais bella e graciosa, nem em mais expressivos e apropriados versos, porque estes empernando-se adrede uns nos outros imitão soberbamente o indefinido da postura, deixando perceber todos os encantos d'ella.

Tambem nunca a muda eloquencia dos amantes foi melhor expressa do que nest'outros admiraveis versos: Não fallavão, mas diz tudo o silencio Diz mais que as fallas, mudos se percebem, Mudos se entendem, mudos se respondem.» Só aos grandes poétas é dado pintar por este modo, ou com côres tão naturaes, que parece estarmos experimentando as mesmas emoções

que descrevem, sentindo e apalpando as mesmas cousas que pintão. Tudo é bello, delicioso, e expressivo, neste graciosissimo quadro de pintura fallante, que nos traça uma situação toda enlévo dos sentidos, toda eloquencia do coração.

Da segunda passagem reproduzirei o seguinte trecho annunciador da catástrophe:

BRANCA.

«Ramos fataes !—Não ousou perguntar-te
Si . . . —Mas tu, doce amor, não desejava ?

ABEN-AFAN.

«Eu ? Desejei—desejo só a morte.—
No chão os olhos d'ambos se cravárão;
E, de todos os máes do universo,
Incerteza, o mais crú, c'o as azas fuscas
Lh'esvoaça dentro dos afflictos peitos.
Quanto o extremo prazer, ou dor extrema
É maior que a expressão ! Silencio, a funebre
Eloquencia da mágoa—com teu sello
Os descorados labios lhe cerraste.
—Em tanto o dia se perdéo nas trevas;
E a receada noite, dobra a dobra,
Estende sobre a terra o veo de lucto.»

Si na primeira situação dos dois amantes, tudo é arrôbo, delicia, magia, encanto, nesta tudo são áncias

mortaes, terrores indiziveis, e cruel incerteza, o peor dos estados. Aben-Afan, a quem a fada Alida dá os dois fadados ramos de murta e louro que encerravão o seu destino, e que devia a posse de Branca ao ardente desejo que mostrára de ver florecer a murta, saciado já de tanta ventura, e pensando, durante uma curta ausencia, o que a amante fizera a passear pelo jardim, na vida efeminada que levava junto de uma mulher, em quanto o seu reino era atacado pelos christãos, e seus soldados não tinham um chefe que os guiasse á victoria, impellido pelo amor da gloria, desejou por um momento vêr florecer o louro, que com effeito reverdecêo. Quebrava-se pois o encanto que o retinha longe dos seus, e em breve ia desaparecer como o fumo o magnifico palacio da Fada, e como o sonho toda a felicidade dos dois amantes.

Por isso são admiraveis os seguintes versos, que descrevem uma tão dilaceradora situação: «(Branca) ramos fataes! Não ousou perguntar-te si. . . Mas tu, doce amor não desejaste?» (Aben-Afan) Eu? desejei, desejo, só a morte.—No chão os olhos de ambos se cravárão, E, de todos os males do universo, Incerteza, o mais crú, co'as azas fuscas Lh'esvoaça dentro dos afflictos peitos.» Em verdade essa primeira impressão de espasmo que torna mudos ou dois amantes em tal situação, não podia ser mais bem descripta do que é nestes versos, que revelão o profundo conhecimento que o auctor tinha do coração humano, e annuncião o seu talento dramático.

Seguem-se as scenas do desencantamento, no qual Aben-Afan é arrebatado pelo espectro de um de seus antepassados, evocado pelos conjuros do bruxo Frei Gil, e vai combater nos muros de Silves, onde é morto pelo mestre de Santiago; ao passo que Branca é conduzida pelo mesmo frade aos arraiaes de D. Affonso.

Por estas situações tão diversas, que escolhi para objecto de minha analyse, porque evidentemente mostram quanto o poeta era insigne no jôgo e pintura dos affectos, podeis ajuizar do merito de todo o poëma, que dellas não desdiz em bom gôsto e primor.

Em outro discurso apreciarei o *Gil Vicente* do mesmo auctor. Por hoje aqui termino.

LICÇÃO C.

Tenho, senhores, que apreciar hoje o *Auto de Gil Vicente* do visconde de Almeida Garrett, drama no gosto moderno, que nada tem que invejar aos melhores no seu genero, e é certamente um dos mais notaveis dentre os que compoz o auctor, cujo singular talento tanto primou na poesia épica, como na dramatica, reunindo ainda neste ponto o dualismo tão difficil de attingir nas producções do genio.

Gil Vicente foi, como se sabe, o primeiro que lançou os fundamentos do theatro portuguez em tempo d'el-rei D. Manoel e el-rei D. João III, quando a arte dramatica se achava ainda em sua infancia por toda a Europa com excepção apenas da culta Italia, onde se representava então a comedia classica sob os auspicios do papa Leão X. Mas aquelle seu primeiro impulso não foi continuado por outro poéta dramatico de Portugal; pois que as imitações da comedia italiana, que se seguirão aos seus autos e tragi-comedias não tinham de portuguez mais que a linguagem, e não

interessavão o povo, que nada tinha que vêr com assumptos e costumes italianos. Taes forão, por exemplo, as comedias de Sá de Miranda, representadas perante o cardeal infante D. Henrique. Ha com tudo uma excepção honrosa a fazer em favor da *Castro*, de Ferreira, a qual não só foi uma das primeiras tragedias regulares escriptas depois do renascimento das letras; mas tambem uma composição dramatica, cujo assumpto é eminentemente portuguez. O dominio hespanhol, que se seguiu depois do reinado do cardeal infante, foi fatal á litteratura portugueza pela corrupção do bom gôsto.

No reinado de D. João V apparecêo em Portugal um talento verdadeiramente dramatico, o infeliz Antonio José, que promettia ser o digno successor de Gil Vicente, mas que foi queimado pela inquisição. Com elle morrerão as esperanças do restabelecimento do theatro portuguez, o qual só vivêo, ou antes, como dizem os Francezes, vegetou dahi por diante desnaturado com insipidas traducções de operas italianas, e de comedias francezas.

No intuito de restaurar o decadente theatro portuguez, cuja direcção lhe fôra confiada pelo governo, é que o auctor compoz o seu *Auto de Gil Vicente*, cujo assumpto é nacional, e algum tempo depois o *Frei Luiz de Souza*, de que logo tratarei.

Assim como no *Camões* tomára para assumpto de uma epopéa a composição de outra epopéa, assim no *Auto de Gil Vicente* tomou elle para assumpto de um drama a representação de outro drama. Em taes com-

posições porém ha unicamente a semelhança dos assumptos, porque, prescindindo da differença dos generos, o heróe do poëma é o proprio Luiz de Camões, immortal cantor dos *Luziadas*, ao passo que no drama o heróe é, não Gil Vicente, auctor das *Córtes de Jupiter*, mas Bernardim Ribeiro, auctor do romance *Menina e môça*.

Sabidos são os amores verdadeiros, ou suppostos, deste poëta com a infante de Portugal, D. Beatriz, filha d'el-rei D. Manoel, a qual casou com o duque Carlos de Saboia. Estes mallogrados amores que terminão com a partida da infante para Saboia, e se prendem á representação do *Auto* pelo papel da Moura Taes que o poëta desempenha mascarado em logar de Joanna do Taco, e pela confidencia da actriz Paula Vicente, que protege os dois amantes, constituem a verdadeira acção do drama, a qual começa pelas predisposições para a representação do *Auto*, e com ella progrede, sendo as scenas do galeão S. Catharina ainda como uma consequencia della.

O drama, dividido em tres actos, é escripto em prosa, e de enredo complicado; mas os incidentes ligão-se perfeitamente á acção principal que vai sempre em progresso. Os caracteres de Bernardim Ribeiro, Paula Vicente, D. Beatriz, Gil Vicente, e Chatel, são mui bem sustentados; sobretudo os dois primeiros. São igualmente mui bellos os lances dramaticos, em que Bernardim Ribeiro, desempenhando o papel da Moura, entrega á infante o anel que esta lhe havia dado, e em que, despedindo-se della no galeão, salta ao mar á

chegada d'el-rei D. Manoel, para não compromettê-la. O estylo é admiravel, e produz completa illusão no papel de Bernardim, cujos modos de dizer o auctor imita com muita propriedade.

Do prefacio dos editores deste drama, citar-vos-hei as seguintes palavras, que mostram o grande effeito que elle produzio no público, quando foi pela primeira vez representado.

«A apparição deste drama, dizem elles, fez uma época na história litteraria de Portugal. De então verdadeiramente é que se começou a pensar que podia haver theatro portuguez. Toda Lisbôa foi á Rua dos Condes applaudir *Gil Vicente*; todos os jovens escriptores quizerão imitar o *Gil Vicente*. Toda a imprensa nacional celebrou este acontecimento com enthusiasmo.

Tendo-vos dado uma idéa geral do drama e do fim com que foi composto, passarei a lêr-vos algumas das scenas mais notaveis do terceiro acto, para que possais ajuizar do incontestavel talento com que o auctor soube desempenhal-o.

Eil-as:

SCENA V.

DONA BEATRIZ, IGNEZ DE MELLO.

DONA BEATRIZ.

Ido repousar, que é tarde.—Ignez de Mello, incostae-vos ahi

no meu camarim, para se eu chamar; que n'estas almofadas fico por ora, quero respirar este ar puro — é da minha terra ainda. Esperae, Ignez: dae-me d'aquelle cofre qua ahí hade estar dentro, aquelle que me trouxe da China Fernão Pires, a viagem passada — um livro que lá heis de achar. Não o desabrocheis, que tem papeis dentro (*Ignez de Mello sai, e volta com um livro de quarto, grosso, com broches de prata*). Esse é: acertastes.

IGNEZ.

Vossa Alteza não ^{lê} por outro: tinha-o á mão para lh'o dar.

DONA BEATRIZ.

Bem está. — Ide descansar.

SCENA VI.

DONA BEATRIZ.

Este livro ! . . . São nossos tristes amores contados por um modo que os não entenderá ninguém. E aqui está a verdade toda — mas posta por elle com aquella alma que sabe dar a tudo ! E de tudo o que me fica é este livro. Nada é já do que foi: está em historia como as coisas passadas ! — Se vierem escrevê-lo por ésta invenção que agora veio de Allemanha, e que chegue ás mãos de todos, quantos não chorarão sôbre nossas desgraças ! — Eu sei ! Carpi-lo-hão talvez a elle, accusar-me-hão á mim. — A mim não, que bem delicadamente incubertos deixou os nomes todos — menos o seu. — Generoso coração de homem ! (*levanta-se*) Oh ! que tem o mundo para me dar que me compense o que perco aqui ! — Ah, meu pae e meu senhor, o soldado que por vós vai morrer nas aréas d' Africa, ou nos palmares da India, não vos faz tama-

nho sacrificio.—(*torna a recostar-se*)—SAUDADES!—Que titulo lhe pôs!—Advinhava que d'ellas haviamos de morrer.

(*Lê*):

•Sôbre um verde ramo, que por cima da agua se estendia, veio pousar um rouxinol; começou a cantar tão docemente que de todo me levou apos si o meu sentido de ouvir; e elle cada vez crescia mais em seus queixumes, que parecia que como cançado queria acabar; senão quando, tornava como que começava; então—triste da avezinha!—que estando-se assim queixando, não sei como se cahiu morta sôbre aquella agua....

SCENA VII.

DONA BEATRIZ, CHATEL.

DONA BEATRIZ, (*erguendo os olhos de repente do livro, dá com Chatel que a estava espreitando e que não pôde fugir sem ser visto. Levanta-se com dignidade.*)

Que fazeis ahí, senhor secretario? Não mandei eu a todos que fossem repousar?

CHATEL.

Tinha sahido alli—a tomar ar... Pareceu-me ouvir que Vossa Alteza chamava.

DONA BEATRIZ.

Quando o fizer, não será por vós.—Não chamei ninguém agora.—Obrigais-me a ir fechar-me no meo camarim para estar livre de...—Bem.—Ficae pois ahí.—Alguem virá do paço em minha procura: chamae logo Ignez de Mello. ... Mandae-a chamar.—(*ô parte*) Inoportuno de italiano!

SCENA VIII.

CHATEL. (*só*).

Offendeu-se minha angusta ama.—Poh!—Mas aquella historia do auto tem segredo que é preciso penetrar. E se eu chego a ser bem senhor d'elle... que farei?—Deitar a perder a infante, declarar tudo ao duque?—Tam louco sou eu! Nada.—Basta que a duqueza saiba que eu sei o que ella não quer que se saiba: está feita a minha fortuna.—Quem temos?—Oh! a bella Paula.—Ésta é do conselho intimo, como dizem os tudescos. E fina como um flamengo de Carlos V.—Mas vejamos sempre se pescio alguma coisa n'estes mares.

SCENA IX.

CHATEL, PAULA-VICENTE.

CHATEL.

Por aqui, formosa e discreta Paula?—Não vi o vosso nome na lista: de que muito me pèza.—Mas sabeis que foi el-rei de Portugal quem nomeou os officiaes, damas, cavalleiros e todos os que hão de ser da viagem.—Para mim já ella será triste com a falta de uma pessoa...

PAULA.

Sei muito bem que não tenho a honra de ser da viagem da senhora infante-duqueza. Nem aqui venho a éstas horas, senão porque me ordenou que lhe viesse heijar a mão, de ultima despedida.

CHATEL.

Póde ser...

PAULA.

E é.

CHATEL.

É certamente: basta affirmá-lo bocca tam formosa.—Mas é muito mais de meia noite. El-rei já se retirou. A senhora duqueza fechou-se no seu camarim. Não tardará a começar a manobra da nau. E não sei, bella Paula, se é possível...

PAULA.

Nem eu. Mas sei que ha um quarto de hora, e já depois de el-rei estar de volta no paço, me mandou á senhora infante recado, por letra de sua mão, para que viesse logo e sem detença.—Eu obedeci: vós fazei como quizerdes.—Mas... não me irei d'aqui sem que Sua Alteza me mande: *(sentando-se nas almofadas)*.

CHATEL.

O meu desejo é servir-vos como mereceis...—Vou mandar ver se a senhora Dona Iñez...

PAULA.

Avisae a quem quizerdes. O nosso costume das que somos criadas é entrar sem essas formalidades.—Eu, ainda que humilde, sou criada de Sua Alteza, e sempre mereci a minha ama...

CHATEL.

Bem, hem; tudo mereceis.—E porque não havieis de ser d'esta viagem, bella Paula? Queria que as nossas italianas, tão presumidas de seus olhos pretos, vissem uns olhos portuguezes que as matassem d'inveja.

PAULA, *(seccamente)*.

Sois gallante.

CHATEL.

De gallantes vos verieis vós perseguida em Turin. Sabeis la que terra é Italia para gallantes !

PAULA.

Indá bem que não vou: é raça que muito me enoja, a dos gallantes.

CHATEL.

Como assim ! tam bella e tam discreta, e gallantes vos infadad !—Percebo. *(com finura)*.—A *Providencia* dispoz já talvez de seu coração . . . Lá me pareceu que n'aquellas «côrtes de Jupiter» n'aquelle parlamento celeste havia oradores inspirados por um sentimento mais vivo . . . Eram tam poderosos, tam irresistiveis os feitiços e esconjuros d'aquella moura . . .

PAULA, *(á parte)*.

Confirmemo-lo n'este engano: duvida ainda. Oh, meu Deus, quem me diria ! Até a verdade precisa ser fingida, e se ingana com ella ! *(alto)* Vejo que sois penetrante, senhor secretario. E bem dizem que não ha esconder nada da finura de vossa nação.—*(á parte)* Com italiano, italiano e meio.—*(alto)* Pois bem; confessar-vos-hei tudo, já que sabeis tanto.—Estou em grande áncia e apertura. Era um homem o que fez de moura no auto; um homem que me amou, que . . . indoudeceu de puro amor.—Ia-nos perdendo hoje a meu pae e a mim . . . fez um estranho alvôrto na côrte. Misturou os seus linceos amores com o papel do auto . . . —Verdadeiramente ainda não estou em mim com o susto que tive.—Mas se eu o amo; se, apesar de tudo, não posso deixar de

amá-lo! (*com enthusiasmo*) Se para o adorar e servir—nem a morte nem a infamia diante de mim... Oh meu Deus!

CHATEL, (*à parte*).

Não era com outra.—está visto: assim não se finge, vem-lhe do coração.

PAULA.

A senhora infante que me protege... (*à parte*)—ou eu a ella: horrôsa situação a minha! (*alto*) quer...

CHATEL.

Interessar-se por vossas coisas... Intendo: negócio de casamento, é a madrinha...

PAULA, (*à parte*).

Sou eu, eu é que sou a madrinha...

CHATEL.

Coisa tam natural, tam louvavel.—E um anjo a senhora infante.—Vou já fazer chamar Dona Ignez... (*à parte*) e tranquilisar de todo os escrupulos do barão.—Enganei-me com-effeito: perdi o meu tempo: vou ver se o reparo, dormindo um pouco antes que comece a maldita algazarra da manobra.

SCENA X.

PAULA VICENTE, IGNEZ de MELLO.

PAULA, (*apenas Chatel se retira, corre com os olhos rapidamente a*

camara, palpa as tapeçarias,—sente que uma do lado opposto ao camarim da infante está em vão, levanta-a. Immediatamente chega ao lado com que communica á ponte do cães, e faz signal com um lenço.—Bernardim-Ribeiro acode.—Paula, sem lhe dizer una palazra, o toma pelo braço, e impurra violentamente para o cão da tapeçaria, que deixa cahir; e diz pondo o dedo na bócca):

Silencio!

No mesmo instante se abre a porta da infante, e sai

IGNEZ.

Manda a senhora infante-duqueza que aguardeis um instante, e a vos fallara.

SCENA XI.

PAULA-VICENTE.

E eu... eu é que assim arrisco minha vida, minha fama para lhes valer em seus amores! —Todas as delicias d'este adeus deradeiro—a mim m'as devem! A mim que o amo,—que a detesto... Oh, não detesto, não.—Pobre Beatriz, tam boa, tam innocente, tam timida!... Tu amas, desgraçada, e muito! D'elle te apartam, para longe te levam aos braços de outrem! Reclinada no peito do estrangeiro, mesquinha!—tu estremeçerás com as abhorrecidas caricias de um espóso indifferente; e o asco dos beijos de um marido que não amas, que em teu coração trahiste já te arripiará os cabellos, te ingulhará como peçonha!—Mas vais... E vives!—E acabarás por te acostumar.—Cintra e suas arvores tam verdes, Collares e suas relvas tam viçosas, tam estrelladas de flores—te parecerão como um sonho de infancia—singello de mais, innocente que infada, para quem passeia pelos recortados florões

de teu magnífico jardim italiano. . . Costumar-te-lhas á natureza affectada e facticia; e a natureza verdadeira te parecerá impossivel.—E que importa!—As grandezas, o poder, a fortuna, a multidão, ali estão para compensar o perdido.—Mas aquelle infeliz, que não tem outra glória, outros desejos, outra existencia, outra vida mais que esse funesto amor que o mata—desgraçado!—oh, para esse é que todo vai o dó do meu coração.—Inexplicavel martyrio que é o meu!—Amo-o; e já não é possível que eu ame outro homem senão elle. Amo-o; e assim me impenho em seus amores com outra.—com uma rival que devia detestar, e não detesto—quero-lhe antes, sirvo-a, deixo calumniar a minha para salvar a sua hora! . . . (*longo silencio*) E se alguém disser:—«Paula-Vicente, filha do comediante, tu fizeste como os chocarreiros de palacio; serviste os amores de tua ama—e pelo pão com que matavas a fome, vendeste a uma princeza o teu amante.»—Di-lo-lhão, meu Deus!—di-lo-lhão:—e eu ficarei infame. . . (*reflecte; e já resoluta*):—Que o digam. Vil seria eu a meus olhos, se, para servir a este ciume que me ralla as intranbas, que me confrange os ossos—negasse a dois infelizes o amparo que só eu posso dar-lhes. . . (*Fica por muito tempo com os braços cruzados, olhando fita para o sitio em que está escondido Bernardim-Ribeiro*) Ei-lo alli está, alli que escondido e protegido por mim, conta os instantes que espera. . .—E não é por mim que elle espera.—Oíço-lhe quasi as pulsações impacientes do coração que lhe bate d'ância. . . E não é por mim que elle bate.—Vê-la-ha, e a mim m'o deve.—Protestar-lhe-ha de seu amor eterno. . . e eu serei testemunha do juramento que todas minhas esperanças destroi.—Ouvirá que é amado. . . saberá. . . receberá. . .—E eu, eu. . .—(*com amarga alegria*) Mas em poucas horas este pavimento ha de começar a mover-se, estes lenhos tomarão azas e fugirão por mares afóra com todos esses votos de fidelidade e ternura. . . Oh! quem não suspiraria pelo dia de amanhã!—Eu—Eu que sei que elle ha de ser mais negro ainda que o de hoje.—Eu, a orgulhosa filha do comediante, eu que de frente ousaria luctar com minha pode-

rosa rival, eu não heide valer-me da sua ausencia—não me aproveitarei de seus despojos.—O mundo que falle. A filha do comediante é grande a seus olhos.

SCENA XII.

PAULA-VICENTE, DONA BEATRIZ.

DONA BEATRIZ, (*abrindo a porta do camarim*).

Paula, minha boa Paula, venho eu mesma abrir-te, que não quero ninguém entre nós n'estas horas, derradeiras de nossa despedida.—Meu Deus, eu não tinha senão esta amiga: mandam-me desterrada, e até della me privam! Entra, Paula, que se me arromba o peito se não desabaço contigo de tanta mágoa que aqui está. Vem: tenho muito que te dizer.

PAULA.

A mim, senhora!—a mim tendes que dizer!—Se fosse a...

DONA BEATRIZ.

Não, Paula; já gora não! Depois do que meu pae me disse, depois do que lh'en prometti...

PAULA.

Pois el-rei?...

DONA BEATRIZ.

Sabe tudo:—não que m'o dicesse, Paula; mas fallou-me d'um modo... deu-me uns conselhos... Oh, que se me partia a alma de o ouvir! Não me reprehendeu, não me quiz invergonhar; chorou commigo... Tam bom pae! Oh que mocidade a minha!—

Não, não quero ver mais aquelle homem. E que lhe havia eu de dizer se o visse! Que lhe havia eu de dizer aquelle infeliz que me ama tanto, e que eu... que eu devo esquecer para sempre... *(ouve-se ruido detraz da tapeçaria. Beatriz estremece)*. Que seria isto?—Não estamos bem aqui, Paula: entra.—São de certo boas duas horas. As quatro dizem que sahiremos: Ai, d'aquí a duas horas começará a mover-se isto tudo;—e a minha terra a fugir para sempre—a minha terra, e quanto n'ella me prendia a ésta vida... vida que já'gora não sei para que me serve.—Oh Paula, Paula, que noite a de hontem para ser a última!—Que terrivel surpresa aquella do auto! E o anel, o fatal anel...—Pois não m'o entregou o insensato! Não me restituiu o anel que lhe eu dera!—Não me disse!—Oh! queimam-me ainda aqui no ouvido as terriveis, as desdenhosas palavras que me disse aquelle louco.—E eu que me sentia morrer! E meu pae alli, e todos... Tremo ainda quando me lembra que o podiam descobrir.

PAULA.

Certo que maior impudencia se não fez ainda. Accuso-me a mim mesma de ter concorrido para vos pôr em tamanho perigo.

DONA BEATRIZ.

O meu perigo!—Bem pensava eu em mim n'aquelle instante. Ai! por elle é que eu tremia, Paula. Se o descobrissem, meu Deus!—Mas que amor, que força de amor não é necessaria para commetter ousadia tal!—Dir-lhe-has, Paula, tu que o hasde ver ainda, tu que és tam affortunada...

PAULA.

Eu!

DONA BEATRIZ.

Que has de tornar a vê-lo—dir-lhe-has que...

PAULA.

Que muito lhe estranhais seu atrevimento ?

DONA BEATRIZ.

Estranhar-lh'o ! — Se prazer como eu tive então — misturado, é verdade, de pena tão cruel ! — se eu nunca senti o que senti então — se aquelle transe . . .

PAULA.

Grande appertura seria, senhora: não a quizeris tornar a passar . . .

DONA BEATRIZ.

Oh Paula, a minha vida por outro instante como aquelle.

SCENA XIII.

DONA BEATRIZ, PAULA-VICENTE; BERNARDIM-RIBEIRO

sahindo.

DONA BEATRIZ

Ai ! (*desfolleca: acode-lhe Paula*).

BERNARDIM.

E eu que não sube morrer n'aquelle instante ! Fui um covarde: não merecia viver até este; não merecia ouvir de teus labios que morro amado, que morro ditoso. Beatriz, Beatriz, eu venho morrer a teus pés (*ajoelha e toma-lhe as mãos*). Tenho padecido o que nenhum homem soffreu ainda; tenho levado uma vida . . .

que, se eu fóra amaldiçoado de Deus... se n'este mundo me começára o inferno por meus crimes não a podia ter peor nem outra... Oh, Beatriz, foi dura a provaça, longa a expiaçaõ.—Mas este ceo, mas esta bemaventurança não tinham preço. Oh, Beatriz, deixa-me que te beije estas mãos, que te adore aqui, que de joelhos deante do anjo que me vem buscar, que me despenna, que me remin, eu viva estes minutos de extasi, de felicidade que não é, não pode ser, não é da terra. Tu és princeza, eu sou um pobre trovador. Mas esta corça de glória, não a teem os reis. De onde a houveste? Do ceo, anjo, do ceo que te manda a este baixo mundo confortar uma alma que se perdia, que descria já de Deus, que ia quasi a blasfemar! Estive, estive a ponto de blasfemar de ti! Oh, Beatriz, eu sou um monstro, eu não te mereço. E mais, olha, se não fór eu, nenhum outro homem te merece. Tu és uma princeza; bem sei: eu sou um triste menestrel; já t'o disse. Mas, sabes tu? Aquella formosa rainha de Inglaterra beijou o trovador que dormia... Meu Deus, dormirei eu, sonharei eu? Oh, deixem-me morrer antes de acordar. Deixa-me aqui morrer a teus pés, Beatriz, não te peço senão que me deixes morrer aqui a teus pés.

DONA BEATRIZ.

E qual outra esperanza ha para nós, Bernardim? Era piedade da sorte que nos matasse aqui a ambos.

PAULA, (á parte).

Não posso ouvir isto. Parte-se-me alma: e já não sei que sentimento é o que tenho no coração, se é paixão, se é dó, ou se ainda tenho zelos! (vai precipitadamente para a varanda).

BERNARDIM.

Ouve: a flor dos meus annos murchou-se na tristeza e no des-

consólo, myrrhou-se na esterilidade; sacudiu-lhe o vento do deserto as folhas desbotadas e sêccas. Que a hâstea espere pelas águas do hynverno que a apodreçam, ou que a segue já a foice do ceifeiro... importa alguma coisa? Nunca vivi atégora: tive estes instantes para avaliar a mercê do Creator em me dar o ser. Morrer, para mim é necessidade. Não sou eu que o quero, que o desejo; é que por força, hade ser assim. Poeta, dizes tu agora, perdeste o juizo a phantasiar, intouqueceste. Não, Beatriz, nunca me subiu a phantasia tam alto.

(Ouce-se o apito de bordo).

DONA BEATRIZ.

Que será isto ?...

PAULA, *(friamente, entrando da varanda).*

O apito do mestre. É mais tarde do que suppunhamos: vai começar a manobra. Senhora, eu tive dó d'este homem: prometti-lhe de fazer com que vos visse um instante. Deve a mim, a si proprio, e a Vossa Alteza sóbre tudo, não abusar agora. Se nos demorámos um momento mais, estamos perdidos todos...

(Segundo apito prolongado. Sente-se grande ruido de manobra, e vozeria da tripulação que trabalha).

DONA BEATRIZ.

Sanctos do ceo! que já o galeão se move.

PAULA.

Ainda não; ainda é possível escapar. *(olha para o lado respe-*

ctivo) Ainda está fixa a ponte que toca do galeão no caes. Senhora, adeus! Não sabereis nunca tudo o que fiz por vós. Adeus, lembrae-vos alguma vez da pobre Paula.

(O ruído cessa: Paula vai a beijar a mão da infante).

BERNARDIM, *(em desvario afastando-a com violencia e pondo-se em pé).*

Desgraçado do que tocar n'esta mão. São duques, são reis, são principes? Eu sou Bernardim-Ribeiro, o trovador, o poeta, que tenho maior corôa que a sua. O sceptro com que reino aqui, ganhei-o, não o herdei como elles.—Beatriz é minha.

(Ouve-se musica de charameis).

PAULA.

Nossa é a deshonra e a morte.

DONA BEATRIZ.

Paula, Paula, que é?

PAULA.

El-rei que chega. Já não ha remedio. *(vai ver)* Já lá vem ao principio da ponte.

BERNARDIM.

Quem?

PAULA.

El-rei, que vem achar a infante sua filha com um homem escondido em sua camera. Devaneae agora á vontade: já completastes a vossa obra.

BERNARDIM, *(cahido em si, e com tranquillidade)*

Não tenhais receio. Estou perfeitamente em meus sentidos. Beatriz, um derradeiro adeus —, um adeus até ao ceo! — A rôlla que perdeu o companheiro, deixa-se morrer de mingua sôbre o ramo lascado da árvore em que lh'o mataram... Éstas águas, em que já baloiça o navio em que te levam, Beatriz!... *(ajoelha e esconde o rosto entre as mãos da infante)* éstas águas que me roubam tudo...

(Ouce-se grande alarido).

PAULA.

El-rei que entra...

BERNARDIM.

Que tomem tambem a minha vida. *(urremeça-se pela varanda do galeão ao mar).*

DONA BEATRIZ.

Ai! *(cai sem sentidos),*

PAULA, *(olha para o rio, e volta em desespero).*

Já vai seguido o galeão!

SCENA ULTIMA.

DONA BEATRIZ, PAULA VICENTE, EL-REI DOM MANOEL E SEQUITO. *(Paula ajoelha juncto à infante estendida no chão, e lhe beija a mão muitas vezes, leva a ao coração, e levanta-se precipitadamente. Neste mesmo instante entra el-rei).*

DOM MANOEL.

O ultimo adeus, minha filha, um abraço ainda! *(Todos rodeam*

a infante). Já o galeão vai navegado! Tomou-a o susto. — Filha!
(á parte) Eu constrangi sua vontade. — Meu Deus, se eu matei a
 minha filha!

Das scenas que vos li, reproduzirei em primeiro lo-
 gar o seguinte soliloquio, que é mui bello:—

D. BEATRIZ.

«Este livro! . . . São nossos tristes amores contados
 por um modo que os não intenderá ninguém. E aqui
 está a verdade toda—mas posta por elle com aquella
 alma que sabe dar a tudo!—E de tudo o que me fica
 é este livro.—Nada é já do que foi: está em história
 como as cousas passadas!—Se vierem a escrevê-lo
 por esta invenção que agora veio de Allemanha, e
 que chegue ás mãos de todos, quantos não chorarão
 sobre nossas desgraças!—Eu sei! Carpil-o-hão talvez
 a elle, accusar-me-hão a mim.—A mim não, que bem
 delicadamente incubertos deixou os nomes todos—
 menos o seu.—Generoso coração de homem! *(levan-
 ta-se)* Oh! que tem o mundo para me dar que me
 compense o que perco aqui!—Ah meu pae e meu se-
 nhor, o soldado que por vós vai morrer nas aréas
 d'África, ou nos palmares da India, não vos faz tama-
 nho sacrificio. —*(torna a recostar-se)*—*Saudades!* Que
 titulo lhe pôz!—Adivinhava que d'ellas havíamos de
 morrer.—*(lé)*—«Sobre um verde ramo, que por cima
 da agua se estendia, veio pousar um rouxinol; come-

çou a cantar tão docemente que de todo me levou após si o meu sentido de ouvir; e elle cada vez crescia mais em seus queixumes, que parecia que como cansado queria acabar; senão quando, tornava como que começava; então—triste da avezinha!—que estando-se assim queixando, não sei como se cahio morta sobre aquella agua...»

Este soliloquio, em que a princeza já desposada com o duque Carlos, e no momento de partir para a Saboia, patenteia o seu amor para com Bernardim Ribeiro, e abre toda sua alma, é admiravel pela expressão do sentimento, que não pode ser mais; e ao mesmo tempo mais magoada, por isso que se trata de um amor sem esperança. Vêde como é bello e pathetico o seguinte trecho: «Oh! que tem o mundo para me dar que me compense o que perco aqui! Ah meu pae e meu senhor, o soldado que por vós vai morrer nas arêas d'Africa, ou nos palmares da India, não vos faz tamanho sacrificio.»—Como o auctor soube bem exprimir as angustias e dôres de uma tal abnegação, collocando-a acima da do soldado que se sacrifica pelo rei e pela patria. É esta a verdadeira eloquencia do coração: não ha desconhecê-la. E como vem ainda apropriada a leitura que faz a princeza, abrindo o livro das *Saulades*, de uma das passagens de Bernardim Ribeiro, que mais melanebolia acordão n'alma: «Então—triste da avezinha!—que estando-se assim queixando, não sei como se cahio morta n'aquella agua...» Esta sentimental tragedia da avezinha que

cae morta á fôrça de trinar queixumes, tem ainda uma relação indirecta com a angustiosa situação da infante, que não pode mais encontrar felicidade no mundo, desposada com um homem a quem não pode amar, quando o seu coração palpita por outro.

Das ultimas scenas reproduzirei somente os seguintes trechos que descrevem o desfêcho da peça:—

«PAULA.

«El-rei que entra...

«BERNARDIM.

«Que tomem tambem a minha vida. *(arremeça-se pela varanda do galeão ao mar).*

«D. BEATRIZ.

Ai! *(cai sem sentidos).*»

«PAULA, olha para o rio, e volta em desespero.

Já vai seguido o galeão!»

«D. MANOEL.

«O último adeus, minha filha, um abraço ainda!
(Todos rodeam a infante) Já o galeão vai navegado!

Tomou-a o susto.—Filha! (*à parte*) Eu constrangi sua vontade.—Meu Deus, se eu matei a minha filha!

Neste desfêcho que se adapta perfeitamente á peça, porque é o termo natural da acção, ha grande e extraordinario jôgo de affectos. Paula Vicente introduz furtivamente na camara do galeão a Bernardim Ribeiro, que com ella tinha vindo vêr pela última vez a princeza; e em quanto os dois amantes se demorão em colloquios, apesar das observações de Paula que insta pela partida do poëta, que se acha como fóra de si de prazer e de mágoa, chega el-rei D. Manoel que vem dizer o último adeus á filha. Neste momento o poëta entra em si do seu transporte; e, para não comprometter a sua real amante, arremeça-se ao mar pela varanda do galeão que já navegava, tirada a ponte com que communicava ao cáes. A princeza desmaia, tomada de susto. Entra el-rei na camara, e encontra a filha desmaiada com Paula a seus pés. É sublime a expressão de pungente remorso que o poëta lhe põe na bôca: «Filha! Eu constrangi sua vontade.—Meu Deus, se eu matei a minha filha!» A peça não podia terminar melhor do que com este lance tão pathetico, que deve commover profundamente o auditorio, assim como commove o leitor.

Tudo n'ella em summa se acha bem delineado, e primorosamente desempenhado, enrêdo, incidentes, characteres, desfêcho. O pathetico ahí é por vezes levado ao sublime, como nas duas passagens que reproduzi; o estylo tão repassado de melancolia nos papeis

de Bernardim Ribeiro, da Infante, e Paula Vicente, perfeitamente accommodado ao assumpto; a dicção mui portugueza e bella. Não ha d'úvida que Garrett preencheo completamente o seu fim, apresentando aos seus compatriotas um verdadeiro modêlo de drama em que tudo è portuguez, assumpto, personagens, e linguagem. Assim não lhe foi o seu *Auto de Gil Vicente* pequeno titulo de glória.

Em outro discurso apreciarei o *Frei Luiz de Souza* do mesmo auctor. Por hoje aqui termino.

LICÇÃO CI.

Vou, Senhores, tratar hoje de uma das mais célebres obras primas do visconde de Almeida Garrett, o seu drama histórico *Frei Luiz de Souza*, verdadeira tragedia em prosa, tão simples em seu enredo, que corre ~~nisso-parellas~~ com a tragedia antiga, tão notavel em seu desfecho, que alarga com seu exemplo o campo á tragedia moderna. Chamo-lhe tragedia com o auctor, porque neste drama tudo é tragico, e do genero o mais elevado, assumpto, plano, jôgo de affectos, catástrophe, e estylo, sendo a sua prosa tão castigada, e bella, que quasi suppre o verso. Escrevêo o auctor o *Frei Luiz de Souza*, assim como o *Auto de Gil Vicente* e o *Alfageme de Santarem*, no intuito de regenerar o decadente Theatro Portuguez que des-

de Gil Vicente, Ferreira e Antonio José, tinha cahido em completo marasmo por falta de dramas nacionaes de merito que delle desterrassem os emprestimos estrangeiros, e conseguiu seu nobre e patriotico fim, principalmente com a primeira e a segunda destas duas producções, que lhe tecêrão a sua corôa de poeta dramatico, assim como o *Camões* e a *D. Branca* lhe havião tecido a de poeta comico.

E com quanto o primeiro drama que já analysei, seja uma obra prima no seu genero, o segundo, que passo a apreciar, é não só uma obra prima, mas uma producção sublime, uma admiravel tragedia em que o terror e a compaixão dominão desde principio a fim, que não se pode lêr sem muitas lagrimas, e deve, representada, commover profundamente todas as fibras do coração do expectador, aterrando-lhe o espirito a especie de fatalidade, que despenha subitamente no abysmo da deshonra e do infortunio a tres almas puras e até então felizes, mãe, pae, e filha.

Eis o argumento de um drama tão despedaçador e tragico.

D. Magdalena de Vilhena supposta viuva de D. João de Portugal, que passou por morto com el-rei D. Sebastião na batalha de Alcacer Quebir, em que ou pereceó, ou ficou captiva, a flôr da fidalguia portugueza, ao cabo de sete annos de viuvez, nos quaes todas as indagações a que por diversas vezes mandou proceder em Africa, a confirmárão na certeza da morte do marido, passou a segundas nupcias, casando com Ma-

noel de Souza Coutinho, fidalgo portuguez, do qual houve uma filha por nome D. Maria. Vivêrão os dois esposos, que se amavão ternamente, mui felizes durante o espaço de quatorze annos, apesar dos terrores infundados a que era por vezes sujeita D. Magdalena como presentimento de futuras desgraças, quando depois de mais de vinte annos apparece sob o disfarce de um romeiro, D. João de Portugal, que destróe toda esta felicidade e occasiona a catástrophe ou a morte da innocente filha adulterina, e o suicidio moral dos dois esposos, dos quaes Manoel de Souza entra com o nome de Frei Luiz de Souza para o convento de S. Domingos de Bemfica, e D. Magdalena com o de soror Magdalena para o do Sacramento.

Nenhum poëta portuguez se tinha ainda lembrado de reduzir a drama este assumpto eminentemente tragico; estava reservado á Almeida Garrett, o segundo na ordem chronologica dos dois maiores poëtas portuguezes, o leval-o á scena, e tirar d'elle toda a vantagem que só o genio sabe em casos taes conhecer e aproveitar. Eis o que a tal respeito diz o proprio auctor:—

«Na historia de Frei Luiz de Souza—como a tradição a legou á poesia, e desprezados para este effeito os embargos da critica moderna—a qual ainda assim, tão somente allegou, mas não provou—n'essa história, digo, ha toda a simplicidade de uma fábula tragica antiga. Casta e severa como as de Eschylo, apaixonada como as de Euripides, energica e natural como

as de Sóphocles, tem, demais do que ess'outras, aquella unição e delicada sensibilidade que o espirito do Christianismo derrama por toda ella, molhando de lagrimas constrictas o que serião desesperadas áncias n'um pa'gão, accendendô até nas ultimas trevas da morte, a vela da esperança que se não apaga com a vida.»

«A catástrophe é um duplo e tremendo suicidio; mas não se obra pelo punhal ou pelo veneno: forão duas mortalhas que cahirão sobre dois cadaveres vivos:—jazem em paz no mosteiro, o sino dobra por elles; morrêrão para o mundo, mas vão esperar ao pé da Cruz que Deus os chame quando fôr a sua hora.»

A fábula ou enredo do drama é simples, como dito fica; o interesse da acção, ou mudança de estado do protagonista, que termina pela catástrophe sempre crescente; os incidentes, entre os quaes avulta o incendio do palacio de Manoel de Souza Coutinho, feito por elle proprio para não receber os governadores em nome de Hespanha, são naturaes e perfeitamente ligados á acção principal; a catástrophe é nova no genero; os caractêres, e com especialidade os de D. Magdalena, Frei Luiz de Souza, Telmo Paes, e do Romeiro, achão-se admiravelmente traçados e sustentados.

Tendo-vos dado uma idéa geral do drama, e seu elevado genero, passarei a lêr-vos as scenas do acto segundo, em que começa a mudança de estado do protagonista, para que ajuizeis do subido talento do

auctor como poëta dramatico nesta tragedia de nova especie.

Eil-as:

SCENA X.

JORGE, MAGDALENA.

MAGDALENA, *fallando ao bastidor.*

Vai, ouves, Miranda? Vai e deixa-te lá estar até veres chegar o bergantim; e quando desembarcarem, vem-me dizer para eu ficar descaçada (*em para a scena*). Não ha vento, e o dia está lindo. Ao menos não tenho sustos com a viagem. Mas a volta... quem sabe? o tempo muda tam depressa...

JORGE.

Não, hoje não tem perigo.

MAGDALENA.

Hoje. . hoje! Pois hoje é o dia da minha vida que mais tenho receado. . . que ainda temo que não acabe sem muito grande desgraça. . . É um dia fatal para mim: faz hoje annos que . . . que casei a primeira vez, faz annos que se perdeu el-rei D. Sebastião, e faz annos tambem que. . . vi pela primeira vez a Manoel de Souza.

JORGE.

Pois contaes essa entre as infelicidades de vossa vida?

MAGDALENA.

Conto. Este amor, que hoje está santificado e bendito no ceo,

porque Manoel de Souza é meu marido, começou com um crime, porque eu amei-o assim que o vi... e quando o vi—hoje, hoje... foi em tal dia como hoje!—D. João de Portugal ainda era vivo. O peccado estava-me no coração; a bôcca não o disse... os olhos não sei o que fizeram: mas dentro d'alma eu já não tinha outra imagem senão a do amante... já não guardava a meu marido... a meu bom... meu generoso marido... senão a grosseira fidelidade que uma mulher bem nascida quasi que mais deve a si do que ao esposo. Permittiu Deus... quem sabe se para me tentar? ... que naquella funesta batalha de Alcacer, entre tantos, ficasse tambem D. João...

SCENA XI.

MAGDALENA, JORGE, MIRANDA.

MIRANDA, *apressado.*

Senhora... minha senhora!

MAGDALENA, *sobresaltada.*

Quem vos chamou, que quereis? Ah! és tu, Miranda. Como assim! já chegaram?... Não pôde ser.

MIRANDA.

Não, minha senhora: ainda agora irão passando o pontal. Mas não é isso...

MAGDALENA.

Então o que é? Não vos disse eu que não viesseis d'alli antes de os ver chegar?

MIRANDA.

Para lá tórno já, minha senhora: ha tempo de sobejo. Mas, venho trazer-vos recado... um estranho recado, por minha fé.

MAGDALENA.

Dizei já, que me estais a assustar.

MIRANDA.

Para tanto não é; nem coisa séria, antes quasi para rir. É um pobre velho peregrino, um d'estes romeiros que aqui estão sempre a passar, que vêem das bandas d' Hespanha...

MAGDALENA.

Um captivo... um remido?

MIRANDA.

Não senhora, não traz a cruz, nem é: é um romeiro—algun d'estes que vão a Sant'Iago: mas diz elle que vem de Roma e dos Sanctos-Logares.

MAGDALENA.

Pois coitado! virá. Agasalhae-o; e dem-lhe o que precisar.

MIRANDA.

É que elle diz que vem da Terra-Sancta, e...

MAGDALENA.

E porque não virá? Ide, ide, e fazei-o accomodar já. É velho?

MIRANDA.

Muito velho—e com umas barbas!. . . Nunca vi tam formosas barbas de velho, e tam alvas.—Mas, senhora, diz elle que vem da Palestina e que vos traz recado. . .

MAGDALENA.

A mim!

MIRANDA.

A vós; e que por força vos hade ver e fallar.

MAGDALENA.

Ide vê-lo, Frei Jorge. Ingano hade ser; mas ide ver o pobre do velho.

MIRANDA.

É escusado, minha senhora: o recado que traz, diz que a outrem o não dará senão a vós, e que muito vos importa sabê-lo.

JORGE.

Eu sei o que é: alguma reliquia dos Sanctos-Logares—se elle com-effeito de lá vêm!—que o bom do velho vos quer dar. . . como taes cousas se dão a pessôa da vossa qualidade. . . a trôço de uma esmolla avultada. É o que elle hade querer; é o costume.

MAGDALENA

Pois venha embora o romeiro! E trazei-m'o aqui, trazei.

SCENA XII.

MAGDALENA, JORGE.

JORGE.

Que é precisa muita cautella com estes peregrinos! A vieira no chapéo e o bordão na mão, ás vezes, não são mais do que negaças para armar a charidade dos fieis. E nestes tempos revoltos...

SCENA XIII.

MAGDALENA, JORGE; e MIRANDA *que volta com o Romeiro.*MIRANDA, *da porta.*

Aqui está o romeiro,

MAGDALENA.

Que entre. E vós, Miranda, tornaé para onde vos mandei: ide já, e fazei como vos disse.

Jorge, *chegando á porta da direita.*

Entrae, irmão, entrae *(o romeiro entra decaçar)*. Esta é a senhora D. Magdalena de Vilhena. —É esta a fidalga a quem desejais fallar?

ROMEIRO.

A mesma.

(A um signal de Frei Jorge, Miranda retira-se.)

SCENA XIV.

MAGDALENA, JORGE, ROMEIRO.

JORGE.

Sois portuguez ?

ROMEIRO.

Como os melhores, espero em Deus.

JORGE.

E vindes ?...

ROMEIRO.

Do Sancto-Sepulchro de Jesu-Christo.

JORGE.

E visitastes todos os Sanctos-Logares ?

ROMEIRO.

Não os visitei; morei lá vinte annos compridos.

MAGDALENA.

Sancta vida levastes, bom romeiro.

ROMEIRO

Oxalá!—Padei muita fome, e não a soffri com paciencia! deram-me muitos tratos, e nem sempre os levei com os olhos n'Aquelle que alli tinha padecido tanto por mim... Queria rezar, e meditar nos mysterios da Sagrada Paixão que alli se obrou... e

as paixões mundanas, e as lembranças dos que se chamavam meus segundo a carne, travavam-me do coração, e do espirito, que os não deixavam estar com Deus, nem n'aquella terra que é toda sua. Oh! eu não merecia estar onde estive: bem vêdes que não soube morrer lá.

JONGE.

Pois bem: Deus quiz trazer-vos a terra de vossos paes; e quando fôr sua vontade, ireis morrer socegado nos braços de vossos filhos.

ROMEIRO.

Eu não tenho filhos, padre.

JONGE.

No seio da vossa familia...

ROMEIRO.

A minha familia... Já não tenho familia.

MAGDALENA.

Sempre ha parentes, amigos...

ROMEIRO.

Parentes!... Os mais chegados, os que eu me importava achar... contaram com a minha morte, fizeram a sua felicidade com ella: hão de jurar que m' não conheceram.

MAGDALENA.

Haverá tam má gente... e tam vil que tal faça?

ROMEIRO.

Necessidade pôde muito. — Deus lh'o perdoará se poder !

MAGDALENA.

Não façais juizos temerarios, bom romeiro.

ROMEIRO.

Não faço. — De parentes, já sei mais do que queria: amigos, tenho um; com esse, conto

JORGE.

Já não sois tam infeliz.

MAGDALENA.

E o que eu poder fazer-vos, todo o amparo e gasalhado que poder dar-vos, contaes commigo, bom velho; e com meu marido, que hade folgar de vos proteger...

ROMEIRO.

Eu já vos pedi alguma coisa, senhora ?

MAGDALENA.

Pois perdoae, se vos offendi, amigo.

ROMEIRO.

Não ha offensa verdadeira senão as que se fazem a Deus. Pedi-lhe vós perdão a Elle, que vos não faltara de quê.

MAGDALENA.

Não, irmão, não de certo. E elle terá compaixão de mim.

ROMEIRO.

Terá...

JORGE, *cortando a conversação.*

Bom velho, dissestes trazer um recado á esta dama: dae-lh'o já, que havereis mister de ir descansar...

ROMEIRO, *sorrindo amargamente.*

Quereis lembrar-me que estou abusando da paciencia com que me tem ouvid? Fizestes bem, padre: eu ia-me esquecendo... talvez me esquecesse de todo da mensagem a que vim... estou tam velho e mudado do que fui!

MAGDALENA.

Deixae, deixae, não importa; eu folgo de vos ouvir: dir-me-heis vosso recado quando quizerdes... logo, amanha...

ROMEIRO.

Hoje hade ser. Ha tres dias que não durmo nem descanso, nem pousei esta cabeça, nem pararam estes pés dia nem noite, para chegar aqui hoje, para vos dar meu recado... e morrer depois... ainda que morresse depois; porque jurei... faz hoje um anno—quando me libertaram, dei juramento sobre a pedra Sancta do Sepulchro de Christo...

MAGDALENA.

Pois ereis captivo em Jerusalem?

ROMEIRO.

Eta: não disse que vivi lá vinte annos?

MAGDALENA.

Sim, mas...

ROMEIRO.

Mas o juramento que dei foi que, antes de um anno cumprido, estaria deante de vós e vos diria da parte de quem me mandou...

MAGDALENA, *aterrada.*

E quem vos mandou, homem?

ROMEIRO.

Um homem foi, e um honrado homem... a quem unicamente devi a liberdade... a *ninguém* mais. Jurei fazer-lhe a vontade, e vim.

MAGDALENA.

Como se chama?

ROMEIRO.

O seu nome, nem o da sua gente nunca o disse a ninguém no captiveiro.

MAGDALENA.

Mas enfim, dizei vós...

ROMEIRO.

As suas palavras, trago-as escriptas no coração com as lagrimas de sangue que lhe vi chorar, que muitas vezes me caíram n'es-

tas mãos, que me correram por éstas faces. Ninguém o consolava, senão eu... e Deus! Vêde se me esqueceriam as suas palavras.

JORGE.

Homem, acabou.

ROMEIRO.

Agora acabo: soffrei, que este tambem soffreu muito.—Aqui estão as suas palavras: vide a D. Magdalena de Villena e dize-lhe que um homem que muito bem lhe quiz... aqui está vivo... por seu mal! e d'aqui não pôde sahir nem mandar-lhe novas suas de ha vinte annos que o trouxeram captivo.

MAGDALENA, *na maior anciedade.*

Deus tenha misericordia de mim! E esse homem, esse homem... Jesus! esse homem era... esse homem tinha sido... levaram-n'o ali de donde?... de Africa?

ROMEIRO.

Levaram.

MAGDALENA.

Captivo?...?

ROMEIRO.

Sim.

MAGDALENA.

Portuguez?... captivo da batalha de?...?

ROMEIRO.

De Alcacer-Kebir.

MAGDALENA, *espavorida.*

Meu Deus, meu Deus! Que se não abre a terra de haixo dos meus pés?... que não cahem estas paredes... que me não se-pultam já aqui?...

JORGE.

Callae-vos, D. Magdalena; a misericordia de Deus é infinita; esperae. Eu duvido, eu não creio... éstas não são cousas para se crerem de leve. (*Reflecte, e logo como por uma idéa que lhe ocudiu de repente*) Oh! inspiração divina... (*chegando aoromeiro*) Conheceis bem esse homem,romeiro: não é assim?

ROMEIRO.

Como a mim mesmo.

JORGE.

Se o-vireis... ainda que fóra n'outros trajo's... com menos annos — pintado, digamos — conhecê-lo-heis?

ROMEIRO.

Como se me visse a mim mesmo n'um espelho.

JORGE.

Procurae n'esses retrattos, e dizei-me se algum d'elles pôde ser.

ROMEIRO, *sem procurar, e apontando logo para o retrato de João.*

É aquelle.

MAGDALENA, *com um grito espantoso.*

Minha filha, minha filha, minha filha!... (*em tom exo e pro-*

(fundo) Estou... estás... perdidas, deshonradas... infames!
(com outro grito do coração) Oh minha filha, minha filha!... *(foge espavorida e neste gritar).*

SCENA XV.

JORGE; e o ROMEIRO *que seguiu Magdalena com os olhos, e está alçado no meio da casa com aspecto severo e tremendo.*

Jorge.

Romeiro, romeiro, quem és tu?

ROMEIRO, *apontando com o bordão para o retrato de D. João de Portugal.*

Ninguém.

(Frei Jorge cai prostrado no chão, com os braços estendidos, diante da tribuna. O pano desce lentamente.)

Das seis ultimas scenas que vos li do segundo acto, citar-vos-hei os seguintes trechos que pintão o indizivel terror que se apodera do espirito de D. Magdalena de Vilhena com o recado do romeiro vindo dos Santos Logares, porque são do mais sublime pathetico, e revellão ao mesmo tempo o profundo conhecimento que o auctor tinha do coração humano.

.....

*MAGDALENA.

Pois ereis captivo em Jerusalem?

ROMEIRO.

Era: não vos disse que vivi lá vinte annos?

MAGDALENA.

Sim, mas...

ROMEIRO.

Mas o juramento que dei foi que, antes de um anno cumprido, estaria diante de vós e vos diria da parte de quem me mandou...

MAGDALENA, *aterrada.*

E quem vos mandou, homem?

ROMEIRO.

Um homem foi,—e um honrado homem... a quem unicamente devi a liberdade... a *ninguem* mais. Jurei fazer-lhe a vontade, e vim.

MAGDALENA.

Como se chama?

ROMEIRO.

O seu nome, nem o da sua gente nunca o disse a ninguém no captiveiro.

MAGDALENA.

Mas enfim, dizei vós...

ROMEIRO.

As suas palavras, trago-as escriptas no coração com as lagrimas de sangue que lhe vi chorar, que muitas vezes me cahirão n'estas mãos, que me corrêrão por estas faces. Ninguem o consolava, senão eu... e Deus! Veja se me esquecerião as suas palavras.

JORGE.

Homem, acabou.

ROMEIRO.

Agora acabo: soffrei, que elle tambem soffrêo muito. — Aqui estão as suas palavras: «Ide a D. Magdalena de Vilhena, e dizei-lhe que um homem que muito bem lhe quiz... aqui está vivo... por seu mal!... e d'aqui não pode sair nem mandar-lhe novas suas de ha vinte annos que o trouxerão captivo.»

MAGDALENA, *na maior anciedade.*

Deus tenha misericordia de mim! — E esse homem, esse homem... Jesus! esse homem era... esse homem tinha sido... levãrão-n'o ali de donde?... de Africa?

ROMEIRO.

Levário.

MAGDALENA.

Captivo? . . .

ROMEIRO.

Sim.

MAGDALENA.

Portuguez? . . . captivo da batalha de?

ROMEIRO.

De Alcacer-Quebir.

MAGDALENA. *espavorida.*

Meu Deus, meu Deus! Que se não abre a terra debaixo dos meus pés? . . . que não cahem estas paredes, que me não sepultão já aqui? . . .

JORGE.

Callae-vos, D. Magdalena: a misericordia de Deus é infinita, esperae. Eu duvido, eu não creio. . . estas não são cousas para se serem de leve. (*Reflecte, e logo como por uma idéa que lhe acudio de repente*) Oh! inspiração divina. . . (*chegando aoromeiro*) Conheceis bem esse homem,romeiro: não é assim?

ROMEIRO.

Como a mim mesmo.

JORGE.

Se o vires... ainda que fôra n'outros trajos... com menos annos—pintado, digamos—conhecêl o heis?

ROMEIRO.

Como se me visse a mim mesmo n'um espêlho.

JORGE.

Procurae nesses retratos, e dizei me se algum d'elles pôde ser.

ROMEIRO, *sem procurar, e apontando logo para o retrato de D. João.*

É aquelle.

MAGDALENA, *com um grito espantoso.*

Minha filha, minha filha, minha filha!... (*em tom cavo e profundo*) Estou... estás... perdidas, deshonradas... infames! (*com outro grito do coração*) Oh minha filha, minha filha!... (*foge espavorida e neste gritar*).

O terror e a compaixão que d'elle resulta, são levados ao seu auge n'esta scena entre D. Magdalena de Vilhena, Frei Jorge, e o Romeiro, ou D. João de Portugal disfarçado em romeiro, que apparece como um espectro vivo para assassinar moralmente a sua mu-

lher, que durante o seu longo captivo havia passado a segundas nupcias, julgando-o morto. D. Magdalena passa por todos os grãos de terror, desde a mais cruel incerteza, até a temerosa evidência, que a faz correr gritando como louca, quando conhece toda a extensão de sua desgraça, ou que vivendo D. João de Portugal se acha amancebada; e não casada, com Manoel de Souza Coutinho, e que a filha que d'elle houve é uma filha adúlterina.

Este terror, que começa com a reserva que guarda o romeiro apresentando-se como portador de um recado que outro envia da Terra Santa a D. Magdalena, sóbe de ponto quando elle, instado por Frei Jorge a concluir, diz, como fatalmente: «Agora acabou: soffrei, que elle tambem soffrêo muito. Aqui estão as suas palavras: «Ide a D. Magdalena de Villena, e dizei-lhe que um homem que muito bem lhe quiz... aqui está vivo... por seu mal... e d'aqui não pode sahir, nem mandar-lhe novas suas de ha vinte annos que o trouxerão captivo» chega ao extremo e produz uma especie de loucura instantanea quando o romeiro, ainda solicitado pelo frade a ver si conhece o seu homem em algum dos retratos da sala, diz apontando sem hesitar para o retrato de D. João: «É aquelle.» Então D. Magdalena foge, gritando espavorida: «Minha filha, minha filha, minha filha!... Estou... estás... perdidas, deshonoradas... infames! Oh minha filha, minha filha!»

O terror communica-se tambem a Frei Jorge que cabe de bruços, quando á pergunta, «Romeiro, romei-

ro ! quem és tú ?» O romeiro responde apontando com o bordão para o retrato: «Ninguem.»

As palavras do romeiro que produzem um tão indizível terror, são simples, pausadas, sollemnes, intencionaes, ironicas, como as de um mensageiro do inflexível destino dos antigos; as perguntas intrecortadas, e feitas a médo por D. Magdalena de Vilhena, a fatal curiosidade que a impelle a inquerir a tremenda realidade, os gritos dolorosos que lhe partem do coração depois de conhecê-la, tudo é simples, natural e verdadeiro; não são menos naturaes as perguntas, estupefacção e syncope de Frei Jorge.

Tenho lido e visto representar muita tragedia, em que o terrífico é levado ao sublime, mas de mim confesso que ainda nenhuma me causou uma impressão tão profunda como esta, em que se ouvem os gritos dilaceradores e espantosos dessa espôsa e dessa mãe, collocada em semelhante situação.

Esta scena que reproduzo, bem como a tão curta que se lhe segue entre Frei Jorge e o Romeiro, são não eminentemente dramaticas e tragicas, mas sublimes, verdadeiramente sublimes, como poucas o serão.

Parece que a tragedia devia esfriar depois de um tal esforço de genio; mas bem longe disso, quasi todo o terceiro acto é ainda do mais sublime pathetico, porque o poëta soccorrendo-se á inspiração christã soube molhar de lagrimas contrietas as âncias do desespero, derramando sobre ellas o balsamo da unção do cruxificado, até que as duas mortalhas cahirão sobre

os dous cadaveres vivos de D. Magdalena de Vilhena e Manoel de Souza Coutinho, por quem dobrão os sinos, mas que vão esperar ao pé da Cruz que Deus os chame quando fôr a sua hora.

Em outro discurso apreciarei este singular talento como um dos primeiros prosadores da lingua, que é. Por hoje aqui faço ponto.

LICÇÃO CII.

Cabe-me hoje, senhores, apreciar o visconde de Almeida Garrett como prosador da lingua, e um dos mais abalisados, porque a sua phrase em tudo portugueza, nada desdiz da dos escriptores classicos, de quem fez aprofundado estudo, e a quem, se não no pittoresco, é certamente superior em correccão.

Antes, porém, de o fazer devo dar as razões, porque o não aprecio igualmente como poéta romancista, e como poéta lyrico, sendo elle mui distincto em qual-quer dos dous generos.

São estas: primeira, porque, segundo o plano que me tracei, só analyso as obras primas dos escriptores que por ellas se distinguem: segunda, porque com quanto mui bellos sejam os seus romances, *Adozinda*, e, *Bernal Francez*, os reputo todavia no que tem de tragico e dramatico como preludios dos seus admiraveis dramas o *Auto de Gil Vicente* e *Frei Luiz de Sou-*

za; terceira, porque o seu *Romanceiro*, ou collecção de romances antigos, com que enriquecêo a litteratura portugueza, só tem de proprio a escôlha e a correcção; quarta finalmente, porque a sua *Lyrica de João Minimo*, ainda que tenha muito valor poetico, é nada obstante uma producção de segunda ordem comparativamente ás que analysei.

Voltando ao meu proposito, direi que Almeida Garrett é um dos prosadores mais eminentes da lingua, porque possúe todas as qualidades do grande prosador, assim como possúe as do grande poéta, sendo este dualismo de engenho, que nelle se nota, tão raro, que é quasi singular. Como prosador tudo reúne em supremo grão, cópia, belleza, e pittoresco de dicção, pureza e selecção de linguagem, número e harmonia na phrase, elegancia e propriedade no estylo. Si não é um rio caudaloso, mas turvo como João de Barros, é uma ribeira limpida, serena, inexgotavel como Frei Luiz de Souza a quem parece haver tomado por môdêlo, mas uma ribeira de corrente harmoniosa como Jacinto Freire, e que se torna caudal nas crescentes como Vieira.

De todos os modernos escriptores portuguezes e brasileiros foi este o que melhor soube reproduzir em suas obras em verso e prosa a bella phrase portugueza do seculo XVII, assim como o nosso illustre compatriota, e grande poéta Antonio Gonçalves Dias, foi tambem de todos os modernos escriptores de uma e outra nacionalidade o que melhor transumpto nos dêo em suas

Sextilhas de Frei Antão, da numerosa antiga linguagem portugueza do seculo XV, fazendo-o porêm ambos com mais correcção do que seus modêlos, como requerião os progressos da sciencia grammatical e da philologia.

Sem fallarmos na bella prosa poetica do *Auto de Gil Vicente*, do *Alfagème de Santarem*, da *D. Felippa de Vilhena*, e do *Frei Luiz de Souza*, muitas forão as obras em prosa propriamente dita, que compoz Almeida Garrett, como o *Tratado de Educação*, o *Bosquejo da Historia da Poesia e Lingua Portugueza*, o *Arco de Santa Anna*, as *Viagens á Minha Terra*, *Introduções* ás diversas obras que publicou, *Memorias*, *Discursos*, *Opusculos politicos*, e outras mais que longo fôra enumerar. Mas dentre todas escolherei para objecto da minha analyse o *Bosquejo da Historia da Poesia e Lingua Portugueza*, não só por seu objecto que tanto nos interessa, como porque a reputo uma das melhores producções em prosa que sabio da penna do auctor.

Passarei agora a lêr-vos uma das passagens notaveis da referida obra em que o auctor descreve a nossa segunda época litteraria, para que formeis idéa do seu subido merito, como critico, litterato, e homem de gôsto.

Eil-a:

III.

Com a morte d'el-rei D. Manoel declinou visivelmente a fortu-

na portugueza; certo é que as artes progrediram, que a lingua se aperfeçoou; porém esse movimento era continuado ainda do impulso anterior e já não promettia longa duração. Assim succedeu. D. João III colheu os fructos do que D. Manuel havia semeado; mas de lavras suas, nem elle, nem seus successores viram colheita.

Uma cousa todavia que muita influencia teve sobre a lingua e litteratura portugueza e que a instituições de D. João III se deve, foi o cultivo das linguas classicas que na reformatão da universidade de Coimbra augmentou muito. Os modelos gregos e romanos foram então versados de todas as mãos, estudados, traduzidos, imitados. Aperfeçoou-se a lingua, enriqueceu se, adqueriu então aquella solemnidade classica que a distingue de todas as outras vivas, seus periodos se arredondaram ao modo latino, suas vozes tomaram muito da euphonia grega; d'um e d'outro d'esses idiomas lhe vieram as muitas, e principalmente da grega os muitos hyperbatos; com o que vai rica, livre, e magestosa per todas as provincias da litteratura, que tem decorrido, não havendo ali genero de composição, para o qual, ou por doce de mais como o Toscano, não seja propria, - ou por mui aspera e guindada como o Castelhana, se não adapte, - por curta como o Francez, não chegue, - por inflexivel e rispida como o Alemão e Inglez, se não amolde.

Claro é que a historia, a oratoria, todas as artes do discurso deviam de florecer com tal augmento. Com ellas todas medrou e cresceu a poesia na delicadeza, na harmonia, no gosto; porém desmereceu muito, demasiado na originalidade, no caracter proprio, que perdeu quasi todo, em a *nacionalidade*, que por mui pouco se lhe ia. Todos os deuses gregos tomaram posse do maravilhoso poetico, todas as imagens, todas as ideias; todas as allusões do tempo de Augusto occuparam as mais partes da poesia; e mui pouco ficou para o que era nacional, para o que já tinhamos, para o que podiamos adquirir ainda, para o que naturalmente devia nascer de nossos usos, de nossas recordações, de nossa archeologia, do aspecto do nosso paiz, de nossas creanças populares, e enfim de nossa religião.

Sá de Miranda, verdadeiro pae da nossa poesia, um dos maiores homens do seu seculo, foi o poeta da razão e da virtude, philosophou com as musas, e poetizou com a philosophia. Seu muito saber, sua experiencia, seu trato affavel, e até á nobreza de seu nascimento, lhe deram indisputada superioridade a todos os escriptores d'aquelle tempo, dos quaes era ouvido, consultado e imitado. Sá de Miranda exerceu sobre todos os poetas daquelle epocha a mesma especie de imperio que veio a ter Boileau em França, e mais modernamente Francisco Manoel entre nós. Introduziu na poesia os metros italianos, e os modos, versos e combinações de rhymas de Dante e Petrarca: e desd'ahi quasi se abandonaram inteiramente (excepto nas voltas e glosas) os nossos antigos versos de redondilha, e absolutamente os de arte maior e menor, que ainda assim mui proprios são para certos assumptos, segundo com feliz exemplo no-lo mostraram antigos e modernos poetas. Nem o mesmo Sá de Miranda igualou nunca em composições hendecasyllabas a pureza, a correcção, a naturalidade e sublime simplicidade de suas redondilhas nas epistolas, que hoje são seu maior e quasi unico titulo de gloria.

São de admirar suas comedias, e são notavel monumento para a historia das artes pela feliz imitação dos antigos, e pelo que exceedem quanto até então se tinha escripto. Porém o theatro portuguez creado pela musa negligente e travessa de Gil Vicente e João Pre tes, carecia de reforma, mas não podia supportar uma revolução. As comedias de Sá de Miranda sem caracter nacional, mui classicas de mais não eram para reformal-o: o mesmo direi, e o mesmo succedeu ás de Ferreira, a algumas poucas mais que depois vieram. O effeito destas composições, alias preciosas, foi funesto: os litteratos enjoram-se (e com razão) do theatro nacional, e não se deram a corrigil-o e melhora-l-o: o publico preferia (e com razão tambem) o com que fóra creado, o que o interessava, o que o divertia, e antes queria rir com as grosserias dos autos populares, que bocejar e adormecer-se com as finuras d'arte e correcções d'essas comedias, que tudo tinham, menos interesse, onde todo o spirito havia, menos o nacional.

Se houveram Sá de Miranda e Ferreira escolhido assumptos portuguezes, se houveram pintado os costumes nacionaes, e apresentado ao público, em vez de quadros italianos, um espelho em que elle se visse a si e aos seus usos, e se risse de seus proprios defeitos; fico em que houveram reformado o theatro em vez de lhe empeezer: e acaso gosariamos ainda hoje em uma scena rica e abastada dos resultados d'esse impulso, quando não temos senão que chorar, e vivemos, sobre o theatro das migalhas que mendigamos a estrangeiros pelo triste meio de traducções, que (as dramaticas sobre tudo) nunca podem ser boas.

Sá de Miranda escreveu além d'isto algumas eclogas bastante frias, varios sonetos geralmente de pouca monta. Um d'elles a morte de Leandro e Hero é excellente, mas castelhano, e por esse achaque o não inclui na escolha. •

Não posso deixar de querer mal a tão illustre portuguez pelo muito que escreveu n'esa lingua estranha; com que não só privou a natural do fructo de suas tarefas, mas fez maior damno ainda com o exemplo que abriu; exemplo funesto que nos cerceou a litteratura, que nos defraudou d'uma Diana de Montemaior, de tantas boas cousas mais, e ao cabo ia perdendo a lingua.

Mas eisahi Antonio Ferreira para combater esse mal em sua origem: ei-lo ahi esse portuguez verdadeiro, ardente amator da lingua, clamando a todos, pugnando contra todos os que não prezavam e aditavam o patrio idioma com as produções do ingenho e das artes. O profundo conhecimento dos classicos gregos e latinos, o finissimo gosto que em seu estudo tinha adquirido, a felicidade com que sempre os imitou, a pureza da phrase, as riquezas com que adornou a lingua deram aos versos de Ferreira grande popularidade entre os litteratos e cortezios (que, ao ayeço de hoje, as letras viviam então quasi só na côrte) e fixaram determinadamente o genero classico entre nós.

• A. Rib. dos Santos traduzio este soneto em portuguez e (cousa inexplicavel em tal homem!) o deu por seu.

Cegou-se todavia o nosso bom Ferreira na imitação dos antigos; copiou-os, não os imitou: e d'ahi, enriquecendo a lingua, empobreceu a litteratura, porque a avesou a esse habito de copista; canero que roe o espirito creador, alma e vida da poesia nacional. Tam cega foi esta imitação, que seus mesmos versos, aos quaes hoje ninguém defende da nota de asperos e duros (e muitos direi—errados) os fazia assim de proposito por querer usar das etelipses gregas e latinas, a que repugna a indole de nossa lingua só toleraveis em certas vozes que na prosa mesma se pronunciam e escrevem no final com m ou sem elle. Este desagradavel defeito dos versos de Ferreira é principalmente sensivel nas dieções que teem final no que chamámos (mal ou bem) diphthongos nasas de ão, e muito mais quando nelle é o acento predominante da palavra.

Os sonetos são frios desengraçados; nas eclogas ha bellezas muitas, e mui grandes, mas espalhadas: nenhuma d'estas composições tomada per si póde merecer o nome de bella. Porém das odes, ha dellas que são puramente horacianas, e se lhes fallece a elevação (que não era esse o genio de Ferreira) sobeja-lhe a graça, a elegancia e a adornada philosophia, que não agradam menos, nem de menos valor e merito são que os extasis pindaricos, ou os requebros anacreonticos. O que é sem dúvida é que nas linguas vivas Ferreira foi o primeiro imitador feliz de Horacio, e o primeiro dos modernos que pulso a lyra classica.

Das epistolas ha algumas que podem pleitear em conceição e fino dizer com as boas do lyrico romano. Quanto á pureza da moral, ao nobre patriotismo, áquelle generoso sentimento da honrada liberdade de nossos avós, áquelle enthusiasmo da virtude; esse respira, mostra-se, e resplandece em todas as suas obras.

Mas a verdadeira glória de Ferreira é a Castro, produção admiravel per si mesma, pelo tempo em que a escreveu, por todos os lados por que se considere. Não é ainda liquido entre os philologos se era possivel o ter visto Ferreira a Sophonisba de Trissino, que mui poucos annos antes da Castro appareceu: mas é sem a

minima questão reconhecida a superioridade da tragedia portugueza á italiana: pasma como sem ver um theatro, sem mais exemplares que os gregos e latinos, podesse Ferreira tratar tão delicadamente um tal assumpto em um genero desconhecido da antiguidade. É notavel a primeira scena da Castro, a scena d'el-rei e dos conselheiros no acto II, a do acto III em que o côro traz a Castro as novas de sua cruel sentença, onde aquella pergunta de Iñez: «É morto o meu senhor, o meu infante?» rasgo de sublimidade, porém d'um sublime todo sensibilidade, ao qual nem o *qu'il mourût* de Corneille pôde comparar-se; e finalmente os coros, que sem paixão são superiores a todos os exemplares da antiguidade, e não tem que invejar aos tam gabados da Athalia. Não dou a Castro por uma tragedia perfeita: ainda em relação ao seu tempo e aos conhecimentos da scena d'então tem ella defeitos: não haver uma scena em que se encontrem Pedro e Iñez, não haver algum esforço do infante para lhe valer, deixam a peça muito nua de acção, e lhe intibiam o interêsse. A versificação (que todavia é de preferir aos versos sesquipedaes e humpados com que hoje está pervertida a scena portugueza) pécca geralmente por dura; mas essa mesma é por vezes bella; e para bons entendedores muito ha hi que estudar; e oxalá que os nossos dramaticos lessem e relesem bem a Castro, e apprendessem alli, pelo menos, naturalidade e verdade de expressão, que tanto lhes fallecem.

Não estava ainda neste auge a poesia portugueza quando um homem pouco conhecido dos letrados, mas já celebre per suas aventuras e valor, foi para tam longe da ingrattissima patria despicar-se de seu desamor com a mais nobre vingança; a de levantar-lhe um padrão, com que não entram as idades, e que conservará ainda o nome portuguez quando já elle houver desaparecido da terra. Muita erudição (pois sabia quanto se soube em seu tempo) ingenho dos que veem ao mundo de seculos a seculos se reuniram em Camões. Esse homem levantou a cabeça lá das extremidades d'Asia, e viu tudo pequeno a roda de si, todos os poetas pygmeus, todos acanhados com as linguas modernas, ainda mal

perfeitas, escravos da imitação classica, incertos e intalados todos entre o cego respeito da antiguidade e as novas precisões que as novas ideias, que o novo estado do mundo requeria. Teve ânimo para conceber e força para executar um rasgado e necessario alrevimento de se abrir caminho novo, de crear enfim a poesia moderna, dar não só a Portugal, mas á Europa toda um grande exemplo, e constituir-se o Homero das linguas vivas.

Não me dá espaço o aganho de meus limites para dizer de Camões o que era indispensavel; antes a celebridade de seu nome me deixará parar aqui para dar lugar a tractar de menos conhecidos nomes. Só direi que a influencia de Camões na nossa poesia, e em toda a litteratura portugueza foi tal que desde então té hoje ainda sendo deixou de sentir, mesmo nas epochas em que mais desvairados tem andado nossos poetas com as empolas do *gou-gorismo*, ou mais lunaticos com os estufotes do *etmanismo*. Quasi que não houve genero de poesia que não tractasse: tem sonetos admiraveis; eclogas (sobre tudo as primeiras) excellentes; mas principalmente de todas as poesias menores são o mais sublime e perfeito as canções, genero a que deu uma nobreza e elevação desconhecida mesmo em Petrarca: //sirva de prova e exemplo aquella que começa — «Junto d'um secco duro e esteril monte». Dos Luziadas, de suas bellezas e defeitos, das controversias sobre umas e outras, está cheio o mundo litterario.

Contemporaneo de Camões e ousado tambem como elle a encetar a carreira epica foi Jeronimo Cortereal. O *cêrco de Diu*, que é notavel monumento litterario, e que de certo se teve algum exemplar foi a *Italia* do Trissino, é uma fria narração, em que ha bellas ideias aquem além, muita riqueza de linguagem, pouca de poesia, e pelo geral maus versos. E com tudo é talvez Cortereal o primeiro (em data) poeta descriptivo; e creou elle acaso esse genero de que tanto blasonam hoje inglezes, alemães, e até francezes, e que todavia nós tinhamos seculos antes d'elles. Já no *Cêrco de Diu* ha muitas boas descriptões; mas no naufrago de Sepulveda ha d'ellas sublimes.

Entre muito devaneio de imaginação e de mau gosto, entre aquelles inspidos requebros de Pan e de Protheu apparece todavia a morte de D. Leonor que é um trecho da mais bella poesia, da mais fina sensibilidade que se tem composto.

De todos esses poetas que então floreceram é na minha opinião o menos poeta esse Pero d'Andrade Caminha, a quem da amizade e celebridade de Ferreira e Bernardes vem talvez o maior renome. Ainda assim tem algumas odes boas, simplicidade com elegancia por partes de suas composições: epigrammas, são alguns excellentes.

Sobreviveu a todos estes e á patria, que não tardou em perecer, o suave cantor do Lima que levado per D. Sebastião para testemunhar seus altos feitos, de que devia fazer um poema, perdeu-se com seu rei, e jazeu captivo em Africa. Pondo de parte a questão das eclogas (na qual de certo não andou de boa fé Faria e Souza) a qual, ainda que propria do logar, é mui longa para os meus limites; Bernardes foi excellent poeta; e com quanto sua linguagem é pobre, e em geral pouco variadas suas composições; a suavidade de seu estylo, certa melancholia d'expressão que lh'o requebra e embrandece darão sempre a Bernardes um logar mui distincto na poesia portugueza.

Mas já a nação se perdera nos areas de Africa, já a glória portugueza estava offuscada; com ella foram (como sempre vão) as boas artes. Ainda brilham a espaços faiscas do grande luzeiro que se apagara; mas já não eram senão faiscas.

Ainda Luiz Pereira deplora na *Elegiada* a ruina da patria, mas esse canto funebre é quasi o canto de cysne da poesia nacional, que parece querer feneceer com elle, e já n'elle moribunda se mostra. Ha excellentes oitavas derramadas per esse poema; algumas descrições felizes, grandissima riqueza de linguagem, mas pouco mais.

Já Fernão Alves do Oriente diffuso, intrincado nos primeiros labyrinthos dos *conceitos* italianos mostra a visivel decadencia da poesia: já as musas que tam louçans, e ingenuamente bellas ti:

nham folgado pelas varzeas do Tejo e do Mondego com Ferreira e Gamões, apparecem afeitadas com arrebiques e côres falsas, como essas damas para quem se desbota a flor da idade e lhe querem ainda supprir o viço com emprestados ornamentos, gentilezas compradas e postiças. E todavia ha na Lusitania transformada pedaços lyricos excellentes, e alguns bucolicos soffri-veis. Assim elle nos dissesse mais do seu Oriente do que nos disse: assim houvesse enriquecido a litteratura com mais imagens de tantas que sua Asia lhe offercia, e com que houvera additado a mãe patria. Onde o fez, n'aquella ecloga em que conta a historia de Saladino, é elle verdadeiramente poeta; e se d'ahi tirarem alguns trocadilhos que tinha apprendido em Italia, excellentes e digno de imitar-se é o resto.

Da passagem que vos li, citar-vos-hei em primeiro lugar o principio, que lhe serve como de prologo.

«Com a morte d'el-rei D. Manoel declinou visivelmente a fortuna portugueza: certo é que as artes progredirão, que a lingua se aperfeçoou; porém esse movimento era continuado ainda do impulso anterior e já não promettia longa dura. Assim succedéo, D. João III collheo os fructos do que D. Manoel havia semeado; mas de lavras suas, nem elle, nem seus successores virão colheita.»

«Uma cousa todavia que muita influencia teve sobre a lingua e litteratura portugueza e que a instituições de D. João III se deve, foi o cultivo das linguas classicas que na reformation da universidade de Coimbra augmentou muito. Os molêfos gregos e romanos foram versados de todas as mãos, estudados, traduzidos, imitados. Aperfeçoou-se a lingua, enriqueceo-se, adquirio

então aquella solemnidade classica que a distingue de todas as outras vivas, seus periodos se arredondarão ao modo latino, suas vozes tomarão muito da euphonia grega; d'um e d'outro d'esses idiomas lhe vierão as muitas, e principalmente da grega os muitos hyperbatos; com o que vai rica, livre, e magestosa por todas as provincias da litteratura, que tem decorrido, não havendo ali genero de composicão, para o qual, ou por doce de mais como o Toscano, não seja propria, — ou por mui aspera e guindada como o Casteliano, se não adapte, — por curta como o Francez, não chegue, — por inflexivel e rispida como o Allemão e Inglez, se não amolde.»

Involvem estes trechos um soberbo e merecido elogio á lingua portugueza, cuja indole, riqueza e flexibilidade o auctor descreve com muita propriedade e elegancia, sem que lhe escape nenhum de seus dotes essenciaes. Depois de haver assignalado as causas que concorrerão para o progresso das artes e da lingua, as quaes acompanhárão o engrandecimento politico da nação nos reinados de D. Manoel e D. João III, ou no seculo de ouro de Portugal, cujo poder se estendia então da Europa á Africa, Asia e America, com os descobrimentos da India e do Brazil, devidos a seus naturaes, resume toda a historia do aperfeiçoamento de nosso bello idioma com a acquisição de suas virtudes pela maneira a mais pittoresca, em um só periodo — que, posto que extenso, não excede todavia as dimensões rasoaveis.

Neste periodo modêlo que começa, *Aperfeiçou-se a*

lingua, enriquecêo se, adquirio então aquella solemnidade classica que a distingue de todas as outras citas, e em que, apesar de sua extensão, nem o sentido soffre, nem o estylo se torna pesado, não sei o que seja mais para admirar, si o apanhamento de tantas circumstancias essenciaes em tão poucas palavras, ou a concisão; si a propriedade de figuras com que o auctor soube ornar o seu pensamento, ou o pittoresco da expressão; si a bôa collocação das palavras que formão um todo numeroso e agradável ao ouvido, ou a harmonia da phrase. É sobretudo admiravel a maneira por que o auctor o termina, dizendo, com o que vai rica, liere e magestosa por todas as provincias da litteratura, que tem decorido, não havendo ahi genero de composição, para o qual, ou por doce de mais como o Toscano, não seja propria; ou por mui aspera e guindada como o Castelhana, se não adapte; ou por curta como o Francez, não chegue, ou por inflexivel e rispida como o Allemão e Inglez, se não amolte.»

Não era de certo possivel fazer um elogio mais completo da lingua em menos palavras, nem em mais bella prosa, natural e corrente.

Agora só vos citarei o logar da mesma passagem que se refere a Camões.

«Não estava ainda neste auge a poesia portugueza quando um homem pouco conhecido dos letrados, mas já celebre por suas aventuras e valor, foi para tão longe da ingrattissima patria despicar-se de seu desamor com a mais nobre vingança; a de levantar-

lhe um padrão, com que não entrão as idades, e que conservará ainda o nome portuguez quando já elle houver desaparecido da terra. Muita erudição (pois sabia quanto se soube em seu tempo), ingenho dos que vêem ao mundo de seculos a seculos se reúnirão em Camões. Esse homem levantou a cabeça lá das extremidades d'Ásia, e vio tudo pequeno á roda de si, todos os poétas pigmeus, todos acanhados com as linguas modernas ainda mal perfectas, escravos da imitação classica, incertos e entalados todos entre o cego respeito da antiguidade e as novas precisões que as novas idéas, que o novo estado do mundo requeria. Teve ânimo para conceber e força para executar um rasgado e necessario atrevimento de se abrir caminho novo, de crear emfim a poesia moderna, dar não só a Portugal, mas á Europa toda um grande exemplo, e constituir-se o Homero das linguas vivas.»

«Não me dá espaço o acanhamento de meus limites para dizer de Camões o que era indispensavel; antes a celebridade de seu nome me deixará parar aqui para dar logar a tratar de menos conhecidos nomes. Só direi que a influencia de Camões na nossa poesia, e em toda a litteratura portugueza foi tal que desde então té hoje ainda se não deixou de sentir, mesmo nas épocas em que mais desvairados teem andado nossos poétas com as empolas do *gongorismo*, ou mais lunaticos com os esfusiôtes do *eluanismo*. Quasi que não houve genero de poesia que não tratasse: tem sonetos admiraveis; eclogas (sobre tudo as primeiras) excellentes; mas

principalmente de todas as poesias menores são o mais sublime e perfeito as canções, genero a que dão uma nobreza e elevação desconhecida mesmo em Petrarca: sirva de prova e exemplo aquella que começa.—«Junto d'um sêcco duro e esteril monte.»—Dos *Luziadas*, de suas bellezas e defeitos, das controversias sobre umas e outros, está cheio o mundo litterario.»

A apreciação que faz o auctor do immortal cantor dos *Luziadas* é digna não só de um dos mais abalisados litteratos, mas do grande poëta que no seu *Camões* erigiu um monumento imperecedouro á gloria do Homero portuguez. Camões apreciado por Garrett é um grande poëta julgado por outro grande poëta. Com ser tão succinto, nada do que é essencial, falta nesse magistral juizo em que o genio—avalua o genio, por que só elle é o mais competente para tanto.

Vêde si pode haver pintura mais verdadeira do estado da poesia portugueza, quando Camões, desterrado da ingrattissima patria, emprehendeu a composição dos seus *Luziadas*, para sublimar-a, do que a que faz o auctor no seguinte periodo. «Esse homem levantou a cabeça lá das extremidades da Asia, e vio tudo pequeno á roda de si, todos os poëtas pigmeus, todos acanhados com as linguas modernas, ainda mal perfectas, escravos da imitação classica, incertos e entalados todos entre o cego respeito da antiguidade e as novas precisões que as novas idéas, que o novo estado do mundo requeria.»

Para tirar a poesia portugueza deste abatimento,

e libertal-a da servil imitação classica, abrindo-lhe não só um caminho novo, mas creando-lhe uma linguagem própria, era necessario mais do que um homem, era necessario ser um genio, genio tal qual foi Homero, pae da poesia antiga, genio tal qual foi Dante, pae da poesia dos confins da idade média. Esse genio appareceu com effeito e foi Luiz de Camões, o maior poeta dos tempos modernos, que deu um grande exemplo ao seu e aos vinlouros seculos. Vêde agora como é bem descripto esse esforço do immortal cantor dos *Luziadas* n'este outro periodo: «Teve ânimo para conceber e força para executar um rasgado e necessario atrevimento de se abrir caminho novo, de crear enfim a poesia moderna, dar não só á Portugal, mas á Europa toda um grande exemplo, e constituir-se o Homero das linguas vivas.»

Elevação de pensamento, justeza de apreciação alumiada por lampejos de genio, nobreza e magestade de estylo realçada por imagens pittorescas, número e harmonia de phrase, tudo se encontra nesses e nos outros periodos de que se compõem os dous paragraphos do logar reproduzido

Taes são em summa a belleza, fluidez e correcção da prosa deste auctor, que não deixareis de tel-as notado, ainda independentemente da minha analyse, quer em toda passagem que vos li, quer nos trechos citados. E pois com razão é o visconde de Almeida Garrett tido como o primeiro prosador moderno da lingua portugueza.

Em outro discurso passarei a apreciar o *Eurico* o *Presbytero* do Sr. Alexandre Herculano. Faço esta excepção em favor de um auctor vivo para dar-vos uma ajustada idéa d'aquillo que se chama prosa poetica. Por hoje aqui termino.

SECÇÃO SEGUNDA.

Alexandre Herculano; seu Eurico o Presbytero.

LICÇÃO CIII.

Propondo-me, senhores, apreciar a prosa poetica do Sr. Alexandre Herculano no seu *Eurico*, para dar-vos idéa desta especie nova que muito importa conhecer pelo vulto que tem tomado na litteratura moderna, não vos traçarei antes a biographia deste auctor como costumou praticar a respeito dos outros, cujas obras analyso; porque tratando-se de um auctor vivo, e cuja vida ainda não foi escripta, os factos desta achão-se, para bem dizer, incompletos.

Basta que saibais que o auctor é um dos litteratos portuguezes mais illustres de nossos dias por sua instrucção e talento, um escriptor de reputação verdadeiramente européa por algumas das produções do seu acrisolado engenho, entre as quaes figurão como mais notaveis a sua *Historia de Portugal*, a sua *Historia da Inquisição*, o seu *Eurico* o seu *Monge de Cis-*

ter, e das quaes escolhi para objecto da minha analyse a penultima por ser a que se accommoda ao meu proposito.

O *Eurico* a que o auctor chama *Chronica-Poëma*, é por seu character e natureza uma verdadeira epopéa em prosa, porque resume uma época inteira com seus usos e costumes, leis, historia &, o seculo VIII, em que, com a invasão dos Arabes, terminou o dominio dos Wisigodos na Hespanha, e, com as primeiras victórias de Pelaio ou Pelagio sobre os conquistadores até ali invenciveis, despontou a aurora da idade média, ou dos tempos cavalleirosos.

A prosa poetica, de que Fenelon e depois d'elle madame de Stael e Chateaubriand forão os primeiros que derão exemplo entre os Francezes, é ainda mais antiga em Portugal do que em França, porque muito antes de Fenelon, que florecêo no tempo de Luiz XIV, já Bernadim Ribeiro que vivêo nos de D. Manoel e D. João III, a havia empregado com felicidade no seu romance *Menina e Moça*. Tinha pois o Sr. A. Herculano na prosa em que escrevêo o seu *Eurico* e o seu *Monge de Cister*, modelos a seguir, tanto nacionaes, como estrangeiros; o que aliás em nada diminue o merito de seus escriptos que teem o cunho da originalidade.

Consiste esta especie de prosa em uma prosa mais harmoniosa, ornada e cheia de imagens, do que a prosa commum por mais nobre que seja, em uma prosa em summa que pôde até certo ponto substituir o verso em que se escrevem os diversos generos de poé-

mas. Quem, por exemplo, ao ler a *Corina* de madame de Stael, os *Martyres* de Chateaubriand, e o *Eurico* do auctor, não sente logo a differença que vai da prosa destas producções verdadeiramente poeticas á de todas as outras composições que não são poemas?

Na lingua franceza que por falta de vozes sonoras e onomatópicas tão pouco se amolda ao verso, e que por isso certamente não possui uma epopéa de primeira ordem escripta em verso, a prosa poetica em que se achão escriptos o *Telemaco* e os *Martyres*, superiores aliás á *Henriade* como poemas, é uma verdadeira necessidade, e faz todos os dias progressos em outros escriptos do mesmo genero. Mas nem por isso se prestão menos a essa prosa as outras linguas derivadas do Latim, e com especialidade a portugueza, como o attestão as duas obras citadas, e outras menos extensas, como as *Meditações* do nosso illustre poéta A. Gonçalves Dias.

A acção do *Eurico*, cujo heroe guerreiro e ao mesmo tempo sacerdote, acaba como victima expiatoria, é a restauração do dominio christão na peninsula, conquistada pelos Arabes, ou uma fábula complexa. Os episodios do poema são bellos, e bem ligados á acção principal, cujo interesse é sempre crescente, os caracteres bem traçados e sustentados. A falta de maravilhoso propriamente dito, ou de agentes sobrenaturaes, não deve ser attribuido a defeito a este poema que pertence ao genero historico, ou antes constitue um genero novo, pois a *Chronica-Poéma* é um genero no-

vo. Demais contendo o poema a descripção dos tempos heroicos da península. o maravilhoso ali se encontra, para bem dizer, semeado por toda a parte.

Ouvi agora o proprio auctor sobre o fim que teve em vista, compondo a sua obra.

«A minha intenção, diz elle, foi pintar os homens da época de transição dos tempos heroicos da historia moderna para o periodo da cavallaria, brilhante ainda, mas de dimensões ordinarias. O meu heroe de Chryssus é como o último semideus que combate na terra: os foragidos de Covadonga são como os primeiros cavalleiros da longa, patriota e tenaz cruzada da península contra os sarracenos. Deste modo, sendo hoje difficultoso separar, em relação áquellas éras, o historico do fabuloso, aproveitei d'um e d'outro o que me pareceu mais appropriado ao meu fim.»

Tendo-vos dado uma idéa geral da *Chronica-Poema* que me proponho analysar, passarei a ler-vos duas de suas passagens mais notaveis, para que por ellas possais ajuizar, seja do merito de toda a obra, seja do da bella prosa poetica em que é escripta.

Eil-as:

X.

O sol ia já em alto quando o grito *Allah-hu-Achar!* soou no centro dos esquadrões do Islam: era a voz sonora e retumbante de Tarik. Repetido por milhares de bocas, este grito restringiu e echoou, como o estourar de uma trovoadá distante, pelos pendores das serras, e murmurou e perdeu-se pelos desfiladeiros e

valles. A cavallaria arabe, enristando as lanças, arremessou-se pela planície, e desapareceu n'um turbilhão de pó.

«Christo, e avante!» — bradaram os godos, e os esquadrões de Ruderico precipitaram-se ao encontro dos mosselemanos. São como dous buleões enovelados, que, em vez de correrem pela atmosphera nas azas da procella, rolam na terra, que parece tremer e vergar debaixo do péso daquella tempestade d'homens. O ruido abafado e distincto do mover dos dous exereitos vae-se gradualmente confundindo n'um som unico, ao passo que o chão intermedio se embebe debaixo dos pés dos cavallo. Essa distancia entre as duas muralhas de ferro estreita-se, estreita-se! É apenas uma fita tortuosa lançada entre as duas nuvens de pó. Desappareceu! Como o estourar do rolo de mar en apellado tomando de subito sobre os alcantis d'extensas ribas, as lanças cruzadas ferem quasi a um tempo nos escudos, nos arnezes, nos capacetes. Um longo gemido, assonancia horrenda de mil gemidos, sobreleva ao som cavo que tiram as armaduras batendo na terra. Baralham-se as extensas fileiras; cruzam-nas espantados os ginetes sem donos, nitrindo de terror e de colera com as crinas erriçadas e respirando um alento fumegante. Não se distingue naquelle oceano agitado mais que o afuzilar tremulo das espadas, o relampaguear rapido dos frankisks, o scintillar passageiro dos elmos de bronze; não se ouve senão o tinir do ferro no ferro, e um concert» diabolico de blasphemias, de pragas, d'injurias em romano e em arabe, intelligiveis para aquelles a quem são dirigidas, não pelos sons articulados, mas pelos gestos de odio e desesperação dos que as proferem. De vez em quando um brado retumba por cima do esturpido: são os capitães que buseam ordenar as batalhas. Debalde! As fileiras tem rareado: o combate converteu-se n'um duelo immenso, ou antes em milhares de duelos. Cada cavalleiro arabe travou-se com um cavalleiro godo, e os dous contendores esquecem-se de tudo quanto os rodeia: são dous inimigos, cujo odio encanecceu n'um momento, e n'um momento esse rancor é intenso quanto o fôra se por largos dias se accumulára sem poder

resfolgar. Firmes, os guerreiros christãos vibram a pesada acha d'armas, que tomaram dos frankos, ou meneam a espada curta e larga dos antigos romanos; porque as lanças voaram em rachas tanto das mãos dos godos como das dos arabes. Estes, curvados sobre os collos dos cavallos, e cubertos com os leves escudos, volteam em roda dos adversarios, e quasi ao mesmo tempo os acommettem por um e por outro lado, tão rapido é o seu pèrpassar. Nesta lueta da forza e da destreza, ora o duro neto do wisigodos, deslumbra-do pelo incessante dos golpes, esvaído pelas muitas feridas, suffocado pelo pèso da armadura, vacilla e cae como o pinheiro gigante, ora o ligeiro agareno vê coriscar em alto o frankisk e logo o sente, se ainda sente, embargar-lhe o ultimo grito na garganta, até onde rompeu, partindo-lhe o craneo e sulcando-lhe o rosto. Assim os centros dos dous exercitos semelham o tigre e o leão no circo, abraçados, despedaçando-se estorcendo-se enovelados, sem que seja possivel prever o desfecho da lueta, mas tão sómente, que, ao adejar a victoria sobre um dos campos, terá des-cido sobre o outro o silencio e o repouso do aniquilamento.

Os soldados que seguiam a bandeira de Theodemiro tinham-se abalado para o combate apenas viram partir os esquadrões de Ruderico. A ala direita dos mahometanos era capitaneada pelo amir da cavallaria africana, Mugeuiz, aquem a sua origem christan fizera dar o nome de Al-Rumi. O amir era o mais valente e experimentado dos capitães de Tarik, e por isso este fiara do renegado o mando daquella ala, na qual tambem esvoaçava o pendão de Juliano, que, se não abandonára, como Al Rumi, a crença do cavalvario, tinha contudo amaldiçoado tambem a sancta religião da patria. Estes dous guerreiros, ferozes ambos, um por indole e habito, outro por vingança e ambição, anavam-se mutuamente, porque os fizera irmãos uma palavra escripta em suas consciencias, a maxima affronta humana, nome de renegados.

O recontro dessa ala foi semelhante em tudo ao do grosso das duas hostes, salvo que ahi o frankisk encontrava no ar o frankisk, a injuria de godos respondia á injuria proferida por bocas de go-

dos, e as imprecações do odio trocavam-se com maior violencia ainda. Theodemiro combatia á frente de suas triumphadas, onde mais acceso ia ser o travar da batalla, sem todavia esquecer o officio de capitão. Era isto; era o exemplo, que tornava invencíveis os seus soldados. Guiando os cavalleiros tingitanos, Juliano tambem rompera primeiro adiante dos arabes. Os dous antigos companheiros de combates haviam topado em cheio, e as lanças voaram-lhes das mãos em rachas. Os cavalleiros passaram um pelo outro como relampagos, para logo tornarem a voltar arrancando das espadas.

«Circumcidado!» — bradou Theodemiro ao perpassar por Juliano na rapidez da carreira

«Escravo!» — replicou o conde de Septum, rangendo os dentes.

A injuria vibrada pelo duque de Corduba penetrára mui fundo. Semelhante a Judas o conde da Tingitania, trahira a patria pela cubica, e defendendo o estandarte do propheta de Medina, fazia triumphar o koran. Duas vezes a sua alma era a d'um circumciso.

Os dous cavalleiros godos accometteram-se com toda a furia de rancor entranhavel: as espadas encontrando-se no ar faiscaram como o ferro abrazado na incude; mas a de Theodemiro fóra vibrada por braço mais robusto, e posto que o golpe descesse amortecido, ainda entrou profundamente no escudo que o seu adversario levava erguido sobre a cabeça. Entretanto Juliano, revolvendo ligeiro a espada, rompeu a couraça do duque de Corduba, e feriu-o levemente no lado.

«Vencedor dos vasconios,» — gritou riudo diabolicamente o conde de Septum — o'ha por ti! Nas margens do Chryssus não ha taças de vinho, como aquellas com que te embriagavas nos paços de teu senhor. Aqui o que corre é sangue!»

Theodemiro tinha já deseneravado a espada do escudo de Juliano, em que ficára embebida. Rapidamente ella descêra de novo guiada pela raiva de que abafava o guerreiro. O golpe quebrou o

escudo já falsado, e batem no elmo brilhante do conde com tal furia, que este perden a luz dos olhos, e curvando-se para diante se abraçou ao collo do cavallo, quasi sem sentidos. Outra vez que o duque de Corduba vibrasse o ferro, Juliano estava perdido; o caminho da morte já lhe ficara indicado no elmo.

«Que olhas para o chão, traidor?—disse Theodemiro com voz tremula de colera e d'escarneo, e segundando o golpe.—É a terra da patria, que vendeste aos infieis como tu!»

O ferro, porém, não pôde chegar á cimeira do capacete do conde. Outro ferro, seguro por mão robusta, se metten de permeio. Era a espada de Mugeiz, o qual, passando, vira o perigo imminente do seu amigo, e corrêra para o salvar.

Então Theodemiro voltou-se contra o renegado, e um violento combate se travou entre ambos. Mugeiz não era menos déstro que o principe da Betica. Mais membrudo e robusto que elle, e, alem disso, ainda não ferido, a vantagem era toda sua; mas o esforço de Theodemiro suppria essa inferioridade.

Entretanto Juliano recobrára o alento: a vergonha, e despeito, a séde de vingança estorciam-lhe o coração. O nobre ginete em que cavalgava, sentindo seu senhor semi-morto, tinha corrido espantado até onde a multidão de chris'ãos e arabes, travados em peleja sanguinolenta, lh'o consentia. O conde, cravando-lhe os acicates, com a espada erguida na mão, arremessou-o para o logar onde o duque de Corduba pelejava com Mugeiz. Era um feito covarde; mas que importava a Juliano a deshonra? Assignalado com o ferrete indelevel de traidor, havia-se habituado a viver para um sentimento unico—a vingança. E a vingança era quem o impellia.

Neste momento, por uma das pontes já desertas, lançadas na noite antecedente sobre o Chryssus, soava um correr de cavallo a rédea solta. Alguns soldados, que andavam mais perto da margem, volveram para lá os olhos. Um cavalleiro d'estranho aspecto era o que assim corria. Vinha todo cuberto de negro: negro o elmo, a couraça, e o saio, o proprio ginete murzello. Lança não a

trazia. Pendia-lhe da direita da sella uma grossa maça ferrada de muitas pias, especie de clava conhecida pelo nome de borda, e da esquerda a arma predilecta dos godos, a bipenne dos frankos, o destruidor frankisk. Subiu rapido a encosta, d'onde Ruderico attendia aos successos da batalha. Parou um momento, e olhando para um e outro lado indireitou a carreira para o logar em que fluctuavam os pendões das triumphadas da Betica. Como um rochedo pendurado sobre as ribanêiras do mar, que, estalando, rola pelos despenhadeiros, e abrindo um abysmo se atufa nas aguas, assim o cavalleiro desconhecido, rompendo por entre os godos, precipitou-se para onde mais cerrado em redor de Theodemiro e Mugeiz fervia o pelear.

Juliano tinha-se aproximado no entanto do esforçado duque de Corduba, que ferido, e obrigado a combater com o déstro e feroz reuegado, a custo se poderia defender dos golpes do conde, golpes que o odio e a colera dirigiam. Alguns cavalleiros da Betica voaram a socorrer Theodemiro; mas os arabes com que andavam travados tinham-nos seguido de perto, e rodeando Mugeiz haviam tomado inutil o socorro dos cavalleiros christãos. O apertado revolver das armas formava uma selva de ferros em volta dos dous capitães inimigos, através da qual debalde o conde de Septim buscára muitas vezes abrir caminho para ferir Theodemiro, até que finalmente, galgando por cima de um arabe derribado, pôde vibrar um golpe. O elmo do nobre godo restringira, e o guerreiro vacillara. A ultima pagina da sua vida parecia estar escripta no livro dos destinos. Os dous adversarios do duque de Corduba iam tingir de negro as que ainda lhe restavam em branco.

Mas o cavalleiro desconhecido havia passado através da hoste goda, e chegara á dianteira dos arabes. Com a maça jogada ás mãos ambas abalava e rompia as armas mais bem temperadas, e as pias, entrando pelas carnes dos que se lhe punham diante, iam esmigalhar-lhes os ossos. Por onde elle atravessava nem as fleiras se uniam, nem os godos achavam adversarios. Como a charma, tirada com violencia em chão batido de planicie, deixa

após si grossas glebas revolvidas, assim aquella arma irresistivel deixava ao passar uma larga cauda de cadaveres, e de moribundos debatendo-se em terra. Os godos espantados perguntavam uns aos outros quem seria aquelle temeroso guerreiro, mas entre elles ninguem havia que podesse dizê-lo. Se combatesse pelos mosselemanos cre-lo-hiam o demonio da assolação; mas, pelejando pela cruz, dir-se-hia, que era o archanjo das batalhas mandado por Deus para salvar Theodemiro, e com elle os esquadões da Betica.

No instante em que o cavalleiro negro chegou ao lugar onde ja o duque de Corduba só procurava amparar-se contra Mugeiz e Juliano, este, cego de furor descia com segundo golpe: a espada, porém vouu-lhe das mãos em pedaços batendo na maça do cavalleiro negro, que, deixando depois cair a pesada borda ao longo da ephippia, ergueu o frankisk, e descarregando-o sobre o hombro do renegado lhe fez uma ferida profunda. A dôr arrancoo um brado a Mugeiz, a cujo som o seu ginete amestrado o arrebatou para o meio dos arabes, e Juliano, vendo-se desarmado, fugiu após elle. Então o desconhecido disse a Theodemiro algumas palavras sumidas, e sem esperar resposta, internou-se outra vez no meio dos esquadões agarenos.

Desde este momento a ala direita dos mosselemanos começou de affrouxar, porque Mugeiz mal-forado se retrahia para o acampamento. Alguns cheiks illustres jaziam moribundos ou mortos ás mãos do cavalleiro negro, que parecia escolher as suas victimas entre os mais nobres guerreiros do Islam. Animados por elle, os godos, cobrando novos bríos, procuravam imita-lo, e arremessavam-se destemidos através da hoste inimiga, que debalde procurava resistir á torrente. Os signaes da victoria dos godos eram ja dolorosamente certos para os mosselemanos.

Roderico viu isto, e exultou. O sol inclinava-se para o occaso, e o centro do exercito arabe, onde se achava Tarik, estava firme; mas os clamores e triumpho, que ja soavam na ala esquerda dos christãos, começavam a espallar a incerteza entre os soldados do

propheta. Foi então que o rei dos godos ordenou a sua ala direita descesse contra os bereberes, e dispersando-os acomettesse os esquadrões de Tarik, que pareciam haver lançado raizes no solo ensanguentado do campo da batalha.

Um quingentario partiu a rédea solta para levar a ordem fatal aos filhos de Witiza. À frente dos seus soldados os dous irmãos falavam a sós com Oppas, e contemplavam o combate. Apenas ouviram o que se lhes o denava, Sisebuto e Elbas, voltando-se para os esquadrões que lhes obedeciam, clamaram: — «Vingança!» — Este brado foi repetido por Oppas e pelos nobres que o seguiam. Então, no meio daquella espessa selva de lanças repercutiu um grito que respondia ao dos capitães: — «Gloria ao rei Sisebuto! Morte ao traidor Ruderico!»

E os filhos do Witiza, e o hypocrita bispo d'Hispania, com as lanças apunhadas e as espadas na bainha, lançaram-se pelo valle abaixo, e a móz parte dos esquadrões seguiram-nos. Apenas Pelagio, duque de Cantabria, ficou immovel á frente dos selvagens vasconios, e d'algumas triphadias da Gallecia e da Narbonense, que, alleias á traição daquelles malaventurados, recusaram segui-los.

Ruderico viu enovelarem-se nos ares os rolos de pó, que se alevantavam sob os pés dos ginetes: «Valentes mancebos — exclamou — hoje a Hespanha vaé ser salva por vós! Vêde — accrescentava sorrindo, e falando com os guerreiros que o cercavam, muitos dos quaes haviam condemnado a sua arriscada confiança na generosidade dos filhos de Witiza: — vêde como elles voam contra os africanos! Quando um grande risco ameaça a patria não ha odios entre os godos: todos elles são irmãos porque todos elles são filhos desta nobre terra d'Hespanha.»

E o quingentario, que voltava, gritou de longe: — «Somos traididos!»

Ruderico empallideceu. A certeza da victoria tinha-se desvanecido. —

A ventura das armas muçulmanas tinha chegado ao apogeu, e a sua declinação começava finalmente. E na verdade a ira celeste contra os godos parecia dever estar satisfeita. O solo da Hespanha era como uma ara immensa, onde as chammas das cidades incendiadas serviam de fogo sagrado para consummír nos milhares as victimas humanas. O silencio do desalento reinava por toda a parte, e os christãos viam com apparente indifferença os seus vencedores polluirem as ultimas cousas que, até sem esperanza, ainda defende uma nação conquistada—as mulheres e os templos. Theodemiro pagava bem caro o procedimento que o desejo de salvar os seus subditos o movéra a seguir. O pacto feito por elle com os arabes não tardou a ser por mil modos violado, e o illustre guerreiro teve de se arrepender, mas já debalde, por haver deposto a espada aos pés dos infieis, em vez de pelear até a morte pela liberdade. Fôra isto o que Pelagio preferira; e a victoria coroou o seu confiar no esforço dos verdadeiros godos e na piedade de Deus.

Os que tem lido a historia daquella epocha sabem que a batalha de Cangas de Onis foi o primeiro elo dessa cadeia de combates, que, prolongando-se através de quasi oito seculos, fez recuar o koran para as praias d'Africa, e restituiu ao evangelho esta boa terra d'Hespanha, terra, mais que nenhuma, de martyre. Na batalha de juncto do Auseba foram vingados os valentes que pereceram nas margens do Chryssus; porque mais de vinte mil sarracenos viram pela ultima vez a luz do sol naquellas tristes solidões. Mas nesse dia da punição ella devia abranger assim os infieis, como os que lhes haviam vendido a patria, e que ainda vinham disputar a seus irmãos a dura liberdade de que gosavam nas brenhas intractaveis das Asturias.

O ardil de Pelagio para resistir com vantagem aos mosselemnos, cem vezes mais numerosos que os christãos, surtira o desejado effeito. Ainda que muito a custo, os cavalleiros enviados em

cilada para a floresta a esquerda das gargantas de Covadonga poderam chegar ali sem serem sentidos dos arabes, que se haviam aproximado mais cedo do que o fizera crer a narração do velho Vellido. Os infieis pararam nas bordas do Deva, no sitio em que rompia do valle, e os seus almogaures tinham ousado penetrar avante. Os cavalleiros da cilada, que a pouca distancia passavam manso e manso, ouviram distinctamente o tropear dos ginetes inimigos.

Mas quando, ao primeiro alvor da manhan, Pelagio se encaminhava com o seu pequeno esquadrão para a garganta das serras, já os arabes rompiam por ella, e começavam a espraiair-se, como ribeira, que, saindo de leito apertado, se dilata pela campina. Os christãos recuaram, e os infieis, attribuindo ao temor esta fuga simulada, precipitaram-se após elles. Pouco a pouco o duque de Cantabria attrahiu-os para a entrada da gruta de Covadonga. Chegado alli, pondo á bocca a sua buzina tirou um som prolongado. Immediatamente os cimos dos rochedos, que pareciam inacessiveis, cobriram-se de fundibularios e freeheiros, e uma nuvem de tiros choveu de toda a parte sobre os africanos e sobre os renegados godos. Vacillaram: mas o desejo da vingança leyrou-os a apinharem-se, esquadrões após esquadrões, a entrada da caverna, onde finalmente encontravam desesperada resistencia. Então, como se despegassem do céu, grandes rochedos começaram a rolar sobre elles dos cimos do precipicio que lhes ficava sobranceiro. Mãos invisiveis os impelliam. Cada rocha traçava no meio daquelle vulto informe, que oscillava, naquella vasta planicie de alvos turbantes e capacetes reluzentes, uma escura mancha semelhante a chaga horrivel. Eram dez ou vinte guerreiros cujos membros esmagados, cujos ossos triturados, cujo sangue confundido espirravam por cima das frentes dos seus companheiros. Era medonho! — porque a esse espectaculo se adjunctava o grito de raiva e desesperação dos pelejadores, grito feroz e agudo só comparavel ao bramido de cem leões, a quem os caçadores do Atlas houvessem, na ausencia dellas, roubado os seus cachorrinhos.

Pela volta da tarde apenas do numeroso e brilhante exercito dos arabes alguns milhares de cavalleiros fugiam desalentados diante dos foragidos das Asturias, que os perseguiram incansaveis além de Cangas de Onis.

Fôra no momento em que Pelagio penetrava, na sua fingida fuga, sob o vasto portal da gruta, que o cavalleiro negro saia. O joven guerreiro viu-o e estremeceu. Eurico tinha as faces encovadas, o rosto pallido e transtornado, e havia em todo o seu gesto uma tão singular expressão de tranquillidade que fazia terror. Em quanto os christãos defendiam a entrada elle esteve quieto, como indifferente ao combate; mas logo que os arabes, acommettidos já pelas costas, principiaram a recuar, e que Pelagio pôde combater na planicie, o cavalleiro abrindo caminho com o frankisks, desapareceu no meio dos inimigos. Desde esse momento debalde o duque de Cantabria o buscou: nem elle, nem ninguem mais o viu.

Era quasi ao pôr do sol. Seguindo a corrente do Deva, a pouco mais de duas milhas das encostas do Auseba, dilatava-se nessa época denso bosque de carvalhos, no meio do qual se abria vasta clareira, onde sobre dous rochedos aprumados assentava um terceiro. Era provavelmente uma ara celtica. Em frente de tosea ponte de pedras brutas lançadas sobre o rio, uma senda estreita e tortuosa atravessava a selva, e passando pela clareira continuava por meio dos outeiros visinhos dirigindo-se nas suas mil voltas para as bandas da Gallecia. Quatro cavalleiros, a pé, e em fio caminhavam por aquelle apertado carreiro. Pelos trajos e armas conhecia-se que eram tres christãos e um sarraceno. Chegadas á clareira, este parou de repente, e voltando-se com aspecto carregado para um dos tres, disse-lhe:

«Nazareno, offereceste-nos a salvação se te seguissimos: fiámo-nos em ti, porque não precisavas de trahir-nos. Estavamos nas mãos dos soldados de Pelagio, e foi a um aceno teu que elles cessaram de perseguir-nos. Porém o silencio tenaz que tens guardado gera em mim graves suspeitas. Quem és tu? Cumpre que

sejas sincero como nós. Sabes que tens diante de ti Mugueiz, o amir da cavallaria arabe, Juliano, o conde de Septum, e Oppas, o bispo de Hispaliis.»

«Sabia-o:—respondeu o cavalleiro;—por isso vos trouxe aqui. Queres saber quem sou? Um soldado e um sacerdote de Christo!»

«Aqui!?!... atalhou o amir, levando a mão ao punho da espada, e lançando os olhos em roda. Para que fim?»

«A ti, que não eras nosso irmão pelo berço; que teus combati-do lealmente comnosco, inimigos da tua fé; a ti, que nos opprimes, porque nos venceste com esforço e á luz do dia, foi para te ensinar um caminho que te conduza em salvo ás tendas de teus soldados. É por alli!... A estes que venderam a terra da patria; que cuspiram no altar de seu Deus, sem ousarem francamente renega-lo; que ganharam nas trevas a victoria maldicta da sua perfidia, é para lhes ensinar o caminho do inferno... Ide, miseraveis, segui-o!»

E quasi a um tempo dous pesudos golpes de frankisk assignalaram profundamente os elmos de Oppas e Juliano. No mesmo momento mais tres ferros reluziram.

Um contra tres! Era um combate calado e teneroso. O cavalleiro da Cruz parecia desprezar Mugueiz; os seus golpes retiniam só nas armaduras dos dous godos. Primeiro o velho Oppas, depois Juliano cahiram.

Então, recuando, o guerreiro christão exclamou:

«Meu Deus! Meu Deus! Possa o sangue do martyr remir o crime do Presbytero!»

E largando o frankisk, levou as mãos ao capacete de bronze, e arrojou-o para longe de si.

Mugueiz, cego de colera, vibrára a espada: o craneo do seu adversario rangeu, e um jorro de sangue salpicou as faces do sarraceno.

Como tomba o abeto solitario da encosta ao passar do furacão, assim o guerreiro mysterioso do Chryssus cahia para não mais se arguer!...

Nessa noite, quando Pelagio voltou a caverna, Hermengarda deitada sobre o seu leito parecia dormir. Cansado do combate, e vendo-a tranquilla, o mancebo adormeceu tambem perto della sobre o duro pavimento da gruta. Ao romper da manhan, acordou ao som de cantico suavissimo. Era a sua irman que cantava um dos hymnos sagrados que muitas vezes lhe ouvira entoar na cathedral de Tarráco. Dizia-se que seu auctor fóra um Presbytero da diocese de Hispalis, chamado Eurico.

Quando Hermengarda acabou de cantar ficou um momento pensando. Depois repentinamente soltou uma destas risadas, que fazem eriçar os cabellos, tão tristes, soturnas e dolorosas são ellas; tão completamente exprimem irremediavel alienação de espirito.

A desgraçada tinha de feito enlouquecido !

Da primeira passagem que vos li, citar-vos-hei logo o principio, que é admiravel.

«O sol ia já em alto quando o grito *d'Allah-hu-Ac-bar !* soou no centro dos esquadrões do Islam: era a voz sonora e retumbante de Tarik. Repetido por milhares de bocas, este grito restrugio e echoou, como o estourar de uma trovoada distante, pelos pendores das serras, e murmurou e perdéo-se pelos desfiladeiros e valles. A cavallaria arabe, enristando as lanças, arremeçou-se pela planicie, e desapareceu n'um turbilhão de pó.»

«Christo, e'avante !—bradarão os godos, e os esquadrões de Ruderico precipitarão-se ao encontro dos mosselemanos. São como dois bulcões enovelados, que, em vez de correrem pela atmospherá nas azas da procella, rollão na terra, que parece tremer e vergar

debaixo daquella tempestade de homens. O ruído abafado, e distincto do mover dos dous exercitos vai-se gradualmente confundindo n'um som unico, ao passo que o chão intermedio se imbebe debaixo dos pés dos cavallos. Essa distancia entre as duas muralhas de ferro estreita-se, estreita-se ! É apenas uma fita tortuosa lançada entre as duas nuvens de pó. Desappareção ! Como o estourar do rôlo de mar encapelado tombando de sudito sobre os alcantis d'extensas ribas, as lanças cruzadas ferem quasi a um tempo nos escudos, nos arnezes, nos capacêtes. Um longo gemido, assonancia horrênda de mil gemidos, sobreleva ao som cavo que tirão as armaduras batendo na terra. Baralhão-se as extensas fileiras: cruzão-nas espantados os ginetes sem donos, nitrindo de terror e de colera, com as crinas erriçadas e respirando um alento fume-gante. Não se distingue naquelle oceano agitado mais que o afuzilar trêmulo das espadas, o relampaguear rapido dos frankisks, o scintillar passageiro dos elmos de bronze: não se ouve senão o tinir do ferro no ferro, e um concerto diabolico de blasphemias, de pragas, de injurias em romano e em arabe, intelligiveis para aquelles a quem são dirigidas, não pelos sons articulados, mas pelos gestos de odio e desesperação dos que as proferem. De vez em quando um brado retumba por cima do estrupido: são os capitães que buscão ordenar as batalhas. Debalde ! . . . »

Este soberbo logar é apenas o comêço da descripção da batalha travada junto ao Chryssus, ou Gande-

leta, entre Christãos e Mosselemanos; batalha que durou dous dias, e na qual pereceó o último rei godo, Ruderico, ou Rodrigo, por traição dos proprios seus, e com elle o dominio dos Wisigodos na Hespanha, que passou a pertencer aos Arabes, e donde só forão estes totalmente expulsos ao cabo de oito seculos. É o ferir dessa famosa batalha que se pinta; e ahí a prosa nada tem que invejar ao verso nem em movimento nem em viveza de imagens e felicidade de tropos, nem em harmonia imitativa ou onomatópica.

Nesta bellissima descripção que é uma especie de drama infernal com todas as suas horribéis peripecias, o auctor soube, para assim dizer, introduzir a ordem no caos. Não ha pois ahí somente a admirar o magolífico da prosa, mas o riquissimo engenho do poeta.

Vêde com que propriedade é descripto o movimento em sua rapidez animada. *A cavallaria arabe, enristando as lanças, arremeçou se pela planície, e desapareceó n'um turbilhão de pó, e os esquadrões de Ruderico precipitárão-se ao encontro dos mosselemanos; como é expressiva e poetica a comparação, são como dous bulcões enovelados, que em vez de correrem pela atmosphera nas azas da procella, rollão na terra que parece tremer e cergar debaixo daquella tempestade de homens; como são bellas e pittorescas as imagens realçadas pelos tropos os mais felizes. Essa distancia entre as duas muralhas de ferro estreita-se, estreita-se! É apenas uma fita tortuosa lançada entre as duas nuvens de pó! Desappareceó! . . . Não se distingue na-*

quelle oceano agitado mais que o afuzilar trêmulo das espadas, o relampaguear rapido dos frankisks, o scintillar passageiro dos elmos de bronze; e como a harmonia imitativa que ahí está, para bem dizer, por toda a parte sobresahe principalmente nestas expressões, Repetido por milhares de bocas este grito restrugio e echoou, como o estourar de uma trocoada distante, pelos pendores das serras, e murmurou e pórdeu-se pelos desfiladeiros e valles !

Fôra preciso reproduzir por parcellas todo o logar citado, se eu quizesse notar miudamente tudo quanto ha de animação e vida no estylo, seja em verdade e viveza de colorido, seja no imitativo das palavras e sons ou em onomatopéa; por isso limito-me ao que fica assignalado, accrescentando unicamente que uma tal prosa possui todas as qualidades do verso, menos a medida. Que estudo das vozes onomatópicas da lingua não era preciso que o auctor tivesse feito para chegar a este resultado ? Deixo á vossa consideração o julgal-o.

Cumpre no em tanto notar que esta bella prosa que assim disputa a primazia ao verso, dá não só testemunho do extraordinario talento do auctor que corre parrelhas com o dos Fenelons e Chateaubriands, mas da flexibilidade e riqueza da lingua que a tanto se eleva sob a sua habilissima penna.

Depois desse admiravel logar que vos dá a mais magnífica idéa do que é prosa poetica, só vos citarei aquelle com que termina a *Chronica-Poëma*, por ser essencialmente dramatico.

«Um contra tres!—Era um combate calado e temeroso. O cavalleiro da cruz parecia desprezar Mugeiz; os seus golpes retinião só nas armaduras dos dous godos. Primeiro o velho Oppas, depois Juliano cahirão.»

«Então recuando, o guerreiro christão exclamou:— Meu Deus! Meu Deus! Possa o sangue do martyr remir o crime do presbytero. E largando o frankisk, levou as mãos ao capacete de bronze, e arrojou-o para longe de si.»

«Mugeiz, cego de colera, vibrára a espada: o craneo do seu adversario rangêo, e um jôrro de sangue salpicou as faces do sarraceno.»

«Como tomba o abeto solitario da encosta ao passar do furacão, assim o guerreiro mysterioso do Chrysus cahia para não mais se erguer!...»

.....

«Quando Hermengarda acabou de cantar ficou um momento pensando. Depois repentinamente soltou uma destas risadas, que fazem eriçar os cabellos, tão tristes, soturnas e dolorosas são ellas; tão completamente exprimem irremediavel alienação d'espírito.»

«A desgraçada tinha de feito enlouquecido!»

A *Chronica-Poëma* termina por um duplo sacrificio, o de Eurico, que lava o crime do presbytero no sangue do martyr, e o de Hermengarda que enlouquece com o desaparecimento deste. O crime do presbytero não era outro senão o de ter sempre amado a mulher que por sua alta gerarchia lhe fôra negada por

esposa quando secular, e que, depois que a desgraça de Hespanha os igualou, perde a razão, quando sabe do character sacerdotal, e por último da morte do amante. Era por certo essa a maneira mais digna de terminar uma composição que tanto sobresahe pelo sentimental, como pelo grandioso, que nunca a desacompanha.

O heróe do Cryssus que é como o último semideus que combate na terra hespanica, e cuja vida se torna impossivel entre o sacerdocio e o amor, perece não só de um modo digno delle, mas sobre tudo para que de seu sangue, offerecido como em holocausto, renasça o dominio christão na península: a sua amante, ou antes a sua noiva, entre a qual e elle se mette sempre um obstaculo insuperavel neste mundo, perece tambem moralmente, ou pela morte do espirito. Assim não ha para os dous outra esperança de união, senão no ceo, por isso se desprendem da vida: é bello, é sublime! bem como o são outros rasgos, e a mesma concepção desta magnifica epopèa, cuja prosa unicamente me propuz analysar sem entrar em mais promenores, porque ainda vive seu auctor.

Nos trechos citados, notaveis por sua fôrça e energia, sobresahe principalmente o laconismo do estylo, que o verso sujeito às leis do metro rariſsimas vezes rivalisa com a prosa; mas laconismo digno da nobreza e elevação do assumpto, porque não é inteiramente despido de ornato, como o attesta a bella comparação:—*Como tomba o abeto solitario da encosta ao pas-*

sar do furacão, assim cahia o guerreiro mysterioso do Chryssus para não mais se erguer ! . . .

Tendo vos dado idéa da bella prosa do *Eurico*, ou do que é prosa poetica, será este o último dos meus discursões sobre a Litteratura Portugueza e Brasileira; e passarei nas seguintes prelecções a occupar-me com a Litteratura Bíblica, a mais notavel de todas no grandioso e no sublime.

LITTERATURA BIBLICA.

LITERARY PUBLIC

LITTERATURA BIBLICA.

Considerações geraes sobre o Velho e o Novo Testamento; apreciação dos poetas mais distinctos da Escriptura Santa:—Job, David, Isaiás, Salomão, e Jerémias.

LICÇÃO I.

A Litteratura Biblica, com que me vou occupar, pode se dividir em duas bem distinctas:—a litteratura que resulta da collecção dos vinte dous livros da *Antiga Lei* ou *Velho Testamento*, e que é a mais antiga de todas litteraturas conhecidas, cuja ancianidade real não pode ser posta em dúbida:—a que resulta do *Evangelho* ou *Novo Testamento* e é, pelas sublimes verdades que contém, um código divino. Os principaes característicos desta litteratura são o grandioso e o simples, que a faz sobressahir como convem á litteratura de um povo que foi por Deus escolhido para d'elle fazer sahir o Messias, e começou para bem dizer a formar-se logo que a terra entrou a repovoar-se depois do diluvio universal.

Nada do que em referencia ás letras nos resta hoje dos antigos Gregos e Romanos, Assyrios, Caldéos, Persas, Phenicios, Egypcios, Indos, e Chins, pode ser comparado em verdade, grandeza e elevação, com o que

nos deixou o povo hebrêo, e se acha consiguado nos *Livros Sanctos*. De todos os monumentos litterarios que possuímos da antiga civilisação do mundo, a *Biblia* é não só o mais authenticico, mas o mais grandioso e admiravel.

Os modêlos de litteratura antiga escriptos em Grego e em Latim, linguas que tinhão chegado a um alto grão de perfeição, excedem, é certo, em correção de forma, aos modêlos biblicos, compostos em Hebraico, lingua que se mostra assás pobre em seu mechanismo, mas cedem-lhe evidentemente em elevação de pensamento, grandeza, magestade, e simplicidade.

Para nos convenceremos disto basta abrir o primeiro capitulo do *Genesis*, em que Moysês, legislador, propheta, historiador, e o mais antigo dos escriptores, nos descreve a creação do mundo, e comparal-o com o que a tal respeito se encontra nas litteraturas dos outros povos antigos. No *Genesis* sobresahe logo o sublime e o grandioso *opar* do simples:—*Dixitque Deus: Fiat lux, et lux facta est*, E disse Deus: Faça-se a luz, e a luz foi feita;—*Et creavit Deus hominem ad imaginem suam*, E creou Deus o homem á sua imagem. Nas litteraturas dos outros povos, cuja theogonia, a começar pela dos espirituosos Gregos e Romanos, é uma verdadeira monstruosidade, a creação do mundo é um tecido de fábulas mais ou menos grosseiras e absurdas.

Ovidio, que foi o poeta da antiguidade que a descrevêo com mais ingenho, disse tratando do homem:

...*Os homini sublime dedit calumque tueri Jussit*...
 Dêo ao homem um rosto levantado E o mandou olhar
 para o ceo... o que certamente é bello, mas inferior
 ao sublime. *Fiat lux*, que nos dá a mais elevada idéa
 do infinito poder de Deus, e ao grandioso. *Et crea-
 vit Deus hominem ad imaginem suam*, que dá igual-
 mente a mais elevada idéa da perfeição do homem.
 Ovidio descreve o homem physico; Moysés, o homem
 moral; e tão superior é o homem do segundo ao do
 primeiro, quanto o espirito que se assemelha a Deus, o
 é ao corpo que não passa de materia fragil. Assim
 os caractéres de grandeza e simplicidade encontrão-se
 logo nas primeiras paginas da *Biblia*.

Da litteratura biblica, de que se não tem feito uma
 especie á parte como convinha, só me proponho a
 apreciar a que resulta dos vinte dous livros do *Antigo
 Testamento*, e della o que se pode considerar a poesia
 dos Hebréos, porque é justamente o que cabe no do-
 minio do litterato e do critico, sendo a que resulta do
Novo Testamento a palavra e a doutrina do mesmo
 Deus encarnado em Jesus-Christo.

«A poesia dos Hebréos, ou a da *Escriptura Sancta*,
 diz o sabio Hugo Blair, não merece menos attenção,
 que os outros generos de poesia que tenho examina-
 do. Os *Livros Sanctos* considerados como os mais an-
 tigos monumentos poeticos que possuimos, tem mui-
 to interesse e curiosidade para o critico, já porque nos
 mostrão qual era o gôsto desses seculos e homens que
 o tempo tem separado de nós por um intervallo in-

menso, já porque nos offerecem um genero de composição magnífica, ao qual nada temos a comparar.»

E com effeito tanto o mencionado critico como Garção Stoeler e outros, que teem tratado da materia, são de opinião que grande parte das composições da *Biblia*, como o *Livro de Job*, os *Psalms de David*, o *Cantico dos Canticos*, as *Lamentações de Jeremias*, e quasi todos os *Livros dos Prophetas*, tem os caracteres eminentemente distinctivos da poesia, não só no assumpto, o que não soffre dúbida, mas ainda na forma, porque a prosa cadenciada em que estão traduzidas do Hebraico, attesta que forão originariamente escriptas em verso ou metro n'aquella lingua, cuja verdadeira pronúncia hoje se ignora, sendo que muitas dellas, como os *Psalms*, erão cantadas nas solemidades religiosas, e para isso feitas.

A poesia hebraica, diz o primeiro critico citado, é original e particular em sua construcção. Consiste, por exemplo, em dividir cada periodo em membros de extensão sempre igual, que se correspondem quanto ao sentido e ao som. O primeiro membro do periodo encerra a expressão de um sentimento ou pensamento, o segundo, é a repetição desse mesmo pensamento em outros termos, ou o seu desenvolvimento, ou ainda o seu contraste, mas de maneira que um e outro membro apresentão a mesma construcção, e quasi o mesmo número de palavras, como se vê no começo do psalmo XCVII.

«Cantate Domine canticum novum: quia mirabilia fecit.

.....
 Notum fecit Dominus salutare suum: in conspectu gentium revelavit justitiam suam.»

Convem procurar a origem desta forma poetica na maneira por que os Hebréos cantavão os seus hymnos sagrados. A musica acompanhava o canto, e era executada por dous côros que se respondião alternadamente. Quando um dos côros por exemplo, começava assim: *Dominus regnavit exultet terra*, o outro continuava cantando a segunda parte do versiculo: *Laentur insulae multae*. O primeiro recommençava: *Nubes caligo in circuitu ejus*, o segundo continuava, *justitia et judicium correctio sedis ejus*.

Esta prosa cadenciada, equivalente ao metro por sua divisão uniforme de cada periodo em dous membros ignaes, ainda hoje se presta admiravelmente á musica, e é a base do canto da igreja.

Alem da forma especial que a distingue, a poesia sagrada sobresahe mais que nenhuma outra em belleza, fôrça, e ousadia de expressões figuradas. A concisão e a fôrça são, para bem dizer, as suas qualidades essenciaes. A estas virtudes deve ella pela ventura em grande parte o que tem de sublime, porque o sublime, que fulgura como o raio, não tem maior inimigo que a prolixidade, que enerva sempre o vigor de qualquer concepção intellectual por melhor que ella seja.

Nenhuma obra profana abunda tanto em figuras arrojadas como os *Livros Sanctos*, em que se encontram a cada passo as metáphoras, as comparações, as allegorias, e as prosopopéas, ou um estylo figurado, que nos deixa ás vezes como maravilhados por sua belleza.

Mas para bem apreciar a propriedade das figuras e allusões d'esta admiravel poesia tão energica no conceito como bella na expressão, é mister que formemos primeiro idéa de que a Judéa, seu theatro, é um paiz árido pela mór parte, fortemente accidentado, e banhado por um rio de mediocre grandeza, o Jordão; e que dentre os seus montes quasi todos escalvados, só ha dous notaveis, o Libano por sua grandeza e pela antiquidade de seus cedros, o Carmelo por sua belleza e verdura. Concebida esta idéa geral do paiz, facil será perceber a belleza e a propriedade das expressões figuradas dessa poesia que ás outras suas qualidades reúne ainda a de ser eminentemente local.

Assim são frequentes entre os poétas hebrêos as allusões á uma terra resequida, escalvada e deserta, quando querem pintar a desgraça, ou alguma calamidade moral, e á uma chuva inesperada, ou á uma nascente que brota no deserto, e á verdura, quando descrevem a mudança da má fortuna ou a ventura. O Libano, por exemplo, é a imagem da grandeza e da glória; o Carmelo, da graça e da belleza. Eis uma passagem de Isaías, em que se reproduzem estas imagens: é tirada do capitulo XXXV.

«Laetabitur deserta et inuia, et exultabit solitudo, et florebit quasi lilium: Tunc saliet sicut cervus claudus, et aperta erit lingua mutorum: quia scissae sunt in deserto aquae, et torrentes in solitudine. Et quae erat arida, erit in stagnum, et sitiens in fontes aquarum. In cubilibus, in quibus prius dracones habitabant, orietur viror calami et junci. Gloria Libani data est ei, et decor Carmelo.»—Alegrar-se-ha o êrmo inacessivel, e exultará de prazer a solidão, e florescerá como o lírio. Então saltará qual cervo que coxeia, e desembaraçar-se-ha a lingua dos mudos; pois rebenstarão aguas no deserto, e torrentes na solidão. E a que era árida converter-se-ha em lago, e a que estava sequiosa, em mananciaes de aguas. Nos covis em que d'antes habitavão dragões, brilhará o verdor da cana e do junco. Foi-lhe dada á solidão a gloria do Libano e a graça do Carmelo.

As comparações de que elles se servem são em geral mui curtas, e não indicão de ordinario mais que um ponto de semelhança. Tal é a seguinte bella comparação do segundo *Livro dos Reis* no capitulo XXII, que tem por titulo—*Ultimas palavras de David*.

«Dominator hominum justus, et dominator in timore Dei: sicut lux aurorae oriente sole, mane absque nubibus rutilat, et sicut pluviis germinat herba de terra.»

O soberano que é justo e temente a Deus, é como a luz da aurora que rutila ao nascer do sol, n'uma manhã sem nuvens, e como a herva que germina da terra com as chuvas.

A poesia dos Hebrêos comprehende diversos generos como qualquer outra. Nos *Proverbios*, por exemplo, domina o genero didatico: nos *Psalms de David*, o lyrico: nas *Lamentações de Jeremias*, o elegiaco: no *Cantico dos Canticos de Salomão*, o bucolico ou pastoril.

São poetas quasi todos os prophetas, em que brilha ou mais ou menos o fogo sagrado da inspiração; mas os poetas mais eminentes da *Escriptura Sancta* são sem contradicção—Job, David, Isaías, e depois delles Salomão e Jeremias. Nos tres primeiros sobre tudo brillão não só o fogo e o enthusiasmo dos verdadeiros inspirados, mas a riqueza de engenho, a elevação de espirito, e o poetico da expressão, sem o qual não sobresaem as outras qualidades. No estudo destes quatro ou cinco poetas se pode adquirir o preciso conhecimento de todas as bellezas da poesia hebraica.

Dos tres maiores poetas da *Escriptura Sancta*, Job sobresahe na força e verdade das descripções; David, na expressão sentimental, ou no pathetico: Isaías, no sublime. E como haja mais variedade em David, cujos psalms contém aliás não poucos logares sublimes; é todavia evidente que elle ede aos dous outros em energia e elevação sustentadas, guardando um meio termo; mas Isaías é incontestavelmente o mais sublime dos tres, porque nos arrebatá como a torrente, cedendo-lhe neste ponto o mesmo Job.

Quanto a Salomão, a quem em minha opinião se deve o logar immediato como poeta, esse sobresahe

em sabedoria, e no pittoresco da expressão, que é sobre tudo admiravel no *Cantico dos Canticos*.

São estes os poétas da *Escriptura Sancta*, que me proponho a analysar nos discursos subsequentes, como outros tantos modélos, dignos de ser propostos á nossa mocidade estudiosa, e tanto mais apreciaveis, que sobre o merito proprio, tem o de uma ancianidade superior a de quaesquer outros que lhes possa offerecer a litteratura antiga.

Tendo-vos dado uma idéa geral e succinta da poesia hebraica, e dos maiores poétas da *Escriptura Sancta*, passarei no seguinte discurso a analysar o livro de Job, que é o primeiro dos cinco poétas sobreditos na ordem chronológica. Por hoje aqui faço ponto.

The first part of the book is devoted to a general
 introduction of the subject, and to a description of
 the various methods which have been employed
 in the investigation of the nature of the
 human mind. The second part is devoted to a
 description of the various faculties of the
 human mind, and to a discussion of the
 principles which govern their operation. The
 third part is devoted to a description of the
 various passions and affections of the
 human mind, and to a discussion of the
 principles which govern their operation. The
 fourth part is devoted to a description of the
 various powers of the human mind, and to a
 discussion of the principles which govern
 their operation. The fifth part is devoted to a
 description of the various faculties of the
 human mind, and to a discussion of the
 principles which govern their operation. The
 sixth part is devoted to a description of the
 various passions and affections of the
 human mind, and to a discussion of the
 principles which govern their operation. The
 seventh part is devoted to a description of the
 various powers of the human mind, and to a
 discussion of the principles which govern
 their operation. The eighth part is devoted to a
 description of the various faculties of the
 human mind, and to a discussion of the
 principles which govern their operation. The
 ninth part is devoted to a description of the
 various passions and affections of the
 human mind, and to a discussion of the
 principles which govern their operation. The
 tenth part is devoted to a description of the
 various powers of the human mind, and to a
 discussion of the principles which govern
 their operation.

LICÇÃO II.

O *Livro de Job*, um dos da *Escriptura Sancta*, com que vou occupar-me hoje, passa pelo monumento poetico mais antigo de todos quantos possuímos, isto é, por um monumento cuja antiguidade é evidentemente anterior a de quaesquer outros do mesmo genero que nos possuem ministrar as letras profanas. Chamo-lhe monumento poetico, porque o mencionado livro é todo, ou quasi todo poesia, como o attesta não só o seu contexto, quer se attenda ao objecto, quer á forma, mas a opinião dos mais abalisados críticos, antigos e modernos, entre os quaes figura São Jeronimo, respeitavel padre da Igreja, que diz que o traduzio quasi todo em hexametros latinos livres, porque era poesia no original hebraico.

Não se sabe si Job é com effeito o auctor do livro em que figura, ou si sómente o principal personagem delle introduzido pelo verdadeiro auctor cujo nome

não chegou até nós, nem é possível hoje esclarecer semelhante dúvida envolta nas trevas da mais remota antiguidade. Seja porém Job ou outro o auctor do livro, que tem por titulo o seu nome, o que é evidente é que a scena não se passa na Judéa, mas na Arabia, ou na parte desta região que se chamava antigamente terra de Hus, ou Iduméa.

As imagens empregadas neste livro, diz o sabio critico Hugo Blair, são de natureza inteiramente diversa das imagens peculiares aos poetas hebrêos; não se depara n'elle allusão alguma aos grandes acontecimentos da história sagrada, ás ceremonias religiosas dos Judeos, ao Libano, ao Carmelo, nem as particularidades do clima da Judéa. Não se depara tão pouco comparação alguma tirada dos rios e torrentes, que são mui raros na Arabia; a que se nota mais frequentemente, refere-se a um accidente que se renova muitas vezes naquella região, o desespero de um viajante que, ardendo em sede, encontra um regato sem agua, a qual o excessivo calor fez seccar.

Entretanto a poesia do *Livro de Job* iguala e até excede a dos outros livros sanctos, si exceptuarmos a do *Livro de Isaias*. Uma imaginação ardente e descrições cheias de energia, e realçadas pelo mais vivo colorido, são os caractéres essenciaes que distinguem a *Job*, que se eleva de ordinario mais alto que David, que prima no pathetico e no gracioso, e menos que Isaias, cuja tendencia constante é para o sublime. Nenhum auctor emprega maior numero de metáphoras,

que Job, que em seu estylo eminentemente figurado não se contenta com descrever os objectos, mas põe-n^o-l^os, para bem dizer, diante dos olhos do entendimento. Tal é a fôrça e o colorido de suas concepções.

Disto podia citar-vos grande número de exemplos, abrindo em qualquer parte o seu livro, mas basta analysar duas passagens delle, uma tirada do capitulo III e outra do capitulo XX, para dar-vos idéa do vigor de engenho, e da belleza de estylo do auctor, que não tem rival nas pinturas entre os escriptores sagrados.

Antes porém de o fazer devo dizer-vos que Job, tal qual nos é representado na *Escriptura Sancta*, ou no livro que faz parte d'ella, era um homem justo, e summamente rico, que Deus quiz provar na adversidade, privando-o de tudo quanto possuia, e cobrindo-lhe o corpo das mais asquerosas chagas a ponto de sua propria mulher horrorisar-se do seu hálito, e repellit-o. Reduzido á mais extrema miseria, e objecto de asco para todos, nunca Job, posto que se julgasse innocente em sua consciencia, deixou de confessar o infinito poder e a bondade de Deus, que assim o feria, e a quem glorificava. Depois desta terrivel provação, de que sahio puro como o ouro que sahe do crisol, Deus restituiu o seu fiel servo não só ao seu antigo estado de saúde, mas cumulou-o de riquezas em dôbro, e concedêo-lhe uma longa e socegada vida. Job, si me é licita a comparação, é o varão justo de Horacio, a

quem as ruínas ferirão impavido, e não demovêrão de seu proposito de trilhar a senda da justiça e da vir-tude.

Eis a primeira passagem em que Job, assoberbado por toda a sorte de males, sem que o mereça, mal-diz o dia do seu nascimento, e a noite em que foi gerado.

«Pereat dies in qua natus sum, et nox in qua dictum est: conceptus est homo!

Dies ille vertatur in tenebras, non requiret eum Deus desuper, et non illustretur lumine.

Obscurent eum tenebrae, et umbra mortis, occupet eum caligo, et involvatur amaritudine.

Noctem illam tenebrosus turbo possideat, non computetur in diebus anni, nec numeretur in mensibus.

.....
 Obtenebrentur stellae caligine ejus: expectet lucem et non videat, nec ortum surgentis aurorae.

Quia non conclusit ostia ventris, qui portavit me, nec abstulit mala ab oculis meis.

Quare non in vulva mortuus sum, egressus ex utero non statim perii?

.....
 Quare misero data est lux, et vita his qui in amaritudine animae sunt?

Qui exspectant mortem, et non venit, quasi effodientes thesaurum?

Gaudentque vehementer cum invenerit sepulchrum?»

«Pereça o dia em que nasci, e a noite em que fui concebido.

Converta-se aquelle dia em trevas, não olhe Deus para elle do alto nem seja esclarecido pela luz.

Escureção-no as trevas, e a sombra da morte cerque-o uma negra escuridão, e seja envólto em amargura.

Um tenebroso redemoinho se aposse daquella noite; não se conte entre os dias do anno, nem se numere entre os mezes.

Entenebreção-se as estrellas com a escuridão d'ella; espere ella pela luz e não a veja; nem o despontar da aurora quando raia.

Porque não fechou as portas do ventre que me trouxe, nem apartou os males de meus olhos?

Porque não morri no ventre de minha mãe, porque não pereci logo que sahi delle?

Porque foi concedida a luz ao misero, e a vida aos que estão em amargura de espirito?

Aos que esperão pela morte, que não chega, como si cavassem procurando um thesouro?

E que ficão transportados de alegria, quando depa-
rão o sepulchro?»

Não era possível levar mais longe a vehemencia do espirito angustiado, nem a verdade da expressão que representa o pensamento, do que faz Job, quando, sepultado no abysmo de miserias que o assoberbão, deseja nunca ter nascido, nem pertencido á humanidade. A amargura de sua alma attribulada pelos mais cruéis

soffrimentos physicos e moraes transpira em cada linha, e em cada palavra desta passagem em que tudo é sombra de morte, como elle diz, e que alguns chamão ás imprecações de Job.

Mas no meio destas amargas queixas que lhe arrancão a dôr, a angustia e a miseria, não se descobre uma só palavra contra a omnipotencia de Deus, e sua divina justiça.

Nota-se ahi grande arrôjo de figuras nas expressões, *Não olhe Deus do alto para aquella d'ã. Entenebreção-se as estrellas com a escuridão daquella noite, Os que esperão pela morte que não chega, como se cavassem procurando um thesouro. Os que ficão transportados de alegria, quando encontrão o sepulchro,* e quasi todas as outras, de que se serve o poeta.

O sombrio terrífico desse quadro de desolação é pela fôrça das imagens que o revestem e lhe dão realce, levado ao maior gráo do pathetico, ou ao sublime; nem nunca homem algum exprimio com mais eloquencia a angustia e tribulação de espirito, do que o fez Job, mestre insigne na arte de pintar os sentimentos e objectos!

Eis agora a segunda passagem que contém a soberba descripção do impio:

«Hec scio a principio, ex quo positus est homo super terram, quod laus impiorum brevis sit, et gaudium hypocritae ad instar puncti.

Si ascenderit usque ad caelum superbia ejus, et caput ejus nubes tetigerit.

Quasi sterquilinium in fine perdetur: et qui eum viderant, dicent: ubi est?

Velut somnium avolans non invenietur, transiet, sicut visio nocturna.

Oculus, qui eum viderat, non videbit, neque ultra intuebitur eum locus suus.

.....
 Caput aspidum suget, et occidet eum lingua viperæ.

.....
 Cum satiatus fuerit, arctabitur, aestuabit, et omnis dolor irruet super eum.

.....
 Fugiet arma ferrea, et irruet in arcum aereum.

.....
 Omnes tenebrae absconditæ sunt in occultis ejus: devorabit eum ignis qui non succenditur, affligetur relictus in tabernaculo suo.

Revelabunt caeli iniquitatem ejus, et terra consurget adversus eum.»

«Isto sei desde o principio, desde que o homem foi posto sobre a terra, que é livre o louvor dos ímpios, e o prazer do hypocrita como de momento.

Si remontar até ao céu sua soberba, e sua cabeça tocar nas nuvens, perder-se-ha enfim qual monturo: e os que o virão, dirão:—Aonde está?

Qual sonho que vò não será mais achado, passará como visão nocturna.

O olho, que o vira, não mais o verá; nem mais avistar-
tará seu logar.

Sugará a cabeça de áspides e a lingua de vibora o
matará.

Depois que se tiver fartado anciará, abafará, e não
haverá dôr que não venha sobre elle.

Fugirá das armas de ferro, e cahirá no arco de
bronze.

Todas as trevas estão escondidas no interior de sua
alma: devora-o-ha fogo que não se accende, e affligir-
se-ha abandonado na sua tenda.

Os céos révelarão a iniquidade delle, e a terra con-
tra elle se levantará.»

Nesta soberba descripção tudo é grandioso, pitto-
resco, admiravel,—pensamento, expressão, imagens;
nem ha nada na poesia profana que lhe seja no seu
genero comparavel em belleza; antes quanto a tal res-
peito se encontra de melhor nos poétas christãos, é
della tirado, ou imitado com mais ou menos felici-
dade.

O auctor toca por vezes as ráias do sublime, em
cujas immediações constantemente páira: *E as que o
virão, dirão: Aonde está?* As comparações são curtas
como as de todos os escriptores sagrados, mas do
mais bello effeito para fazer realçar o quadro: *Qual*

sonho que vós não será mais achado, e passará como visão nocturna.

As imagens são as mais grandiosas, as figuras as mais arrojadas e expressivas: *Si remontar até ao céu sua soberba, e sua cabeça tocar nas nuvens, perder-se-ha por fim qual monturo. . . Todas as trevas estão escondidas no interior de sua alma, devorá-lo ha fogo que não se accende. . . Os céos revelarão a iniquidade delle, e a terra contra elle se levantará.*

Metáphoras, comparações, prosopopéas, imagens, que nos põe os objectos diante dos olhos, tudo n'uma palavra concorre admiravelmente para o cabal effeito desta pintura uma das mais magnificas e sublimes dentre todas que tem jámais sahido da penna do homem.

Nunca a poesia didatica e descriptiva subio tão alto, nem se exprimio com tanta eloquencia, como nos soberbos e inimitaveis quadros de Job, sem segundos no seu genero. Com razão pois é elle que se eleva á tamanha altura, e tão admiravelmente pinta, reputado por um dos maiores poétas da *Escriptura Sancta*, e um dos grandes modêlos da antiguidade. Ler em summa a *Job* é remontar com o espirito á Deus, e descer depois á maior profundidade das miserias humanas. O seu *Livro*, si é licito exprimir-me assim, é contínuo e sublime contraste do infinito poder de Deus, e microscópica pequenez do homem, que ousa ás vezes em sua estulticia revoltar-se contra o seu creador.

Tendo-vos dado idéa da belleza e sublimidade da

poesia de Job nas duas passagens do seu *Livro* que analysei, passarei no seguinte discurso a apreciar a poesia de David, ou do rei propheta, que não é menos digno, que o primeiro de ser proposto á mocidade com o modelo. Por hoje aqui faço ponto.

LICÇÃO III.

O *Livro dos Psalmos*, ou o *Psalterio de David*, com que me vou occupar hoje, é não só um dos mais notáveis da *Escriptura Sancta* pela belleza de sua poesia, a qual ninguem ousa pôr em dúvida que o seja, porque psalmo quer dizer canticó sagrado, mas um monumento poetico antiquissimo, pois é apenas posterior ao de Job, ou ao mais antigo de todos quantos possuímos em corpo de livro, sem fallar nos canticos esparsos na mesma *Escriptura*, como o de Moysés, e o de Deborah, que são anteriores.

David, auctor do livro, que me proponho apreciar, foi ao mesmo tempo poeta, propheta e rei. Como poeta e inspirado, cantava elle proprio muitos dos psalmos que compunha, sendo todavia a mór parte delles compostos para ser cantados alternadamente por dous côros pela maneira que referi no meu penultimo dis-

curso. Foi a principio pastor, o que não era deshonra entre os Israelitas, nação de pastores e agricultores, cujos costumes erão mui simples, como acontece entre todos os povos na aurora da civilisação.

Havendo-se distinguido em uma batalha, na qual matou com um tiro de funda a um philistêo de estatura agigantada por nome Goliath, e tendo-se feito notavel por seu talento para a musica e poesia, foi chamado para junto do rei Saúl, cujas perturbações de espirito acalmava com os doces acordes de sua harpa, e que captivó das bellas qualidades que o adornavão, lhe deo em casamento sua filha Michol. Sendo, depois da morte de Saúl, elevado ao throno por sua coragem, e sabedoria, foi o segundo rei dos Israelitas, no tempo em que as doze tribus de que se compunha o povo hebrêo, obedecião a um só rei, e o pae de Salomão, o rei mais sabio e poderoso que tiverão os mesmos Israelitas, os quaes depois da morte deste último rei, se dividirão entre si formando dous Estados, de um dos quaes foi capital Jerusalem, do outro Samaria, e elegendo dous reis, um chamado rei de Judá, e outro de Israel.

Os psalmos que contém o *Psalterio de David*, em número de 150, são hymnos e odes sacras que se revestem de todas as formas, e tomão todos os tons da poesia lyrica. Delles ha que são moraes, d'elles historicos, d'elles deprecatorios, d'elles festivaes, d'elles sublimes, segundo o requer o seu objecto, ou a occasião em que lorão compostos. Alguns sobre tudo são

admiráveis por sua belleza como o psalmo I, o—XVII, o—XVIII, o—XXII, o—LIII, e outros mais. A poesia do rei propheta ora se eleva ás maiores alturas; ora se mostra viva, alegre triumphante; ora magnifica e solemne; ora toda cheia de ternura e suavidade. Quando pinta a magestade e omnipotencia de Deus, nada ha que lhe seja comparavel em sublimidade; mas sobresahe tambem por vezes no sentimental e gracioso, apresentando-nos bellos quadros, em que domina o pathetico, o simples, o pastoril.

Não nos devemos admirar quando deparamos em David e nos outros poetas da *Escriptura Sancta* frequentes allusões á vida campesina, aos rebanhos, ás ferteis pastagens, ás placidas aguas, porque o povo hebrêo sem commercio com as outras nações de que vivia sequestrado por seus usos e costumes, e limitado somente á cultura da terra e criação dos rebanhos, nunca conhecêo as delicadezas e doçuras do luxo ainda nos tempos de sua maior prosperidade. As imagens de outro genero que nos mesmos se notão, e tanto nos impressionão pelo contraste do terrivel e do agradável, são de ordinario tiradas do aspecto e natureza do seu paiz sujeito por condições especiaes a grandes alterações physicas como tremores de terra, sêccas, etc.

Voltando porém aos canticos sagrados do *Psalterio*, direi que tão bellos são elles, não obstante alguma monotonia que possa resultar da pouca variedade do assumpto, que tem sido traduzidos em quasi todas

as linguas modernas, e com especialidade na italiana e na portugueza, das quaes em cada uma existem, não só uma, como diversas versões paraphrasticas dos mesmos. Já em occasião opportuna tive de emittir o meu juizo sobre a melhor versão portugueza dos psalmos, a do padre Antonio Pereira de Souza Caldas, por isso não voltarei a ella agora, quando só tenho em vista o exame do original.

Havendo-vos dado uma idéa geral e succinta do *Psalterio* e seu auctor, passarei agora a analysar-vos uma passagem do psalmo XVII, e outra do XXII, para que possaes ajuizar da belleza deste genero de composição, a que nenhuma outra se iguala na poesia profana antiga e moderna.

Eis a soberba passagem do psalmo XVII a que alludo:

.....
 «In tribulatione mea invocavi Dominum, et ad Deum meum clamavi:

Et exaudivit de templo sancto suo vocem meam: et clamor meus in conspectu ejus, introivit in aures ejus.

Commota est, et contremuit terra: fundamenta montium conturbata sunt et commota sunt, quoniam iratus est eis.

.....
 Inclinauit caelos, et descendit: et caligo sub pedibus ejus.

Et ascendit super Cherubim, et volavit: volavit super pennas ventorum.

Et posuit tenebras latibulum suum, in circuitu ejus tabernaculum ejus: tenebrosa aqua in nubibus aeris.

Prae fulgore in conspectu ejus nubes transierunt, grando, et carbones ignis.

Et intonuit de caelo Dominus, et Altissimus dedit vocem suam: grando et carbones ignis.

Et misit sagittas suas, et dissipavit eos: fulgura multiplicavit: et conturbavit eos.

Et apparuerunt fontes aquarum, et revelata sunt fundamenta orbis terrarum.»

.....
Eis a traducção:

Invoquei o Senhor na minha tribulação, e clamei ao meu Deus.

E elle ouviu de seu sancto templo minha voz, e levado á sua presença, chegou meu clamor até suas orelhas.

A terra se commovéo. e tremço: os fundamentos dos montes se perturbárão e abalárão, porque contra elles se irou.

.....
Inclinou os céos, e descéo; a escuridão estava de baixo de seus pés.

E subio sobre cherubins, e voou: voou sobre as azas dos ventos.

E escondéo-se em trevas, formando um como tabernaculo em tôrno delle a aqua tenebrosa encerrada nas nuvens do ar.

Com o fulgor de sua presença dissipárão-se as nuvens, e cahio chuva de carvões de fogo.

E o Senhor trovejou do céu e o Altíssimo fez ouvir a sua voz, e cahio chuva de carvões de fogo.

E disparou suas settas, e dissipou-os: multiplicou seus relampagos, e perturbou-os.

E apparecêrão as fontes das aguas, e descobrirão-se os fundamentos do orbe da terra.»

Toda esta passagem em que o propheta rei nos descreve a tremenda magestade do omnipotente, é magnifica, e de uma elevação sem igual nos poetas profanos. Nada por exemplo mais sublime no conceito e na expressão, do que o *E escondéo-se em trevas, formando um como tabernaculo em tôrno d'elle a agua tenebrosa encerrada nas nuvens do ar. . . E o Senhor trovejou do céu, e o Altíssimo fez ouvir sua voz, e cahio chuva de carvões de fogo, E disparou suas settas, e dissipou-os, multiplicou seus relampagos, e perturbou-os, E apparecêrão as fontes das aguas, e descobrirão-se os fundamentos do orbe da terra. . .* Já antes o poeta havia dito com não menos sublimidade: *Inclinou os Céos, e descêo, a escuridão estava debaixo de seus pes, e subio sobre Cherubins, e voou, voou sobre as azas dos ventos.*

Querem alguns criticos que as imagens grandiosas que ficão especificadas como est'outra da mesma passagem, *A terra se commoveo, e treméo, os fundamentos dos montes se perturbârão e abalârão. porque contra elles se irou,* sejam uma imitação da descida de Deus sobre o montz Sinai, narrada por Moysés; mas é mais provavel, como bem pondera o sabio Blair, que fossem an-

tes tiradas dos tremores de terra, sêccas, chuvas repentinas, e tempestades, que o poeta observou com os seus olhos na Judéa, a qual disso lhe dava constante testemunho. Demais, uma simples imitação que sempre deixa transparecer algum canto do original, e torna-se por conseguinte fria, não teria poder de reproduzir em nós uma impressão tão viva, como as proprias imagens tiradas dos phenomenos da natureza, que commovêrão o poeta, ou em que elle bebêo a inspiração: *Si vis me flere, dolendum est ipsi tibi.*

Seja como fôr, o que é certo è que nada è mais grandioso e sublime do que esta passagem, quer se attenda ao elevado do conceito, e magestoso das idéas, quer ao arrojado das figuras. E tanto mais sobresahe ella em sublimidade, quanto mais concisa è a expressão do poeta, que conserva ao pensamento toda a sua energia sem enfraquecê-lo. Esta brevidade succulenta que tanta força imprime ao discurso, è um dos principaes caractêres do sublime, como já tive occasião de notar, e a ella sem dúvida devem em grande parte os poetas hebrêos a sublimidade que se nota em algumas de suas composições, como se observa n'este logar, no psalmo XVIII, que começa, *Caeli enarrant gloriam Dei, Os Céos resôão do Senhor a gloria*, em diversos logares de Job, e sobretudo em Isaias.

Eis aqui a passagem do psalmo XXII, notavel por sua graciosa simplicidade:

«Dominus regit me, et nihil mihi deerit: in loco pascuae ibi me collocavit.

Super aquam refectionis educavit me: animam meam convertit.

Deduxit me super semitas justitiae, propter nomen suum.

Nam, et si ambulavero in medio umbrae mortis, non timebo mala: quoniam tu mecum es.

.....
Parasti in conspectu meo mensam: adversus eos, qui tribulant me.

Impinguasti in oleo caput meum: et calix meus inebrians quam praeclarus est!»

.....
Eis a traducção:

«O Senhor me dirige e nada me ha de faltar: no centro de viçosas pastagens hi collocou-me.

Junto de aguas vivificantes educou-me: a minha alma convertêo.

Conduzio-me pelas veredas da justiça, para gloria de seu nome.

Pois, ainda quando eu ande no meio da sombra da morte, não temerei mal algum, porque tu estás comigo.

.....
Tu preparaste a meza diante de mim, contra aquelles que me atribulão.

Tu ungeste de oleo minha cabeça, que admiravel é o calix meu inebriante!»

.....
Quanto tem de sublime a primeira passagem, em

que o poeta nos descreve a tremenda magestade de Deus, tem de graciosa esta segunda, em que nos pinta a sua felicidade, real ou ficticia, da vida do pastor, collocado em meio de viçosas pastagens e de abundancia de aguas refrigerantes, que as fertilisão: *O Senhor me dirige, e nada me ha de faltar. No centro de viçosas pastagens hi collocou-me, junto de aguas vivificantes educou-me, A minha alma convertéo,* etc. É de notar que o conciso da expressão poetica, que contrasta com a abundancia da natureza na descripção deste quadro pastoril, é parte para que lhe achemos uma graça especial que orça pela poividade, quando o comparamos com outras descripções do mesmo genero.

Para dar-vos idéa de toda a ingenua belleza desta singular passagem, reproduzirei as duas primeiras estancias da primorosa paraphrase, que della fez o padre Souza Caldas:

Eil-a:

«O meu Deus é minha gloria,
 Tenho tudo de abundancia;
 A mais suave fragrancia,
 Verde e fresca amenidade,
 É dos prados companhia,
 Onde assentou minha herdade;
 Com perenne fonte a rega,
 Me conforta e me socéga.

Destas aguas a virtude

Meu espirito illustrando,
 Sempre fui meus pès firmando
 Da justiça pela estrada:
 Em vão assaltar-me estude
 Tenebrosa morte irada;
 Sem temor, ó Deus, a vejo,
 Pois ao lado teu forcejo.»

Assim, como o que constitue a essencia do quadro, é por sua natureza bello e delectavel, quer seja elle representado com os simples traços característicos do auctor que apenas o bosqueja, quer com as côres finas do paraphrasta que o ornamenta, fica sempre bello e delectavel. A paraphrase com seu primor de estylo só serve neste caso para confirmar-nos na idéa vantajosa, que formamos da belleza do original.

Nada direi sobre o sentido evidentemente figurado, ou mystico deste psalmo, que alguns querem, não sei com que fundamento, que fosse composto por David no deserto de Zif no tempo em que passou por grandes tribulações, porque limito-me a apreciar-o tão somente como composição poetica sem entrar na decifração do seu espirito, alheia do meu proposito.

Tendo-vos dado sufficiente idéa da belleza da poesia do rei propheta pela analyse de duas admiraveis passagens do seu *Psalterio*, uma no genero elevado e sublime, outra no gracioso e pastoril, passarei no seguinte discurso a analysar o poeta Salomão no seu livro o *Cantico dos Canticos*. Por hoje aqui faço ponto.

LICÇÃO IV.

Seguindo a ordem chronologica, devo, Senhores, occupar-me primeiro com Salomão, um dos vultos mais notaveis da *Escriptura Sancta*, para depois então tratar do propheta Isaias, o poeta mais sublime dos Hebrêos.

Poeta e rei como seu pae, Salomão, filho de David, foi auctor do *Livro dos Proverbios*, ou das *Parábolas*, como lhe chamão os Hebrêos, do *Ecclesiastes* e do *Cantico dos Canticos*. Alguns attribuem-lhe tambem o *Livro da Sapiencia*; mas S. Jeronymo que fez um estudo profundo da *Biblia*, e della nos deo uma edição correcta, notando a differença dos estylos, é de opinião que este livro que já sabe á eloquencia grega, e muito mais moderno, e escripto pelo judeo Philton, segundo dizem alguns dos antigos escriptores.

Como poeta é Salomão um dos poetas didacticos

mais eminentes da *Escriptura Sancta* nas duas primeiras obras citadas, quer se attenda ao conceito, quer ao estylo; e no gracioso genero postoril o *Cautico dos Canticos*, que me proponho apreciar hoje, o colloca sem contradicção acima de todos os outros poétas biblicos.

Como rei foi Salomão o terceiro e último rei dos Israelitas reunidos em um só corpo de nação, e o mais poderoso e sabio que jamais tiveram estes povos. Construiu o primeiro magnifico templo de Jerusalem, e soberbos palacios para si, e para sua mulher, a filha de Pharaó. Exercêo grande influencia sobre os povos circumvisinhos, que todos respeitavão o seu poder. Mandou frotas a Ophir que se suppõe ser Sophala na costa oriental da Africa, buscar ouro com que adornou o templo e os seus palacios, que passavão então por verdadeiras maravilhas. Para isto era necessario possuir um porto no Mar Vermelho até onde se estendião os seus dominios; e tal era o porto de Asiongaber na Idumêa ou Arabia, de que falla o 3.º *Livro dos Reis*. No côrte dos cedros do Libano para a construcção do templo e mais edificios publicos, foi coadjuvado por Hirão, rei de Tyro seu amigo e aliado, a quem gratificou magnificamente, fundando-lhe cidades na Syria. Suppõe-se que Tadmur, ou Palmyra, a rainha do deserto, foi fundada por Salomão.

A sabedoria deste rei sem segundo naquelles tempos era tal, que passava em proverbio, e o circumdava

de universal respeito entre os seus e os estranhos. Movidô do que a fama apregoava da grandeza de seu nome a rainha de Sabá na Arabia, veio a Jerusalem com grande pompa visitar e consultar a Salomão e achou que a realidade era ainda maior, que a fama.)

Mas este rei tão sabio, que era como um oráculo para os povos do Oriente, deixou-se corromper na sua velhice tomando grande número de mulheres estrangeiras, e erigindo templos aos idolos destas, em menos preço do Deus de Israel, que o castigou em sua posteridade dividindo-lhe o reino desde o reinado de seu filho Roboão. Tal é a fragilidade humana!

O *Cantico dos Canticos*, a que se attribue geralmente o sentido místico do incompreensivel amor de Christo para com sua Igreja, e desta para Christo, mas cuja belleza poetica tenho de apreciar unicamente, é uma composição no genero pastoril sem rival na graça e magnificencia em outra alguma poesia do mesmo genero, antiga ou moderna.

«*O sonho de Salomão*, diz o sabio critico Hugo Blair, pode ser considerado como um bellissimo pedaço de poesia pastoril. Sob a relação do sentido espirital, é indubitavelmente uma allegoria mística; mas na forma não é senão uma pastoral dramatica e um dialogo entre personagens de um character analogo ao dos pastores. Assim é elle desde principio a fim cheio de imagens tiradas dos objectos da natureza, e da vida campesina.»

Passarei agora a ler-vos uma passagem do capitulo

Il e outra do capitulo VI desta admiravel poesia, para que façaes idéa de sua singular belleza.

Eis a primeira passagem:

«Ego flos campi, et lilium convallium.

Sicut filium inter spinas, sic amica mea inter filias.

Sicut malus inter ligna silvarum, sic dilectus meus inter filios.

Sub umbra illius, quem desideraveram, sedi: et fructus ejus dulcis gutturi meo

Introduxit me in cellam vinariam, ordinavit in me charitatem.

Fulcite me floribus, stipate me malis: quia amore langueo.

Laeva ejus sub capite meo, et dextera illius amplexabitur me.

Adjuro vos filiae Jerusalem, per capreas cervosque camporum, ne suscitatis, neque evigilare faciatis dilectam, quoadusque ipsa velit.

Vox dilecti mei, ecce iste venit saliens in montibus, transiliens colles:

Similes est dilectus meus caprae, hinnuloque cervorum; en ipse stat post parietem nostrum respiciens per fenestras prospiciens per cancellos.

En dilectus meus loquitur mihi: Surge, propera amica mea, columba mea, formosa mea, et veni.

Jam enim hiems transit, imber abiit, et recessit.

Florus apparuerunt in terra nostra: tempus putationis advēnit: vox turturis audita est in terra nostra.»

.....

Eis a traducção:

«Eu sou a flor do campo, e o lyrio dos valles.

Qual lyrio entre espinhos, assim é minha amiga entre as filhas.

Qual maceira entre os lenhos dos bosques, assim é meu amado entre os filhos.

Sentei-me á sombra daquelle, a quem desejava: e o seu fructo é suave a minha garganta.

Introduzio-me na adega de seu vinho; ordenou em minha caridade.

Sustende-me com boninas, cercai-me de pomos porque desfalleço de amor.

Sua mão esquerda está debaixo de minha cabeça, e sua mão direita me ha de abraçar.

Filhas de Jerusalem, pelos serris capreolos corços montesinhos vos conjuro, oh não desperteis, nem façaes velar a minha amada, até que ella mesma o queira fazer.

Aquella é a voz do meu amado, eil-o ali vem saltando pelos montes, e atravessando os outeiros.

Meu amado é semelhante á cabra montez e ao corcosinho.

Eil-o por detraz de nossa parede, olhando pelas janellas, espreitando atravez das gelozias.

Eis ali meu amado que me diz: Ergue-te, apressa-te, amiga minha, pomba minha, formosa minha, e vem.

Já passou o inverno, cessarão as chuvas, e fôrão-se.

Apparecerão as flôres em nossa terra, chegou o tempo da póda: ouviu-se em nossa terra a voz da rôla.»

.....

Tão natural, graciosa, e animada é esta admirável poesia, rica de imagens as mais amenas e pittorescas, de comparações as mais delicadas e magnificas, de expressões as mais vivas, ou apaixonadas, que nenhuma outra se lhe assemelha em belleza, novidade e suavidade de perfume, se assim me posso exprimir. O colorido é todo a grandes traços, como o dos outros poetas hebrêos, mas dos mais subidos quilates. Vêde como são graciosas, vivas, expressivas, e pittorescas as seguintes imagens; «Sou a flôr do campo, e o lyrio dos valles» — «Sob a sombra d'aquelle á quem desejava; me sentei, e o seu fructo é suave á minha garganta» — «Sustende-me com boninas, cercai-me de pomos; porque desfallêço de amor» — «Aquella é a voz do meu amado, eil o que vem saltando pelos montes, e atravessando os outeiros» Como são delicadas, aprisiveis, novas e soberbas as seguintes comparações: «Qual lyrio entre espinhos, tal é a minha amiga entre as filhas.» «Qual maceira entre os bosques, tal é meu amado entre os filhos.» «O meu amado é semelhante á cabra montez e ao corçosinho.» Como é apaixonada e terna a linguagem do seguinte bellissimo trecho: «Filhas de Jerusalem, pelos serris capréolos e corços campesinhos vos conjuro, oh não desperteis, nem façaes velar a minha amada até que ella mesma o queira fazer.»

Tal é a belleza desta singular poesia que nos sorpreheude, enleva e arrebatada a cada linha, ainda independente do sentido místico que se lhe attribue, e que aliás em nada altera a sua graça natural. Abrir o *Cantico dos Canticos* em qualquer parte é admirar o pittoresco, o magnífico, o bello, e não poucas vezes, o delicado, o terno!

Eis a segunda passagem:

«Dilectus meus descendit in hortum suum ad areolam aromatum, ut pascatur in hortis, et lilia colligat.

Ego dilecto meo, et dilectus meus mihi, qui pascitur inter lilia.

Pulchra es, amica mea, suavis, et decora sicut Jerusalem: terribilis ut castrorum acies ordinata.

Averte oculos tuos a me, quia ipsi me avolare fecerunt: capilli tui sicut grex caprarum, quae apparuerunt de Galaad.

Dentes tui sicut grex ovium, quae ascenderunt de lavacro, omnes gemellis foetibus, et sterilis non est in eis.

Sicut cortex mali punici, sic genae tuae absque occultis tuis.

.....
 Quae est ista, quae progreditur quasi aurora consurgens, pulchra ut luna, electa ut sol, terribilis ut castrorum acies ordinata?»

Eis a traducção:

«Meu amado descêo ao seu jardim ao canteiro das boninas, para apascentar-se entre aromas e colher lírios.

Eu sou para meu amado, o meu amado é para mim; elle é tal que se apascenta entre os lirios.

És formosa, amiga minha, suave e engraçada como Jerusalem; terrível como um exercito em ordem de batalha.

Aparta de mim teus olhos, que me fizerão voar. Teus cabellos são como um rebanho de cabras que apparecêrão de Galaad.

Teus dentes são como um rebanho de ovelhas, que subirão do lavatorio, todas com dous cordeirinhos gemeos e não ha nenhuma esteril entre ellas.

Assim como a casca da romã, assim são tuas faces, sem fallar no que se occulta em ti.

.....
 Quem é esta, que vae caminhando qual aurora quando nasce, bella como a lua, escolhida como o sol, terrível como um exercito ordenado em batalha?»

Nesta segunda passagem brilhão as imagens risonhas e pittorescas, como na primeira, mas dominão em maior escalla, as comparações aprasiveis, magnificas e cheias de novidade, tiradas da vida campesina e dos objectos da natureza. Vêde que graça, novidade e riqueza se nota nas seguintes comparações: «Eu sou para meu amado, e meu amado é para mim; elle é tal que se apascenta entre lirios.» «És formosa, amiga minha, suave e engraçada como Jerusalem: terrível como um exercito ordenado em batalha.» «Teus cabellos são bellos como um rebanho de cabras, que apparecêrão

de Galaad.» «Teus dentes como um rebanho de ovelhas, que subirão do lavatorio, todas com dous cordeirinhos gemeos, e não ha nenhuma esteril entre ellas» — «Quem é esta que vai caminhando, qual aurora quando nasce, bella como a lua, escolhida como o sol? etc.» É de notar que a belleza destas comparações está não só na sua natureza e objecto, mas em grande parte na sua brevidade; pois se exceptuarmos duas mais desenvolvidas, todas as outras são brevissimas. A concisão é uma das primeiras virtudes dos poetas hebrêos, que chegam por ella não poucas vezes á sublimidade.

Em nenhuma outra composição se pode apreciar melhor a belleza da poesia do Oriente, do que no *Cantico dos Canticos*, onde a pompa das figuras brilha a cada passo a par do natural e do simples, apresentando bellissimos contrastes. Esta admiravel poesia, não obstante a riqueza da expressão, tem o merito singular de ser de todos comprehendida, porque as imagens com que é enriquecida, são todas tiradas da natureza ou de objectos conhecidos pelo sabio e pelo ignorante. A sua linguagem apaixonada e concisa commove todos os corações, porque é intelligivel para o commum dos homens, como a expressão do mais terno e verdadeiro affecto. *O Cantico dos Canticos* é, em nossa opinião, o beijo e o primor de toda a poesia antiga em graça e belleza, porque nenhuma outra poesia pastoril a sobreleva no pittoresco. A belleza artificial da poesia moderna do mesmo ge-

nero nada tem que ver com a belleza natural e grandiosa desta poesia primitiva, tão bella como a propria natureza Oriental, que lhe dêo origem. Com razão pois se lhe dêo um nome que o distingue de todos os outros canticos.

Tendo analysado a mais sublime composição de Salomão, passarei em outro discurso a apreciar o propheta Isaias, rei de todos os poetas hebrêos em sublimidade. Por hoje aqui faço ponto.

LICÇÃO V.

O propheta Isaias, que vou hoje apreciar na qualidade de poëta, foi, Senhores, filho de Amos, e prophetizou nos dias de Osias, Joathan, Achaz, e Ezechiás, reis de Judá, cujos reinados atravessou, cumprindo sempre a sua missão sagrada.

O propheta ou vidente entre os antigos Hebréos era um homem sancto, de vida austera, penitente e retirado, o qual apparecia nas occasiões sollemnes, para annunciar algum grande acontecimento em nome de Deus, e predizer castigos e desgraças aos reis e aos povos, quando estes se apartavam da lei do Senhor, rendião culto a ídolos vãos, e caminhavam pelas vias da iniquidade. A sua pessoa era inviolavel e sagrada; e, apesar da isenção e desabrimento com que fallavam aos reis, não ha exemplo de que fosse em alguns d'elles violada esta immunnidade, que lhes era garantida

pela missão, que exercião como enviados do Altíssimo, e que os cercava de um prestígio ainda maior, que o dos proprios reis.

O propheta ou vidente tinha de ordinario nas suas orações e êxtasis, visão anticipada do que devia annunciar e predizer; muitas vezes era doloroso ao seu coração o fazel-o, quando se tratava de alguma grande calamidade que ameaçava o povo hebrêo; mas impellido por força sobrehumana, punha por fim de parte a sua hesitação e repugnancia, e vinha como verdadeiro inspirado cumprir a sua terrivel e dilaceradora missão. Occasiões havia tão solemnes, que as suas palavras produzião sobre os reis e os povos o mesmo effeito do raio. Tal era a inspiração divina, que o animava, e fallava por sua bôca!

Isaias, o mais notavel de todos os prophetas hebrêos pela força irresistivel de sua eloquencia, pñdisse nos termos os mais claros a vinda do Messias sob o nome de Emmanuel, a vinda do precursor S. João Baptista, o captiveiro do povo hebrêo e o seu restabelecimento em Jerusalem, a ruína de Babylonia, a ruína de Tyro, a quêda do poder dos Assyrios, e a do poder dos Egyptios, e outros grandes acontecimentos, os quaes todos se verificárão. Mas a sua prophecia mais terrivel, e pela ventura a mais bella, é a do juizo final.

É porém unicamente como poéta que tenho de apreciar o propheta Isaias; e como tal é elle sem contradicção o mais sublime de todos os poétas da *Escreptura Sancia*, sobresahindo nesta qualidade a David, e

ao proprio Job, os quaes não teem de ordinario vôos tão altos e prolongados como os seus. Salomão e Jeremias, que são outros dous poetas notaveis, ainda menos podem hombrrear com elle em sublimidade.

O sabio critico Hugo Blair, tratando em geral dos poetas hebrêos e de Isaias em particular, assim se exprime:

«A figura poetica que mais contribue para tornar o estylo da Escriptura Sancta elevado, arrojado e sublime, é a prosopopéa ou personificação. Os escriptores sagrados desenvolvem nas suas prosopopéas uma grandeza e magnificencia, das quaes os outros poetas nunca se aproximárão. No livro de Isaias, a sublime descripção da quêda do rei da Assyria encerra as mais bellas prosopopéas:—*As faias e os cedros do Libano exultão de alegria; o inferno envia mortos ao seu encontro; os reis da terra sahem de suas sepulturas, e levantão suas vozes para celebrar este grande acontecimento.*»

«Isaias (continúa o mesmo auctor) é incontestavelmente o poeta o mais sublime... Seu caracter dominante é uma magestade mais pomposa e mais constantemente sustentada, que as das outras partes do Antigo Testamento. Suas concepções, como suas expressões, tem uma grandeza e dignidade, que lhe erão particulares, e com as quaes nada pode entrar em parallêlo. Seu livro tem mais clarezza e methodo na distribuição das materias, que o de nenhum outro propheta.»

Tendo-vos dado uma idéa geral do propheta Isaias considerado como poéta, passarei a reproduzir-vos o principio e o fim de sua bella descripção do juizo final, para que ajuizeis vós mesmos de sua incontestavel sublimidade no pensamento e magestade na expressão.

Eis os logares a que alludo:

PRIMEIRA PARTE.

«*Ecce Dominus dissipabit terram et mudabit eam, et affliget faciem ejus, et disperget habitatores ejus.*

Et erit sicut populus, sic sacerdos: et sicut servus, sic dominus ejus: sicut ancilla, sic domina ejus: sicut emens, sic ille qui vendit: sicut foenerator, sic is qui mutuum accipit: sicut qui repetit, sic qui debet.

Dissipatione dissipabitur terra, et direptione praedabitur: Dominus enim locutus est verbum hoc.

Luxit, et defluxit terra, et infirmata est: defluxit orbis, infirmata est altitudo populi terrae.

Et terra infecta est ab habitatoribus suis: quia transgressi sunt leges, mutaverunt jus, dissipaveront foedus sempiternum.

Propter hoc maledictio vorabit terram, et peccabunt habitatores ejus: ideoque insanient cultores ejus, et relinquentur homines pauci.»

.....

ULTIMA PARTE.

«*A finibus terrae laudes audivimus, gloriam justi.*

Et dixi: Secretum meum mihi, secretum meum mihi, vae mihi: praevaricantes praevaricati sunt, et praevaricatione transgressorum praevaricati sunt.

Formido, et fovea, et laqueus super te, qui habitator es terrae.

.....
 Confractioe confringetur terra, contritione conteretur terra, commotione commovebitur terra.

Agitatione agitabitur terra sicut ebrius, et auferetur quasi tabernaculum unius noctis: et gravabit eam iniquitas sua, et corruet, et non adjiciet ut resurgat.

Et erit: in die illa visitabit Dominus super militiam caeli in excelso; et super reges terrae, qui sunt super terram.

Et congregabuntur in congregatione unius fascis in lacum, et claudentur ibi in carcere: et post multos dies visitabuntur.

Et erubescet luna, et confundetur sol, cum regnaverit Dominus exercituum in monte Sion, et in Jerusalem, et in conspectu senum suorum fuerit glorificatus.»

Eis a traducção:

PRIMEIRA PARTE.

«Eis ali dissipará o Senhor a terra e deixará nua, e affligirá a sua face, e dispersará seus habitadores.

E, assim como fôr o povo, assim será o sacerdote: e como o servo, assim seu senhor: como a creada, as-

sim sua senhõra: como o que compra, assim aquelle que vende: como o que dá a juro, assim o que toma emprestado: como o que exige a dívida, assim o devedor.

Com tal estrago será a terra desolada, e pela rapina saqueada: pois o Senhor proferio esta palavra.

Chorou, e descahio a terra, e desfallecêo: descahio o orbe, e desfallecêo a altura do povo da terra.

E foi a terra infeccionada pelos seus habitadores: porque transgredirão as leis, mudarão o direito, romperão a alliança sempiterna.

Por esta causa a maldição devorará a terra, e pecarão os habitadores della: e por isso infatuar-se-hão seus cultores, e serão deixados poucos homens.»

.....

ULTIMA PARTE.

«Desde as extremidades da terra ouvimos os louvores, a gloria do justo. E eu disse: o meu segredo para mim, o meu segredo para mim, ai de mim: os prevaricadores teem prevaricado, e com prevaricação de transgressores prevaricarão.

Para ti que és habitador da terra, está aparelhado o susto, a cova, e o laço.

.....

Com a rotura de suas partes será a terra espedaçada, com o choque dellas será a terra esmigalhada, com o seu abalo será a terra desconjuntada.

Pelo balanço será a terra agitada como o embriagação, e arrebatada como a tenda de uma noite: e carregará sobre ella sua iniquidade, e cahirá, e não tornará a levantar-se.

E acontecerá: que n'aquelle dia fará o Senhor visita sobre a milicia do céu lá nas alturas, e sobre os reis da terra, que estão sobre a terra.

E serão atados juntos n'um feixe, e lançados n'um lago, e ficarão alli encerrados em carcere: e depois de muitos dias serão visitados.

E a lua se envergonhará, e confundir-se-ha o sol, quando reinar o Senhor dos exercitos no monte Sion, e em Jerusalem, e fôr glorificado na presença de seus anciãos.»

No começo desta terrivel e bella descripção o poeta pinta com imagens apropriadas a desolação da terra nas proximidades do dia do final juizo. Todas as distincções de classes teem de desaparecer com o terror universal, que se hade apoderar dos homens á vista do transtórno da natureza, que os fará esquecer de suas quotidianas velleidades. «Assim como fôr o povo, assim será o sacerdote: assim como o servo, assim seu senhor: assim como a creada, assim sua senhóra: assim como o que compra, assim aquelle que vende: assim como o que dá a juro, assim o que toma emprestado: assim como o que exige a dívida, assim o devedor. Estas abreviadas e energicas comparações encerrão uma grande verdade, expressa pelo poeta, porque os homens nunca se lembrão de

que são iguaes, senão diante da idéa da morte, que os nivela a todos. As prosopopéas as mais arrojadas se notão logo neste soberbo comêço: «Chorou e descahiu a terra, e desfallecêo: descahiu o orbe, e desfallecêo a altura do povo da terra.» Mas é para o final da descripção que o poeta guarda toda a sua força e energia.

Nunca a prosopopéa foi tão bella em outro algum poeta como em Isaias, que a refôrça com comparações apropriadas, como se observa no seguinte admiravel trecho: «Pelo balanço será a terra agitada como o embriagado, e arrebatada como a tenda de uma noite: e carregará sobre ella sua iniquidade, e cahirá, e não tornará a levantar-se.» Si puzermos de parte a figura, para attender unicamente ao conceito, *a terra cambaleando como o embriagado, e arrebatada como a tenda de uma noite*, são vãos tão arrojados que toçao o sublime, ou antes o sublime está aqui, para bem dizer, tanto no pensamento, como na expressão, por que tudo conspira para que elle se dê.

Não são menos bellas as seguintes prosopopéas com que o poeta termina a sua soberba descripção: «E a lua envergonhar-se-ha, e confundir-se-ha o sol, quando reinar o Senhor dos exercitos no monte Sion, e em Jerusalem, e fôr glorificado na presença de seus anciãos». Aqui tambem seus vãos elevão-se tão alto que o sublime resulta tanto do conceito, como da expressão, porque uma corresponde ao outro.

Mas Isaias não é só admiravel nas prosopopéas, é o

tambem nas imagens, que emprega, cheias da mais terrivel e magestosa grandeza: «Com a rotura de suas partes será a terra feita em pedaços, com o choque dellas será a terra esmigalhada, com o seu abalo será a terra desconjuntada.» E mais adiante: «E acontecerá, que n'aquelle dia fará o Senhor visita sobre a milicia do céu lá nas alturas, sobre os reis da terra, que estão sobre a terra.» Tudo nestes trechos é grandioso, terrivel, e sublime como o seu objecto: e é de notar que o sublime está tanto no conceito e expressão, como no mesmo objecto, que no primeiro caso é a destruição da terra, e no segundo, Deus, visitando a celeste milicia, e carregando sua mão sobre os reis da terra, que constituem sempre o ponto culminante a que mira o poeta.

Invenção, distribuição, enthusiasmo, vigor, e elevação de pensamento, e energia, magestade, e sublimidade de expressão, arrôjo, e felicidade de figuras, pompa, pintura de imagens, belleza, propriedade, e novidade de comparações, tudo se encontra em supremo grão neste grandiloquo poeta, que é com razão reputado pelo mais eminente de todos os da *Escriptura Sancta*, porque nenhum dos outros poetas della pode emparelhar com elle em taes qualidades tão constantemente sustentadas.

Tendo apreciado o mais sublime dos poetas hebreos, passarei no seguinte discurso a analysar as lamentações de Jeremias. Por hoje aqui faço ponto,

The first part of the book is devoted to a general
 introduction of the subject, and to a description of
 the various methods which have been employed
 for the purpose of determining the true
 nature of the matter in question. It is
 shown that the most accurate results are
 obtained when the experiment is conducted
 in a vacuum, and that the results are
 independent of the nature of the medium
 in which the experiment is conducted. It
 is also shown that the results are
 independent of the direction of the
 motion of the medium, and that the
 results are independent of the velocity
 of the motion of the medium. It is
 further shown that the results are
 independent of the frequency of the
 motion of the medium, and that the
 results are independent of the amplitude
 of the motion of the medium. It is
 finally shown that the results are
 independent of the nature of the
 motion of the medium, and that the
 results are independent of the direction
 of the motion of the medium. It is
 also shown that the results are
 independent of the velocity of the
 motion of the medium, and that the
 results are independent of the frequency
 of the motion of the medium, and that
 the results are independent of the
 amplitude of the motion of the medium.

LICÇÃO VI.

Tenho, Senhores, de apreciar hoje ao propheta Jeremias em sua qualidade de poëta biblico, e poëta dos mais subidos quilates no genero elegiaco, como o attestão as suas tão bellas e conhecidas lamentações, que ouvimos cantar na semana sancta.

Foi este propheta filho de Helcias da classe dos sacerdotes, e vivêo nos dias de Josías, Joachim, e Sedecias, reis de Judá. Começou a prophetisar mui joven no decimo terceiro anno do reinado de Josias; e como se escusasse com a sua tenra mocidade, o Senhor que o predestinára para propheta desde o ventre de sua mãe, como elle proprio nos diz no livro de suas prophcias, lhe tocou a bôca, e communicou-lhe sua divina palavra, para ser transmittida aos reis de Judá, e ao povo hebrêo.

Teve uma vida mui atribulada no tempo do mão rei

Joachim que o perseguio, armando-lhe ciladas; mas como verdadeiro inspirado, e enviado do Altissimo, cumprio a sua arriscada missão, predizendo entre outros grandes acontecimentos a tomada e destruição de Jerusalem, a dispersão e transmigração do povo hebrêo para a Chaldéa em castigo de sua idolatria, e a volta e o restabelecimento deste ~~30~~ ³⁰ eabo de 70 annos de captiveiro em paiz estrangeiro. A história confirmou todas as suas prôphécias; porque Nabucodonosor, rei de Babylonia, veio com grande exercito atacar Jerusalem, rendêo-a depois de dous annos de sitio, destruiu o templo contruido por Salomão, saqueou-lhe as preciosidades, transplantou para a Chaldéa o melhor do povo hebrêo, e levou prisioneiro ao rei Joachim a quem mandou furar os olhos: depois dos 70 annos de captiveiro, os hebrêos que estavam na Chaldéa, voltãrão com Esdras para Jerusalem, e o templo foi reedificado.

Como poeta chorou Jeremias nas mais sentidas endêchas em Jerusalem deserta a dispersão e calamidade do povo hebrêo, a destruição do templo e profanação dos objectos sagrados, a desolação e viuvez da princeza das cidades, outr'ora tão populosa, e então coberta de esqualôr e lucto. O sentimento da dôr expresso por tamanho abandono e tão completa solidão o eleva no pathetico á cathegoria dos mais eminentes poétas da *Escriptura Sancta*; pois o merito artistico é em grande parte relativo á natureza dos productos do engenho.

As lamentações deste poeta, que tomo para objecto de minha analyse no presente discurso, são no genero elegiaco a mais sublime composição que tem desde os tempos mais remotos atravessado até nós; porquanto nada do mesmo genero ha na poesia profana antiga e moderna, que lhe seja comparavel. Quem ao ouvir nos nossos templos os échos de tão dilaceradôras endêchas não se sente ainda hoje dolorosamente impressionado e commovido por ellas? Para que uma tal poesia produza em nós semelhante impressão depois de uma tão longa série de seculos, que lhe tem passado por cima, é necessario que contenha em si grande belleza.

O distincto litterato e critico Hugo Blair, fallando das lamentações de Jeremias, exprime-se nos seguintes termos:

«O pedaço de poesia elegiaca mais regular e perfeito, que se depara na Escripura Sancta, e talvez em obra alguma poetica, é o livro intitulado *Lamentações de Jeremias*. Como neste livro o propheta chora sobre a destruição do templo e da cidade sancta, e sobre a quêda do imperio, n'elle reunio todas as imagens despedaçadôras, que podia inspirar um assumpto tão triste. A sua composição é toda cheia de arte. O propheta e a cidade de Jerusalem fazem ouvir successivamente os accentos de sua dôr, e por fim todo o povo em côro dirige ao Omnipotente as preces mais fervorosas, as supplicas mais pungentes. Os versos no original, vê-se bem pela traducção, são mais longos, que os dos outros poétas hebrêos; o que torna a sua

melodia mais suave e adaptada ao sentimento do genero elegiaco.»

Tendo-vos dado sufficiente idéa das bellezas das *Lamentações de Jeremias*, passarei a citar-vos o melhor do primeiro capitulo d'ellas, para que ajuizeis vós mesmos do admiravel effeito, que uma tal poesia ainda hoje em nós produz.

Eis a bella passagem, a que alludo:

«Quomodo sed sola civitas plena populo! facta est quasi vidua domina gentium: princeps provinciarum facta est sub tributo!»

«Plorans ploravit in nocte, et lacrymae ejus in maxillis ejus: non est qui consoletur eam ex omnibus charis ejus: omnes amici ejus spreverunt eam, et facti sunt ei inimici.»

«Migravit Judas propter afflictionem et multitudinem servitutis: habitavit inter gentes, nec invenit requiem: omnes persecutores ejus apprehenderunt eam inter angustias.»

.....
 «Et egressus est a filia Sion omnis decor ejus: facti sunt principes ejus velut arietes non invenientes pascuam: et abierunt absque fortitudine ante faciem subsequentis.»

.....
 «Peccatum peccavit Jerusalem, propterea instabilis facta est: omnes, qui glorificabant eam, spreverunt illam, quia viderunt ignominiam ejus: ipsa autem gemens conversa est retrorsum.»

.....

«Manum suam misit hostis ad omnia desiderabilia ejus: quia vidit gentes ingressas sanctuarium suum, de quibus praeceperas ne intrarent in ecclesiam tuam.»

«Omnis populus ejus gemens, et quaerens panem: dederunt pretiosa quaeque pro cibo ad refocillandam animam: vide Domine et considera, quoniam facta sum vilis.»

«O vos omnes, qui transitis per viam, attendite, et videte si est dolor, sicut dolor meus: quoniam vindemiavit me ut locutus es! Dominus in die irae furoris sui.»

.....
Eis agora a traducção:

«Como assim se assenta em *Soidão* uma cidade cheia de povo: tornou-se uma como viuva a senhora das gentes: a princeza das províncias ficou sujeita ao tributo.»

«Chorou sem cessar durante a noite, e suas lagrimas correm por suas faces: não ha d'entre todos seus amados quem a console: todos seus amigos a desprezão, e se lhe tornarão inimigos.»

«Emigrou a filha de Judá, por causa da afflicção e da grandeza da servidão: habitou entre as gentes, e não encontrou repouso: lançarão mão della entre suas angustias todos seus perseguidores.»

As ruas de Sião chorão, porque não ha quem venha ás solemnidades: seus sacerdotes, gemendo: suas virgens esqualidas, e ella oppressa de amargura.»

.....

«E desterrou-se da filha de Sião toda sua formosura: seus príncipes ficarão sendo como carneiros que não encontram pastagens, e vão se arrastando sem vigor diante do tangedor.»

«Jerusalem commettêo um grande peccado, por isso fez-se mudavel: todos os que a glorificavão, a desprezarão, porque virão sua ignominia: ella voltou para traz o rosto, gemendo.»

«Lançou o inimigo sua mão á todas as cousas desejaveis d'ella: porque vio entrar em seu sanctuario as gentes, acerca das quaes tinha preceituado que não entrassem em tua igreja.»

«Todo seu povo está gemendo, e mendigando pão: derão tudo quanto tinham de precioso á trôco de alimento para sustentar a vida: vê, Senhor, e considera o vilipendio, a que estou reduzida.»

«Ó vós todos que passais pelo caminho, attendei e vede, si ha dôr comparavel á minha dôr: porque me vendimou o Senhor, como fallou no dia da ira de seu furor.»

Esta tão notavel passagem, em que o poeta prorompendo nas mais tristes e sentidas endêchas, nos pinta o espectáculo de desolação, que offerece Jerusalem deserta, reduzida á ruinas, com seu sanctuario profanado, seu povo disperso por paiz estrangeiro, seus sacerdotes gemendo, suas virgens esquelidas, e o

pouco que lhe resta de habitantes mendigando, é do mais bello e poetico effeito para commover-nos. Tudo quanto a dôr encerra de mais acerbo e pungente nella se acha expresso em termos os mais patheticos, e posto em admiravel relêvo. As imagens as mais melancolicas e enternecedoras, as comparações as mais energeticas e apropriadas, os tropos os mais arrojados e felizes, a melodia a mais suave e sustentada, tudo n'uma palayra concorre para tornal-a sublime, e sem igual no seu genero.

É logo bellissimo o primeiro trecho, que lhe serve como de exordio ex-abrupto: «Como assim se assenta em soidão uma cidade cheia de povo! tornou-se uma como viuva a senhóra das gentes: a princeza das provincias ficou sujeita ao tributo!» N'ella a admiração é cheia de artificio, porque pinta perfeitamente a subita mudança de estado de uma tal cidade, e a expressão, cheia de nobreza e dignidade, porque con diz em tudo com a grandeza do objecto descripto. É um exordio talhado por mão de mestre para tal asumpto.

Não é menos bello pelas figuras e imagens que contém est'outro sublime trecho: «As ruas de Sião chorão, porque não ha quem venha ás solemidades: todas suas portas estão destruidas: seus sacerdotes, gemendo; suas virgens esquálidas, e ella oppressa de amargura.»—Soberba é a prosopopéa por que começa. *As ruas de Sião chorão*, que nos dá logo idéa da grandeza da calamidade, e ainda mais expressiva se torna,

reforçada pelo luctuoso das imagens, *seus sacerdotes gemendo, suas virgens esquálidas, e ellas oppressas de amargura*. A pintura da desolação não podia ser mais completa, do que a traçou o poeta.

Outro trecho mui poetico é ainda o seguinte:

«E desterrou-se da filha de Sião toda sua formosura: seus principes ficarão sendo como carneiros que não encontrão pastagens, e vão se arrastando sem vigor diante do tangedor.»—Aqui o pittoresco da imagem, por que começa o trecho, acha-se realçado pela belleza da comparação, *seus principes ficarão sendo como carneiros que não encontrão pastagens, e vão se arrastando sem vigor diante do tangedor*.

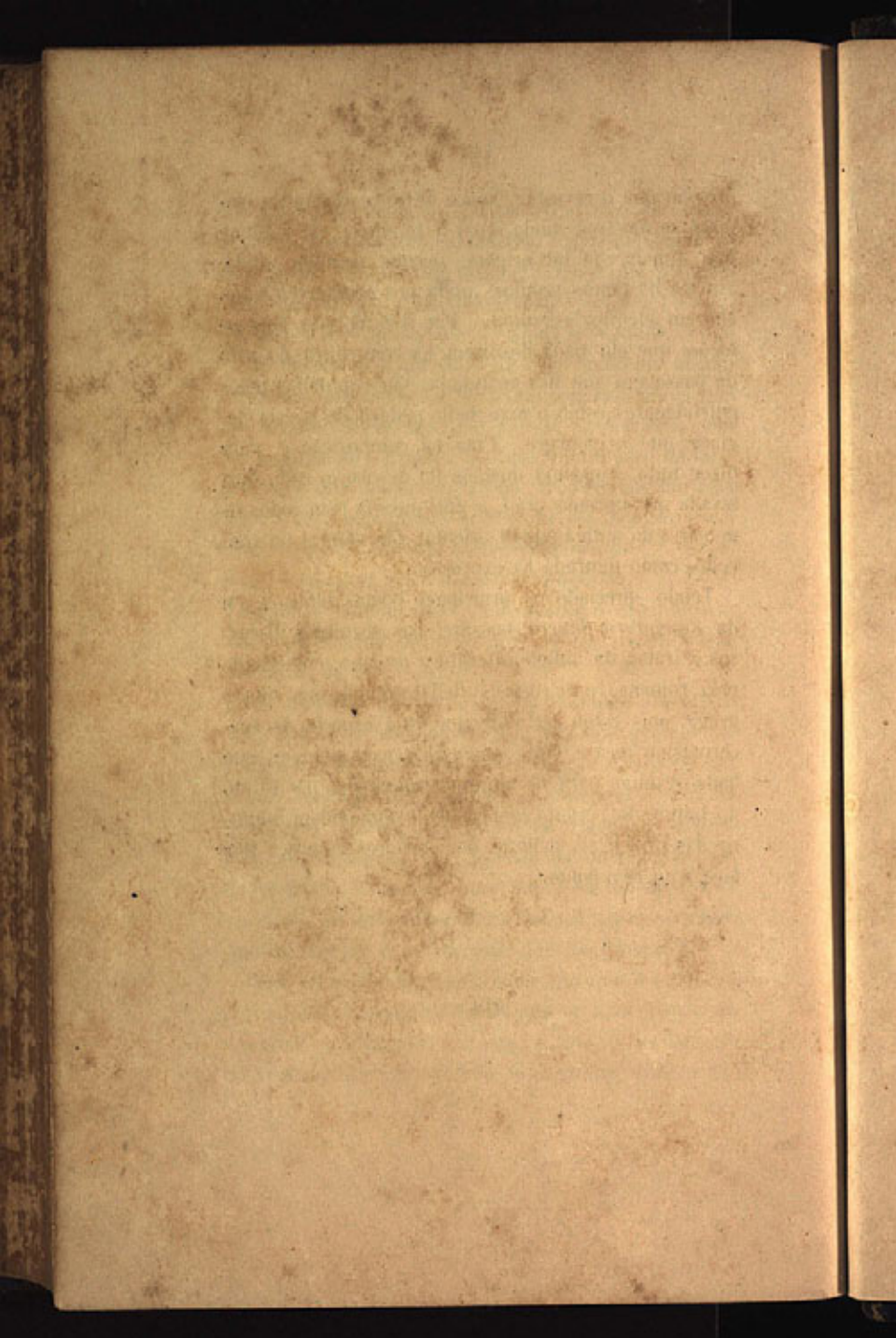
Termina tambem mui poeticamente o seguinte trecho tão conhecido de todos nós por mui repetido nas procissões de quaresma.

«Ó vós todos que passais pelo caminho, attendei e vêde, si ha dôr comparavel á minha dôr: porque me vindimou o Senhor, como fallou no dia da ira de seu furor.» Neste trecho a idéa da dôr singular e sem segunda que exprime o poeta por tal abandono e solidade, é completada pelo terrivel da imagem, *porque me vindimou o Senhor, como fallou no dia da ira de seu furor*, na qual sobressahe a bella e expressiva metáphora, *porque me vindimou*, que lhe dá realce.

Toda esta admiravel passagem, em que o pathetico proveniente do sentimento da dôr se acha levado ao seu auge, é admiravel por sua grande e incontestavel belleza, quer se attenda ao conceito, quer á ex-

pressão que o reveste. Nunca outro algum poeta elegiaco se mostrou ainda igual a Jeremias, no sublime que dimana de tal origem, porque nenhum outro, através de tantos seculos, ainda nos commoveo como elle em identico assumpto. Por isso as suas *Lamentações* que em nada desdizem na contestura do todo da passagem que fica analysada, são reputadas pelos entendedores como o mais bello pedaço de poesia elegiaca, que se conhece. Uma tal composição é, para dizer tudo, a mesma imagem da desolação e da dôr, levada ao supremo gráo, e enriquecida com todos os donaires da antiga poesia oriental, tão natural no conceito, como figurada na expressão.

Tendo apreciado os principaes poetas biblicos, ou da *Escriptura Sancta*, passarei nos seguintes discursos a tratar da antiga litteratura profana, começando pela romana, para depois della occupar-me com a grega; pois estou certo de que esta especie de anachronismo terá a sua compensação na vantagem, que hade resultar para os alumnos adiantados no estudo do Latim, do perfeito conhecimento que podem adquirir das principaes bellezas dos auctores latinos. Por hoje aqui faço ponto.



INDICE

DO

QUINTO VOLUME.

Introdução V

LIVRO VII

PARTE I

SECÇÃO I.

Antonio Gonçalves Dias; seu drama Boabdil; sua obra—Brazil e Oceania.	
LICÇÃO LXXXV	1
LICÇÃO LXXXVI	41

SECÇÃO II.

Marquez de Maricá; sua Biographia; seu livro de Maximas.	
LICÇÃO LXXXVII	57
LICÇÃO LXXXVIII	65

SECÇÃO III.

Frei Francisco de Monte Alverne; sua Biographia; seu Sermontario.	
LICÇÃO LXXXIX	85
LICÇÃO XC	95

SECÇÃO IV.

Antonio Henriques Leal; seu trabalho biographico sobre João Francisco Lisboa.	
LICÇÃO XCI	115

SECÇÃO V.

João Francisco Lisboa; sua Biographia; seu Jornal de Timon em tres volumes, apreciados cada um de per si; sua obra sobre a vida do Padre Antonio Vieira.	
LICÇÃO XCH	129
LICÇÃO XCHH	139
LICÇÃO XCIV	151
LICÇÃO XCV	175
LICÇÃO XCVI	193

LIVRO VIII.

PARTE II.

SECÇÃO I.

Visconde de Almeida Garrett; sua Biographia; seus poemas—Camões, e D. Branca; seus dramas—Um Auto de Gil Vicente, e Frei Luiz de Souza; seu Bosquejo da História da Poesia e Língua Portugueza.

LICÇÃO XCVII	215
LICÇÃO XCVIII	225
LICÇÃO XCIX	249
LICÇÃO C	267
LICÇÃO CI	291
LICÇÃO CII	315

SECÇÃO II.

Alexandre Herculano; seu Eurico o Presbytero.

LICÇÃO CIII	333
-----------------------	-----

LITTERATURA BIBLICA.

Considerações geraes sobre o Velho e o Novo Testamento; apreciação dos poetas mais distinctos da Escripura Sancta:—Job, David, Salomão, Isaias, e Jeremias.

LICÇÃO I	357
LICÇÃO II	367
LICÇÃO III	377
LICÇÃO IV	387
LICÇÃO V	397
LICÇÃO VI	407